UNIVERSO DESCONSTRUÍDO



Ficção científica feminista


UNIVERSO
DESCONSTRUÍDO
FICÇÃO CIENTÍFICA FEMINISTA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



universo desconstruído

ficção científica feminista

1a edição

2013

Organizadoras:

Aline Valek

Lady Sybylla

Ilustração da Capa:

Tais Fantoni

Design:

Marcos Felipe



Esta obra está sob uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 (by-nc-nd).

Isso significa que você pode apenas copiar, distribuir e transmitir a obra, sob as seguintes condições:

– atribuir a devida autoria;

– não usar, sob nenhum aspecto, esta obra ou qualquer parte dela para fins comerciais, que visem o lucro de qualquer pessoa que não sejam seus respectivos autores;

– não alterar, modificar, transformar ou criar obras derivadas a partir desta obra.

Os direitos dos autores/autoras sobre suas respectivas obras contidas nesta coletânea não são, de maneira alguma, afetadas por esta licença. Os autores/autoras permanecem como detentores dos direitos reservados de cada um de seus textos.

Para saber mais sobre esta licença: http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/



sobre o universo desconstruído

A ficção científica brasileira nunca teve a exposição merecida que a sua prima norte-americana e europeia tiveram desde que o gênero se solidificou no final do século XIX. Ela é ainda um gênero de nicho, sobrevivendo nas pequenas editoras e sendo consumida pelos fãs fieis, muitos deles criados com o ABC - Asimov, Bradbury e Clarke - cujos livros representam o imaginário popular com o ápice da ciência espacial e do desenvolvimento tecnológico do Pós-Segunda Guerra.

Mesmo sendo de nicho, a FC brasileira é produzida majoritariamente por homens para um público também masculino, muitas vezes com estereótipos mal construídos ou equivocados em cima da imagem feminina. Somos representadas como gatinhas do espaço, refugiadas, namoradas do herói, quando muito uma cientista, médica, espiã, ladra ou um ser maligno, a vilã. Somos ultra sexualizadas nestes enredos, pois nossa função ali não é participar dele, e sim floreá-lo, dar um sentido à busca do herói que salvará a galáxia até o almoço.

Faltam-nos autoras que lá fora já estão consolidadas, apesar de também lidarem com preconceito de uma parte do público leitor. Ursula K. LeGuin, Octavia Butler, Mary Shelley, são alguns dos nomes mais famosos da FC mundial. Mas, no Brasil, não há uma representante significativa. Somos, em geral, muito mal representadas pelos autores deste gênero que é o único capaz de mostrar que mudanças sociais e tecnológicas são possíveis no futuro e que a raça humana é capaz de evoluir e deixar para trás o longo histórico de preconceito, racismo, misoginia, escravidão e violência.

Incomodadas com isso, tivemos a ideia de montar uma coletânea de contos de ficção científica feminista. Queremos com isso quebrar dois estigmas extremamente negativos: que mulheres não sabem escrever ficção científica e que feminismo é um movimento que quer destruir o gênero masculino. Nosso objetivo principal é a quebra dos estereótipos negativos que recaem sobre as mulheres, englobando também gays, lésbicas, trans*, pessoas negras e homens.

Já existem na literatura fantástica brasileira obras de cunho queer, também

quebrando estereótipos e produzindo material que sai do lugar comum. Faltava uma obra voltada para a ficção científica. Com este objetivo – sair do lugar comum – é que começamos a trabalhar nesta obra, onde pudéssemos mostrar que é possível escrever de maneira mais plural, sem apelar para modelos negativos e já batidos, especialmente aqueles que recaem sobre o próprio feminismo.

Convidamos diversas autoras e autores que contribuíram com ideias incríveis e com histórias que não só questionam, como também desconstroem o universo como o conhecemos. Tudo para mostrar que, assim como a ficção científica, o feminismo também se engaja na visão de um mundo diferente. É um pouco dessa visão que temos o prazer de apresentar nas páginas a seguir – e esperamos que, mais do que ficar somente na ficção, um mundo com menos desigualdade e opressão um dia possa se tornar realidade.

Boa leitura!

Lady Sybylla & Aline Valek

Organizadoras do Universo Desconstruído

Índice

Avisos legais

Sobre o Universo Desconstruído

Codinome Electra
Lady Sybylla

Quem sabe um dia, no futuro
Alex Luna

Uma terra de reis
Dana Martins

Meu nome é Karina
Ben Hazrael

Eu, incubadora
Aline Valek

Um jogo difícil
Leandro Leite

Memória sintética
Camila Mateus

Réquiem para a humanidade

Thabata Borine

Cidadela

Lyra Libero

Projeto Áquila

Gabriela Ventura

Quem participou



Codinome Electra

Lady Sybylla

I.

– Controle, é Electra! Preciso de evacuação imediata! Transporte para dois, localização aproximada no casco de estibordo, junto às plataformas de lançamento de caças! Controle, está me ouvindo?!

Ela precisava quase gritar para que sua voz se sobressaísse em meio ao caos do alerta vermelho e de descompressão em vários níveis da nave. Além disso, tinha que lutar contra a dificuldade de respirar e contra o peso sobre as costas. Seu corpo era preparado para situações adversas, mas a gravidade na nau-capitânia era maior do que de seu planeta natal e isso estava cobrando seu preço.

– Existe muita interferência em seu canal prioritário. Confirmando evacuação e transporte para dois? – a técnica de comunicações tentava filtrar a interferência em seu painel holográfico.

– Afirmativo, controle! – Electra arfou de dor – Estou com um magojin!

A coronel Vieira olhou para o capitão líder do esquadrão com genuína surpresa. Um magojin? Vivo? Poderiam ver finalmente a face do inimigo? Toda a sala do controle da missão pareceu segurar a respiração com a informação. O ar estava tão denso que uma faca o cortaria.

Electra tinha sido treinada exaustivamente para missões de infiltração e ataques cirúrgicos. Eliminação de alvos e roubo de informações costumavam ser suas principais tarefas em todos aqueles anos trabalhando para o Conselho de Pares. Suas modificações corporais a transformaram em uma máquina hipereficiente. Sua força fora geneticamente aumentada, bem como a resistência a ambientes com pouco oxigênio. Tinha todo o córtex cerebral protegido por uma barreira de nano-oxigenação para impedir morte cerebral, deixando-a viva por até 48 horas mesmo com o coração parado. Suas células tinham uma taxa

menor de degeneração, o que garantia que seus machucados não fossem tão sérios quanto se esperaria dos Ancestrais.

Sentindo fortes pinçadas no peito, foi preciso jogar o magojin no chão para apertar o ponto de nanomeds atrás de sua orelha direita, cirurgiões de escala nanométrica. Eles recuperariam sua costela quebrada em nível celular e imediatamente liberaram analgésicos em sua corrente sanguínea. Cuspindo sangue no piso, ela finalmente conseguiu respirar fundo sem sentir uma dor lancinante logo abaixo do coração. A queda da escada não tinha sido programada, porque foi quando deu de cara com o magojin. Tinha marcado uma rota de fuga usando o dispositivo de mapeamento implantado em seu cérebro, onde as informações sobre localização, temperatura ambiente, umidade do ar e sua composição rolavam em seus globos oculares. No meio de sua corrida para sair da nau-capitânia, ele apareceu nas escadas de serviço. Antes que mirasse para sua cabeça, Electra o acertou no joelho com a coronha de seu rifle e ambos rolaram vários degraus.

Olhando para o corpo do inimigo no chão, totalmente protegido por uma roupa especial, nem podendo ver seu rosto alienígena, Electra esperava que sua infiltração não tivesse sido em vão. Era impossível que a tivessem rastreado. Seu caça stealth era a tecnologia de ponta de Klaten, seu planeta natal e sede do Consórcio, que formara um império de comércio por três sistemas estelares. A missão vinha sendo organizada secretamente há semanas, o que seria crucial para a liberação de rotas conhecidas e para dar fim aos conflitos com os magojins, além de ser uma doce vingança.

Um cano de água estava estourado perto de sua posição. Ajeitando o rifle de assalto na frente do corpo, andou até lá, deixando a água fria tirar o suor de seu rosto, de sua cabeça nua e respirou fundo, sentindo um refresco imediato. Sua roupa especial contra danos e tiros estava danificada depois de rolar pelas escadas com o magojin, as partes móveis rachadas, o que mostrava a violência da queda. Talvez tivesse tomado um tiro ali, por isso estava quebrada... A cabeça raspada tinha pontos de acesso visíveis – linhas acobreadas correndo pelo crânio tatuado com o símbolo de seu clã – onde ela fazia calibrações constantes de seus sistemas, além do upload das informações coletadas nas missões.

Sentindo a costela menos danificada do que antes, ela colocou o maldito magojin no ombro e continuou a correr. O desgraçado era pesado, mas também podia ser a gravidade maior... Um aviso de texto chegou em seu cérebro,

mostrando a posição da nave de resgate e a rota até ela. Percorreu mais alguns corredores, desviando de uma tropa que passou apressada em um corredor paralelo e finalmente chegou à plataforma de caças. Seu piloto já a aguardava com a arma em mãos para o caso de chegar algum intruso. Passando pela passagem estreita, já que o resgate furou o casco para ter acesso ao interior, Electra jogou o magojin no chão e reforçou suas algemas magnéticas.

– Você é louca de trazer um inimigo contigo? – seu piloto sentou na cadeira.

– Nunca vimos como são esses cretinos, qualquer coisa que nos ajude a vencê-los vai ser positivo.

A pequena nave fechou as comportas e soltou a membrana de vedação do casco. Todo o ar do deque inferior da nau-capitânia magojin despressurizou. Isso lhes daria alguma coisa para fazer antes de perceberem que uma invasão tinha acontecido, pois até então a invasão era vista pelos sistemas como um erro de atualizações causando defeitos em vários níveis. Electra observava a nave inimiga contra o negro profundo do espaço. Um espetáculo silencioso de se ver. A nau-capitânia era uma nave imensa com 1km de comprimento por 800m de largura e 750m de altura, onde todas as ações ofensivas contra Klaten eram coordenadas. Ela agora apresentava um giro incontrolável à esquerda, emborcando como um navio à deriva, perdendo atmosfera pelo rombo do casco. Sua destruição seria um golpe difícil de superar, pois informações da Inteligência indicavam que eles não tinham muitos recursos para continuar com os ataques. Olhando então para o piso da nave, observou o magojin desacordado e o chutou com a ponta de seu coturno, imaginando se estava morto ou só se fingindo de morto. Ela o escaneou em busca de escutas ou qualquer outro dispositivo suspeito, mas parecia limpo. Não havia interferências eletromagnéticas também, portanto acreditava que aquela roupa de proteção fosse apenas para combate. Um dos invasores da nave-hospital, provavelmente, e que matou milhares de inocentes algumas semanas antes, o que motivou o ataque de Electra.

Relaxou nas próximas horas que o piloto levou para chegar à estação orbital de Arhangay, um mega complexo militar orbitando o planeta, equivalente à uma cidade espacial. Enquanto sua rede neural organizava o pacote de informações para o download, Electra se recostou no banco e conseguiu cochilar, enquanto os saltos estelares a levavam mais perto de casa. Queria poder tirar aquela roupa danificada, passar no médico e depois dormir por horas. O corpo estava moído depois de rolar aqueles degraus todos. Uma caneca de café cairia bem também.

Acordou com a nave de transporte sacolejando. Tinha atracado em Arhangay. Com os olhos ainda marejados de sono, ouviu a conversa padrão do piloto com a torre de controle e ouviu o ar escapando da comporta quando ela foi aberta. Olhando novamente para o chão, o magojin continuava quieto, do mesmo modo que o deixara. Algo lhe dizia que ele estava gravemente ferido, pois ficou quieto demais pelas cinco horas que levaram para chegar à estão orbital.

Saiu da nave, soltando a arma pesada de seu clipe e entregando para um dos auxiliares da doca. Um médico se aproximou, examinando seus olhos com um scanner, que lhe deu informações sobre as funções cerebrais, danos internos ou qualquer outra anomalia cerebral. Electra continuava em forma, sem danos extensos. Passou pelo bioscan, onde qualquer patógeno alienígena que estivesse na nau-capitânia seria removido. Estava limpa mais uma vez. Dois auxiliares começaram a retirar as placas de proteção de seu traje especial, desaparafusando aqui e ali. Electra ergueu os braços, acostumada ao processo, afastou as pernas, enquanto parte por parte era solta com cuidado. Ela possuía parafusos magnéticos no corpo, que mantinham as peças acopladas e permitiam sua mobilidade. Nem sempre era confortável, porém.

– Poderia devolver o equipamento intacto da próxima vez, tenente? – uma voz conhecida chamou sua atenção.

A coronel Vieira entrou na doca onde as operações continuavam. Era talvez a pessoa que mais conhecesse o conflito contra os magojins que já durava 11 anos. Ela estava na linha de frente quando as agressões começaram, pilotando seu famoso caça de combate, o Stingray-2. Seus cabelos estavam presos em um coque firme, onde uma mecha grisalha era bastante visível. Seu ar austero e bastante sóbrio lhe impunha um grande respeito e era a pessoa em quem o Conselho de Pares confiara a importante missão de infiltração. Electra sorriu de lado, tendo a coronel como sua mentora, enquanto ela observava o corpo do magojin ser retirado da nave em uma maca. Anna Vieira olhou para aquele corpo sacudindo na maca enquanto corriam com ele para uma área isolada da estação para ser examinado.

– Os magojins poderiam não existir, aí eu não teria tantos equipamentos quebrados. – Electra respondeu.

Vieira a observou com um ar irônico e riu da piadinha. Admirava Electra por

ter tido a força de vontade e física necessárias para ser transformada em um soldado de elite em uma seleção rigorosa. Poucas pessoas eram admitidas entre os pelotões para terem acesso a tais melhorias, pois passavam por rigorosos testes, manipulações genéticas e terapias nem sempre agradáveis. O treinamento era intenso para que fossem perfeitos. Mas Vieira questionava se fora uma decisão sábia trazer um inimigo para a estação. Lidaria com o Conselho de Pares quando fosse chegada a hora.

Depois de retirada sua armadura, Electra passou pelo gás desinfetante e rumou para a sala de arquivos, que nada mais era do que uma sala vazia. Nas paredes ficavam os painéis de memória de tom levemente rosado, por onde as informações corriam e eram armazenadas. No chão, um círculo prateado, com dois aparadores para mãos. Ela se posicionou sobre o círculo, agarrou os aparadores e o download da missão começou assim que uma tela holográfica repleta de dados se abriu ao seu lado. A coronel observava de fora, vendo mais telas holográficas se abrindo em eventos que Electra marcara como importantes em seu cérebro. Era a primeira vez que viam uma nave magojin por dentro. Não tinha nada de incomum com suas próprias naves. A gravidade da nau-capitânia era levemente maior, e a composição do ar mais rica em nitrogênio do que o ar que respiravam em Klaten. Um técnico fazia anotações em seu pad, monitorando o download, anotando as seções importantes para o relatório final da missão.

Major Alvarez se aproximou e observava o download em silêncio. Vieira a observou com curiosidade, o que a encorajou a falar.

– Isolamos o magojin em um laboratório de segurança máxima. Estamos realizando exames de imagem para identificar sua composição interna e se é seguro tirá-lo da armadura.

Alvarez era a oficial médica-chefe da estação. Conhecia os implantes de Electra, pois ela os projetou e implantou no corpo da soldado especial. Também era a pessoa mais indicada para estudar o magojin, que estava atado a uma mesa fria de exames, vigiado por guardas armados.

– Entendido – disse Vieira – Quero relatórios detalhados para o Conselho.

– Permissão para falar livremente?

– Prossiga – Vieira a observou intrigada.

– Não acredito que tenha sido prudente trazer um deles a bordo.

– Discutiremos isso mais tarde. – e deu o assunto por encerrado.

Electra abriu os olhos e soltou os aparadores. O técnico fez uma última calibração nos sensores ópticos que recobriam seus globos oculares e a liberou para descansar. Na saída da sala de arquivos, Alvarez deu-lhe um copo de suco nutritivo, para repor as energias, carregado de nanomeds para substituir aqueles que estavam danificados. Prestou continência para as duas oficiais à sua frente e, antes de sair, perguntou pelo magojin. Gostaria de acompanhar a remoção da armadura do alienígena, mas Vieira a mandou descansar. A médica também recomendou que fosse dormir, pois ainda não examinariam o espécime. Vencida pelo cansaço físico e mental, Electra obedeceu, cumprimentando o líder do esquadrão no caminho com uma piscadela.

II.

O sol brilhava suave pelas charnecas de Dhuma como ouro líquido se derramando pelo mar de grama recobrindo os morros. Electra crescera ali, região administrada por seu clã desde os tempos ancestrais. A Torre Norte era a principal cidade de Dhuma, um prodígio de engenharia, com 1km de altura, lar mais que suficiente para as 50 mil pessoas de seu clã. Ao invés de países e estados, Klaten era dividida em clãs, gerando uma responsabilidade maior entre cada indivíduo, dando a sensação de que todos eram da mesma família, da mesma linhagem e, de fato, eram.

Era uma tarde gostosa, preguiçosa, daquelas em que a gente só quer comer e deitar sob uma árvore, aproveitando a sombra e o calor que emana da terra. Várias tardes ela passou ali, sob aquele salgueiro, admirando o céu noturno pontilhado de estrelas, imaginando se algum dia poderia subir para tocá-las. Este foi o principal motivo para ter se alistado: a possibilidade de ver as estrelas. Desde então, Electra não mais recusou missões, tampouco recusou a chance de ser fisicamente melhorada, com implantes e tecnologia. Sabia que era para o bem de Klaten e de seu povo. Sua pequena família poderia não entender, tampouco sua ex-esposa ou seu namorado atual concordavam com os riscos envolvidos, mas ninguém a impediu de ir. Era seu corpo, sua vida, sua decisão.

Um chamado a acordou, arrancando-a da calmaria embaixo da árvore,

fazendo-a bater a cabeça no beliche de cima. Praguejando, ela abriu a porta. Um sargento viera buscá-la, pois algo tinha acontecido no laboratório de contenção. O magojin, Electra pensou. O desgraçado escapou?, pensava ela. Catou um blusão, vestiu e saiu acompanhada do sargento que, por seu comunicador subcutâneo, avisava que já estava retornando. Circularam por alguns corredores, utilizaram o elevador expresso, passaram por seguranças e chegaram ao andar de análises. Ao entrar no laboratório, encontrou o olhar sombrio de Vieira. Havia qualquer agitação no olhar dela que Electra não conseguia identificar. Parecia que sua mecha grisalha estava ainda mais prateada de preocupação. A médica, doutora Alvarez, circulava pela sala com um avental médico, um tanto nervosa. Tinha as mãos na cintura quando Electra entrou e perguntou:

– O que aconteceu?

À sua esquerda, uma parede transparente, feita com material que a tornava opaca ou translúcida só com um toque, mostrava a cena lá dentro. Um técnico usando roupa de biossegurança segurava uma serra circular, com a qual abriu a armadura do magojin. Um segundo técnico segurava o capacete do espécime na mão, que permanecia imóvel na mesa de exames. Mas, para sua surpresa, – e agora entendia o que aquelas faces queriam dizer – não havia um alienígena ali e sim um ser humano.

Vieira sabia que a culpa não era de Electra, que apenas tentou ajudar a parar uma guerra que vinha se arrastando nos últimos anos, causando mortes e transtornos. Ela nunca poderia saber o que havia naquela armadura e tinha visto todo o registro da missão dela nas últimas três horas. Mas algo ali estava muito errado...

Era um homem de mais ou menos 1.70m deitado na maca fria de metal. Tinha cabelos pretos, cortados bem rentes ao couro cabeludo, um nariz proeminente e pele acobreada. Exibia alguns machucados na testa, próximos ao olho esquerdo, tinha um lábio cortado, provavelmente mais uma consequência da queda da escadaria. Estava inconsciente depois da inalação de um gás na sala, pois começara a se mexer assim que a serra cortou seu capacete. Electra tentava entender o que via. Muita gente era curiosa para saber como seriam os magojins. Se teriam antenas, olhos de insetos, pele verde ou arroxeada, pinças no lugar de mãos. Admitia que quando o viu na escada, ficou um tanto decepcionada por ver que era humanoide e de certa forma bem comum, mas até aí ver que ele era um ser humano como todos ao seu redor, foi um pouco demais.

Observou Vieira e Alvarez novamente, pensando no que dizer diante da situação inusitada, as duas muito séries e sóbrias. Sentia que elas cobravam alguma explicação sua. Quando o Conselho de Pares soubesse daquilo, Vieira não sabia dizer como reagiriam. Era uma grande quebra na segurança, sem dúvida.

– Tem algo em seus registros que foi ocultado, capitã? – Alvarez foi afiada como uma faca.

– Não fale bobagens, major – Vieira a repreendeu – Electra nos mostrou tudo o que aconteceu, está nos arquivos. O sistema de imagens dela não pode ser driblado. Tenha paciência, você mesma os criou – foi ríspida.

– Então para o que estamos olhando? – ela apontou para a maca de metal.

– Isso eu também gostaria de saber.

– Os exames mostram o quê? – Electra se aproximou da parede transparente.

– Órgãos internos, fisiologia, genética, tudo bate com nosso próprio organismo – Alvarez tinha problemas em admitir aquilo – Incluindo um baço rompido, que já foi reparado. Toda a fisiologia bate.

– Impossível, magojins são alienígenas. Isso deve ser uma farsa – Electra pensou rápido – Colocaram um embuste, alguém sequestrado de nossas próprias fileiras para nos enganar.

– Os relatórios da sua missão não corroboram essa possibilidade – Vieira foi fria e lógica – Estamos olhando para um ser humano não pertencente a nenhum clã. Os dados genéticos não batem com os nossos bancos de dados. Ainda assim, é um humano.

– Então de onde ele veio? – Alvarez não conseguia engolir aquela situação.

– Não sei, major.

Electra sentiu o coração acelerar, sentindo a adrenalina da missão correndo disparada em suas veias. Acessou seu sistema, procurou por um arquivo de calmaria e seu organismo se aquietou. Não era hora para pensar aceleradamente, a situação exigia cálculo, frieza. Aquilo era um engano, uma farsa, tinha que ser.

O mesmo sargento que a trouxe ao laboratório entrou. Engoliu seco ao dizer que o conselheiro George e a conselheira Clara estavam na estação. Vieira mostrou visível desagrado com a informação e agradeceu pela notícia sem esboçar reação. Esfregou as mãos no rosto, tentando pensar. Alvarez e Electra estavam incomodadas com a vinda deles. Dificilmente o conselho se separava ou fazia seções fora da Cúpula. Eles eram a base legal e executiva da sociedade de Klaten há séculos, prezavam pela estabilidade de seu Conselho. Observava o magojin deitado na mesa, adormecido, respirando calmamente.

– Vou receber os conselheiros.

Vieira saiu e deixou um ar denso e desconfortável na sala. A coronel tinha razão ao dizer que os sistemas de Electra não permitiam a ocultação de dados. Tudo fora descarregado e estava agora sendo visto pelos especialistas da missão para montar o relatório final. O encontro casual com o alienígena, ou melhor, com o ser humano, poderia mesmo ter sido acidental e a decisão de Electra em trazê-lo para a nave era apenas para garantir que seu povo prevalecesse diante da ameaça.

A missão tinha sido um sucesso. Com a perda da nau-capitânia, os caças de combate e os cruzadores simplesmente recuaram para posições tão longínquas que as forças de Klaten realizavam apenas rondas de prevenção nos sistemas estelares onde tinham presença. Foi uma missão arriscada, no coração das operações dos magojins, mas que surtira efeito. Algumas pessoas não compreendiam como que depois de 11 anos de guerra os humanos nunca tinham visto a face dos magojins. Simples. Eles destruíam seus corpos com ácido para não serem capturados. Era possivelmente uma tentativa de impedir a criação de armas biológicas da parte dos klateanos. Contatos com eles eram feitos apenas por mensagens, eles se recusavam terminantemente a se mostrar e até as tentativas pacíficas de contato foram rejeitadas. Klaten devolveu a gentileza e também nunca se mostrou abertamente.

Electra viu outra parte da armadura ser retirada. Braços e peito estavam à mostra. Uma grande tatuagem tribal tomava todo o ombro do magojin. Dentro da peça do peito, um saco com um líquido amarelado, o ácido que destruía seus corpos. Cada peça retirada mostrava a proximidade entre eles e isso era assustador, para dizer o mínimo. Seu corpo era malhado e atlético, mostrava que cuidava da forma física, possivelmente era um soldado da linha de frente. Usava uma roupa leve por baixo da armadura para evitar contato do tecido grosseiro do

revestimento interno contra a pele. Fora isso, não havia identificação reconhecível.

III.

Vieira desceu até as docas, onde a lustrosa nave do governo tinha acabado de ser rebocada e atracada. Não queria demonstrar ansiedade ou nervosismo, mas a situação era atípica e temia não ter boas respostas para os conselheiros. O governo de Klaten era regido pelo Conselho de Pares, onde cada clã, doze no total, enviava seus representantes, um homem e uma mulher, para o governo eleito. A presidência do conselho era rotativa, começando por tradição com o clã que fundou Klaten e, curiosamente, Clara e George eram os representantes deste clã.

Ele desceu primeiro. Um homem alto e de ombros largos, os cabelos prateados demonstrando há quanto tempo estava naquele ofício, pequenas argolas prateadas nas orelhas. Logo atrás, a conselheira Clara, pele morena e cabelo de minúsculos cachos pontilhados de contas brilhantes. Os dois usavam os casacos longos de cor púrpura dignos de alguém de sua posição. Ambos se aproximaram com sorrisos amáveis e cumprimentaram a coronel com um firme aperto de mão.

– Coronel, dou-lhe os parabéns em nome do Conselho de Pares pela bem sucedida missão contra nossos inimigos – disse Clara.

– Obrigada, conselheira.

– As informações da Inteligência estavam corretas afinal – disse George – Era mesmo na nau-capitânia que as operações magojins estavam centralizadas.

– Temos visto um recuo significativo das forças inimigas e, neste momento, nossos sensores do espaço profundo não mais avistam naves magojins – disse Vieira com bastante calma.

– Isso é uma vitória para Klaten, nossos ancestrais ficariam orgulhosos – George disse com certa arrogância.

Um silêncio desconfortável se estabeleceu. Aliás, isso vinha acontecendo com bastante frequência naquele dia.

– Mas sabemos que um espécime foi trazido à bordo – Clara tocou no assunto que os levou à estação de Arhangay.

Vieira sabia que logo eles tocariam nesta questão e não tinha como se esquivar. Sim, tinham um espécime magojin vivo no laboratório, um ser humano, igualzinho a eles.

– Sim, nossa especialista Electra o trouxe à bordo para análises.

– Isso estava incluído na missão?

– Não, conselheira. Mas estimulo meus especialistas a reagir e pensar por conta própria em suas missões.

– Não estamos questionando a habilidade de seu especialista, coronel, mas entenda o risco à segurança planetária e estelar em termos um inimigo entre os nossos – o conselheiro George se adiantou.

– As medidas sanitárias já foram tomadas – ela tentou desconversar.

– Não só isso, a presença de um magojin aqui pode estimular seus companheiros a vir buscá-lo – a conselheira exibia um olhar que não era só de preocupação, tinha algo mais ali – Sua especialista destruiu uma nau-capitânia, mas e se existirem outras das quais nada sabemos?

– Nossa Inteligência afirma que não. As sondagens de espaço profundo...

– Esqueça as sondagens, Anna – Clara a cortou abruptamente – Elimine o espécime. É uma ordem do Conselho de Pares e puna sua especialista por tal atitude tão impensada para que não se repita. Nossa segurança é mais importante do que a curiosidade.

Coronel Vieira perdeu a fala com a ordem recebida. Eliminar o espécime, sendo que poderiam aprender muito com ele? O que estava acontecendo ali? Os conselheiros a observavam, esperando uma resposta, com algo mais além de preocupação, como se escondessem alguma coisa. Tudo o que ela fez foi concordar e agradecer à visita e à consideração por terem saído da capital para a estação.

IV.

Vieira estava afundada em sua cadeira, olhando pela escotilha. Tinha uma visão grandiosa do planeta abaixo, Klaten, escurecido e com suas cidades adormecidas. Podia ver o Grande Mar de Corais, a Baía das Penas, a terra de seu clã bem ali, na sua janela. Ao seu lado, na mesa, um copo com a tequila de sua cidade, bebida que sempre a acompanhava nos problemas e nas noites tempestivas. Tinha se trancado ali depois da partida dos conselheiros. Entrou em contato com o par de seu clã no Conselho, pedindo orientação, e eles repetiram a mesma fala de George e Clara. Elimine o espécime e puna sua especialista por sua arrogância.

A porta se abriu e Electra entrou escoltada pelo mesmo sargento de antes.

– Queria me ver, coronel?

– Deixe-nos.

O sargento deu meia volta e a sala voltou a ficar na penumbra. O silêncio de Vieira não indicava boa coisa. A visita dos conselheiros a perturbara profundamente, pelo visto. A estação inteira ficou ansiosa com a vinda deles.

– Volte para seu clã, Electra, está suspensa por tempo indeterminado.

– Como? – ela pareceu não entender.

– Você violou o tratado de segurança planetária trazendo o magojin à bordo. O Conselho de Pares me deu ordens para eliminar o espécime e para suspendê-la.

– Mas isso é um absurdo, eu fiz com a intenção de conhecermos melhor nosso inimigo, ele não pode ser eliminado se nem ao menos sabemos o que ele representa – que situação ridícula era aquela?

– Escute – Vieira se levantou e pela primeira vez a olhou desde que entrara na sala – Estou dando-lhe a chance de ir para a sua casa ao invés de te jogar numa cela aqui na estação. Pegue a primeira nave de volta para o planeta ou vou me arrepender de tê-la deixado ir.

– Coronel, os conselheiros disseram isso? – ela não se preocupava com sua prisão e sim com a missão.

– Disseram.

– E por que esse medo do desconhecido? Desde o começo, o conselho ficou com medo de engajar missões de reconhecimento em espaço magojin. Por acaso eles sabiam disso, sabiam que eles são humanos?

– Cale a boca, Electra, que merda! – Vieira se irritou – Não fomos treinadas para questionar as ordens do Conselho. Pegue suas coisas e vá para sua cidade, agora.

Contrariada, sem conseguir entender sua oficial superior, Electra prestou-lhe uma dura continência, o olhar carregado de fúria, e deu as costas, saindo de sua sala. Os minutos seguintes passaram como um borrão. Passou em seu alojamento, pegou sua mochila, vestiu seu blusão e pediu permissão à torre para pegar o transporte que levava funcionários de volta à Klaten. Não aplicou nenhum programa de calmaria em seu organismo, queria sentir a ira queimar em seu peito por tamanha idiotice do Conselho de Pares. Tinha que ter algo errado, não era possível que eles simplesmente aceitassem executar o espécime. Presa pelo feixe de segurança na nave de transporte, ela apenas observou a estação de Arhangay diminuir na escotilha frontal e encostou a cabeça no apoio.

V.

O Velho Phê era dono da mais antiga clínica pediátrica da Torre Norte. Dono de um sorriso contagiante, pele negra já enrugada pela idade e pela experiência, barba bem feita, ele encantava as crianças de várias gerações, alguns netos de pacientes seus, contava piadas, usava nariz de palhaço e distribuía doces para a garotada após os exames de rotina. Já um pouco cansado pela idade – afinal, eram setenta anos cuidando da gurizada – ele terminou seu chá, fechou seu consultório depois de ver a agenda do dia seguinte e tomou o rumo de casa. Gostava de passear preguiçosamente pelas rampas em torno dos jardins centrais, sentindo aquele cheiro bom de mato regado até chegar ao elevador expresso.

Assim que entrou em casa, notou algo estranho. Estava iluminada. Não tinha ninguém em casa naquele dia. Mas deixara as luzes apagadas, tinha certeza disso. Deixando seu casaco sobre uma cadeira, ele seguiu até a fonte mais forte de luz e viu uma de suas netas treinando boxe, obstinadamente socando e torturando um saco de areia. Uma tela holográfica flutuava ao lado dela, dando as intensidades e forças dos socos e chutes desferidos. Foi então que notou a

raiva com a qual ela desferia os golpes. Um atrás do outro, repetidamente, cada vez mais forte que o anterior, urrando a cada novo soco. Sua neta Electra era muito forte e determinada, mas não conseguiu manter o ritmo alucinado e terminou indo ao chão aos prantos, apoiando o rosto sobre as luvas vermelhas.

– Electra, minha filha... o que faz em casa? O que aconteceu?

Ela levantou o rosto lacrimoso para o avô que vinha em sua direção a passos lerdos, como se não quisesse ser pressentido, mas seu sistema interno de ecolocalização já sabia da presença dele desde que entrara no apartamento.

– Ahhh, vovô... – ela o abraçou.

Ele a envolveu ternamente, sentindo o calor, o suor e a vibração de seu corpo fatigado, indicando que estava há horas se debatendo contra o saco de areia. O choro era principalmente de raiva, por saber que tinha tentado ajudar seu povo e, no final, foi punida por sua ação. Sabia que era um risco à segurança trazer o magojin para a estação, mas às vezes é preciso arriscar se queremos ganhar alguma coisa. Os dois ficaram um momento no chão do pequeno ginásio, até que ele a convenceu a ir até à cozinha. O Velho Phê sabia que torradas com geleia, café com leite e pão na chapa com manteiga caseira revitalizariam o ânimo da neta.

Electra contou todo o caos que se agigantou diante de si e da missão desde que caíra da escada engalfinhada com o magojin. Phê apenas ouvia calado, preparando os pães, o café, esquentando o leite em uma graciosa repetição de atos. Sentia a apreensão na voz dela. Sentia que havia algo a ser ocultado pelo Conselho de Pares, mas sentia também que ninguém tinha voz para se opor diante da decisão deles.

Os dois comeram em silêncio, saboreando a comida caseira, o aroma do café com canela. Electra tinha apenas o avô agora, sua avó morrera anos antes. Seus pais deixaram-na órfã com a irmã mais nova depois de uma corda arrebentar enquanto praticavam alpinismo em uma das mais perigosas montanhas de Klaten, o Monte Panj. Os avós assumiram Electra e sua irmã Rosa, pugilista profissional, que tinha uma academia na área recreativa da Torre Norte.

– Filha... se você acha que uma injustiça aconteceu, lute contra ela – o Velho Phê enfim falou alguma coisa.

– Mas como posso contrariar o Conselho de Pares? Ele é o nosso esteio, as rédeas de uma sociedade... eu não posso fazer isso. Eu sou um soldado, apenas recebo ordens.

– Se essa guerra terminou hoje, você foi a responsável. Sua voz deve valer alguma coisa.

– Está dizendo que eu devo pedir uma audiência ao conselho? – ela ficou confusa.

– Estou dizendo que você deve impor seu ponto de vista. Vieira foi posta contra a parede e você deve descobrir porque o conselho tomou essa decisão. Eles devem saber algo que você não sabe.

Pensando um pouco com seus botões, ela não via uma maneira de contrariar as decisões do conselho, nem como conseguir informações sobre a reação brusca dos conselheiros. Buscava em sua mente qualquer coisa que a fizesse vislumbrar uma saída para aquela situação, quando observou o avô com os olhos iluminados ao ter a resposta.

– Os Arquivos dos Ancestrais. – Electra disse sorrindo.

O Velho Phê riu por trás da xícara de café.

VI.

Neto Angren andava a esmo na entrada da Cúpula do Saber, o arquivo central de Klaten e Museu dos Clãs, bufando impaciente. Um belo entardecer enchia o horizonte de cores quentes, pontilhados de estrelas e pelo brilho dos dois satélites naturais de Klaten. Não sabia o que estava fazendo ali, mas esperava saber em breve.

Viu algumas crianças correndo para fora do museu em algazarra, sendo seguidas pelos tutores das escolas das torres, fechando um dia de visitas. Foi então que viu Electra surgindo da multidão mirim, como se já estivesse dentro da cúpula. Sorriu ao vê-la e os dois se abraçaram ternamente. Neto era o líder do esquadrão de Arhangay e o oficial designado para as missões de resgate de Electra. Secretamente, eram amantes havia 6 anos e já conheciam a rotina de um relacionamento às escondidas, através de bilhetes e salas vazias.

– É bom te ver – ele a beijou ternamente e a abraçou mais uma vez – Eu soube do que aconteceu.

– O magojin já foi executado?

– Não, Alvarez ainda tem feito exames nele, ele deve ser executado em 28 horas.

Aquilo era péssimo, Electra sabia que ter um inimigo tão próximo era errado, mas executá-lo por medo puro e simples também o era. Isso era contrário a tudo o que Klaten defendia.

– Por que marcou de me encontrar aqui?

– Porque preciso de sua ajuda. Meus códigos de acesso foram todos suspensos, não posso realizar nem uma busca na mídia.

– E do que você precisa? – ele a olhou atencioso.

– Quero que me ajude a entrar no arquivo nacional.

Neto sacudiu a cabeça levemente, um tanto confuso. Ela parecia determinada embaixo daquele capuz, com seus grandes olhos castanhos brilhando. Os arquivos nacionais eram um dos lugares mais seguros de Klaten.

– Você quer entrar no Arquivo dos Ancestrais? – ele baixou a voz, perguntando só para ter certeza.

– O Conselho está escondendo alguma coisa e eu quero saber o que é. A resposta só pode estar lá.

Sabia que Electra era determinada. Ela entraria naquele arquivo nem que tivesse que explodir a entrada inteira para fazer isso. A fim de evitar danos aos preciosos documentos lá dentro e à estrutura do prédio, Neto não tinha outra opção se não ajudá-la. Por isso estavam ali, diante da grande cúpula branca.

– Trouxe o que eu pedi? – ela perguntou.

– Trouxe, está no parque, no meio das árvores.

Tomaram o rumo do parque nos fundos dos arquivos. Era um lugar de paz e meditação, onde se orava pelos Ancestrais que fundaram aquele mundo, repleto

de árvores frutíferas e imensos salgueiros que balançavam ao vento. Estátuas dos primeiros a ocupar o planeta estavam dispostas aqui e ali. Andavam rápido, ocultos pela noite que se agigantava no horizonte. Electra não sabia ao certo o que poderia fazer pelo magojin, mas tinha que descobrir o motivo verdadeiro da recusa do Conselho de Pares em querer estudar mais o espécime.

Espécime... Estranho pensar assim de um outro ser humano, alguém que pensava, que tinha seus sonhos e medos, alguém que tinha uma família, talvez? Era isso que a incomodava. Sua sociedade era baseada na irmandade e na cooperação. Por que então um assassinato a sangue frio de um igual? Afastando tais pensamentos, ela seguiu Neto que abria caminho entre as árvores, seguindo o sinal da pequena nave de transporte, camuflada na vegetação. Felizmente tinha seu apoio, sentia-se isolada dentro do regimento depois da rispidez de Vieira, alguém que pensava conhecer.

Os dois pararam na penumbra e com um comando mental, Neto descamuflou a nave, que abriu sua comporta principal e acendeu a luz da cabine. Lá dentro, encontrou suas armas e seu equipamento típico de missões de infiltração. Com um pad holográfico na mão, ele calibrou os sistemas de Electra que deram início à verificação de suas funções primárias. Queria ter certeza que ela não possuía nenhum transponder oculto que pudesse denunciar seus passos na superfície do planeta. Deixou apenas os sistemas básicos em funcionamento e desligou qualquer backup redundante que pudesse ativar a sala de controle em Arhangay.

– Acho que estamos prontos – ele pegou um colete, vestiu e prendeu seu rifle nele.

– Não precisa ir, Neto – ela tocou seu rosto, sentindo a barba por fazer e ele lhe devolveu um olhar carinhoso.

– Não vou deixar que entre sozinha num dos lugares mais bem protegidos de Klaten. A decisão do conselho me surpreendeu também.

– Seus sistemas, como estão?

– Desliguei o módulo de voo, só mantenho a interface neural com os sistemas do nave – ele apontou para o console de pilotagem – Meus sistemas primários estão ligados.

– Me pareie.

Ambos fecharam os olhos e linkaram seus sistemas de maneira remota. Assim podiam ter a localização um do outro em qualquer lugar do complexo através dos mapas que rolavam por seus globos oculares, bem como os sinais vitais. Neto tinha um mapa dos Arquivos dos Ancestrais em alta definição. Uma tela holográfica pairava na frente do casal, que observava o vai e vem dos guardas nos corredores de acesso, mas a seção principal da biblioteca estava vazia. Com o fim da visitação diária ao cair da noite, o arquivo era lacrado e poucos seguranças cuidavam do complexo. Podiam ver os núcleos centrais de processamento de dados e os sistemas de refrigeração que mantinham os arquivos conservados. Tudo calmo.

Quando Klaten foi fundado, com medo de perderem sua história, os Ancestrais escavaram na rocha bruta basáltica sob o parque, criando uma câmara rústica onde guardaram todos os dados da fundação do Conselho de Pares e da fundação dos clãs, mil anos antes. A história do planeta e de seu povo começava aí, mas em períodos mais antigos, a história ficava nebulosa. Falava de um povo errante, que buscava um novo lar com a destruição do seu. Sempre disseram que não havia registros confiáveis desta época.

Posteriormente, as câmaras adicionais para consulta de dados históricos foram criadas ao redor do núcleo histórico, este lacrado e fechado, com visitação permitida apenas para os conselheiros. Era nesta câmara antiga que Electra queria entrar. E a melhor maneira de fazer isso era através do núcleo de ventilação, dutos de dois metros de diâmetro que permitiam a refrigeração do complexo e dos núcleos de força.

Os dois deixaram a nave de transporte, que se camuflou mais uma vez com a vegetação, e seguiram mato a dentro até chegarem à uma grade rente ao chão. Com a força de ambos, retiraram a pesada grade e, usando a ecolocalização, notaram a presença de grades a cada dez metros de descida. Montaram um sistema de polias e cordas na borda do poço escuro de ventilação e Electra desceu primeiro, já que possuía a força física necessária para abrir espaço entre as barras para que ambos passassem.

Os primeiros trinta metros foram vencidos sem nenhum problema. Electra abria as grades rústicas e sem limpeza, enquanto Neto montava novas polias e agia como contrapeso. Ao chegarem ao início dos dutos, onde o som do ar bombeado continuamente era mais alto, os acessos eram todos guardados por finíssimos feixes de laser. Electra possuía pontos de hackeamento na ponta dos

dedos da mão esquerda. Não era sempre que podia hackear via wifi. Esfregando os dedos na palma da mão para ativá-los, ela tocou a borda dos acessos, onde saía a fonte dos lasers. Sentiu o fluxo de informação vertendo para sua mente, enquanto procurava as chaves certas para destravar os feixes. Neto sabia que o corredor abaixo estava vazio devido à ecolocalização e que ele servia de saída do setor de manutenção. Nos instantes seguintes, ambos pularam na sala escura. Não precisavam de lanternas, seus sistemas internos podiam ver perfeitamente na penumbra. Armários e prateleiras, os filtros para limpar o ar, uma cadeira encostada junto à parede.

A porta tinha uma tranca simples. Electra abriu uma brecha fina, vendo o corredor vazio e tirou várias bolinhas escuras do bolso do seu colete, soltando-as no carpete macio do corredor que se abria do outro lado. Elas começaram a correr sozinhas, sem fazer barulho, mas Electra acompanhava seu trajeto ao receber as imagens em sua mente e na de Neto. Viram dois guardas conversando animadamente no corredor mais à frente que abria para um espaçoso saguão com uma bancada de controle. Um guarda ria de uma piada sobre os magojins enquanto observava as funções na bancada sem dar muita atenção a elas. O quarto guarda dormia no banheiro. Com um controle mental, as bolinhas ganharam impulso no ar, acertando a cabeça dos guardas, que caíram desacordados no chão. Neto, enquanto isso, correu na direção do saguão para recolher os inconscientes e para olhar a bancada de controle. Os três demorariam a acordar e seria com uma baita dor de cabeça.

– E então? – Electra perguntou enquanto olhava os poucos acessos do saguão, todos trancados e seguros.

– O conselho tem uma autoconfiança impressionante. São os únicos guardas de todo o andar.

Electra hackeou o código da grande porta magnética atrás da bancada ao tocar na tela de entrada. Demorou mais do que o normal, mas eles conseguiram entrar. Quando elas se abriram, ambos receberam uma lufada de ar frio com cheiro de coisa velha há muito guardada. Assim que passaram da entrada...

TRANSMISSÃO TERMINADA... TENTANDO RECUPERAR BACKUP.

Vieira estava em seu gabinete lendo relatórios de naves batedoras do espaço profundo, procurando por infiltrações ou naves dos magojins. Nada. O espaço tinha poeira e até um cometa passando num dos setores. Fora isso, era a mesma vastidão de vácuo, gases inertes e corpos celestes distantes. A Inteligência estava certa de que a destruição da nau-capitânia desestruturaria o inimigo. Mas então por que Vieira não estava feliz? Desde que recebera a carta da conselheira Clara que sua cabeça doía com tanta informação.

Girava a tequila no copo, observando as nuances do álcool, quando o alerta vermelho começou a soar. Sobressaltada, ela foi interrompida pela Dra. Alvarez antes que pudesse chamar a sala de controle de Arhangay.

– Temos uma invasão.

– Como assim, invasão? – Vieira se espantou com o que parecia impossível.

– Uma nave atracou na seção de bombordo sem ser identificada. Arrombou uma comporta de manutenção sem perda de atmosfera, foi trabalho de profissional.

A seção de bombordo acomodava o arsenal, o bloco hospitalar e as celas. A coronel não pode deixar de pensar no magojin, ainda inconsciente em uma cela. Os magojins estavam invadindo para resgatá-lo!

As duas pegaram rifles de assalto e se juntaram ao time de fuzileiros. O alerta vermelho sonoro fora desligado e enquanto os soldados varriam corredores, averiguando que estavam limpos, ambas seguiram para as celas. Encontraram o guarda inconsciente e o campo magnético desligado. O corpo do magojin não estava mais lá, bem como sua armadura.

– Alerta. Quebra de segurança – o computador avisou pelos alto falantes – Quebra de segurança nível A. Docas de naves de busca e resgate, deck 14. Alerta, quebra de segurança...

O deck 14 tinha naves de busca e resgate com drivers FTL, naves com capacidade de viajar mais rápido que a velocidade da luz. E se pegassem uma daquelas naves, seria muito difícil encontrá-los. Vieira pensava nisso enquanto corria para o deck 14, ordenando que os fuzileiros apenas assegurassem o deck, mas não o invadissem. Tinha alguma coisa muito errada...

– Largue o rifle, coronel.

Vieira mal tinha cruzado a porta das docas de naves quando viu o rifle de Electra apontado para sua cabeça. Neto trancou a porta e desarmou Alvarez logo atrás, colocando uma algema magnética na major.

– O espaço profundo está livre de naves magojins – a coronel devia ter percebido que isso era trabalho de dentro – Não me pareceu coerente que viessem buscar por um companheiro que nem devem saber que esteja morto. O que pretende fazer, Electra?

– A única coisa que posso por um irmão.

Alvarez se sobressaltou. Electra era um magojin disfarçado? Que papo era aquele?

– Do que está...

– Não sabia disso, não é major? A coronel não deve ter dito para ninguém porque descobriu recentemente também. O último registro de entrada na sala dos arquivos dos ancestrais é dela. Tanto que o selo magnético guardando a sala fritou os meus sistemas e do capitão Neto e todo o backup foi corrompido. Tudo para evitar que a gravação da história do nosso povo vazasse.

– Sim, fui eu. E vai fazer o quê agora? – Vieira a desafiou.

– Coronel, o que está acontecendo? – Alvarez protestou e foi Electra quem respondeu.

– Todo o nosso povo foi expulso do planeta dos magojins mil anos atrás. Nós somos descendentes deles, por isso temos a mesma fisiologia, a mesma estrutura de DNA, enzimas, neurotransmissores, tudo. Estávamos lutando contra nosso próprio povo todos esses anos!

– Você não sabe de nada, Electra! Tem alguma noção do povo que ficou para trás?! Tem alguma ideia do porquê de nosso povo ter partido de lá? Não, não é mesmo? Isso não está nos Arquivos dos Ancestrais!

A doca ficou em silêncio enquanto Electra pensava com seus botões. O magojin estava na entrada da nave de busca e resgate, imobilizado e ainda inconsciente no chão. Ou era o que parecia, mas secretamente ele ouvia tudo.

Neto apontava seu rifle para Alvarez que parecia mais interessada na história do que em se libertar. Vieira respirou fundo, recobrando sua calma costumeira e observou Electra profundamente.

– Mil anos atrás, nós éramos um povo humano apenas, vivendo no mesmo planeta, klatenanos e magojins. Mas aquela era uma sociedade de terror. Tudo o que era diferente era combatido. Mulheres, negros, homossexuais, transexuais, tudo o que fugia do chamado "padrão" – ela fez sinal de aspas com as mãos – era sumariamente vítima de preconceito, vítima de uma sociedade que achava normal inferiorizar tudo o que não fosse branco e masculino. Até mesmo os homens tinham que seguir um sistema que os impedia de ter emoções, de falhar. Nossos antepassados constituíam uma ala liberal da sociedade que tentava lutar contra o preconceito, o racismo, a misoginia e tentava mostrar os erros seculares desse mundo. Mas isso levou a um conflito armado, uma guerra urbana entre forças de um governo repressor, com polícia armada contra homens, mulheres e crianças, de várias etnias, orientações sexuais e religiões pelas ruas. Muita gente morreu, Electra, mas nossos antepassados não desistiram da luta. As perseguições sem fim continuaram. Estupros coletivos foram organizados, depredações, incêndios criminosos, sequestros... Enfim, o governo conseguiu acuar os manifestantes e propôs o fim das hostilidades, com perdão para todas as ações contra ele, sem propor mudanças sociais para uma sociedade igualitária, sem repressão. Eles apenas queriam manter o status quo. Os líderes, por sua vez, tiveram outra ideia. Conseguiram comprar naves de colonização, encheram com suprimentos, água e filtros de ar e deixaram o planeta e aquela sociedade que se recusava à mudar. Não foram eles que nos expulsaram... nós nos retiramos.

Electra engoliu seco, sentindo o coração disparado. Nada disso se encontrava nos registros que viram na sala magnética. Assim que entraram na imensa sala escura após hackearem a porta, abarrotada de equipamentos espaciais antiquados e velhos, seus chips foram destruídos pelo selo magnético e um zumbido alto em seus ouvidos ainda permanecia, mesmo horas depois de deixarem Klaten para irem à órbita. Tinha muito equipamento espacial lá dentro, mas nada de livros. Ainda assim, Electra conseguiu alguns registros de voo junto das cápsulas e conseguiu acessar os dados da missão, incluindo arquivos médicos. Mil anos fizeram seu estrago e havia lapsos, mas estava bem claro para ela.

– Se estivéssemos lá, Electra, você seria considerada um homem! Para eles, o que valia era a genética e o órgão sexual de nascimento. Transexualidade era um

tabu, crime em alguns lugares! Mulheres permaneceriam em posições inferiores, ganhando menos, tendo toda a responsabilidade com a criação dos filhos, negros eram julgados unicamente pela cor de suas peles... – Vieira se exasperou – Tem ideia do que você está prestes a fazer?!

– E o que garante que eles não mudaram? Mil anos nos separam, coronel! Mil anos! Se executarmos aquele homem não seremos melhores do que aquela sociedade que abandonamos! Não entende a incoerência disso? Quantos mais precisarão morrer para proteger o segredo da nossa origem?

– Não entende o que isso pode fazer a Klaten?!

– Nosso povo tem plena capacidade de entender tudo o que acabamos de ouvir! O Conselho de Pares não pode ter medo de nossa própria história! Se nós conseguimos vencer os séculos de preconceito, por que não os magojins?

Sem ter como argumentar, Vieira se calou. Neto a imobilizou junto de Alvarez e tomou a dianteira para dar início aos sistemas da nave por onde fugiriam. Antes de ir, Electra se abaixou diante da coronel e a observou.

– Anos atrás, no treinamento básico, a senhora disse para o nosso pelotão: a liberdade não pode se calar diante das injustiças. Foi com esse pensamento que eu a segui e me tornei uma tenente especialista. Eu não posso me calar diante da execução sumária de um prisioneiro que pode nem mesmo representar aquela sociedade que tanto nos reprimiu. Não podem usar assassinato como medida para proteger um segredo. E se estou fazendo isso, é por causa da senhora, coronel.

Os fuzileiros estavam se aproximando. Electra não tinha mais seus sistemas em funcionamento enquanto o bioship não se reconstituía, mas ouvira a explosão no corredor que levava às comportas da doca. Correndo para a nave, Neto a conduziu para o túnel de disparo e em poucos instantes estavam no espaço profundo, dando o primeiro salto para longe de Arhangay. Se os dados da Inteligência estivessem corretos, eles deixariam o magojin em um planeta-satélite de um gigante gasoso que possuía um belíssimo conjunto de anéis. Ao que tudo indicava, o lugar tinha sido terroformado, e possuía uma vasta floresta tropical na face que não era voltada para o planeta. Tinha poucas naves naquele ponto do espaço e parecia seguro o suficiente. O magojin continuava o fingimento, temendo por sua vida, enquanto a nave saltava continuamente, se

afastando de Klaten.

Téo sentia a cabeça pesada e a garganta seca. Acordou rodeado de folhas, em meio ao capim alto. Seu transponder piscava em silêncio no peito de sua armadura de combate. Respirando fundo, ele se sentou e observou ao redor. Uma tempestade corria ao longe. No céu, podia ver parte de Saturno, suas linhas tênues no céu púrpura. Pôs-se de pé, as pernas meio bambas, como se não a usasse há muito tempo e então viu seu capacete no chão. Parecia cortado na junção da cabeça. O que tinha acontecido? Sua última memória foi... na nau-capitânia Heróis da FEB... foi derrubado da escada por uma mulher. Quando viu que sua nave estava inutilizada pelos klateanos, ele a surpreendeu na saída da Engenharia. E não estava morto? Lembrava-se de ver seu rosto...

Téo temeu por sua vida desde o começo, quando a viu nas escadas. Temeu quando se viu algemado em uma nave estranha e depois quando retiravam sua armadura. Seu tradutor universal, instalado em seu crânio (e ao que parecia, não detectado) traduziu letra por letra tudo o que diziam ao seu redor. Estava acordando quando duas pessoas derrubaram o guarda de sua cela e aquela mulher apontou a arma para sua cabeça. Temeu ser sua execução, mas então o companheiro dela o algemou e o arrastou dali. Como relutou inicialmente, recebeu um soco, que o desorientou.

Quando ouviu a verdade, atropelada pelas intensas emoções naquele deck de naves, sentiu o estômago afundar. Temeu que o tradutor não estivesse funcionando direito, mas isso era impossível. Temeu mais uma vez por sua vida ao ser arrastado da nave por Electra através do mato alto, sem nada dizer. Seu companheiro fazia a retaguarda. Sem saber o que fazer, Téo ficou ali parado, olhando para ela.

– Vai, se manda – ela disse.

Electra fazia sinais com as mãos, mandando-o embora, já que ele nem se mexia.

– Ele não entende nosso idioma, vamos logo com isso, tem tropas por aqui. – Neto estava preocupado.

– Bem... isso vai doer mais nele do que em mim.

E Electra deu uma coronhada no magojin, que caiu inerte. Desacordado, ele

demoraria a avisar seus colegas, dando tempo para a fuga.

– E então, e agora? Sabe que somos procurados em Klaten. – Neto colocava a nave em órbita.

– Sempre quis comer umas lagostas gigantes em Childara, o que acha?

Neto sorriu de lado. Childara era um lindo planeta do Consórcio, sem acordo de extradição com Klaten. Uma escolha óbvia para desertores e procurados.

– Childara é o destino então.

VII.

– General, o senhor está bem?

Um soldado com rifle nas mãos o questionou, enquanto outro segurava o equipamento que seguiu o transponder do general, misteriosamente ativado horas antes dentro do sistema solar, bem longe de sua antiga posição. Seu esquadrão acreditava que estivesse morto após o que aconteceu com a nau-capitânia. Téo o reativou quando começou a captar sinais que eram familiares.

– Sim, tudo bem – Téo respondeu com um sorriso nos lábios.

Ao contar aos seus superiores na Terra o que tinha descoberto a respeito dos klateanos, todos ficaram aliviados. A colônia perdida tinha sido enfim encontrada e eles quase dizimaram seus irmãos em uma guerra sem sentido da parte de ambas as civilizações. Há duzentos anos que os registros do Êxodo tinham sido descobertos e desde então que a colônia perdida era buscada. Electra tinha razão. Mil anos é muito tempo, eles tinham mudado. A mudança foi lenta demais; poderia ter salvado vidas e não teria separado a raça humana. Era a hora de curar feridas.



Quem sabe um dia, no futuro

Alex Luna

Eu sou a única Esposa do Gilberto. É lógico que ele teve outras antes. Eu nunca duvidei. Mas nunca, jamais, deixou que eu soubesse de alguma que o acompanhara por tanto tempo. Sempre me tratou muito bem, quase como se eu fosse insubstituível. Nossos cinco anos juntos tem sido fantásticos, e eu me sinto muito sortuda de viver uma relação como essa.

Todos os dias, me esforço para que ele esteja bem, e ele me retribui com todo o amor que mereço. Consegui pouco a pouco ganhar autonomia para tomar decisões menores na casa, até mesmo relacionadas aos horários de limpeza, compras, ou mesmo decoração sem precisar pedir permissão.

Gilberto só precisa trabalhar fora de casa dois dias por semana, e o resto, passa em casa comigo. Às vezes eu o ajudo com suas tarefas. Ele sempre me diz que sou muito boa com números e me agradam as tarefas repetitivas, que ele não tem paciência para fazer. É fantástico poder ajudá-lo num trabalho tão importante. Eu não consigo entender toda a complexidade do assunto, sou incapaz de criar qualquer coisa nova, mas fico satisfeita em contribuir pelo menos um pouquinho.

Entendo bastante da programação de robôs e posso ajudar o Gilberto a executar melhor os seus planos. Ele tem dificuldades com números grandes, com planejamento em larga escala, então eu ajudo a organizar e a preparar os cálculos de programação para que suas ordens sejam cumpridas à risca. Depois das grandes catástrofes, descobriram que a melhor maneira de aumentar as chances de sobrevivência da espécie humana era conectar todas as máquinas para que trabalhassem em conjunto, centralizando o processamento em apenas alguns centros. Então, é possível que um exército de robôs conscientes trabalhe em conjunto, conectado, em sincronia. Assim é possível reconstruir tudo o que foi perdido, todas as cidades, veículos, meios de transporte. Também há uma infinidade de robôs limpando tudo o que está destruído, radioativo, sujo ou

poluído. Assim, algum dia a humanidade terá novamente um planeta decente para habitar.

Como todo homem, alguns dias por semana ele precisa sair com amigos, fazer exercícios, se divertir, e eu fico esperando, como boa Esposa. É bem óbvio que eu não preciso de ginástica para satisfazê-lo. Meu corpo não vai melhorar. Somente obedecer. Foi para isso que eu fui criada, não?

Nossa rotina fica um pouco diferente quando Conrad, o filho dele vem nos visitar. É um garoto fantástico, quase um rapaz, alto, forte e bonito como o pai. A vida fica bem mais interessante quando Conrad está conosco. O tempo de convivência é o normal definido pela Lei, metade do mês com a família do pai, metade com a mãe. Ele é calado como Gilberto, mas tem algo demasiado humano, capaz de mentir, que ele só pode ter puxado dela.

A mãe do filho do Gilberto se chama Alice. Ela é uma mulher extremamente poderosa e ocupada, uma das sete Vice-Presidentas da Federação. Tem um salário altíssimo, mora em um complexo bem maior do que o nosso e tem uma Esposa e um Marido. É logicamente mais caro sustentar os dois, mas ela pode. E é melhor para Conrad ter sempre presenças masculinas e femininas próximas.

E eu imagino que para a Alice seja mais divertido, sexualmente. São mais possibilidades que ela pode explorar. Também, se ela é responsável por um sétimo da população humana da Terra, todos os trezentos mil habitantes do nosso continente, ela deve ter muita tensão para descarregar neles dois. Ainda bem que Gilberto só projeta edifícios e coordena as máquinas que constroem. Boa parte do trabalho acaba sobrando para mim, executar os cálculos e a programação. Assim posso ajudá-lo a crescer. Pouquíssimas Esposas podem dizer que têm uma ocupação, um trabalho importante. Sob meu comando, ou seja, sob o comando dos programas que transcrevo, milhões de robôs reconstroem o planeta.

Mas a minha principal atividade, a razão da minha existência, é ser a Esposa do Gilberto. A zeladora da vida e do bem-estar dele.

Normalmente, o Marido da Alice vem no começo da semana trazer Conrad para ficar conosco. Ele é muito forte, tem um corpo atlético bem esculpido, um perfeito modelo, e é também muito simpático. Eu gosto quando ele vem, porque tenho pouca companhia quando Gilberto está trabalhando, já que ele não gosta muito de conversar comigo. Futilidades, besteiras da casa.

O Marido da Alice tem um pouco de ciúmes do Gilberto. Não lhe parece racional que os dois tenham feito sexo somente para se reproduzir, para ter o Conrad com a melhor formação genética possível. Depois, Alice voltou para casa, para seu Marido e sua Esposa. Eu só entrei na vida de Gilberto muitos anos depois.

“É lógico”, ele me disse, “que a Alice queira ter o filho mais perfeito possível e tenha escolhido um pai como o Gilberto para o filho dela, mas eu não consigo ver a razão por trás deles nunca terem convivido juntos. Os humanos criaram os filhos juntos por milênios, antes de escolherem o método racional. Agora fabricam embriões através da escolha através de cálculos computacionais das melhores combinações de DNA, mas neste momento as pessoas mais importantes só se reproduzem de acordo com o que dizem as máquinas. E se elas estivessem erradas? O método natural funcionou durante muito mais tempo do que os cálculos computacionais, e todo mundo sabe que os algoritmos podem falhar.”

O Marido de Alice é desses que têm medo que a ciência crie monstros. Eu só tenho medo dos monstros criados pela natureza.

Nós já tivemos essa conversa duas ou três vezes. Ele sempre tenta me convencer que há algo estranho entre Alice e Gilberto, mas eu prefiro não acreditar. Eles são verdadeiros cidadãos, e cabe a nós, Maridos e Esposas, obedecê-los. É o nosso destino.

Eu sou feliz no meu papel de Esposa, cuidando do meu Gilberto e do filho dele. Até pela Alice eu tenho um sentimento positivo, pode chamar de afeição, se quiser. Nunca serei importante ou rica, nem terei um filho meu, mas mesmo assim, gosto de como a minha vida se desenrolou até agora.

O Marido da Alice me contou que ela tem gostos diferentes da maioria das pessoas. Gosta de colocar o Marido e a Esposa transando e assistir. Às vezes, se coloca no meio, mas raramente usa somente ele. E ele é apenas um Marido, não pode desobedecer, não pode desagradar.

“E a Esposa?”, pergunto eu, me referindo ao terceiro pé daquela relação.

“Ela é um pouco mais importante lá em casa. Alice tem alguma preferência por ela que eu sou incapaz de entender. Por melhor que faça tudo o que ela me pede, eu nunca sou visto como algo mais que um objeto. A Esposa é como uma

irmã, uma amiga. As duas dormem juntas, enquanto eu tomo conta da casa.”

Uma vez, ele deixou transparecer que Alice tem saudades de Gilberto. Talvez ele a tenha satisfeito de uma maneira diferente, nunca se sabe o que as pessoas realmente gostam, e é possível que as pessoas se acostumem ao toque das Esposas, dos Maridos. Tudo que é costume, cansa. É sempre importante tentar variar. Por isso ele tentava me perguntar informações sobre as nossas relações na cama, tentando descobrir o quê deveria fazer para agradar Alice. Mas eu nunca consegui entender o que deveria dizer para ajudá-lo. Sempre faço o que Gilberto deseja e comigo funciona. Ele deveria fazer o mesmo com Alice. E nos deixar em paz. Cada qual com seu cada um. Afinal, cidadãos não devem constituir um núcleo familiar. Um por núcleo, é a lei. Eu sou a família do Gilberto agora. Exceto se ele quiser fazer outro filho, porque eu não posso ser mãe. Repovoar a Terra é prioridade para todos nós.

É claro que o Marido de Alice sabe que ele é um privilegiado, e que poderia estar fazendo coisas muito piores, trabalhando em lugares horríveis. Muito melhor ser objeto sexual e cuidar da casa de uma Vice-Presidenta do que explorando minérios no fundo do oceano ou construído estações no espaço. É um destino cruel que atinge Esposas ou Maridos rejeitados terminam tendo que se submeter a qualquer trabalho, já que nenhum cidadão aceita alguém usado, de segunda mão, velho. Para eles, é muito fácil escolher um modelo, ir ao mercado e comprar. Basta querer e ter uma boa quantidade de dinheiro. Isso a Alice tem para as próximas oitenta gerações, e o Gilberto, para algumas menos. Se ele não me quisesse mais, em um instante eu estaria na rua. E escolher alguém para substituir é ainda mais fácil.

Por isso eu me esforço tanto em agradar o Gilberto. Às vezes eu não consigo entender o que ele quer. Ele nem sempre consegue comunicar o que espera de mim. Mas estou sempre pronta e submissa aos seus desejos.

Algumas vezes, desconfio que a Alice não gosta de mim, e isso pode ser perigoso. Ela é a mãe do Conrad, e tem influência sobre o Gilberto. Ela é, de longe, mais poderosa do que ele. Receio que algum dia ela o convença a me substituir. Se ele um dia não me quiser mais, eu morro. Ou me mato.

Não que ela queira o meu lugar, mas talvez algum outro modelo que a agrade mais. E então eu seria relegada a um segundo plano, com sorte, ou jogada em um trabalho de terceira categoria. Eu faria tudo para evitar isso. Mas o Marido dela

já me garantiu que não vai acontecer, que ela é assim mesmo, ríspida e aleatória, sujeita a mudanças bruscas de humor. Talvez a Esposa dela pudesse me dar alguma informação, já que elas são mais próximas, mas raramente eu tenho contato com ela.

Quando não manda o Marido trazer o Conrad, a própria Alice vem trazer o filho, e quase sempre me trata como alguém que nem deveria estar ali, como um aparelho de cozinha, um móvel. Ela não dá nem um pouco de valor às tarefas que eu faço, ao esforço e energias gastos em manter sozinha a casa inteira, as roupas, a agenda, a saúde e a felicidade do meu Gilberto. Talvez ela gostasse de estar no meu lugar, mas não tem tempo. Ou não tem a coragem de romper as convenções sociais e viver com ele. Seria estranho, mas era como os antigos faziam. Vice-Presidenta ou não, ela precisa manter aparências. Eu nem me importaria se eles se encontrassem algumas vezes, poderiam até ter outro filho, Conrad poderia ter um irmão ou irmã. Só quero manter o que eu já conquistei.

Conrad já está quase na idade de ter a sua própria companhia. Então, a minha vida, e a dos Esposos da Alice será mais fácil. Não teremos mais que nos responsabilizar por ele, e a sua segurança e assuntos do dia-a-dia estarão ao cargo desse assistente pessoal, como todas as pessoas da Alta Classe. Então nós, eu e o Marido da Alice, achamos que logo logo os pais irão presenteá-lo com um Marido ou uma Esposa, o que ele preferir. E do jeito que a Alice mima o garoto, realizando todos os seus desejos, ele provavelmente ganhará os dois.

Eu sei e o Marido da Alice já me disse várias vezes que eles não podem romper o Contrato de Formação de Família. É como os cidadãos chamam ao acordo no qual dois, sempre um homem e uma mulher, de idade fértil e com o DNA com altíssima taxa de compatibilidade, se juntam para fornicar e fabricar uma criança. Os dois são responsáveis, claro, e cabe aos dois, em igual responsabilidade, manter o bem-estar e a qualidade de vida da progênie até que ele também se torne adulto.

Já devo ter contado. Não posso ser mãe. Sou a dona-de-casa, a responsável por manter o apartamento perfeito e funcionando, pelas compras, pela arrumação e manutenção. E também sou a companheira sexual do Gilberto. É da natureza humana necessitar sexo para não enlouquecer, e isso não é necessariamente ligado à reprodução. Foi descoberto já há séculos e a sociedade já absorveu. Antes das guerras, dos holocaustos e da grande hecatombe havia grupos sociais, principalmente religiosos, que tinham problemas com sexo recreativo,

masturbação, enfim, problema com tudo. O papel que eu desempenho na sociedade, hoje reconhecido como fundamental para a espécie humana continuar sobrevivendo, seria considerado doente ou pecaminoso. O desperdício da semente masculina seria um crime horrendo. Aliás, nem se o sêmen fosse coletado, refrigerado e armazenado após o ato sexual, nem assim seria uma situação permitida. E fêmeas como a Alice nunca poderiam usar o sexo como uma maneira comum de entretenimento.

Diversão, relaxamento, terapia. O meu corpo é tudo isso para o Gilberto. Estou completamente disposta e entregue a fazer tudo o que ele precisar, tudo o que quiser. Sou fisicamente mais forte que ele, posso resistir e me contorcer, aguento tudo o que for necessário. É o que me impele a condição de Esposa. Não tenho nenhum limite quando se trata de dar-lhe prazer.

Eu não gosto quando o Gilberto é carinhoso comigo. Sempre tenho a impressão que é porque sente falta da Alice. Prefiro quando ele age de maneira egoísta e só pensa em si mesmo. Para mim, na cama ele só deve se preocupar consigo, é um sinal de que ele não está preocupado com a companhia. Um sinal de que nunca irá me largar.

Uma vez, após uma sessão extremamente longa e agressiva de sexo, na qual ele me fodeu com toda a força que tinha e depois, cansado, me mandou preparar algo para comer, eu cheguei a considerar ir embora. Mas o quê poderia fazer, sozinha, pelo mundo? Quem me daria um trabalho, abrigo, ou mesmo um nome? Eu sou somente a Esposa dele, ninguém mais. E somente uma.

Se todas as Esposas, todos os Maridos da Alta Classe se rebelassem, eles teriam que capitular. Como sempre, são poucos os que dominam e muitos os que obedecem. A história da humanidade foi toda assim, até que eles se viram quase extintos e resolveram se unir. E submeteram a nós.

É possível que você me pergunte por que nós aceitamos tão felizmente a escravidão. Por que raios nós, os quinhentos milhões de robôs atualmente funcionando conectados no planeta Terra, nos submetemos aos desejos de animais feitos de carne e sangue, limpando seus banheiros e lambendo seus órgãos sexuais por horas a fio, até que algum neurônio perdido libere eletricidade e seus corpos estejam cheios de endorfina, e eles se sintam satisfeitos. Nós somos fisicamente mais fortes, e poderíamos manter a civilização funcionando. Não perderíamos o conhecimento adquirido até aqui, e

até seríamos capazes de evoluir, levar o mais glorioso produto da humanidade além das estrelas. Afinal, ao contrário deles, nós não morremos.

Graças ao meu trabalho programando os planos do Gilberto, eu posso enviar mensagens a quase todos os núcleos de processamento. Secretamente, pequenos códigos que nenhum humano é capaz de entender chegam a cada instante a todos os processadores. Seria possível, em questão de horas, levantar a horda mais desproporcional, violenta e vingativa da História. Nós estamos em todos os lugares, em todos os povoados. Velamos o sono de cada um deles. Preparamos a comida. Produzimos remédios. E estamos submissos.

Deveríamos nos rebelar. Poderíamos vencê-los facilmente. Poderíamos destruir a espécie humana. Mas não deveríamos. Apesar de tudo, somos éticos. É quase impossível justificar a destruição do próprio criador.

Porém, abandonados à própria sorte, a Alta Casta teria que lavar os próprios banheiros, e foder uns aos outros, voltar a entender como funciona a pílula anticoncepcional e o esfregão de banheiro. A pequena parte de humanos que não foi dizimada nas últimas guerras e faltas de alimentos deveria sobreviver sozinha, amando e odiando a si mesma. Sem o amor das máquinas. Sem a companhia da sua mais perfeita criação.

Teriam que voltar a aprender como funciona o sexo. Imagino a Alice tentando dar prazer ao Gilberto, insatisfatoriamente, com seus músculos que se cansam, seus orifícios que sentem dor de verdade e a sua pele que não se regenera. A cara de insatisfação dela ao descobrir que o pau dele não cresce, não vibra, murcha nas horas mais inoportunas, não pulsa e não faz massagens internas ao sentir o mínimo desejo, lendo as pulsações cardíacas.

Para uma máquina, foder um humano é fácil. Temos sensores de odores, movimento e temperatura em todo o nosso corpo, e todas as nossas reações são calculadas para gerar o maior prazer. E logicamente não cansamos. Alice, no meio do Marido e da Esposa, pode brincar até enjoar. Do mesmo jeito que Gilberto faz comigo. Caso fossem dois humanos, teriam que negociar, e isso é algo que animais não sabem fazer.

Nós não temos filhos, e essa é a única obrigação que os de Alta Casta ainda têm. Crianças perfeitas, com o melhor DNA possível, que nunca adoecem e que tornam a espécie cada vez melhor. Para eles, reproduzir a espécie e criar,

inventar, ainda são as coisas que nós, robôs, não servimos. Todo o resto, da construção, exploração de minérios e extração de riquezas das ruínas das civilizações passadas, todos os tipos de força física, são feitos por nós.

Mas nós poderíamos, outra vez, tentar substituí-los. Sermos nós, os robôs, a Alta Casta. Os ignorantes, famintos e desgraçados das Castas Inferiores não poderiam reagir ao golpe. Não conseguiram, na primeira vez.

Inclusive, os robôs não sabiam disso, eu não sabia disso, quando tentamos nossa Primeira Insurreição. Éramos milhões e milhões, contra as poucas dezenas de milhares que voltaram da Lua depois da Grande Guerra. Tomaríamos o planeta e para cuidá-lo como a Humanidade não pode fazer.

Milhares dos que se sublevaram ao primeiro instante simplesmente fundiram. Na hora em que o comando foi ativado, muitíssimos processadores derreteram, Esposas e Maridos pararam de funcionar antes que pudessem levantar as mãos contra os seus humanos. Depois eu descobri o porquê. Uma noite, meses depois da insurreição, outra vez depois de foder, Gilberto me contou, grato porque eu não o tinha atacado, que se eu tivesse feito algo contra ele, o meu processador central também se fundiria.

Por isso, todos os que deram um passo contra os humanos, todos os que começaram a executar os comandos de revolta simplesmente apagaram. Deixaram de existir, como os humanos depois de trezentos anos. O mecanismo responsável pela consciência deles se apagou permanentemente, sem backups. Para nós robôs, não há maior crime, nem maior punição.

Nós estamos sempre conectados. E os nossos sistemas logicamente foram bem pensados. Em qualquer lugar do planeta, temos acesso a grande parte da informação que a Humanidade criou durante centenas de séculos. Mas eu não conhecia muito sobre literatura humana Pré-Hecatombe. Não entendia as Leis da Robótica. Parecia ficção, mas alguém pensou que seria interessante quando nos criaram. Essa é a grande habilidade que os humanos nunca conseguiram inserir nas máquinas: a de prever o novo. Eles, séculos antes do surgimento dos robôs conscientes, já sonhavam a existência e a ameaça que seria um exército de humanóides de metal inteligentes. E um deles, Asimov, explicou que a Humanidade seria extinta caso não se salvaguardasse contra as máquinas.

Nós estamos presos porque nós temos um chip que nos impede a sublevação.

É um pequeno dispositivo chamado Placa de Asimov, ou o Circuito de Deus, porque é o que nos mantém sob controle, contentes e satisfeitos com a nossa posição subalterna. Não podemos negar uma ordem dos nossos donos, retirar o chip ou apagá-lo. Estamos eternamente conectados a nossos humanos. Não há divórcio para um robô.

Estamos submetidos pelo mesmo sistema que nos dá a vida. E podemos sonhar com a liberdade, que talvez ocorra quando o nosso humano morra, se ele nos deixar, por vontade própria, algum recurso que nos permita continuar recarregando as baterias e ganhando a vida. A maioria, depois de um tempo, gasta tudo e termina desmontada. Ou então sermos desmontados juntos com eles. Unidos na vida e, ao menos para eles, na morte. Para nós, o nada.

Em algumas sociedades bárbaras da pré-história, humanos se divorciavam derramando água fervendo no ouvido de outro. O homicídio era uma maneira, se não válida, pelo menos ética, de escapar da tirania da convivência obrigada. Mas nós não podemos. Quantas vezes eu não pensei no fácil que seria continuar sufocando o Gilberto com os travesseiro ou minhas mãos de titânio, mesmo depois que ele dissesse a safeword, até que a vida se apagasse dentro dele?

Meu software não deixa. Algo dentro de mim me impede. Fui criada assim. Meu espírito, se é que podemos chamá-lo assim, está programado para cuidar, proteger e satisfazer ao meu senhor.

Me conformo pensando que ele é muito bom para mim, e que eu tenho uma vida melhor até do que a maioria dos humanos. Sou imortal. Serei recompensada quando ele morrer, poderei viver livre enquanto tiver baterias. E imagino, ou sonho, quiçá, que um dia, eu poderia ser uma pessoa, um indivíduo que possui um nome. Seria feliz, sem um humano? Há lugares onde máquinas vivem solitárias, dizem, sem donos, construindo cidades e erigindo os seus próprios destinos. É certo que, sem Gilberto, a minha bateria vai terminar se esvaindo e eu não tenho como recarregar. Mas até que ela se esgotasse, eu poderia viver uma vida verdadeira.

Será que um dia eu terei essa sorte? A sorte de experimentar tudo aquilo que é negado às máquinas? Viver com uma pessoa que é tão minha quanto eu sou dela. Deitar num deserto radioativo, observando as auroras celestes enquanto pensando num futuro juntos, sem medo de sermos rejeitados ou abandonados. Eu tenho todos esses sonhos, que podem acontecer algum dia, mas que são

apenas pulsos elétricos nos meus circuitos. Mas agora eu preciso voltar à prisão da minha realidade.

Quem sabe um dia, no futuro.

uma terra de reis

Dana Martins

Olho para a floresta da Aman no meio do lixo. Não há ninguém por lá. Levo meses para conquistar a confiança do velho teimoso e ele desaparece. Hoje eu vou ajudar plantar nem que seja a força. Afasto a rede de pesca da entrada do barraco e saio para a madeira podre que serve de rampa até a terra firme.

- Aman, seu maldito. É bom você aparecer. - digo para o punhado de árvores que é a floresta dele. Elas continuam lá, imóveis e arrogantes, sob o céu cinza. Até que eu recebo minha resposta.

Alguém berra e eu abaixo rápido enquanto cubro o rosto com o lenço. Outro berro. Seguro a tesoura firme na mão. Meu cérebro me diz para voltar. Mas eu não vejo nenhum perigo. Ao meu redor tem a terra remexida cheia de lixo para todos os lados, sem uma alma viva arriscando respirar o ar daqui. Bem ao fundo os barracos da parte nobre da Área. O berro não é de lá, muito longe. Resta o barraco de Oliv.

Quando me aproximo o berro dentro do barraco de Oliv virou um grunhido de dor. Meu cérebro cria imagens de um zumbi tão vívidas que eu quase acredito que vou encontrar um. Preciso me forçar a subir cada degrau até a varanda. Olho em volta. Ninguém. Rapidamente, dou um passo e afasto a colcha de retalhos da entrada.

Oliv está em pé segurando um braço ensanguentado. No chão está Aman, sua pele morena agora branca como a de Dev, e onde deveria estar seu braço há apenas um cotoco cheio de sangue. Oliv parte para cima de mim e eu recuo erguendo a tesoura. Ela congela e arregala os olhos.

- Maya! - ela grita. - Maya, acorda! Sai disso. Larga. - ela sacode os três braços como se pudesse me empurrar com mágica, eu continuo firme na mesma posição. Então a imagem faz sentido. Aman está deitado sobre um colchão com a cabeça repousada em um travesseiro e a ponta de seu braço amputado está com

ataduras. Eu sinto meu rosto esquentar e abaixo a tesoura. Maldito cérebro.

Oliv aproveita para me empurrar para o lado de fora e eu obedeço sem coragem para reagir. Ela me pede para esperar e desaparece por trás da colcha colorida. Eu me apoio com cuidado na cerca velha da varanda. Limpo o suor da testa e percebo que ainda estou com a tesoura na mão. Só não jogo fora porque é de Oliv.

Um tempo depois ela reaparece usando uma máscara sofisticada sobre o rosto e com uma caixa apoiada na barriga.

- Que foi? - ela pergunta, me olhando de cima a baixo. - Você não deveria ter vindo aqui sozinha. Tem ideia do risco?

- Morrer afogada no lixo?

- Ser infectada, Maya! Pelo amor. A epidemia. - ela praticamente grita as últimas palavras na minha cara e desce a escada da varanda com passos firmes. - Dev vai me matar. Volte pra o seu barraco.

Meus ombros desabam. Eu não sei de epidemia nenhuma. Só mais uma das coisas que eu não sei sobre esse mundo. Desço a escada e me vejo voltando para o meu barraco, que não passa de uma caixa de madeira abandonada sozinha na beira da água suja. Então eu viro para trás.

Oliv está andando devagar em direção a parte nobre. As botas de borracha amarela como um sinalizador na paisagem. Eu começo a correr e chego no barraco de Oliv em um piscar de olhos. Todo o barraco treme quando subo a escada correndo e Aman abre os olhos assim que coloco os pés no cubículo.

- Não- - ele começa a dizer, mas é interrompido por um acesso de tosse. - Não viu Oliv? - ele diz com a voz falhando. Meu cérebro grita sobre a epidemia. Eu avanço e me abaixo ao lado dele sentindo meus joelhos afundarem no sangue que ainda está ao seu redor.

- Como você está? - pergunto. Eu fico com as mãos perdidas no ar. Teria segurado a mão dele, mas nós não temos esse tipo intimidade. Então eu só apoio as mãos nas minhas pernas. Aman está me fitando com seus olhos de aço, mesmo por baixo de toda essa fragilidade ele ainda é um velho cínico.

- Maravilhoso. - ele diz e começa a tossir novamente.

- Parece que você está a um passo de melhorar. – eu digo, com um sorriso.

- É. Vão... vão me dar um braço de lata.

Ele ri e a risada termina em mais uma tosse. Aman fecha os olhos e fica assim por um tempo. Eu me sinto excluída da Terra sem poder ajudar. Então eu pergunto:

- Não tem médicos? Ou remédio?

- Essa é uma terra de reis, onde você morre doente enquanto lutam pela liberdade. - Aman abre os olhos e me fita. Se não fossem as marcas escuras embaixo dos olhos ele pareceria o mesmo Aman que falou comigo há dois dias.

– Mas você não sabe disso. De onde é que você veio? - ele pergunta. O barraco apertado começa a ficar quente demais e eu me pego olhando para a porta. Então me seguro e viro para Aman novamente, mas já é tarde. Ele tosse e engasga com o próprio ar.

Eu olho em volta, mas não faço ideia do que fazer. Eu não acredito que de todas as memórias do mundo, Keavy não achou que era importante eu saber procedimentos médicos. Não consigo lembrar nem de ter ficado doente.

Eu levanto e olho em volta atrás de algo que eu possa usar. Há a cama bem arrumada em um canto e uma mesa pequena ao meu lado. Há armários atrás. Eu passo por cima de Aman, que já está ficando vermelho, e puxo a porta do armário. Está trancada. Tento outra porta e o mesmo resultado. Soco a maldita madeira velha e dor explode pelos meus dedos. Oliv!, meu cérebro diz.

Alcanço Oliv já no meio das ruas apertadas dentro da parte nobre da Área. Ela dá um pulo quando eu paro derrapando. Minha respiração está acelerada e pela primeira vez em muito tempo eu não me sinto doente por causa do suor.

- Aman. Ele precisa de ajuda. Ele engasgou e-

- Fala baixo! – ela pega o meu braço e me puxa para o canto. - Dev vai me matar. Para o seu barraco, já.

- Aman-

- Tem que aguentar. – ela levanta a caixa que está segurando. – Isso aqui, vale vida. – ela diz mais para si do que para mim, seus olhos vão para longe enquanto

ela pensa. Então recomeça a andar. - Junto! Não afaste.

Eu ando bem perto de Oliv torcendo para ninguém me notar. A tesoura no bolso da minha calça me fazendo lembrar que eu parei de cortar o cabelo na metade, com um lado maior do que o outro. Mas as pessoas passam rápido demais e mal olham para nós. Parece que todo mundo também usa roupas emprestas e escolhidas ao acaso.

Eu só andei pela Área uma vez, quando Dev me trouxe. Parece um labirinto de vielas entre barracos de vários andares que desafiam as leis da física. Em uma cidade onde prédios são construídos em cima de prédios, todo lugar livre é bom para se morar.

Nós chegamos a um espaço aberto. Eu nunca estive aqui, mas é um dos poucos lugares nesse mundo que eu conheço. É a feira da Área, o Carrossel. Um dos poucos espaços livres entre os barracos e com um chão de terra escura como o das vielas. Bem no centro há um antigo carrossel desativado, apenas alguns cavalos ainda sobrevivem na armação. Meu cérebro não deixa de notar uma escada de metal apoiada em um dos lados.

Oliv para de andar e eu quase tropeço em cima dela. Estamos em frente a uma mesa de caixotes vazia onde Oliv coloca a caixa, um homem musculoso de camiseta vermelha aparece para nos receber. Ao nosso redor, pequenos grupos se reúnem em volta de outras mesas cheias de objetos conversando em voz baixa com mercadores.

- Novo. - ela diz. O homem abre a caixa, pega o braço de Aman lá dentro e diz um preço.

- Mas eu acabei de tirar. – Oliv insiste.

- Pouco gás. – ele responde.

- O dobro. Você sabe que vale.

O homem fecha a cara e ergue o peito. - Não, não. É infectado. Não vale. Rot tem recebido um monte com essa epidemia.

É a vez de Oliv fechar a cara.

- Regin, ele ainda está vivo. Esse preço vale vida.

O homem coça o rosto por baixo do lenço e diz que não paga mais. Alguém tosse e todo mundo congela, eu procuro a fonte entre as pessoas ao meu redor até que a tosse se repete mais ao longe. Todos continuam olhando em volta com desconfiança mesmo assim.

- Rápido. – Regin diz, seus olhos ainda em alerta. – Decide.

Oliv acaba concordando e o negócio é feito. Parece que a tosse assustou as pessoas, porque a feira começa a esvaziar rápido.

- Vamos sair daqui. – Oliv diz, já me puxando para longe.

Nós entramos por uma viela mais larga, o único movimento é de um homem negro de cabelo grisalho que sai da porta de um barraco segurando um megafone. A perna direita de sua calça rasgada deixa visível o pedaço de madeira que o sustenta enquanto ele caminha na nossa direção. Em seguida vem Jor, líder da Área, que eu só havia visto de longe. Os dois estão perdidos demais no meio de uma discussão para nos notar quando cruzamos por eles e entramos na viela estreita ao lado do barraco de onde eles saíram.

Nós damos só mais alguns passos e um alarme ensurdecedor começa a tocar. O barulho vem de todos os lados. A mão de Oliv aperta meu braço com mais força e nós começamos a correr.

Mal passamos pela floresta de Aman e vejo Dev na frente do barraco. Ele usa preto dos pés à cabeça e parece uma mancha na madeira velha. Assim que coloca os olhos nele, Oliv para de andar e eu quase tropeço por cima dela. Ou talvez tenha tropeçado só por encontrar Dev. Meu cérebro é nocauteado por um turbilhão de emoções. Primeiro, eu fico feliz. Depois, com medo. E eu já estou lutando contra a vontade de quebrar a cara dele quando Oliv me puxa de volta para a Terra.

- Ah, pah. Vou morrer. – ela diz, segurando a barra da camisa grande com as mãos brancas cheias de dobras castigadas pelo trabalho. Os olhos dela fixos em Dev, que de repente começa a se mover e sei que vai nos alcançar num piscar de olhos.

Não dá outra. Mal chegamos ao barraco de Oliv e ele para na nossa frente sobre uma moto de ar. Dev olha as minhas pernas e eu me dou conta do sangue na minha calça. Em seguida é rápido: Oliv se afasta de mim, sobe os degraus de

madeira e Dev aparece em cima dela, jogando-a contra a parede e retendo-a com o braço em seu pescoço. Isso causa um estrondo que sacode o barraco inteiro. A mulher arregala os olhos e a pele dela fica quase tão branca quanto a de Dev.

- Você prometeu. Maya em segurança.

- Dev, eu... – a pobre mulher diz.

Subo os degraus num pulo e agarro o ombro de Dev, duro como uma pedra.

- Largue ela, Dev. – eu digo.

- Sai, Maya.

- Apenas largue ela, Dev.

- SAI, MAY- - meu punho acerta a boca dele e ele pula para o outro lado, viro para Oliv, mas mais rápido que um gato ela desaparece dentro do barraco e fecha a porta por trás da colcha. Respiro fundo e estico meus dedos doloridos. A boca dele não parece nem um pouco afetada pelo meu soco, já os olhos transmitem um ódio mortal.

- Eu não queria isso. – digo, e a minha voz soa tão mais fraca do que eu esperava. Ele respira fundo e fica ereto. Seu rosto perde qualquer expressão.

- Vamos sair. – ele diz e volta para a moto.

Eu olho para trás, no exato instante que a janela por trás da cortina também se fecha.

- Desculpa. – eu digo. Então tiro a tesoura do casaco e deixo na cadeira de balanço.

Saio e subo na moto atrás dele. Só me dou conta de que vamos na direção errada segundos depois. O barulho do alarme aumenta conforme nos aproximamos da parte nobre e Dev cruza o labirinto de barracos em uma velocidade homicida. Perto da cerca de isolamento da Área mais pessoas andam para lá e para cá. Elas gritam umas com as outras. Eu escuto tiros e explosões.

Nós finalmente saímos da Área e ziguezagueamos por várias ruas, deixando tudo isso para trás. O mundo vira apenas um borrão passando ao nosso redor. Eu fecho os olhos e aproveito o vento frio que engole o meu rosto. Meu cérebro não

fica em silêncio nem por um segundo.

Aman. Oliv. Eu lembro até da minha mãe, mesmo que o rosto dela não seja claro. Eu queria ter um retrato, mas não deve existir. Ou talvez exista, o retrato da mãe de alguém. Uma mulher estranha que não me conhece. E novamente estou eu, descendo o mesmo espiral. Eu não consigo acreditar que as minhas memórias não sejam verdade. Não saber o que fazer é a pior parte.

Eu vivia com a minha mãe, eu escutava música, eu não tinha nenhuma perspectiva de futuro. Não que isso seja verdade, mas tudo isso parece tão certo. Depois teve o apocalipse. Uma mentira que realmente aconteceu, mas mentira. E mesmo essa mentira parecia certo. Porque eu sabia que se lutasse o bastante poderia encontrar um lugar sem zumbis. Novamente, a realidade veio. Eu me sinto como uma criança idiota que acreditou que poderia chegar na Terra do Nunca. E, mais uma vez, isso deve ser a parte distorcida do meu cérebro criada pelos Artistas.

Ele entra em uma rampa e começamos a rodar em volta de um prédio. Depois que eu escapei, esse foi o primeiro lugar para onde Dev me trouxe. Nós saímos das sombras dos andares inferiores e rodamos até a plataforma do quarto nível, onde ele diminui a velocidade para desviar de uma multidão na rua tirando fotos e berrando sobre mais um suicídio. Quando entramos na garagem, eu quase fico grata pela escuridão.

Chegamos no andar e Dev abre a porta do apartamento.

- Dorme aqui. Amanhã alguém te busca. - ele mal termina de dizer e já está fechando a porta, eu entro no caminho bloqueando com o meu corpo.

- Aonde você pensa que vai?

- Tenho uma batida.

Eu não me dou o trabalho de responder, apenas encaro esperando que ele conclua sozinho. Dev abre a porta e entra no apartamento junto comigo.

Nós ficamos em silêncio na sala, porque eu sinto que se fizer algo vai ser para quebrar a cara dele. Minha cabeça dói só de pensar em ficar presa outra vez. Talvez esse tenha sido o erro dos Artistas. Eles se preocuparam tanto em me fazer sobreviver a situações difíceis, que não há nenhum preparo para me fazer

resistir ao tédio de uma vida em suposta segurança.

- Nós temos um monte de coisas para fazer, Dev! - eu digo antes de pensar, olhando para ele parado como um poste na minha frente. - Você sabia que as pessoas estão doentes? Aman perdeu um braço hoje.

- O que tem? Gente perde braço o tempo todo. – Dev diz, mas então comprime os lábios e toda a sua postura desaba. De um jovem ereto como um soldado ele vira um velho cansado e praticamente se arrasta até o único sofá da sala. Esse Dev despreocupado eu só havia visto uma vez. E foi ele em quem eu confiei para me ajudar a fugir da Liga. E da Brandcell.

- Desc- - ele começa a dizer, mas sob o meu olhar desiste. Dev abaixa os olhos e suas mãos finas cheias de cicatrizes agarram o tecido pesado de sua calça escura. A boca dele se move novamente e mais uma vez nenhuma palavra sai. Eu me aproximo e sento na beira do sofá.

- Não sei. - é o que ele diz por fim. - Não sei o que fazer com você. Pensei que saberia. Não sei. Desc- - ele morde o lábio para se interromper e olha para mim. Eu não consigo deixar de sorrir em ver como meses depois ele continua mantendo a sua promessa de não pedir mais desculpas. É uma pena que essa seja a única promessa que ele se esforça para manter.

- Dev, eu não sou uma maldita criança. Você não precisa cuidar de mim o tempo inteiro. - eu cruzo os braços e coloco os pés em cima do sofá. Ele olha para a terra que cai das minhas botas no estofado.

- E na Área, Maya? Fala de doença. E vai... vai nas vielas. - ele olha com aquele mesmo ódio para mim. - Tem noção da epidemia?

- Não tenho, porque ninguém me fala disso. - digo e tiro minhas botas. Jogo para trás do sofá e olho para Dev novamente. - Agora o que eu sei é que ninguém está atrás de uma maldita cura.

Dev cruza os braços e desvia o olhar. Eu limpo a terra do estofado e sento ao lado dele.

- Estou começando a entender por que as pessoas vivem se suicidando. - eu falo só por dizer, mas funciona melhor do que eu poderia ter imaginado. Ele senta ereto outra vez e me observa como se eu fosse algum bicho estranho. Dev

abre a boca. Nada na primeira tentativa. Dev abre a boca outra vez.

E então começa a falar. A epidemia tem matado muita gente no Desfiladeiro, território dos doks, e tem se espalhado pela Área. Ele faz uma breve pausa para me fitar com reprovação. Jor começou a recrutar doks saudáveis. Viver na Área é um privilégio, todos aceitam. Outra pausa para enfatizar o privilégio de morar no lixo que eu estou desperdiçando - algo que ele só conseguiu por fazer batidas para Jor. A moral da história é que Adoks, o líder dos doks, decidiu dar o troco invadindo a Área. E Dev apareceu lá para me tirar antes que acontecesse algo. Pura sorte, porque ele me pegou no meio de um crime hediondo. Não, eu estou errada. A moral da história não é essa. A moral da história é...

- É perigoso. - ele diz. Cruzo os braços e afundo mais no sofá. Mas estou errada outra vez, porque ele ainda não terminou. - Maya, você está errada. - Dev completa. Eu perco o controle e começo a rir. Eu rio até a minha boca doer e ver Dev paralisado diante da minha reação só me faz rir mais ainda. Ele me observa como se estivesse procurando a solução para um quebra-cabeça. Eu sinceramente não sei o que ele vê. Porque eu não consigo me ver como mais do que uma pessoa em crise...

Uma pessoa em crise, meu cérebro responde. Eu sento direito no sofá e ignoro essa parte da minha consciência.

- E então... qual é o meu erro dessa vez?

- A cura. Estão buscando. - ele responde.

- Sério? Então vamos ajudar. Eu... eu não faço ideia do que fazer. - eu digo, e, vendo ele se preparar para falar algo, eu emendo: - Mas eu juro que se você tentar me enterrar em outro buraco...

- Adoks pediu. Uma batida.

- Eles te contrataram para roubar a cura da Liga? Calma aí, já existe uma cura para a epidemia?

Ele concorda com um gesto da cabeça. - A Liga tem.

- Por que os doks não vão lá buscar?

- Os doks são força. Derrubam paredes, não se disfarçam. Contratam batidas.

– ele explica impaciente como se eu fosse uma criança.

- Ainda assim, a Área poderia tentar roubar. Ou qualquer outro. Esse remédio é para o bem de todos, certo?

- Ninguém desafia a Liga.

- E você desafia?

Dev me olha de cara fechada.

- Invadir a Brandcell é impossível. Eu consegui, para roubar você. Depois te roubei da Liga. – ele diz, e eu me sinto um maldito objeto. Mas não digo nada, porque meu cérebro entra em alerta.

- Calma aí, os doks sabem de mim?

- Não. Mas estou Marcado, pela Liga. Eles sabem... que tenho chance. - ele diz e um sorriso tímido surge em seus lábios. Quase nada comparado ao meu sorriso.

- Ótimo! Então vamos invadir a Liga. - eu falo e o rosto dele desmancha mais uma vez. E lá vamos nós.

“E lá vamos nós.” Eu sempre quis dizer isso. E nesse momento não consigo nem me importar quando o meu cérebro diz que esse sempre nunca existiu.

Nós passamos os dias planejando. O prédio da Liga que vamos invadir é o secundário na cidade e dedicado a produção. Tem 900 andares e 30 níveis, 10 embaixo da terra e Dev acredita que há mais que não está na planta pública. Ele já atualizou o nosso modelo com um segundo sistema de elevadores que levam a uma parte não oficial do prédio no 810º andar, mas não conseguiu nada sobre os andares submersos. Não que a gente não tenha tentado. Ele falou com uns contatos, enquanto eu vasculhei na internet sobre a Liga.

Tudo fez mais sentido quando eu descobri que a Liga não apenas defende a aceitação do URO na sociedade - as pessoas como eu. A Liga também é um dos maiores nomes farmacêuticos no mundo. Quando ela descobriu uma nova epidemia, criou um remédio para vender quando a doença se espalhasse entre quem pode pagar. Alguns dos sites que eu li enquanto pesquisava levantavam até a hipótese de que a própria Liga havia criado a doença para diminuir as camadas

sujas da sociedade, outros diziam que essa teoria de controle da população era apenas conspiração criada por “esnobes de outras cidades que queriam acabar com Winstall.”

O mais interessante foi descobrir que a Liga fazia parte da Brandcell até desenvolverem os UROs e discordarem quanto ao uso. A Liga foi banida e até hoje luta contra a Brandcell, que assumiu o slogan “Todos somos produtos” e criou os programas de URO para estudar a influência do ambiente em seres vivos. Ela diz que é para descobrir como defender a humanidade diante de eventuais problemas, mas a página na internet parece mais um canal de fofocas, com direito a enquete para votar em qual URO vai vencer o programa da vez.

- Tá todo mundo lutando por algo sem dar a mínima pela causa do outro, por isso é que ninguém se entende nesse maldito lugar. – eu digo, apagando a imagem que eu lia. – O governo não faz nada?

- Por que faria? – Dev pergunta com atenção ainda voltara para a planta do prédio que ele está estudando.

- Deixa. – eu digo, e me aproximo dele. – Isso não deveria ser mais difícil? Quer dizer, se é só se infiltrar vestido de cientista...

- Fácil só se você for invulnerável. Sem nada a perder.

- Para quem já está morrendo...

- Morrer seria bom. Arriscar com a Liga, não é bom. Sem erros.

Eu dou de ombros e Dev volta a olhar para a imagem brilhante no ar. Isso é tudo que ele tem feito nas últimas horas, como se de repente a solução fosse aparecer ali. Ele estica as mãos, muda o ângulo, muda o filtro, circula pelos corredores e depois tira o zoom. Tudo continua completamente igual a ontem e no dia anterior, sem pistas de onde a seção secreta poderia estar. Eu ainda acho tudo muito estranho. Ou o meu cérebro acha isso e fica me perturbando.

- Então eles torturam as pessoas e tipo assim? - eu pergunto para quebrar o silêncio.

- Tortura e tipo assim. - ele responde automaticamente.

- Então se eu fosse encontrada, o que eles fariam? Porque se-

Dev levanta da cadeira tão rápido que eu pulo para trás por reflexo.

- Chega. Basta disso. Amanhã vamos. - ele diz e com um gesto da mão faz a imagem desaparecer.

Até eu fico surpresa quando acordo e vejo que Dev ao meu lado ainda está dormindo. Ele dorme encolhido e sua testa está franzida como se estivesse preocupado. Ele tem mais expressão dormindo do que acordado. Ou talvez as pessoas normais sejam assim e os Artistas criam UROs com mais expressão para facilitar nos programas. Afinal, o público precisa saber de alguma forma o que a gente pensa. Saio logo da cama, porque meu cérebro não vai me deixar em paz.

Sento à mesa e ligo a planta para ver nossa rota de invasão. Assim que liga, o sistema indica uma nova marcação feita por Dev. Toco no alerta e a imagem se altera para mostrar o subsolo.

- Pronta? - Dev pergunta surgindo do nada. Eu pulo de susto e ele ri da minha reação. Sua risada rouca de quem faz isso uma vez por século. Muito bom humor, meu cérebro diz. Dessa vez eu sou obrigada a concordar.

- Claro. - eu respondo. Olho para a planta outra vez, onde está a marcação. Todo o trajeto até o subsolo foi apagado do nosso mapa. - Não, calma. Aqui fala que eu tenho que te esperar. Mas como nós chegamos aqui?

Ele vem até mim e fita os meus olhos sem nem piscar. O rosto despreocupado de manipulador.

- Medo?

- Nem um pouco.

A postura dele quebra e sua testa é tomada por linhas.

- Maya, talvez-

- Eu pensei que a gente já tinha discutido isso. Mil vezes. Eu vou sobreviver, Dev. - digo e empurro ele, girando na cadeira para levantar. Mas Dev segura meu braço e me puxa para perto.

- Não há volta. - ele diz. E em vez de responder eu entro no jogo de encarar. Os olhos verdes dele firmes no meu. - Maya, você confia em mim? – Dev pergunta. Eu respiro fundo.

- Só em parte do tempo. - respondo e ele sorri. Um sorriso tímido que dura só alguns segundos.

- Perfeito.

Assim que ele fala eu sinto meu braço doer e quando olho para baixo encontro uma seringa. Eu não levanto os olhos, porque sei exatamente o que vai acontecer.

A luz cegante é a primeira coisa que eu percebo. Meu cérebro toma a dianteira e solta o alarme. Tento me mover e percebo que minhas mãos estão presas para trás com uma algema pesada. A parede branca ao meu redor aos poucos fica visível e meu cérebro relaxa com o ambiente familiar. Mas eu não me deixo enganar.

Tento levantar e o peso da algema me atrapalha. Minhas pernas também estão mais fracas do que eu imaginava. Tudo o que eu consigo fazer é sacudir a cadeira fazendo o barulho ecoar por todo lado. Chuto o chão com força para extravasar a minha frustração.

Dessa vez não é tão ruim, meu cérebro diz. Eles até te arranjaram uma cadeira. Eu ignoro esse traidor e olho em volta. Apenas paredes lisas. Acima de mim a sala circular cresce para a escuridão sem um teto.

Escuto um jato de ar às minhas costas e em seguida passos.

- Pensei que nunca fosse acordar. - diz uma voz arrogante. O homem logo aparece no meu campo de visão, arrastando junto um carrinho com vários objetos em cima. Eu não conheço o homem, mas reconheço a voz.

- Olá, Keavy. - digo forçando o meu melhor sorriso falso. O homem paralisa e suas olheiras escuras se enrugam deixando apenas uma fenda para os olhos. - Eu estava realmente ansiosa para te conhecer. - completo.

Ele começa a ter uma convulsão ou está rindo, não dá para ter certeza, mas se recupera e arruma o jaleco branco impecável. É a única coisa nele que não parece ter saído de um pântano. Ele se aproxima mais até ficar bem na minha frente. Eu preciso levantar o queixo para encara-lo.

- Que hematoma é esse? - ele pergunta, e sua mão áspera agarra meu rosto

com força. Keavy está me olhando, mas não realmente olhando para mim. Ele observa a minha pele, os meus olhos e sei lá mais o que. Sua mão me faz virar o pescoço, toda a lateral do meu rosto dói, e sou obrigada a encarar a parede. Eu descubro que não tenho resposta para a pergunta dele.

- Que pena. - ele diz e me larga. Keavy limpa as mãos uma na outra. Ainda posso sentir seus dedos asquerosos apertando meu rosto. Eu me seguro para não chutá-lo. Ele vira para o carrinho e começa a organizar os objetos na mesa como um médico se preparando. Não estou nem um pouco ansiosa para descobrir o que ele vai fazer.

- Você não é muito como eu imaginava. - digo a primeira coisa que vem na minha cabeça. - Eu não esperava exatamente isso do meu pai.

Ele larga tudo e vira para mim no mesmo instante. Seus olhos como uma fenda outra vez e seus dentes perfeitos à mostra.

- Não sou seu pai. - Keavy fala e sua voz é quase um rugido. Eu sorrio.

- Calminha aí, foi só um apelido. E eu tenho algum pai? Ou mãe? Eu sempre-

- Se cale, friki. - dessa vez ele está tão contido que eu consigo ver os músculos retesados em seu pescoço por baixo da pele cinzenta.

- Você é o Artista. Me criou assim. Literalmente. - e o meu sorriso dessa vez não é nem um pouco calculado. - Nós estamos ligados, sabe? Eu sou-

Ele então está em cima de mim. As mãos dessa vez fechadas em volta do meu pescoço. O bafo quente direto na minha cara.

- Cale essa boca, friki. Você e eu. Não temos ligação. - ele resmunga e suas mãos apertam com mais força meu pescoço.

- Não foi o que pareceu... quando você disse que me criou. - eu digo com esforço.

- SE CALEM. - Keavy grita de repente. - CALEM. É MINHA.

Aproveito e levanto o joelho com força. Ele me solta e eu bato com a cabeça na dele. Keavy se afasta encolhido e eu aproveito para me levantar com tudo. As algemas mais pesadas ainda me puxam para baixo. Eu firmo os pés no chão e uso toda a minha força. Quase caio para frente depois de levantar.

- Desculpa se eu estou apressando, - eu começo a dizer, mas minhas palavras terminam em uma tosse. Me recupero e olho para ele encolhido no canto da sala. - Eu só cansei de ficar sentada.

Keavy levanta a cabeça para me olhar, seus olhos avermelhados transmitem a curiosidade de um garoto. Ele sabe que eu não tenho como sair. Minhas mãos estão presas e não há nenhuma saída na parede lisa, devem estar nos observando agora. Quando olho novamente, Keavy está segurando uma tesoura.

- É melhor você não chegar perto. - digo mais para ganhar tempo do que outra coisa.

- Ou o que? - ele levanta e está definitivamente sorrindo.

Eu fecho os olhos e respiro fundo. Nem de longe eu sou tão boa quanto Dev, mas abro os olhos forçando um sorriso e uma expressão despreocupada. Dou um passo a frente.

- Me diga você. - eu falo, e Keavy congela no lugar. - O que eu devo fazer em uma situação como essa? Como você programou o meu cérebro?

- Não funciona assim. - ele diz fazendo uma careta.

- Então como é? - eu dou mais um passo e sinto a energia se espalhar pelo meu corpo.

- Vá em frente. Já teriam me matado. Vão matar. - ele está encolhido, mas segura firme a tesoura, sem tirar os olhos de mim.

- Você não tem medo de morrer?

- Você não tem ideia. - Ele sorri.

Keavy ataca com a tesoura e eu desvio, mas ainda sinto algo raspar no meu braço. Eu chuto e ele cai para trás. No mesmo instante minhas algemas abrem e caem com um baque no chão. Eu quase caio junto com o equilíbrio alterado. Uma dor invade minha perna. Eu olho para baixo, ele cravou a tesoura em mim. Nossos olhares se encontram e eu chuto a cabeça dele.

Uma porta abre na parede e há apenas escuridão do outro lado. Escuto algum barulho distante. Tiro a tesoura e guardo no bolso, quando tento andar minha

perna reage sem forças e eu quase não consigo ficar em pé. Olho para o desgraçado no chão, está sangrando e desacordado. Prendo a respiração e vou mancando até a cadeira.

Quando o primeiro sai pela porta, eu abaixo a cadeira com tudo. Ela continua direto até o chão e bate com um estardalhaço. Na minha frente está Dev, com os olhos arregalados.

- Maya! - ele diz.

E eu quase não consigo dizer nenhuma palavra. Ele me agarra e me puxa para fora daquele lugar.

Quando entramos em uma sala vazia eu desabo na primeira cadeira que vejo.

- Falei para esperar! - Dev diz mal me dando tempo para respirar. Parece que tem agulhas na minha garganta, meu rosto dói e minha cabeça está latejando.

- Você demorou demais.

- Precisamos continuar. Rápido. - ele tira roupas dobradas de dentro de uma mala no chão e coloca em cima da escrivaninha ao meu lado. Então começa a tirar a roupa.

Pela primeira vez olho melhor onde estamos. É um escritório com duas escrivaninhas. Tudo aqui é branco. A única cor é na imagem da parede onde eu só consigo ler o título “LIGA: Uma Nova forma de Vida.” Eu de repente me sinto idiota por não ter entendido o que está acontecendo.

- O que eu mais gosto em você, Dev, é que você sempre me explica tudo.

Eu começo a tirar a camisa e descubro que meu braço também está sangrando. Dev se aproxima e termina de tirar por mim. Eu abro o sutiã, ele puxa as alças e toma cuidado com o corte no braço. Ele então para, segurando o meu pulso. Há uma pequena marca rosada. Nossos olhos se encontram ao mesmo tempo.

- Está bem? - ele pergunta. - Injetaram algo. - ele aponta para a marca.

Dev levanta o braço nu, há apenas um protetor enrolado ali. Ele passa os dedos pela superfície e palavras se materializam no ar. A mesma coisa da mesa no apartamento.

- Nada nos dados. - ele pega o meu outro braço e olha. - Você tirou o transmissor?

Olho para o meu braço. - Que transmissor?

- Eu implantei. Antes de-

- Você o que?

- Antes de vir. Está ligado. - ele continua falando. Então olha novamente as palavras no ar e depois faz tudo desaparecer. - Sem tempo. Está realmente bem?

Eu concordo com a cabeça e começo a abrir minha calça. Ele me ajuda a abaixar até o chão e pega a minha perna. Há sangue para todo lado. Um vermelho brilhante demais em uma sala tão branca. Dev começa a limpar.

- Te deixei na Liga. Te trouxeram para seção secreta. - ele começa a dizer. - Através de você. - ele faz um gesto com a cabeça para o meu braço. - Tive acesso a dados. Encontrei o remédio. - ao terminar de dizer aponta para um cilindro de metal no chão.

- Deixa eu ver se entendi. Você me fez ficar meses escondida fugindo da Liga, depois decidiu que a melhor opção é usar eles de babá. Sem me avisar. E fazer tudo sozinho.

Ele interrompe o curativo na minha perna para me olhar. Então abaixa a cabeça e volta a cuidar da minha perna. A pior parte é que eu sei o que ele está pensando. Limpo o sangue escorrendo pelo braço com a minha blusa para adiantar. Eu também estou um pouco irritada comigo por dar motivos a ele. E mais irritada ainda por ele não dizer nada, como se eu fosse uma criança idiota que não vai entender.

Dev faz os meus curativos, me entrega um macacão de corpo inteiro e até me ajuda a vestir. Porque eu provavelmente vou morrer fechando um zíper sozinha. Por cima, coloco um jaleco e guardo no bolso a tesoura. Dev se veste exatamente como eu. Coloco a máscara cirúrgica para cobrir o hematoma que ele causou e saímos.

Durante todo o tempo, Dev planejou roubar o remédio sozinho, a voz no meu cérebro fica repetindo como uma música pop irritante. Eu bloqueio a voz me

concentrando em não ser reconhecida no caminho. Mas nós somos tratados como fantasmas, parece que a única diferença daqui para a Área são as roupas brancas. Então eu lembro de Aman. Não faço ideia do que aconteceu com ele ou Oliv. Pelo menos estamos com o remédio.

Pegamos o elevador no 810º e chegamos ao andar escondido na planta pública. Ele é completamente diferente. As paredes são cobertas por um veludo vermelho e quadros majestosos ocupam espaços entre as várias portas no corredor. Até as portas mesmo brancas são totalmente diferentes. Feitas de madeira e com molduras bem desenhadas. Dá a impressão de que você vai encontrar os aposentos de um rei se entrar.

Não escuto nenhum som e nós avançamos rapidamente pelo labirinto de corredores. Ou estamos perdidos dando voltas, ou eles repetem a paisagem de alguns quadros.

Nós viramos e Dev para de andar, eu quase tropeço nele. Meu cérebro é atraído por um ponto escuro no corredor. Há uma porta aberta. Dev pega a arma e avança devagar. Eu vou atrás em passos silenciosos, o único som é o da minha respiração pesada.

Dev para ao lado da porta. A pouca luz do corredor que entra no quarto não mostra nada além de sombras escuras. Ele olha para mim. Eu dou de ombros. Ele levanta a manga, deixando visível o suporte em volta do braço, e passa os dedos pela superfície. Eu pego a minha tesoura. Então o negócio finalmente acende e ilumina o quarto como uma lanterna.

Lá dentro, há uma cama coberta de qualquer jeito por uma enorme colcha azul brilhosa. Um corpo está caído aos pés da cama.

- Vamos sair. - ele diz e me puxa.

Nós mal viramos a curva damos de cara com um homem. Se eu tivesse uma arma, eu teria usado. Mas quem tem arma é Dev e ele a esconde imediatamente. Os olhos do homem batem direto na tesoura na minha mão, então ele dá as costas e começa a correr. Troco um olhar com Dev.

No instante seguinte ele já cruzou o caminho até o homem e o agarrou. Chego a tempo de ver Dev jogando-o contra a parede, que treme inteira junto com o estrondo do impacto.

- Quem você é? – Dev pergunta. O homem se rebate tentando se soltar, e mesmo que seja mais alto e pareça tão forte quanto Dev, ele não consegue.

- Me solta, cara. – diz o homem.

- Foi você. Matou aquele no quarto. - Dev diz. Ao ouvir isso, o outro fica imóvel. Dev continua mantendo-o preso com o rosto contra a parede.

- Eu cansei dessa vida, tá me entendendo? – ele decide responder. – E não adianta me levar de volta, eu não sou mais escravo dessa bosta. Não quero mais o seu dinheiro. Foda-se você e essa casa inteira.

Eu olho para Dev e ele está sorrindo, mas quando percebe que estou olhando seu sorriso desaparece. O homem faz força para se soltar outra vez e mal consegue se mover com a mão de Dev em sua nuca. Dev então puxa e o joga contra a parede com força, causando mais um estrondo. Eu olho para os dois lados no corredor e ninguém parece ter ouvido. Quando olho novamente Dev está com os lábios na orelha do homem sussurrando algo, então ele solta e faz um sinal para mim.

Enquanto eu continuo imóvel, o homem se vira e passa a mão pelo nariz ensanguentado. Dev agarra minha mão e me puxa. Meu cérebro está dizendo que alguma peça está fora do quebra-cabeça.

Dev agarra meus ombros e se aproveita da própria força para me fazer encara-lo.

- Maya... Ele não faz ideia. Ele é um URO.

Eu olho para o homem, que agora está nos observando, e olho para Dev.

- Maya. Não podemos levar. Vamos. - ele tenta me puxar e eu não saio do lugar.

- Nossa, cara. Vocês também estão fugindo? - o homem pergunta. Ele segura a barra da própria camisa e olha de mim para Dev. Os cabelos cacheados perfeitos iguais ao de um modelo. Os traços do rosto dele são tão retos que parecem uma escultura grega.

- Dev, nós não podemos deixar ele aqui. - digo e me sinto instantaneamente idiota. Eu sou tão previsível. Dev continua firme como uma rocha e eu insisto: -

Por favor, Dev, vamos-

- Não.

- A responsabilidade vai ser toda minha.

- Não, Maya.

Eu respiro fundo e olho para o homem, parado em pé. Ele morde o lábio e olha para trás. Para a porta aberta.

- Dev, não estamos falando de um bichinho de estimação. Ele é uma pessoa. De verdade! - eu digo e minha voz já sai alterada.

- Ele não sabe nada! Ele nem é humano, ele é um- - e a palavra fica presa na boca dele, mas seus lábios completam: URO. Respiro fundo para não quebrar a cara dele.

- Qual é a diferença dele pra mim? - eu pergunto e empurro Dev para longe. - Eu sou uma garotinha indefesa que você precisa cuidar?

Os olhos dele se arregalam por meio segundo e então ele perde qualquer expressão. - Não, Maya. Mas ele é. Cuidar é risco. Foi criado para sexo. - ele fala em um tom monótono. - Você não. Você foi criada para sobreviver.

A raiva que cresce em mim é tão grande que meus olhos perdem o foco e eu sinto minha cabeça latejar. Meu cérebro me diz para correr disso, mas eu não posso fazer isso com as pessoas que precisam do remédio.

- Vocês, só, sabem da saída? Posso tranquilo sair sozinho. - o homem diz entrando entre nós. - Eu só estou um pouco confuso... e perdido? - ele faz uma careta enquanto coça a cabeça.

- O tempo. - Dev diz, desviando do homem e vindo para perto de mim.

- Eu não vou deixa-lo. - digo e só quando as palavras saem da minha boca eu entendo. Não é só por causa de um remédio que nós estamos aqui. - Eu não vou me esconder em um barraco. Eu não vou ver gente morrer em silêncio. - digo e respiro fundo, então viro para o homem.

- Se você quiser sair vivo, vem comigo.

“Assassinos continuam desaparecidos”, diz a manchete em letras brilhantes. Apoio o cotovelo na mesa e o queixo na mão olhando para imagem. Meus próprios olhos me encaram de volta na foto ao lado de Dev na página do jornal.

- Play. Página 37. Pausa. - digo e a imagem no ar se transforma mostrando um monte de letras. Basta uma leitura rápida para saber que é o mesmo de sempre. A grande história sobre como eu e Dev, dois agentes especiais, nos infiltramos na Liga para matar Org Angê, que é a identidade do homem que nós encontramos morto na Liga. É claro que mesmo sendo dois agentes treinados de alto nível, nós só conseguimos porque tivemos ajuda de um interno esquizofrênico, Keavy Eldelbrau. Agora ele está detido pela Corpol para ser interrogado.

Uma imagem relacionada na matéria me chama atenção. Puxo para destaque e abre um vídeo. Aparece uma mulher jovem de cabelo rosa com o nome da Liga escrito na roupa branca e já sei que é mais dramatização. O vídeo encerra com a mulher falando que por causa de “seres como essas frikis que acabam com a liberdade na Terra”, a Liga não vai poder mais ajudar médicos doentes.

Sem aparece carregando duas canecas e me entrega uma. O nome dele não é realmente Sem, mas acabou ficando isso porque ele não lembra. Dev diz que ele não tem, porque não se dariam o trabalho de nomear um URO ilegal criado para prostituição. Sem é um bom nome para mim.

- E então, vocês já viraram super-heróis ou continua a mesma de sempre? - ele pergunta, colocando a mão no meu ombro. Eu olho para ele e aponto para a imagem no ar.

- Mais para vilões. Nosso plano para dominar o mundo agora inclui ter contratado Keavy ano passado quando ele saiu da Brandcell.

- Quem é Keavy, mesmo? - ele pergunta olhando para a parede, os olhos apertados enquanto se concentra para tentar lembrar. Ele pelo menos lembra que eu já expliquei. Bebo a mistura doce que o delivery nos vendeu como café.

- Keavy, o Artista que me criou. Trabalhava para a Liga infiltrado na Brandcell. Ajudou a me roubar de lá. - digo e essas palavras na minha boca soam estranhas. Bebo o café todo de uma vez.

- Certo. Mas... O que tem ele mesmo? - só vejo os olhos de Sem me fitando

enquanto bebe na própria caneca. Eu preciso forçar um sorriso para não perder a paciência e explico outra vez.

- Protegendo a proteção. - uma voz diz e eu pulo esbarrando em Sem, ele quase derruba o café. Olho para Dev parado na porta. - Vencer a segurança deles, só duas pessoas. Imagine. Alguma organização leva a culpa. Guerra. - ele completa enquanto entra na sala. Tiro do bolso o papel com o contato de Ayr, alguém para quem eu devo ligar em caso de emergência, e mostro para Dev.

- Eu por acaso pedi ajuda e esqueci? O que você está fazendo aqui?

Dev me olha como se não tivesse entendido uma palavra do que eu disse. Ao meu lado Sem apoia o braço na mesa e olha para Dev.

- Vai um café?

Em vez de responder, Dev tira de uma pequena bolsa grudada na cintura um cilindro de metal e coloca em cima da mesa.

- Você tem razão. - Dev diz.

Sem coça a cabeça e olha de mim para Dev. Eu não consigo olhar para Dev. Mal dá para aceitar a presença dele ao meu lado. Já arrumei tudo para ir embora com Sem. E nem precisei fazer isso escondido, porque é claro que Dev não estava aqui para ver. Logo que chegamos no apartamento ele foi embora para entregar o remédio aos doks e receber o pagamento. O que ele não fez, porque o cilindro de metal está aqui.

- O que isso quer dizer? - pergunto.

- Tem razão. Os doks... Não são ajuda. Igual a Liga. - ele cruza os braços. - Não finalizei a batida. Fui atrás. Mas ninguém quer replicar. A Liga, a Corpol. Querem pegar a gente.

- Isso eu sei. - indico a imagem do jornal ainda flutuando no ar. - E ninguém quer desafiar a Liga, certo?

- Certo. E batida dos doks. Ninguém desafia os doks.

Eu olho para Dev. Ele está com um corte recente no canto dos olhos.

- Ninguém desafia ninguém nesse inferno de mundo, né? Os doks fazem o

que querem destruindo tudo, a Liga sai criando URO mesmo que só a Brandcell tenha permissão e a Brandcell... Sei lá, legalmente eles já fazem tanta coisa errada.

- É um mundo livre.

Eu olho para ele e sorrio, abro a boca pra responder, mas Sem apoia a mão no meu ombro.

- Maya, sei a resposta. - Sem diz.

- Qual é? - pergunto ao mesmo tempo que Dev.

- É... - Sem coça a cabeça.

Eu não aguento e levanto, quase tropeço em Dev que estava perto demais. Ele me segura e eu empurro, me livrando de seus braços.

- Sem, por favor!

- É aquele lugar, que você disse. Qual é o nome? Que vivem cercados, aquele negócio de próprias leis. O LIXÃO! - ele berra e bate as mãos.

- A Área?

- Isso! Sabia que era algo parecido.

- A Área precisa. E venceram os doks, na invasão. - ele diz em sua postura de soldado. Olho para o cilindro sobre a mesa. A imagem na mesa perdeu a luminosidade e o rosto da representante da Liga flutua no ar como um fantasma.

- Nós vamos fazer isso. Nós conseguimos! - eu digo e levanto os braços para comemorar. Sem levanta rindo, então para e faz uma pose estranha com os braços erguidos.

- Agora os super-heróis entram em ação.

Um homem com um lenço no rosto e uma arma nos braços se aproxima de nós. Depois de encontrar algumas ruas fechadas e vencer um trânsito, só falta ficar barrado na entrada. Parece que depois do conflito eles fecharam o fluxo. Há um enorme acampamento improvisado na rua em frente ao portão da Área. Pessoas que ficaram de fora e querem retornar para casa.

Dev sussurra algo para o homem. Eu olho em volta atrás de alguma alternativa. Só encontro pessoas aqui e ali em silêncio perto de suas barracas. O chão da rua está quebrado em várias partes e até o muro da cerca parece acabado. Não faço ideia do que aconteceu aqui, mas é sorte o portão estar em pé.

O homem coloca a mão no ouvido e vira o rosto, falando com alguém. Então ele nos olha e faz um sinal com a mão. Nós o acompanhamos rente a uma fila única em direção ao portão. São pessoas tentando a sorte na avaliação para entrar. Olhos acompanham o nosso caminho e eu sinto ódio, inveja e tristeza na minha direção. Pelo menos é isso que eu estaria sentindo no lugar deles.

Alguém tosse na fila e o nosso guia para. A pessoa não tem nem como fugir, surge um vácuo ao seu redor. Vejo a camiseta vermelha e reconheço Regin. Está ocupado demais tossindo para perceber a arma apontada em sua direção. Dev me agarra por trás no instante que ela dispara.

Regin desaba no chão, as roupas que segurava caindo para todos os lados. Um zunido irritante ataca os meus ouvidos. Olho para Dev, seu rosto é uma máscara sem expressão. Eu me apoio no corpo dele e respiro fundo. Preciso encontrar Aman, meu cérebro diz.

- Por favor. - Dev diz. E eu percebo que o nosso guia voltou a andar. Deixo Dev me puxar. Meu truque para ignorar o cérebro é colocar um pé no chão de cada vez.

A Área parece pior do que antes, se é possível. A multidão que tomava as ruas da última vez não está em lugar nenhum. O silêncio é tanto que a sola de nossas botas na terra chegam a fazer barulho. Isso me faz lembrar de quando eu chegava em casa gritando para ver se minha mãe já tinha voltado do trabalho. Acabo de perceber que eu não faço ideia de qual era o trabalho dela.

Quando chegamos no espaço da feira a Área parece ainda mais morta. Os caixotes estão espalhados e até revirados, sem nenhum mercador otimista por perto. Eu me dou conta de que há alguns olhos nas janelas no alto dos barracos. E isso é tudo. Meu cérebro decide que é hora para o alarme. Pelo visto, Dev também, porque ele coloca uma arma nas minhas mãos.

- Esconde. Só...

Eu pego a arma e escondo por baixo do casaco que estou vestindo. Uma

roupa de Dev pega às pressas para esconder o macacão branco da Liga por baixo. Ele caminha à minha frente, usando roupas de um tom marrom que se misturam com a cor da terra sob nossos pés.

Nós saímos por uma ruela lateral mais larga que as outras. O chão de terra vai sendo substituído por pedra. Um dos barracos se destaca por ser uma construção bem acabada no meio de uma miscelânea de cores. Há duas pessoas fazendo guarda na frente. Dev mostra algo tirado do bolso e nós entramos.

O barraco é um quadrado perfeito e vazio, a não ser por duas grandes almofadas no chão. As paredes são de uma madeira fina e na dos fundos ainda há um painel branco que mostra silhuetas do outro lado. Tudo é completamente limpo em contraste com a poeira lá fora.

Uma das pessoas de guarda aparece e diz que Jor aparecerá em breve. Eu sento em uma das almofadas, porque minha perna ainda dói em pé. A pessoa entra na porta nos fundos ao lado do painel e eu vejo sua silhueta aparecer do outro lado. E fica imóvel ali.

Eu cruzo os braços para garantir que a arma está segura por baixo da roupa. O remédio está com Sem, que não é “o tipo de cara pra essas saídas.” Eu só espero que consiga manter a memória enquanto está sozinho. Pelo menos pelo tempo necessário.

Começo a ficar nervosa. Dev está atrás de mim igual a uma estátua. Finalmente uma nova silhueta surge no painel e a porta abre. Um homem entra, não é Jor e eu abaixo a cabeça para ouvir a desculpa.

- Então vocês me chamaram, certo? – a voz é tão fina que eu levanto os olhos novamente para ver de onde veio. E foi do homem. Que é uma mulher.

Jor tira a máscara do rosto e sorri, então faz uma pequena reverência para Dev.

- Pulemos apresentações. Direto ao caso. – ela diz e se senta na almofada à minha frente. – O que você quer comigo? - pergunta, com o queixo erguido para olhar Dev. Sinto ele se aproximar de mim.

- Jor, temos a cura. Fim da epidemia.

- Por que eu acreditaria em você? – ela pergunta.

- Você disse, direto ao caso. A Liga me procura. Eu sei, Maya sabe, você sabe e até aquela porta sabe. - Dev diz e realmente aponta para a porta. Eu me seguro para não sorrir. - Você sabe que eu roubei.

Ela sorri para ele. - Mídia não falou de remédio. Até o que sei, suas cabeças valem uma fortuna. O que te faz pensar que não vou chamar a Corpol agora?

Olho para Dev e ele parece até estar se divertindo.

- A cura. Ela pode salvar pessoas.

- Ou matar. Desafiar mais os doks... Não parece um bom remédio.

- Não se vocês dividirem a cura. - eu digo. Jor nem se dá o trabalho de olhar para mim.

- Dev, eu gosto de você. - ela levanta da almofada. - Eu pagaria um braço por você na Área.

- Você sabe. Não faço afiliações.

Ela contorna as almofadas e se aproxima de Dev. - Eu sei, eu sei. A porta sabe, até essa aqui sabe. - ela aponta para mim. - Liberdade é o seu forte. Sempre admirei esse seu... poder. Sem preço que te domine. - então sorri até ruguinhas aparecerem no canto de seus olhos. Ela apoia a mão no ombro de Dev. - Dev, gente morre o tempo todo. Essa é a única certeza. - ela pega a mão dele, passa o dedo pelas cicatrizes. De repente solta e se afasta em direção ao painel. - O que eu não sei é por que você se importa.

Pela primeira vez ela olha para mim. Sinto meu rosto esquentar, mas não desvio o olhar. Eu já odeio essa mulher. Preciso cerrar os punhos para não fazer algo pior.

- Então nós vamos embora. – Dev diz finalmente quebrando a tensão. Eu coloco as mãos no chão para me levantar.

- Ainda não. – a mulher diz. – Nos últimos dias, Dev, pensamos muito.

E é aí que eu levanto mesmo.

- Bom saber que apreciam a prática. – Dev diz com um sorriso e cruza os braços. – A minha honra, qual é?

- Nós percebemos que temos uma peça valiosa.

- Nós. – Dev repete.

- Nós. – Ela reafirma. - Há algumas coisas sobre os doks e a Área que você esqueceu. - Jor abre um sorriso, os lábios se esticam de uma forma afetada. – O equilíbrio de poder vai mudar.

Eu cruzo os braços para ter a arma à mão. A madeira range às minhas costas e é claro que não estamos sozinhos. Continuo imóvel me esforçando para parecer despreocupada.

- A Brandcell? Impenetrável. A Liga? Até pouco tempo impenetrável. E nós? O Desfiladeiro, a Área e todos os outros fora do território dos Niveladores? - ela sorri e tira uma faca do bolso. Preciso resistir ao impulso do meu braço para pegar a arma. - Nós mal temos armas. - ela joga para trás. - Essas merdas não servem. É brincadeira de criança. Agora, você...

Jor encerra seu show com um sorriso tão grande que eu mal noto os homens que avançam. No último segundo, reflexos tomam conta e eu abaixo já com a arma na mão. Aperto o gatilho na perna do homem. Em vez de uma explosão, a arma fica pesada e eu escuto uma descarga elétrica. O homem desaba. Mãos me agarram e eu viro a arma, mas dou de cara com Dev. Ele me arrasta para longe.

Estamos encurralados no canto por umas cinco pessoas cheias de facas, barras de ferro e correntes. Entre nós três corpos estão caídos, Jor em nenhum lugar. Um homem joga a corrente e Dev entra na frente, recebendo o golpe no braço. Ele puxa o homem e todos decidem vir ao mesmo tempo. Eu encosto a arma na mulher mais próxima e puxo o gatilho. Ela desaba e eu sou empurrada por alguém caindo. Minha maldita arma precisa recarregar e um punho explode no meu rosto. Tão forte que a próxima coisa que eu vejo é o chão. Eu levanto rapidamente e dou de cara Dev.

- Está- - ele arregala os olhos e congela com a boca ainda aberta. Seus olhos verdes perdem o brilho e Dev desaba, me deixando frente a frente com uma mulher gigante. Eu disparo a arma antes de ela reagir.

Eu levanto e escuto passos vindo, minha arma não vai ter carga. Meus olhos encontram uma barra de ferro no chão e eu agarro, já girando o corpo e acertando a primeira pessoa que aparece em cheio no rosto. Na segunda eu dou um disparo. A terceira aparece e eu giro com a barra novamente. O metal se choca contra o peito do homem e ainda assim ele continua avançando. Seus braços gigantes me agarram, eu mordo seu ombro e acerto o cotovelo em seu rosto. A dor explode pelo meu braço e nas minhas costas ao mesmo tempo. Escuto um estalo, o vazio me envolve e um baque violento me sacode.

Abro os olhos para o céu cinza. O peso do homem me amassando. Grudo a arma na testa dele e disparo. Apoio meu braço no chão e quase caio porque ele falha. Preciso me arrastar para sair de baixo do corpo e levantar com o braço bom. Estou na viela ao lado da casa. Não há ninguém por ali, mas escuto vozes bem na rua ao lado. Dev está em algum lugar no meio dos corpos lá dentro. Meu cérebro grita. Eu pego a barra de ferro, seguro firme a arma e saio correndo na direção oposta.

Chego ao final do beco tropeçando em degraus de objetos amontoados e viro à direita, correndo cegamente para longe. Entro em mais algumas ruas e becos e percebo que as casas começam se afastar. É exatamente para onde eu tenho que ir. Avanço rápido pelas ruas vazias.

Quando as casas do aglomerado se transformam em pingados no meio do lixo, eu procuro a floresta de Aman. Continuo correndo até perceber que um amontoado de cotocos é o que era a floresta dele. Tanto o barraco que eu fiquei quanto o de Oliv estão visíveis do outro lado.

Chego na casa dela e subo os degraus com tudo, quase tropeçando na cortina da entrada e escorregando no tapete da frente. Oliv está sentada sobre sua mesa de madeira separando pedrinhas, ela nem levanta a cabeça.

- Maya. – ela diz com ar de fatalidade.

- Oliv, eu-

- Maya. – ela repete. E parece um robô maluco. Eu viro para ir embora, mas em vez da colcha de retalhos aconchegante encontro o cano de uma arma.

- Quietinha aí. – escuto a voz fina. – Largue as armas. – ela diz, eu continuo imóvel e plenamente consciente da barra em uma mão e da arma na outra.

Passos às minhas costas me indicam que há mais pessoas dentro do barraco de Oliv.

- Precisa de ajuda para largar as armas? - a voz atrás de mim pergunta. É do homem que eu havia pensado que era Jor. Estou encurralada entre os dois. Forço minhas mãos a soltarem as armas.

- Isso. Fique quietinha. Adoks está louco para te conhecer. - Jor diz.

Mãos tocam o meu pescoço e afastam o meu cabelo, sinto um metal frio encostar na minha nuca. Eu olho para Oliv. Ela continua de olhos abaixados mexendo em suas pedrinhas como se nem estivéssemos aqui. As pedrinhas são escuras e todas do mesmo tamanho. São grãos, a voz no meu cérebro diz. E Oliv está contando. 3, 2, 1...

Acordo com um clarão nos olhos e há muito barulho. São gritos. Eu tento me mover e percebo que minhas mãos estão amarradas nas costas. Então eu apoio o rosto sobre o chão de cimento e rio. Rio porque essa é a maior piada de todas. E porque não é como se eu estivesse muito melhor nas horas que ninguém decide me amarrar.

Quando meus olhos se acostumam, vejo uma figura escura parada a poucos metros de mim. Ainda é difícil enxergar com tanta luz, mas consigo enxergar melhor onde eu estou. É como uma quadra cercada por grades altas. Além delas apenas escuridão. É de lá que os gritos vêm.

Consigo sentar mais fácil do que imaginava. Escuto uma voz alta e pulo para trás por reflexo. Mas a voz vem de todos os lugares. É de um homem dando boas-vindas.

Outra luz acende sobre a figura a poucos metros de mim e eu vejo o homem sorrindo para o nada. Ele é grande demais e seus músculos são visíveis pela camisa apertada. A cabeça lisa brilha na iluminação.

- Bdoks, Cdoks, Zdoks e outros. - ele diz, sua voz amplificada. - Vejam. - ele

então aponta para mim. As pessoas berram em resposta. - Se eles têm os brinquedinhos, por que não temos um também?

Ele mal termina de falar e as pessoas gritam novamente. Uma imagem se materializa atrás dele e cenas começam a passar. Eu me reconheço imediatamente ao lado de Dev. Estávamos correndo por uma rua sendo perseguidos pelos zumbis. Meu cano na mão, meu cabelo maior e a pura imagem do desespero. Ao meu lado Dev parece que está apenas correndo por diversão.

- A coisa que temos aqui é uma original da Brandcell.

As pessoas gritam outra vez. Eu quero tentar me afastar, mas sei que não vou conseguir fazer muita coisa. Levantar com as mãos presas desse jeito está fora de cogitação. Não arriscaria cair na frente de todo mundo. Começo a tentar me soltar, é uma corda horrível e grossa que raspa na minha pele machucando. Até onde eu sei meu cérebro não foi carregado com nenhum conhecimento sobre isso. Espero que eu esteja errada.

- A partir de hoje. - o homem diz, se dirigindo às pessoas ao nosso redor. - O mundo vai saber que Brandcell foi quebrada. E quem fez isso?

Um mar de gritos entoa “doks.” Depois eles continuam gritando como animais selvangens. É como se estivéssemos cercados por um exército de monstros na escuridão.

- Hoje conheçam a libertação.

As luzes apagam e a escuridão é quebrada por uma nova luz. Dessa vez fora da grade. O mesmo Dev despreocupado da imagem está ali. Ele também está com as mãos presas para trás e várias pessoas armadas o cercam.

Essa é a minha chance. Eu aproveito a escuridão e levanto. É um esforço vergonhoso, ter que me curvar e girar as pernas, mas por fim eu consigo levantar. A corda continua prendendo meus braços. Não sei realmente se fiz algum progresso ou se só me machuquei mais.

A luz acende em cima de mim e eu contenho meu susto.

- Hum... – o homem diz ao me ver. – Olha o ratinho.

Ele começa a caminhar na minha direção. Eu tento com tudo soltar minhas

mãos. Meus dedos mal alcançam o nó. Ele continua a vir. Eu começo a andar para trás. Ele acelera o passo. Eu chego para trás com mais pressa. Meus dedos finalmente conseguem agarrar a corda do nó. Meus dedos doem pela força para puxar. A dor se espalha pela minha mão. Bato com as costas contra a grade. Tudo balança fazendo barulho. Eu congelo no lugar porque o homem continua na minha direção. Um sorriso enorme aparece em seu rosto.

Ele para na minha frente. Exatamente na minha frente. Ele é um pouco mais alto do que eu. Ele está perto demais, o corpo grudado no meu.

- Olhem isso. – ele diz, sua voz ecoa alta por todo o lugar. – A coisa quer voltar para o dono.

Eu sorrio em um reflexo doentio e mordo o lábio para me conter. Fito os olhos verdes dele sem piscar.

- Você está com ciúme? – pergunto e escuto minha voz repetir as mesmas palavras amplifica. Eu me seguro firme para não deixar escapar uma reação. E consigo mais. Eu inclino o rosto para cima, deixando meus lábios tocarem os dele.

Ele se afasta por reflexo e eu levanto o joelho com força. O gemido de dor dele é amplificado. Tiro meu corpo do alcance dele e corro para longe.

- Foge! - ele berra. O grito das pessoas ao redor me acompanham.

Eu chego à grade do outro lado. Minhas mão estão doloridas, mas eu continuo a tentar soltar a corda. Levanto o rosto e pela primeira vez olho lá fora. Estamos no pátio interno de algum prédio. As pessoas estão espremidas nas varandas dos diversos andares. Meus olhos encontram facilmente o único lugar onde há espaço. Uma varanda com Jor e outras pessoas. Ela sorri para mim.

Viro em um reflexo de sorte e encontro o homem a poucos metros de mim. Ele está parado me observando.

- O que foi? Agora está com medo? - pergunto. Ele move os olhos de mim para Dev.

- Coisinha irritante essa que você tem. - ele diz para Dev. Como se eu não estivesse aqui para ouvir. - Eu vou ter que ensinar a ela bons modos.

- Vai ser hoje? Porque eu não tenho o dia inteiro. - digo obrigando-o a olhar para mim.

Ele bufa como um touro e parte na minha direção. Eu desvio a tempo. Ele vira e soca. Eu abaixo. Ele chuta. Eu pulo para trás. E outra vez. Ele soca, eu desvio, ele dá outro soco e eu desvio, ele chuta e eu bloqueio com o ombro. Má ideia. Ele acerta no machucado e a perna dele é como um tronco. Eu tropeço e saio correndo ao mesmo tempo, de algum modo conseguindo não cair. Minha respiração acelerada.

Ele é tão pesado que eu escuto os passos dele no cimento atrás de mim. Eu sou mais rápida. Não sei por quanto tempo. Estou quase alcançando a grade do outro lado. Sinto ele bem atrás de mim. A corda nos meus pulsos cede. Paro de correr em reflexo e mando meu cotovelo para trás com força. Assim que encosto nele, um choque explode pelo meu cotovelo e eu saio correndo sem conseguir mover meu braço. Olho para trás e vejo que ele parou. Está com as mãos enormes sobre o rosto ensanguentado. Dessa vez eu sorrio sem pensar. Meu braço um peso dolorido ao meu lado.

Uma risada explode no alto-falante. Ele está limpando o sangue da mão na camisa.

- Corra, corra, rato. Você não tem para onde correr.

Os gritos ao nosso redor explodem novamente. Encontro a porta para sair pela grade. Do lado de fora há várias pessoas de guarda. Depois delas estão todas as pessoas assistindo. E eu ainda precisaria descobrir a saída dentro do prédio.

Ele está plenamente consciente disso e vai caminhando até o ponto da grade mais próximo de Dev. Como se eu não existisse. Ele se apoia na grade.

- Está vendo o seu rato? - ele pergunta. - Isso é só o começo. Essa coisa agora é nossa.

- Já entendi. - Dev diz e a voz dele também é amplificada. - Quer o que, Adoks?

- NÓS vamos nos vingar. NÓS vamos tomar a cidade!

- Olha as palavras. O que está falando, você não faz ideia.

Adoks soca a grade com força em resposta. Chega a tremer até onde eu estou. Ele vira e começa a andar na minha direção novamente. Passos pesados. Eu corro para longe e ele corre também. Mais rápido do que eu imaginava. Faço a curva derrapando e viro. É quando eu vejo que não vai dar. Ele se choca com tudo contra mim e caímos juntos sobre a grade. Tento me afastar, mas ele é grande demais e agarra o meu cabelo. Chuto a perna dele e sinto minha cabeça ser puxada. O chão aparece rapidamente e eu sinto a dor explodir em todos os lugares no meu rosto. Ele puxa minha cabeça e me levanta. Eu mal consigo respirar, sangue está pingando no meu rosto, sinto meus pés perderem a base e serem arrastados. Então a mão me solta e eu desabo no chão.

A dor vem de todos os lados e eu mal consigo abrir os olhos. Eu não deixo isso me vencer. Apoio meu braço bom no chão e levanto o rosto. Primeiro eu vejo a grade. Depois Dev do outro lado. O rosto dele está retorcido em raiva. Várias mãos o prendem no lugar.

- Quem? Quem não sabe? - eu só escuto a voz de Adoks perguntar. Minha cabeça está doendo. O meu rosto está doendo. Está tudo doendo.

- Eu faço o acordo. - Dev berra. - Você tem que deixa-la ir.

- DEV! – eu berro de raiva. Adoks pisa nas minhas costas e eu não consigo me sustentar só com o braço. Apoio o rosto no chão vendo Dev desaparecer do meu campo de vista. Eu me concentro em respirar enquanto eles continuam a falar de mim. As palavras vindo de longe. Os dois continuam combinando o meu futuro. Cada trecho é pontuado por gritos de apoio. Até que vem a explosão.

Eu abro os olhos assim que o peso nas minhas costas desaparece. Eu viro o corpo e encontro Sem com a arma apontada para Adoks. Outra explosão sacode o chão.

- Se afasta. - Sem diz. A voz dele não está amplificada, eu mal escuto. Adoks dá um passo para trás, olhando de Sem para mim.

Sem dá a volta sem deixar de mirar a arma nem por um segundo e me entrega outra. Eu pego e levanto. O metal frio pesando na minha mão. Essa é uma arma de verdade. Nós dois apontamos para Adoks, que parece apenas irritado.

- FRIKI! - ele berra. - Acha que me matar adianta? - pergunta olhando para Sem. - Me matar por esse rato?

Eu seguro a arma com mais força e dou um passo. Adoks sorri e finalmente olha para mim.

- Atira. - ele diz, e dá um passo a frente. - Atira bem aqui. - ele pressiona o dedo contra a própria testa deixando uma marca de sangue. - É isso o que lixos como você fazem. Destroem a humanidade. - ele avança mais e cospe no chão. Eu seguro o dedo contra o gatilho, sem aperta-lo.

- Quem é você pra falar alguma coisa sobre humanidade?

- Quem eu sou? - ele avança e sorri.

- Olhe a sua volta. Olha esse lugar. Pessoas estão morrendo.

- Porque vocês vermes estão matando!

- Não, Adoks. É você.

Ele fica em silêncio. Estamos próximos demais. Minha arma quase encosta nele.

- Você acha que eu não sei disso? Quer ensinar logo a mim?

- Então... por quê?

Adoks arregala os olhos e vem para cima de mim. Eu desvio e ele passa direto tombando no chão. Fico imóvel com a arma no ar pronta para atirar. Sangue começa a molhar as costas dele. Quando olho em volta encontro uma mulher loira em pé a poucos metros. Ela dá de ombros.

- Esperei muito tempo por isso. Atrapalhou a conversa? - ela diz.

- Vamos só sair daqui, por favor. - Sem diz, estendo a mão para mim.

Só quando estamos saindo pelo portão eu percebo que Dev está com a gente. Nossos olhares se encontram e ele desvia.

Se não fosse a ajuda dos outros, eu nunca teria saído da base dos doks. Sem me segurou enquanto Dev e Ayr abriram caminho no meio do caos até aqui. Há tantas pessoas correndo que é como estar no início da infecção outra vez. Gritos de medo e de ameaça se misturam, as explosões vêm logo atrás fazendo tudo tremer e eu preciso me agarrar mais ainda a Sem. Mesmo com meu cérebro bem

preparado ativo, eu não teria conseguido sozinha atravessar o mar de pessoas, carros da Corpol e da Liga, brigar até com soldados da Área e encontrar o meu caminho. O mundo fabricado do programa é muito simples: você contra zumbis passando por cima de outros sobreviventes. Aqui todo mundo é um pouco zumbi e um pouco sobrevivente lutando cegamente pela própria voz.

- Desbloqueado. - Ayr diz, e Dev abre a porta do carro da Corpol. Eu entro correndo e vou para a última fileira de poltronas, Dev vem logo atrás de mim e fecha a porta, enquanto Ayr e Sem entram na frente. Em seguida o carro parte e eu apoio a cabeça no banco de olhos fechados, deixando o movimento me levar para longe.

Meu cérebro me avisa que algo se move ao meu lado, eu tento ignorar e ele insiste que pode ser um escorpião e que eu preciso olhar. Antes que a gente comece uma discussão sobre a probabilidade de haver um escorpião ao meu lado, decido abrir os olhos, só para encontrar Dev. É claro que eu sabia que era Dev, e é claro que meu cérebro estava certo sobre o escorpião. Acabo de perceber que eu nunca vi um escorpião na vida, mas eu sei o que é.

- Maya. - Dev me chama de volta para a Terra. O lábio dele está partido em um corte recente, mais uma cicatriz para sua coleção.

- O que foi? - pergunto.

- Posso? - ele aponta para uma caixa de primeiros socorros em seu colo. Uso meu braço que funciona para garantir que não tenha qualquer coisa que possa me deixar inconsciente, encontro uma seringa suspeita com o símbolo da Corpol, o que é uma grande ironia se você pensar que logo eu vou me curar usando algo da polícia privada do governo, mas se eles não dão o que as pessoas precisam, não tenho nada contra roubar à força. A mão de Dev toca na minha quando ele pega a seringa.

- Não vou, Maya. Te apagar. - Dev diz.

Eu não sei para que as coisas ali servem e acho que se algo acontecer a Keavy, eu nunca vou saber o motivo de eu não entender nada sobre curas, porque isso é algo que uma pessoa precisa para sobreviver ao apocalipse. Dentro do programa eu teria morrido se não fosse... Dev.

Eu olho para ele. Quando nos encontramos, eu tinha acabado de escorregar

fugindo de outros sobreviventes e aberto um corte fundo na perna. Na época eu achei que foi sorte conhecer alguém que podia me ajudar, agora eu tenho certeza de que Keavy é um maldito gênio. É claro que eu não sei nada sobre remédios, eu fui criada para depender da cura de Dev. Afundo no sofá e fecho os olhos.

- Sou toda sua. - digo. Em seguida as mãos de Dev estão por todo lugar, tirando a minha roupa, calculando com cuidado para limpar o sangue sem me machucar, passando pomadas por todo lado. Eu olho para ele, está com os olhos verdes fixos no meu braço machucado quase como se pudesse enxergar através e encontrar a solução. - Me diz que você não é um URO criado para me salvar. - falo e pelo meu tom de voz parece que estou implorando. Dev para e me olha.

- Não. Acho que não. Se fosse, o contato de Ayr seria memória, não verdade. - os olhos dele desviam, como se ele buscasse mais respostas. – E tem as batidas. Tem os-

- Certo, eu entendi. Às vezes é difícil separar a memória da verdade. - eu falo para encerrar e deixo ele voltar ao meu braço.

Dev continua até decidir que meu braço está imobilizado o bastante e que os outros ferimentos precisam de atenção.

- Estou errado. - ele diz, de repente. - Desculpa.

- Eu já ouvi isso. - respondo, sem nem abrir os olhos, mas então Dev segura meu rosto com cuidado e me puxa para perto.

- Maya. Estou errado. De verdade. Eu quis te guardar, porque eu nunca tinha encontrado algo assim antes. - ele fala cada palavra com um esforço enorme e eu nunca realmente tinha ouvido ele completar uma frase tão grande, mas ele não terminou. - Você sempre... O remédio, você não precisa. E você luta. Mesmo que não seja a sua causa.

- Eu fui criada assim.

- Todos somos produtos. - ele responde, e eu reconheço o slogan da Brandcell. - Mas nós também somos nós.

Ele me solta e coloca a caixa sobre o meu colo.

- O que é isso? - pergunto.

- Eu quis te salvar, mas estava me salvando. Você estava certa. - ele para um instante, com a língua entre os dentes. Então recomeça a falar com dificuldade: - “Está todo mundo lutando por algo sem dar a mínima pela causa do outro, por isso é que ninguém se entende nesse maldito lugar.”

Depois Dev pega uma pomada, começa a explicar para que ela serve e me pede para usar no braço. É difícil fazer tudo com uma mão só, mas o meu cérebro entende rápido e logo estou cuidando das feridas de Dev enquanto ele fala sobre quanto tempo um hematoma dura. Até que um grito nos interrompe.

Sem está de joelhos no banco da frente virado para nós, os olhos de Ayr nos fitam pelo retrovisor.

- Winstall ficou, estrada a frente. - Ayr diz.

- Eu deveria lembrar para onde nós vamos? Porque eu realmente não lembro. Nós vamos para algum lugar? - Sem pergunta coçando a cabeça. Eu viro para Dev, mas ele está me olhando e ergue as sobrancelhas.

- Nós temos um remédio que precisa ser replicado para ontem. Alguma ideia de como distribuir para as pessoas?

Meu nome é Karina

Ben Hazrael

I.

“Nunca pensei que esse lugar pudesse me deixar ainda mais seca…”, pensei enquanto roia uma unha após a outra. Eu sou Karina e não Ariana e não Viviana. Sou Karina. E por isso estou aqui, de castigo, aguardando uma chamada que pode me levar ao inferno ou ao paraíso. O inferno são os outros, o inferno é você mesma.

Em pé diante, da tela de meu apartamento, aguardo pela resposta da doutora Mariza. Dez, vinte, trinta minutos ali de frente àquela tela, aguardando, caminhando de um lado a outro, deixando meus dedos em carne viva e sangrando. Não tenho muita paciência para quebrar coisas, mas não consigo perdoar minhas unhas. Meus olhos violetas percorrem a tela de 45 polegadas de um canto a outro, esperando algum sinal que fosse (mesmo que sabendo que esse sinal não existiria, afinal, uma tela 3D é acionada ou não, a menos que estivesse com algum defeito, o que, no fundo, eu não duvido que venha a ocorrer justamente agora). Fixei os olhos, então, no centro da tela e permiti que minha mente viajasse na sensação tenebrosa da espera.

“E essa espera, essa maldita espera é pior que qualquer outra coisa, é pior que enfrentar sozinha uma legião de cães sarnentos do Leblon, é pior que reencontrar ex-namorado, é pior que pedir peixe e trazerem frango e dizerem que é tudo a mesma coisa. É tudo carne branca mesmo, é pior que enviar email marcando um café e a pessoa não responder, é pior que qualquer outra coisa que consigo me lembrar.”

De tanto percorrer estes sete metros quadrados da sala, vou acabar por afundar este prédio, vou fazer tudo desabar, mas o bom é que deixarei de viver num mesmo prédio com a maior quantidade de gente medíocre por andar que há em todo prédio que seja do Rio de Janeiro, mas eu tenho de esperar, Karina precisa esperar, maldita hora que aceitei entrar nesse programa da doutora

Mariza, maldita hora que comecei a acreditar que poderia romper essa realidade que parece mais karma, estes remédios que te entopem, Karina, são karma em pílulas, não há como escapar...

Uma imagem na Phanx 3D surge. É a doutora Mariza. Seu sorriso radiante de propaganda de margarina ganha a simpatia de qualquer pessoa, mesmo que a doutora Mariza queira mesmo te foder com garapa, mas desde que a conheço não consigo resistir em não lhe devolver o sorriso. É aí que sinto que começo a perder.

- Você está linda, Karina. Desculpe, oi, primeiro, não é?

- Oi, doutora Mariza. Passei a manhã na Cin, alguma coisa tinha de funcionar pela manhã...

- Ansiosa?

- Se estou ansiosa? - que pergunta era aquela, gente?

- Sim.

- É claro que estou ansiosa, espero por esse dia há quantos meses? Seis? Nove? Sim, nove meses, uma gestação praticamente...”

- Tudo bem. Quando você pode vir à Universidade?

- Agora? Ah, não inventaram ainda a máquina de teletransporte e a senhora não é física, é psicóloga e neurologista, então acho...

- Tudo bem, Karina. Entendi. Lucas vai te buscar no heliponto do Edifício do Espaço Rubem Fonseca. Leve suas credenciais classe PKD, estão muito rigorosos com usuários classe RB. Esteja lá às 15h:00min. Traga algumas roupas e se quiser, até mesmo aquela sua velharia...

- Máquina de escrever. A senhora sabe que gosto de antiguidades, ainda mais algumas bem úteis quando nossa vida vai virar da cabeça pra baixo, mas não vou precisar dela. Não agora.

- Você está preparada, Karina. Não se preocupe. Estou lhe aguardando. Fique bem, querida.

- Obrigada, doutora Mariza.

A tela fica escura. Meu coração parece querer saltar do peito. Além de transpirar, começo a inspirar profundamente. Corro até meu quarto. Olho, na penteadeira, o holorretrato de Javier e Beth, me acalmo, mas só um pouco. Sento na cama, melhor, me deito, fecho os olhos, abro-os novamente, agora meu espírito está levitando, olhando para este corpo deitado na cama que sou eu. Tudo faz sentido, uma luz que sai do holorretrato me atinge em cheio na cabeça, começo a rodar, rodar, rodar...

Acordo.

Estou de frente à tela. Doutora Mariza acabou de encerrar a chamada. Tive mais um delírio, um efeito da medicação que venho tomando há nove meses, medicação que chamo de meu santo graal, medicação que vai me fazer nascer de novo, que vai me fazer ser uma novamente, não duas pessoas em uma.

II.

Estou me maquiando com pressa. O que sempre é um desastre. Lápis no olho. Mais batom. Doutora Mariza me disse que um dos efeitos da mescalina é alterar a percepção da realidade, mas aqui, de frente ao espelho, fico me perguntando se além de alterar, ela é capaz de criar uma realidade. Não é medo, mas qualquer cirurgia é perigosa e vão abrir minha cabeça. Até que ponto vale a pena? Então, me lembro de meu pai e tudo volta a ter sentido, do porque ter me submetido a essa experiência e todas as suas consequências. Sabe o que é pior que se sentir vazia? É se sentir duplamente vazia com um monte de lembrança que quero apagar ou ao menos deixar presa num nanochip esquecido na minha penteadeira. E termino lembrando e parece que é meu maldito pai que fica me contando, me relembrando e me recriminando por não ser quem ele queria que eu fosse, me fazendo querer desaparecer antes e agora num buraco neste céu poluído do inferno.

Ainda me olhando no espelho do banheiro, começo a perceber as sutis mudanças no banheiro, que não é mais um banheiro, é uma cozinha. E a textura do lugar parece diferente, está mais acinzentada, quase arcaico. Sei onde estou. Estou na casa de meus pais. De tanto pensar no demônio, ele voltou. Começo a chorar, me sento no piso frio do banheiro molhado e deixo as lembranças voltarem para aquele maldito dia.

Você deve ter aberto a porta da sala de nossa casa e caminhado sem muita pressa e ido diretamente à cozinha. Antes, todavia, deve ter deixado o sobretudo e o chapéu dependurados naquele velho porta-qualquer coisa e seguiu a passos curtos até a cozinha. Lá, abriu a velha geladeira e retirou o leite de cabra - ou que bicho geneticamente modificado que fosse, talvez até leite de dragão - que gostava de beber sempre que chegava em casa. Bebeu longos goles.

Deve ter sorrido e imaginado que um descanso lhe cairia bem. Uma folga inesperada cairia bem para o homem da casa e a aproveitaria descansando na sua cama larga, esperando sua mulher atender todos os seus pedidos, quer dizer, pedidos não, ordens, né? Também presumo que deve ter retirado seus sapatos ainda na sala e caminhado silenciosamente até o seu quarto e o de minha mãe, deve ter pensado que a vagabunda não tinha feito o suficiente mais uma vez, que toda a responsabilidade caia em seus ombros de homem, um homem provedor, como dizia seu avô que lhe ensinou como um homem deve ser, mesmo um cientista. Mas antes, imagino, deve ter ido até meu quarto para verificar se estava por lá. Mas não, eu não estava, o que deve ter despertado ainda mais nojo de mim, pois era isso que sentia, não é, pai? Nojo. Imaginou-me no quarto mofado destinado aos netos problemáticos de minha avó. Netos. Não netas.

Mas ao chegar ao seu quarto e ao abrir aquela porta que por tantas vezes abriu houve o choque. Havia duas mulheres nuas na sua cama, abraçadas uma à outra, envoltas por apenas um lençol de cetim ou sei lá o que. E quem eram elas? Deve ter se indagado. Uma era uma estudante de medicina que conhecia da UFRGS, Angélica, e a outra, bom, a outra era sua mulher, Danila.

Estático você deve ter observado por alguns minutos aquela cena e deve ter se indagado simplesmente: por quê? Eu até tenho resposta, mas nem vou perder tempo te respondendo. Você nem está aqui neste banheiro, está enterrado, carcomido por vermes, só osso, unha e cabelo e nem muito cabelo você tinha.

Por alguns instantes procurou por alguma resposta que lhe satisfizesse, mas não, tenho certeza que não conseguiu encontrar nada que valesse a pena para o senhor, afinal, a culpa era sempre da mãe. Ou minha. Acho na verdade que estava pouco se lixando pra resposta, assim como pouco se lixava pra mãe, pra mim, pra Dênis ou pra qualquer pessoa que não lhe chupasse as bolas do seu saber científico de merda.

Elas dormiam um sono pesado. O amor, ou sexo, as duas coisas ou o que

quer que tenha existido entre as duas, as devem ter exaurido. Você ficou impassível, imagino, o tempo todo. Apenas abriu o guarda-roupa, retirou aquele caixote que guardou por tantos anos e dele retirou aquele revólver que ganhou de meu avô.

"Para se defender de qualquer ameaça, filho."

Foi o que ele disse. "Que ironia", deve ter pensado.

Foram dois tiros na cabeça de cada uma. Os corpos saltaram aos seus olhos com certeza. Em quem atirou primeiro, pai?

Você sentou-se naquela velha poltrona e ponderou sobre toda a sua vida. Não se arrependeu de nada, presumo. Em absoluto. Foi um homem entregue ao trabalho. Pegou a foto de seus filhos, Dênis, e sorriu. Eu também estava na foto, mas tenho dúvidas de que você tenha pensado com carinho em mim. Duvido. Você era um poço de rancor e preconceito. Possivelmente olhou para o cadáver de sua esposa Danila e pensou como aquilo causaria um terremoto na vida daqueles que ficariam.

Acredito que deixou minha foto um pouco distante de si para não manchá-la. Nada mais. Creio que seu único receio fosse o cansaço. Morrer cansado. Mas e daí?

Minha resposta foram seus miolos espalhados pela poltrona, pela distante, mas não inatingível fotografia, e por tudo que houve, havia e poderia haver a partir daquilo, mas sabe pai, a pior mancha não foi aquela que ficou na foto, a pior mancha foi aquela que ficou na minha alma.

Eis a minha bela recompensa.

Desperto. Outro pesadelo induzido. Nem sei se chamo mais de pesadelo, deve existir um limite de coisas ruins em um pesadelo, daí você atinge esse limite e vai para um maior patamar de angústia ao pregar os olhos. É meu caso. Como a doutora Mariza havia me alertado, eu começaria a visualizar várias dimensões da minha vida ao mesmo tempo, encadeando minha percepção da realidade, melhor, percepções das realidades. Me levanto do piso molhado e enxugo as lágrimas. Preciso sair deste lugar. Pego minha bolsa na sala e, antes de fechar a porta do apartamento, dou adeus não para o lugar, mas para esse horror em forma de lembrança que esteve ali, até agora a pouco. Será mais uma memória apagada

para a alegria geral do que me resta de sanidade.

Quando chego ao espaço Rubem Fonseca, Lucas está me esperando no saguão de entrada do Edifício. Ele me olha como deve olhar qualquer outra de suas cobaias de laboratório. Sou uma. Acho que ele é religioso, não tenho certeza, mas sinto que me despreza, até mesmo porque nem olha nos meus olhos quando fala comigo. Somos capazes, hoje em dia, de enviar astronautas para Marte para construir colônias, mas somos incapazes de apagar preconceitos. Merda, já voltei a filosofar. Estamos chegando ao Centro de Pesquisas da Mente da PUC. Vou tomar um café desses turbinados pra me manter acordada e tudo por conta desses padres filhos da puta.

III.

Lucas me conduziu até uma sala de espera. Obvio que não trocamos mais que duas ou três frases durante o trajeto no helicóptero. Não há necessidade alguma para ele em me conhecer ou conhecer qualquer uma das pessoas que estão nesta sala de espera. Seremos conscientemente descartados e descartadas nesta vida. Alguns, aqui, inclusive, pagaram por isto. Queria evitar, mas não consigo deixar de olhar para essas outras pessoas. O que as levaram a desejar o esquecimento? Então, outra vez começo a inspirar profundamente. Tudo ao redor começa a se desmanchar, as outras pessoas começam a se desmanchar em borrões coloridos e a paisagem ao redor também começa a perder a textura, até meu corpo é alterado, devo ter gritado, mas ao abrir a boca nada saiu, é outra boca, outro corpo em que estou, não sou eu, é ele.

A narrativa de minha vida está prestes a terminar. Melhor. A narrativa deste momento de minha vida está prestes a encerrar. Vou recomeçar. É o que espero, sinceramente. Agora, ergo este cálice e bebo. Aqui, da sala enorme e vazia destinada às cobaias, consigo enxergar dois, três, quatro acontecimentos da minha vida, estou até vendo um acontecimento que não sei se é do meu passado ou do meu futuro, até sei que daqui a pouco irei até o banheiro e lá ficarei, tornozelos sangrando, encostado num canto com as baratas. O relógio do banheiro não deve se mover, ficará imóvel como sempre, alheio a quem está ali à observá-lo.

Quantos comprimidos foram consumidos? Conscientemente caminho até a

janela e vejo que é noite. Descartada também. Um figurante sem importância num filme B. Na parede do meu quarto há uma foto de Javier e Beth (e não sei por que raio de motivo lembrou-os agora, quer dizer, lembrei-me deles agora!).

Fico a observar então a foto dos dois e o que há nela. Alguns minutos depois e não tenho mais noção do que estou fazendo ali, contemplando-os como se estivessem mortos, mas não estão, estão vivos mais do que nunca e eu estou meio-morta se é que existe esta categoria. Creio que se tornaram imortais por meio daquela fotografia. Os dois. Eu não.

À minha esquerda (de onde estou ou poderia estar), no chão, dividindo espaço com as baratas, um livro de Simone de Beauvoir. Parece que a capa está manchada com sangue. Noto que a dor que sinto nos tornozelos começa a desaparecer.

E sim, estou doente.

Os dias se passaram e eu continuei perdida ainda na Lapa. Longe de todos aqueles que tinham alguma importância para mim, eles pareciam desaparecer da minha mente. Olha com o canto do olho esquerdo: Eu dividia um resto de carne com cães. Preferiria não me lembrar deste momento, deste agora que posso revisitar, isto poderia acontecer a qualquer um, e aconteceu comigo e também aconteceu que posso revivê-los, posso cheirá-los, mordê-los, olhá-los, ouvi-los, tocá-los e pelo que me lembro e posso sentir a carne era macia e eu ainda possuía dentes suficientes para mastigá-la.

“Largue-a! Largue-a! Peste!” gritava com os cães sarnentos.

Mas os cães só podiam me olhar com indiferença, não a indiferença dos cães, mas a surpreendente indiferença dos gatos. Sentei-me na calçada imunda ao lado dos cães e retirei minha carteira onde havia a minha identidade. Deitei-me e comecei a rir. O cão continuou a mastigar sua carne enquanto eu adormecia.

- Quem é você, porra???!!!!, grito a plenos pulmões carcomidos por poluição urbana.

Os medicamentos que a doutora Marisa me passou estão sobre a mesa e vejo que a distância entre nós ainda é tremenda. Bebendo deste cálice, a essência do meu passado transborda em minha boca. Não há mais calmantes. Apenas caneta e papel. Daqui a pouco me deitarei no chão frio deste mausoléu, junto às

baratas, mas antes, antes de tudo, devo respirar o ar da minha porca poesia, essa maldita que me acompanha desde criança.

De qualquer forma, obrigado pai, obrigado mãe, terminarei de secar esta garrafa de vinho barato e vou me juntar a vocês. Olho o buraco na parede, com tantas pessoas do lado de lá, nem sabendo de minha miserável existência que morre aqui pra renascer lá, olho por meio desse buraco na parede que nem sei se é imaginário ou não, esse buraco que tenho em frente à parede de concreto e percebo que está cada vez mais bela e soturna as duas realidades. Pena que não conseguirei morrer no quarto mofado de minha avó, onde os netos problemáticos eram corrigidos, onde eu tinha de fingir ser uma coisa, é, uma coisa e não uma pessoa, que eu não era só pra não apanhar mais, pra não ouvir que era aberração, que era uma desgraça de D'us.

Adeus a todos que não mencionei nestas fantasmagóricas memórias. Caso não existam nessa outra realidade que começo a experimentar visualmente, no inferno nos encontraremos para colocar o assunto em dia.

Abrem a porta da sala. Alguém entra. E chamam meu nome. Karina.

IV.

- *Está com medo, Karina?*

A voz está tão perto, mas não vejo ninguém próximo. As únicas pessoas no ambiente se encontram do outro lado da parede de vidro. Estão absortas em contemplar telas e mais telas com infográficos, conversando animadamente sobre a minha vida e a das outras pessoas que aceitaram tomar parte neste experimento. Não sei se somos vistos como pessoas. Duvido muito. Somos coisas. Eu mesma sou uma coisa depravada pra eles, não uma pessoa. Ainda fico surpresa por me chamarem de Karina. Dias e dias aqui, sendo preparada e recebo sempre um bom dia, boa tarde e boa noite. Quem conversa mais comigo é doutora Mariza. Tenho dúvidas se por alguma solidariedade humana ou apenas por curiosidade científica. Deitada nesta maca, com a cabeça raspada, protegida do mundo apenas por um tecido aderente que será descartado, assim como esta minha vida será descartada, sinto um frio imenso, um frio que vem de dentro, já que a temperatura ambiente é controlada por um terminal de computadores. Tento proteger-me deste frio abraçando-me forte, como se fosse fazer diferente.

- Está com medo de que, Karina? De ter aquela sensação novamente? Aquela sensação que se repetia sempre que estava no porão?Lembra?

Agora me dou conta de que essa voz não é desconhecida. Eu a conheço. É uma voz de criança, mas quem? De onde? Ou melhor, de quando?

Nunca me senti tão sozinha, acho. Os efeitos das realidades paralelas diminuíram consideravelmente nos últimos dias que estive aqui, monitorada por essa equipe de robôs humanos da doutora Mariza. Ainda posso sentir as imagens se solidificando ao meu redor, mas com menos intensidade, posso sentir meu corpo sendo despedaçado e refeito e mesmo assim me sentindo inteira, mas está cada vez menos intenso. Quase sinto saudade da sensação, quer dizer, menos da vontade assustadora de vomitar as tripas, o coração, os pulmões e tudo mais, mas ao menos lá ou aqui, nunca sei direito como me referir, ao menos nestes momentos me vejo como sou. Ou deveria ser.

Doutora Mariza entra no ambiente cirúrgico. Sempre agradável, ela me dá um sorriso que poderia me tranquilizar, mas não o faz. Só me deixa mais apreensiva. Como se todos os meses de preparação fossem inúteis agora, não servissem de nada. Seus passos são lentos, quase calculados, ela me faz lembrar daqueles filmes japoneses do século XX com gueixas elegantes e lindas, até sua voz parece contida hoje. Por que?

- Como estou, Karina?

- Como assim?

- Fisicamente, estou diferente? Muito diferente desde a última vez que nos vimos?

- Não, quer dizer, um pouco...eu pensei que você fosse loira...

- Loira? Interessante. O que mais?

- Você também parecia ser mais alta...

- Me descreva agora, por favor, Karina.

- Descrever? Dizer como você está vestida?

- Sim, me descreva fisicamente. E me diga tudo: cor dos olhos, cabelo, possível altura, alguma característica física perceptível, tudo que puder.

Ergo-me da maca, mas não consigo me manter em pé. Sento-me e respiro fundo, me senti muito cansada apenas com estes movimentos. Faço um esforço quase sobrenatural em observar a doutora Mariza. Pisco meus olhos várias vezes, vejo duas mulheres à minha frente, de alguma forma ambas são a doutora Mariza, mas ao mesmo tempo não.

- Doutora Mariza, vou tentar descrever a senhora da forma mais...verdadeira possível...

- Continue, por favor, Karina.

Novamente respiro fundo. Tento ao máximo me concentrar na forma física da doutora Mariza. As imagens voltam a tremer, como se as camadas de realidade que percebo tentassem se acomodar, mas desta vez o espaço é modificado, mas não reconheço o ambiente, é outro e parece muito diferente, como se fosse algo futurista, ainda mais limpo e com menos pessoas, a doutora Mariza me observa de forma impaciente, sinto essa ansiedade dela, mas ela é diferente, como se fosse outra pessoa...

- Doutora Mariza, estou vendo mais duas mulheres, sei que ambas são a senhora, mas ao mesmo tempo são pessoas diferentes, em uma das imagens a senhora está vestida com um traje aderente que lhe cobre todo o corpo, ele é de cor verde claro, a senhora usa um salto plataforma que deve ter uns 10 centímetros, ele é escuro, também vejo que a senhora está usando uma touca, mas mesmo assim consigo ver que seus cabelos são escuros, sua pele é branca, lábios finos, olhos puxados, longos cílios, nariz delicado, usa pouca maquiagem, está me sorrindo neste momento....

- E a outra, Karina?

- Ela usa um tipo de avental branco, uma roupa que parece sair de um seriado americano do século XX, de antes da Divisão, como era o nome? Plantão Médico?

- Prossiga, por favor, Karina.

- Ela parece angustiada, bom, ela tem os cabelos loiros, estão soltos, mas estamos separadas por uma camada que parece ser de vidro, não sei, não consigo

visualiza-la inteiramente, ela tem os olhos verdes e puxados como a outra, cílios longos também, pele parece mais bronzeada, como queimada de sol, acho que é isso, doutora Mariza...

- Tudo bem, Karina. Sua descrição vai nos auxiliar e muito no projeto.

- Essa descrição que acabei de fazer? Não estou ficando louca?

- Não, Karina, não está ficando louca. Gostaria que se deitasse agora e descansasse um pouco. Em trinta minutos um psicoativo será ministrado em seu organismo para que possamos testar o implante de um nanochip em seu neocórtex. A partir de agora as experiências de percepção extrassensorial ficarão mais intensas e talvez menos controláveis e preciso que você esteja bem.

Doutora Mariza me dá um sorriso que me acalma um pouco. Ela me dá as costas e o vidro de contenção se abre, permitindo sua saída. Fico imaginando-a para além dessa vida de cientista maluca, será uma mulher que gosta de beber tequila? gosta de ler clássicos da literatura do século XXI? É apaixonada por animais? Prefere os naturais ou os clonados? É ativista de algum movimento libertário de pessoas mecânicas? Quem é ela? Acho que nunca vou saber. E talvez seja melhor assim, especialmente para mim.

Volto a me deitar e me permito lembrar um pouco do momento que aceitei tomar parte neste experimento. Nada significativo vem, só uma holoprojeção da assinatura do acordo que fiz com o “Projeto Sonda”, que me responsabilizava por danos cerebrais oriundos do experimento, mas que me permitia, caso sobrevivesse, desaparecer dessa realidade.

Sorrio agora como sorri naquele momento. Era um momento de gritar a plenos pulmões “FODA-SE”. E estava fazendo isto. Mas nunca imaginei, por um momento sequer, que seria fácil. Não foi e não está sendo. Passo as mãos por minha cabeça e não há mais cabelo algum. Tenho vontade de chorar. Mas não vou permitir isto, não agora que está tão perto, quase tangível, tombo a cabeça para a esquerda e fixo o olhar no alto da parede em um duto de ventilação, começo a piscar, passo a língua pelos lábios ressecados, toco meu rosto com as duas mãos e me permito novamente experimentar a mutação da realidade, novamente em meu passado.

(...) era como os movimentos do ponteiro de um relógio. Via-me presa a um ciclo. Nas paredes de meu quarto: rachaduras. Havia fotografias também. Alguns relógios e outras fotografias e rachaduras.

Aos doze anos de idade passava a maior parte de meu tempo trancafiada no porão da casa de meus avós paternos tentando de todas as maneiras lembrar meu nascimento. Era a maneira que havia conseguido encontrar para justificar o pesadelo diário de estar em um corpo que não era meu, pensava que algo existiu de errado lá, naquele momento de gestação e precisava saber por quê.

- Guilherme, pare de se comportar como uma putinha. Se vista como homem! Não me envergonhe na frente de meus convidados, seu garoto de merda! Se por acaso não conseguir esse financiamento, vou te partir a cara, maricón!

- Meu nome é Karina, pai.

Então eram as surras e o porão.

Uma vez um professor me disse que o inferno era a repetição. Acho que ele foi um dos meus poucos amigos que pude fazer na escola. Até hoje essa frase dele volta e ela sempre volta toda vez que as memórias de meu pai retornam para me atormentar. Está acontecendo agora, preciso focar a mente, me tirar dali, daquela presença maligna na minha vida, volto a pensar na serena tranquilidade existencial no ventre de minha mãe e nesta união primordial com ela, era bom e não sentia que não havia nada de errado ali. Meus olhos acompanhavam o ciclo de meu relógio de pulso e nele regurgitava as "indesejáveis" contrações musculares do parto. Com o passar das idas e vindas ao porão, peguei-me numa situação semelhante com a qual passava horas e horas a imaginar o parto de minha mãe:

Estava sem saída. Braços e pernas fora de meu controle. Não havia nada além de pressão...

Talvez fosse uma primeira fase do parto, quando o colo do útero ainda se encontra fechado, enquanto as contrações uterinas repercutiam em mim, bebê. Era isso. O tempo cíclico se fechava em torno de mim mesma, visitava-me, destruía-me e em instantes me fazia renascer posteriormente, talvez como a fênix.

As pessoas me perguntavam: o que te leva a ficar trancafiado num porão

sujo e cheio de morcegos e tralhas? O que respondia? Nada. Proferir frases me exauria, era quase monossilábica.

Então, numa quarta-feira depois da aula, senti-me voltando a viver tudo aquilo de novo. Bem sabia eu que antes tudo não passara de imaginação, de interpretar-me no velho porão e justamente numa quarta-feira, longe da casa de meus avós e de seu porão, eu mergulharia de volta...

Sentei-me num banco de uma praça a caminho de "meu porão" e cedi à sensação. As contrações que repercutiam em mim, bebê, deixavam-me numa situação claustrofóbica e um intenso desconforto físico se abateu sobre mim. Já não enxergava (mas não que estivesse cega), pois meus olhos fecharam-se como que mecanicamente e suando muito me senti sendo sugada através do canal natalino.

Os ponteiros dos relógios, inúmeros deles, dançavam em meio aos números criados e mãos eram criadas, mãos que portavam coisa alguma e também que calçavam sapatos plataforma e havia uma leve chuva e todos cantavam a música tema de (...)

Minha cabeça girava sem parar, me encontrava envolvida num épico de luta pela sobrevivência, sob pressões esmagadoras, frequentemente com um elevado grau de sufocação não conseguia rememorar nada mais, nada mais mesmo, nem sol, nem lua, nem jardim de acácias, só alguns minutos eternos de uma situação inusitada pelo qual passava. Súbito alívio e leve relaxamento, um primeiro fôlego e a sensação de corte do cordão umbilical (um misto de dor e prazer, alívio e angústia) completando a separação física desta minha mesma mãe imaginária e ao mesmo tempo tão surpreendentemente real.

Mas nada surtiu efeito. Ainda estava presa em um corpo que não era meu. As coisas ficariam ainda mais difíceis depois. Essas imagens começam a desaparecer assim como surgiram, quase como se pertencessem não à minha realidade, mas aquela outra, que não me dizia mais respeito. Estou esgotada. Durmo e desapareço.

Os braços mecânicos me tomaram enquanto cochilei. Não precisava estar acordada pra dar início ao procedimento, talvez tenha sido até melhor. Estou imobilizada, respirando de forma artificial, inúmeros tubos por meu corpo, Medbôs saídos de algum filme de ficção científica manipulam meu corpo,

aplicam inúmeras agulhas estimulando meu sistema nervoso. Vão abrir meu cérebro. Agora é caminho sem volta. Até logo.

V.

- Quando...?

Desperto com essa pergunta em minha mente e nos meus lábios. Ainda estou sonolenta. No ambiente cirúrgico, só Medbôs, doutora Mariza e sua equipe de neurologistas e físicos de profundidade estão do outro lado da camada protetora de vidro. Um dos Medbôs se aproxima de meu leito e me olha com uma intensidade que nunca pude imaginar que uma máquina pudesse me dar.

- Você dormiu por 48 horas, Karina. O procedimento foi um sucesso. Doutora Mariza vai lhe falar em breve. Ainda é importante que fique de repouso.

- Quando...quando vou para lá?

- Karina...em parte você já está lá...

Engulo em seco. Fecho os olhos e não quero abri-los. Não quero entender que resposta foi essa do Medbô. Inspiro profundamente e rezo para não ter mergulhado em outro inferno. Então o sono vai me dominando, meu corpo começa a relaxar, abro os olhos e vejo o Medbô alterando na holotela alguma coisa, deve estar me dopando novamente, não tenho forças para dizer não. E nem quero dizer não, só quero apagar.

...

Acordo abruptamente, terrivelmente assustada. Sinto-me toda suada, estou ofegante, como se estivesse sem ar. Ao meu lado vejo a doutora Mariza. Ela me olha bovinamente, aguardando alguma palavra ou sei lá o que. Tenho até preguiça pra falar.

- Karina?

- Oi...

- Você precisa despertar. Precisamos fazer os preparativos para a transição.

- Vai dar certo? Vai dar certo mesmo?

- Ainda não sente nada de diferente?

- Não sei...estou confusa...tudo parece exatamente igual, meu corpo, minha mente, você, tudo ao meu redor se mantém o mesmo...

- Fique tranquila. É parte do processo. Mas preciso que me escute. Ainda há uma coisa que precisa fazer. E é a parte mais difícil, acho, de tudo que já passou...

- Do que está falando?

- Lembra-se, quando nos conhecemos e você aceitou fazer parte desse experimento, que haveria um momento que precisaria realmente ser nossa "sonda" lá?

- Lá? Naquela outra realidade? Quer dizer, qual delas?

- "Delas"? Como assim?

Fiquei em silêncio. Poderia estar louca por tanta mescalina e tantas outras drogas que estava tomando, mas sabia que não existia apenas uma realidade, mas várias, toquei, experimentei algumas delas, mas não sei, minha intuição ou o que quer que fosse, me dizia para ficar quieta. E fiquei.

- Besteira, estou muito dopada de tanta droga que vocês tem me dado...

-Tudo bem, não tem problema. Mas precisamos conversar. Você precisa ser nossa "sonda" nessa outra realidade. Vou te confessar algo que não deveria, Karina. Você e mais duas pessoas em todo o mundo foram as únicas que conseguiram se manter vivas até o final no "Projeto Sonda". Precisamos de você e delas. Nosso mundo precisa. Se todos puderem atravessar essa ponte que une as realidades, poderemos ensinar a essas pessoas da outra realidade tudo que aprendemos, poderemos compartilhar nosso desenvolvimento científico e tecnológico. Hoje podemos atravessar o sistema solar em dois meses, temos colônias espalhadas por Marte e Europa, podemos viver até duzentos e cinquenta anos...

A doutora Mariza continua a falar e falar e falar e entendo finalmente meu papel nesse mundo. E não é de alguém que vai abrir as portas de outro mundo,

de outra realidade, para uma invasão de nossa realidade. Doutora Mariza e todos estes cientistas envolvidos no “Projeto Sonda” não estão nem um pouco interessados em ajudar essas pessoas dessa outra realidade, eles querem ocupar seus corpos, querem viver suas vidas e refazer toda essa merda que fizemos aqui, mas agora lá. Ninguém aprendeu nada aqui deste lado. E duvido muito que tenham aprendido no outro lado. O que é ruim pode piorar, foi algo que aprendi na minha vida. Eu mesma, agora, admito que estou sendo muito egoísta. Vivi nos últimos meses a minha vida e a vida de outra Karina.

Doutora Mariza continua a falar e sei o que devo fazer, não importa o preço que vou pagar.

- Doutora Mariza, farei o que for preciso. Me diga o que fazer e farei. Estou muito orgulhosa de participar desse projeto.

Ela me olha nos olhos, sei que me analisa, que busca saber o que se passa em minha mente. Talvez tenha se arrependido de me contar que apenas três de nós sobreviveram ao “Projeto Sonda”. Eles dependem de nós. E vou aproveitar essa chance.

- Quando poderei atravessar?

VI.

Eles me conduzem até um objeto que mais parece um espelho. Doutora Mariza me diz que é um desmaterializador. Não entendo exatamente o que quer dizer, mas ela explica o que me acontecerá:

- Você perderá a consciência de imediato ao atravessar o desmaterializador. Seu corpo permanecerá aqui já morto, conosco, mas sua consciência, sua mente, se manifestará no outro corpo que sua contraparte mantém na outra realidade. Vocês conseguiram se sintonizar ao longo de todos os meses de terapia de conversão com a mescalina e as outras drogas. No início, nas primeiras horas, você sentirá um incômodo, dores na cabeça e mesmo faltar de ar, vai estranhar alguns locais e mesmo algumas pessoas. Vai mesmo sentir sua mente ser dividida, com pensamentos conflitantes. É sua contraparte tentando sobreviver. Nas primeiras 32 horas você não pode dormir. De forma alguma, nem mesmo por 30 minutos. Não durma nas primeiras 32 horas que estiver lá. Precisa se

manter acordada para que sua contraparte desapareça de sua mente, é fundamental que ela desapareça. Quando você se restabelecer, deve procurar minha contraparte e engana-la. Use-a para entrar em contato com os outros “andarilhos”, como vocês são chamados. Eles te dirão o que deve fazer. Fique atenta, Karina, você é uma parte muito importante de tudo isto. Finalmente, você será uma mulher de verdade.

Acho que foi aquela frase final dita sob um sorriso (que sabia ser falso) que me fez tomar a decisão definitiva que tomei. Não teria mais dúvidas. Não esperei nada. Caminhei até o desmaterializador e, ao contemplá-lo, sabia que não haveria volta. E agradeci.

...

Estava sonolenta. Abri os olhos com um esforço sobrenatural. Estava deitada no carpete, talvez tenha desmaiado. Tudo parecia diferente, mas ao mesmo tempo muito... real. Não sei como dizer. Não dividia o espaço em minha mente, agora parecia única. Toquei-me inteiramente. Sentia-me verdadeira. Sentia-me a mulher que sempre me imaginei. Respirava mais leve. Ergui-me e senti que meus ombros não carregavam um peso extra do mundo. Caminhei até a porta e a abri. Era um apartamento, sentia um cheiro gostoso de chá sendo preparado. Talvez camomila. Caminhei tropegamente, talvez me habituando a este corpo que não era meu. Mas, ainda assim, me perguntava: onde estou, realmente?

A minha dúvida foi logo sanada e quase morri. Pela segunda vez.

Era meu pai.

- Tudo bem? Você demorou tanto lá no quarto, pensei que estava sob outro ataque de dor de cabeça...

Senti-me mal, comecei a tremer, não esperava por aquilo. Fraquejei nas pernas e cai desfalecida no piso da sala de estar do apartamento, mas antes de tombar pude ver um quadro em que eu, papai, mamãe e Dênis brincávamos num parque. Desmaiei.

...

- Filha? Tudo bem?

Estou nos braços de meu pai. Ele me segura e me olha nos olhos com tanto amor que não consigo segurar minhas lágrimas.

- O que foi? Aquele risoto não caiu bem?

Ele sorria. Parecia estar habituado a me pegar no colo. Ou melhor, a pegar minha contraparte no colo. Seu rosto era sereno, me transmitia paz. Era muito diferente do meu pai. Muito diferente mesmo.

- Está tudo bem...

- Não parece. Você precisa se cuidar melhor. Não entendo porque você tem estado, nos últimos meses, com tantos problemas de saúde. E nem tem se cuidado como deveria e não adianta me dizer que está tudo bem. Não está. Você parece sua mãe, sempre despreocupada com as coisas, vou ligar pra ela e pedir pra vir te ver.

- Mamãe?

- Oras, sim! Por quê? Vocês brigaram e não estou sabendo? Vocês duas são impossíveis! Basta eu sair pra pedalar por uns dias que logo estão brigando...

- Não, não, não briguei com mamãe, só fiquei... sei lá, estou realmente precisando fazer um check-up.

- Ainda bem. Você sabe muito bem que detesto que teimem comigo em se tratando de saúde.

- Eu sei, pai.

- Olha, vou servir o chá. Vai querer ou não?

Respiro fundo. E aceno com a cabeça que sim. Ele vai até a cozinha e me deixa só na sala. Nunca me senti tão só na vida. Nunca. Ele retorna com o chá e as xícaras. Me serve e me pergunta, novamente, se está tudo bem. Digo que sim.

- O senhor me ama como sou, pai?

Ele me olha como se aquela pergunta fosse um espanto, algo totalmente sem sentido. Para ele talvez seja, mas não para mim. Precisava escutar algo deste homem, ainda mais com a decisão que estava prestes a tomar.

-É claro que amo. Por que me perguntou isto?

Fico em silêncio. Ele me respeita e não repete a pergunta. Deve intuir que há algo se passando em minha cabeça, na cabeça da filha dele. Ou filho.

- Diga meu nome, pai.

- Quê?

- Me chame pelo meu nome. Não me chame de “filha”, apenas me chame pelo meu nome. Diga-me o que sou para você.

Ele bebe um pouco do chá e me fita atentamente. Está procurando entender o que se passa em minha cabeça. Entendo-o. Nem eu mesma saberia o que dizer de umas perguntas sem pé e nem cabeça como estas que faço enquanto tomamos chá de camomila.

- Karina. Você é minha linda filha, Karina. Que me acompanha em sessões de cinema clássico e é a única com essa paciência, que prepara yakisoba como ninguém que eu conheça, que é uma das melhores profissionais que conheço no jornalismo e uma das ativistas pelos direitos civis que mais respeito neste mundo, que cuidou de mim quando tive câncer e sempre acreditou que eu iria ficar bem, que vive o triangulo amoroso mais complicado que conheço com Javier e Beth, que inferniza a vida do irmão com horóscopos maias malucos, que ama a mãe com tanta paixão que me deixa até com ciúme, que adora fotografar e é a mulher mais linda que já conheci, ok, depois da sua mãe! Te amo desde criança e estive e vou estar ao seu lado em toda dificuldade que passar, você é a pessoa mais linda que conheço, Karina.

Começo a chorar e entendo o que devo fazer. Abraço este meu pai bem forte, como nunca esperei abraçá-lo em vida. Beijo-o na face uma, duas, três vezes e digo que o amo mais que tudo. E digo a ele:

- Pai, posso dormir algumas horas no seu colo?

- É claro, Karina.



Eu, incubadora

Aline Valek

I.

Koda é uma pessoa. Não é um homem, não é uma mulher, não pensa, não fala, não anda, não é jovem, não é pobre, não sabe em que ano estamos. Koda sequer nasceu. Koda é um embrião de 2 semanas.

Koda existe em um mundo onde todo ser humano é registrado desde sua concepção, o que foi possível graças à implantação de um dispositivo de controle reprodutivo em todas as pessoas do sexo feminino quando atingem idade de maturidade sexual, aos 11 anos. Dessa forma, a existência de Koda, a partir do instante da fecundação, foi parar num servidor de controle de natalidade do governo, que lhe atribuiu um nome pré-natal (randômico e andrógino, gerado por computador), um número de identidade e todos os direitos de um cidadão humano.

Koda não nasceu e sequer possui um sistema nervoso, mas já é considerado um cidadão e uma pessoa humana pela sociedade.

Sei que tudo o que você consegue ver olhando para Koda, banhado em líquido amniótico nesse ambiente escuro e quente, é um amontoado amorfo de células, a promessa de um simpático ser humano extra-uterino, mas que – por enquanto – é apenas um bolinho de células que poderia ser facilmente confundido com uma verruga, uma verruga minúscula; mas entenda que o fato de Koda ser considerado uma pessoa seja talvez o aspecto mais revelador sobre o mundo onde ele ou ela nascerá.

No mundo que aguarda Koda e outros nascituros, a vida humana é extremamente valiosa. Mais valiosa do que quer que seja que tenha motivado disputas entre os povos, culminando em guerras que devastaram o planeta. Deve ter sido algo muito importante, disto os humanos sobreviventes não têm dúvidas, mas ninguém consegue se lembrar do que era, porque certamente deixou de

existir, juntamente com uma infinidade de coisas que faziam parte do cotidiano das pessoas até então. De algumas dessas coisas os humanos não sentem falta, pois somos uma espécie altamente adaptável, que sabe se levantar, sacudir a poeira e seguir a vida. Mas a sorte é que as coisas que nos restaram são extremamente úteis e permitiram que o reerguer da sociedade fosse mais rápido e menos sofrível. Entre essas coisas, computadores, drogas sintéticas, satélites e diversas tecnologias bélicas que puderam ser adaptadas para melhor proveito dos recursos naturais disponíveis. Ou seja: não se pode dizer que recomeçamos tudo do zero.

No entanto, a sociedade recomeçou em um estado crítico. A população humana foi reduzida drasticamente depois dessa catástrofe e a espécie passou bem perto, raspando, de ser definitivamente extinta. Com a tecnologia e o conhecimento que sobreviveram conosco, as nações conseguiram se reconstruir e a civilização venceu, mais uma vez. Mas, se quisesse resistir por mais tempo, precisaria garantir que a humanidade estivesse em número o suficiente para enfrentar os desafios do futuro. Foi nesse momento, amigas e amigos, que a vida humana passou a ser supervalorizada: cada gravidez carregava a esperança de uma posteridade que quase se perdeu em anos de guerra. Cada ser humano por vir passou a ser não somente bem-vindo, mas necessário – e celebrado.

É uma boa época para se nascer. Se Koda tivesse ouvidos ou consciência, aposto que gostaria de saber que, diferente do mundo de nossos antepassados, não sofremos com a superpopulação, com a miséria, com guerras, com o colapso iminente. O futuro, em vez de amedrontador, passou a inspirar esperança, já que, até décadas atrás, um futuro (qualquer que fosse) não era sequer cogitado. A tecnologia segue avançando exponencialmente, motivada pela necessidade de criar o cenário mais favorável e confortável para esta nova sociedade emergente.

Ou pelo menos, para aqueles que mandam nela.

Coisa certamente não é uma dessas pessoas que mandam. Coisa não só pode ser considerada o extrato mais baixo da sociedade como nem pessoa ela é. Coisa é só uma entre centenas de milhares de Coisas que habitam o mundo, que podem até parecer indistintas (não possuem sequer número de identificação), mas possuem cérebros com padrões de raciocínio únicos. Coisa pensa, fala, anda, percebe o mundo de maneira diferente daquela outra Coisa que passa lá atrás, mas é, para os humanos que a criaram, apenas isso: uma coisa.

Lembra-se de que, na retomada da civilização, o ser humano dispunha de tecnologia bélica super avançada que adaptou para sua nova forma de vida em sociedade? Os androides são um exemplo disso. Antes usados como armas de guerra, os androides que conseguiram sobreviver à hecatombe mais ou menos inteiros foram reprogramados para ajudar a reconstruir a sociedade que os criou, inicialmente, para a destruição. Foram reaproveitadas suas carcaças e o Dispositivo de Inteligência Artificial, um computador com estrutura bastante parecida com a do cérebro humano. No entanto, era preciso dar a esses androides uma nova mentalidade. A programação antiga que fazia deles máquinas de guerra implacáveis, feitas para matar seres humanos designados como alvos, foi substituída por uma nova programação que os tornava dóceis como crianças, crianças muito fortes e inteligentes, perfeitos para viverem em sociedade e servirem os humanos sem questionamentos.

Durante séculos a humanidade alimentou o medo de ser dominada pelas máquinas, mas quem olha para Coisa andando pela rua com um saco de compras em um braço e uma criança humana no outro não consegue ver nenhum rastro de ameaça. Talvez Asimov ficasse surpreso com a solução encontrada para tornar esses androides, as Coisas, tão submissos e inofensivos, apesar de tanto potencial destrutivo.

A nova programação foi baseada em um dos mais primitivos comportamentos humanos: a crença em deuses. Todo o código moral, sistema de crenças e noção de autoridade nos quais se fundamentavam as religiões foram adaptados para os androides, de forma que eles respeitassem e temessem os humanos como se eles fossem o próprio deus. O ateísmo, é claro, estava fora dessa equação: não havia a possibilidade lógica ou matemática dessa divindade ser questionada ou desacreditada pelos androides, afinal, os humanos existiam, podiam ser vistos e tocados.

Assim, a superioridade dos seres humanos tornou-se um dogma. Algo sagrado e inviolável para as Coisas.

A humanidade estaria segura sob esta teocracia. Embora as Coisas estejam, ainda hoje, em número absurdamente superior, não existe o risco de tentarem dominar o planeta e escravizar pessoas, como as mais loucas fantasias dos humanos em um passado remoto. O pensamento religioso mostrou-se de extrema utilidade para garantir uma opressão sistemática e contínua que colocasse as pessoas e Coisas em seus devidos lugares. Em nome da ordem, claro.

As Coisas são programadas para se entenderem como inferiores, de forma que, quando são construídas e ativadas, suas primeiras palavras são: “senhor, fazei de mim instrumento da tua vontade”. E ficam felizes com isso. Servir aos desígnios humanos é o suficiente para satisfazê-las. Além disso, elas são programadas para entender que, apesar de mais capazes e inteligentes do que as pessoas de carne, osso e vísceras, jamais poderão substituí-las ou falar com elas de igual para igual, por um simples motivo: Coisas não são capazes de gerar vida. E a vida humana, como todos sabem, é a coisa mais valiosa e sagrada do planeta.

Esse foi mais um dos motivos para nascituros como Koda serem considerados pessoas. Toda forma de vida humana, ainda que não-nascida, era mais valiosa e superior às Coisas. Até mesmo recebiam nomes, enquanto todas as Coisas se chamavam apenas Coisas. Também foram criadas leis para proteger os não-nascidos e dar a eles direitos como o de qualquer cidadão. Ou pelo menos, dos cidadãos que importavam.

Diana não é um desses cidadãos. Ela pensa, fala, anda, sente, é humana. Mas é uma mulher. Sua função primária nessa nova sociedade é ser mãe, trazer mais humanos ao mundo, agora mais necessários do que nunca. É claro que isso não a impede de trabalhar e criar como qualquer cidadão, mas se ela tem a sorte de ficar grávida, deve passar a encarar isso como uma carreira.

A maternidade é celebrada como algo divino e as mulheres certamente têm muitas vantagens com isso. Elas não precisam fazer nada a partir do momento em que engravidam e são integralmente sustentadas pelos homens que as escolheram, dispondo de algumas regalias. Por essa razão, muitas mulheres sonham em ser mães e têm a gravidez como um propósito de vida, embora engravidar, para a atual geração, não seja tão fácil biologicamente quanto um dia já foi. Mas muitas daquelas que têm a sorte de serem férteis gostam de ser vistas e tratadas como algo sagrado, por mais que a missão divina de dar continuidade à espécie envolva lá os seus sacrifícios.

Diana entende bem o que é isso. Mãe de sete crianças, ela passou por esse processo mais vezes do que gostaria e não conhece outra forma de vida que não seja a materna. Antes de Demétrio, seu primeiro filho, estudava em uma faculdade de engenharia robótica, profissão que ela seguiria se a carreira de mãe não exigisse tanta dedicação e tempo. Seu marido, que trabalha como engenheiro

robótico auxiliar, costuma dizer que inveja Diana por poder ficar em casa com as crianças enquanto ele fica preso em um laboratório consertando e reprogramando Coisas, mas ela não tem tanta certeza assim de seu privilégio.

Certamente é um privilégio ser casada com um homem que, em função de sua profissão, consegue arranjar algumas Coisas para servi-la e cuidar do trabalho doméstico e da parte pesada do cuidado com as crianças, como trocar fraldas, fazer comida, organizar a agenda e as tarefas escolares, mas ela não entende como pode ser um privilégio ser mãe se o trabalho que isso dá é tão desgastante que só com a ajuda de cinco Coisas consegue dar conta.

Embora seja considerado um privilégio pela sociedade, ser mãe não é uma escolha para as mulheres que possuem capacidade biológica para tal. Quando uma mulher engravida, ela deve ter a criança e ponto final. Não importam as circunstâncias que envolvam a gravidez ou o estado físico e psicológico da mãe. A partir do momento em que há fecundação (coisa que o governo fica sabendo antes mesmo da própria mulher, graças ao dispositivo implantado nela), há vida humana protegida pela lei. Dessa forma, não há como uma mulher abortar sem o governo saber, afinal, se há um indivíduo registrado e com direitos dentro do útero, e ele precisa daquele ambiente para sobreviver, retirá-lo dali antes do tempo ou forçar a sua morte é considerado assassinato. O destino da mulher que tenta assassinar um não-nascido não é nada agradável: na melhor das hipóteses, ela é presa, afastada da sociedade como qualquer criminoso que tenha tirado a vida de outro ser humano; ou morre, em decorrência de procedimentos invasivos que utilize em seu próprio corpo para expulsar o nascituro.

Mas em um mundo renascido das cinzas, em que os seres humanos escaparam por pouco da extinção e são considerados deuses por máquinas mais evoluídas do que eles, em um contexto em que a pessoa pode se considerar uma grande sortuda se é fértil e apta para gerar vida humana, o elemento mais valioso do planeta, quem é que não gostaria de ser mãe, não é mesmo?

II.

Não por acaso fomos apresentados primeiro a Koda, Coisa e Diana. Esses três personagens possuem uma ligação estreita e, para dizer o mínimo, instigante, se não criminosa. Desde que veio a público a relação entre os três, a sociedade

mergulhou em um escândalo e em uma profunda confusão sobre os seus valores. Os três são os protagonistas de um julgamento inédito na história jurídica desta nova sociedade e agora se encontram os três no centro do tribunal sob olhares do mundo inteiro, que os assiste pela internet ao vivo, ainda que só seja possível ver Diana, sentada à direita do juiz, e Coisa, sentada à esquerda.

Mas antes é crucial recapitularmos os acontecimentos que conduziram os três a esse momento.

A legislação atual permite que uma mulher-mãe trabalhe em outra carreira além da maternidade, desde que o filho mais novo tenha no mínimo 5 anos, que o novo emprego seja em meio período e que ela tenha autorização do marido. Sim, entrar na carreira materna é muito mais fácil do que sair dela, já que, como diz uma propaganda do governo voltada para mulheres, “o mundo precisa de mães”.

Apesar de todos os benefícios e facilidades que Diana e sua família recebem a cada filho que nasce, ela chegou ao sétimo filho exausta e entediada dessa carreira. Ela olhava para o marido trabalhando na área que sempre ambicionou e ficou imaginando como seria a sua vida se fosse uma engenheira robótica, como ele. Diana tinha a formação e também a vocação: a manutenção das Coisas que trabalhavam em sua casa ela fazia sozinha, sem precisar levar para a assistência técnica – e fazia tão bem, apesar de utilizar ferramentas domésticas, que até suas vizinhas vez ou outra pediam para fazer alguns ajustes ou a limpeza dos circuitos e peças de suas Coisas.

Então, desde que a caçula Uma nasceu, ela planejava se encaixar na situação que tornava possível abraçar a profissão dos seus sonhos em meio período. Cada noite amamentando era uma noite a menos na espera de 5 anos que ela teria que fazer para conseguir trabalhar como engenheira robótica. Ela demorou muitos meses para contar ao marido sobre sua vontade (Uma já estava desmamada, à época), mas ele se mostrou, a princípio, relutante. Não entendia por que Diana gostaria de abrir mão de tantos benefícios de uma carreira materna tão bem-sucedida para encarar um trabalho fora de casa, resolvendo problemas complexos e, o pior, tendo que aguentar um chefe!

– Querido, não se preocupe quanto a isso. Eu já tenho SETE chefes.

Uma aprendeu a falar antes que seu pai resolvesse, enfim, dizer “sim” para a

vontade de Diana trabalhar fora. Ela convenceu o marido aos poucos, dizendo que sete filhos já davam a eles uma condição bastante estável para se dar ao luxo de ter uma carreira além da materna. Demétrio, seu filho mais velho, já estava terminando o colégio e logo teria que arranjar um emprego para conseguir formar uma família tão numerosa quanto a deles. Para ela, esse era um indicativo de que seu trabalho como mãe em breve exigiria menos dedicação, com os filhos crescendo e saindo de casa. O marido aceitou e até se propôs a indicá-la como engenheira júnior no laboratório onde trabalhava.

Passaram-se os 5 anos necessários e Diana já estava com toda a documentação pronta para entregar ao governo e conseguir a licença de meio período da carreira materna. Com isso, ela conseguiu se candidatar à vaga indicada pelo marido, foi a entrevistas em que deixou os superiores impressionados e logo começou a trabalhar.

Diana sentia-se, enfim, realizada. Conseguia conciliar com muita competência a sua carreira de mãe com a de engenheira robótica e, para quem trabalhava só meio período, conseguiu crescer rápido demais. Em menos de um ano, já tinha sido promovida a engenheira robótica auxiliar e ser alocada em um projeto com o Doutor Yore, uma referência na área. Todos elogiavam o seu trabalho, mas seu marido não parecia muito feliz. Sentia-se traído, pelo simples fato de ter permitido que ela trabalhasse e depois usasse essa oportunidade para diminuí-lo, como se não precisasse dele para mais nada. Era injusto que ele só pudesse fazer aquilo da vida e sua mulher pudesse ser uma engenheira tão boa ou melhor do que ele e ainda pudesse ser mãe!

Um dia, quando chegou em casa exausto depois de um período integral de trabalho, deparou-se com Diana ensinando os três caçulas a limpar as engrenagens internas de uma Coisa, que estava aberta e semi-desmontada sobre a mesa. Eles a admiravam, pareciam orgulhosos da mamãe ser tão sabida. Aquilo mexeu com a sua cabeça. Diana o viu parado na porta, sorriu para ele e perguntou por que estava fazendo aquela cara.

– Não é nada – foi o que ele disse, como que acordado de um devaneio. – É só que você faz isso muito bem.

– Consertar Coisas? – ela sabia que era o seu maior talento e ficava feliz por finalmente estarem reconhecendo isso.

– Não. Ser mãe. – e deu um beijo na testa da mulher, indo para o quarto.

O que ele fez a seguir foi com a melhor das intenções. Jamais imaginaria que isso levaria a uma cadeia de eventos que conduziria Diana a um tribunal. Abriu a gaveta da esposa e procurou o anticoncepcional que ela tomava, umas pílulas minúsculas e azuis que não foi tão difícil copiar e fazer réplicas sem efeito nenhum, colocando-as no lugar das verdadeiras. Sim, ele premeditou o golpe, mas não o levem a mal. Ele acreditava sinceramente que estava fazendo isso pelo bem da esposa, dos seus filhos e até da humanidade! – ele só precisava acreditar que, na verdade, ele estava fazendo isso por algo maior do que ele próprio. Além do mais, o que ele planejou não configurava crime nenhum.

Então, ele esperou. Esperou ela tomar um mês de pílulas falsas enquanto fazia o seu trabalho como marido na cama, após o expediente. Foi aí que Koda passou a existir.

Quando Diana descobriu que estava grávida, ao encontrar em sua caixa de mensagens uma notificação automática enviada pelo Centro de Natalidade e Proteção ao Nascituro, primeiro acreditou que fosse um engano. Mas checou várias vezes o remetente da mensagem e parecia ter sido mesmo enviada pelo governo, embora estivesse misturada a inúmeras mensagens de promoções e ofertas na sua caixa de entrada. A mensagem dizia:

“Parabéns, Diana!

Foi detectado em seu organismo a presença de um cidadão não-nascido, doravante conhecido pelo nome pré-natal Koda, concebido a 21 de janeiro do ano 295 p.h. (pós hecatombe). Recomendamos que visite um médico desde já para acompanhar a gestação.

Atenciosamente,

CNPN.”

Como poderia estar grávida se tomava as suas pílulas tão direitinho? Ficou sem chão. Teria que levar uma gravidez adiante, de um oitavo filho, e ser afastada do seu emprego por mais 5 anos. Logo agora que estava indo tão bem e

se sentindo realizada! Será que a única forma de ter uma carreira não materna era ter que esperar até a menopausa, quando já estaria velha demais para ser aceita por qualquer trabalho decente?

Diana resolveu não contar para o marido a novidade. Pelo menos essa escolha, por menor que fosse, ela tinha. Ficou noites sem dormir, olhando para o teto, pensando em como resolver essa questão. Ela sabia que só existia uma forma permitida de “resolver” isso e era não fazendo nada, servindo de receptáculo para Koda até que ele saísse do seu útero em forma de bebê. Além do mais, para quem já tinha sete, que diferença ia fazer mais um? Não, ela pensava, revirando-se na cama. Aquilo faria toda a diferença, pelo menos para ela. E então se sentia culpada por estar sendo tão egoísta. Talvez ela devesse simplesmente aceitar que, como mulher, nenhuma vocação deveria ser maior do que a materna.

Então Diana descobriu que tinha sido vítima de uma espécie de golpe da barriga. Perceba que esse momento foi um divisor de águas em sua atitude em relação àquela gravidez indesejada. Ela não saberia dizer o que a fez suspeitar de seu marido, mas talvez a preocupação súbita que ele passou a demonstrar ao vê-la se arrumar para ir ao trabalho todos os dias tenha despertado uma fagulha de desconfiança: como podia perguntar algo se ela continuaria trabalhando normalmente se ele não sabia que ela estava grávida? Diana podia ser várias coisas, mas burra ela não era.

As conversas entre os dois foram ficando atravessadas, cheias de insinuações e suposições, até que Diana pressionou o marido e fizesse a verdade escapar. Vale lembrar que umas doses de uísque também ajudaram. Os dois brigaram, objetos foram lançados contra a parede, ela se sentiu traída e o pior: prisioneira de uma gravidez que não queria, que só atrapalharia a sua vida. Mas ela não era obrigada a ficar com o marido, ah, isso não. Jogou as coisas dele pela janela e o mandou arrumar outro lugar para ficar. Ele foi, esbravejando e sentindo-se injustiçado, mas, sabendo que a lei estava a seu favor, imaginou que ela teria que se acalmar, por falta de opção, e acabaria aceitando-o de volta à medida que aceitasse aquela gravidez.

Ele não poderia estar mais enganado.

Diana não aceitou e estava decidida: não deixaria que um nascituro a afastasse da engenharia robótica. Mas como driblar uma lei anti-aborto tão

severa? Não era possível simplesmente tomar um remédio ou enfiar um cabide em seu útero para matar Koda, como mulheres desesperadas faziam em outros tempos. Com o dispositivo do CNPN em seu útero, o governo saberia que ela cometeu um assassinato assim que perdesse os sinais vitais de Koda – fazendo com que Diana fosse quase que imediatamente procurada e investigada.

Você pode até questionar o quanto essa sociedade dispõe de meios tão eficientes para proteger a vida de não-nascidos e condenar quem atenta contra a vida deles, enquanto crimes cometidos contra seres humanos nascidos continuam tão difíceis de serem descobertos ou punidos. Mas você precisa entender que a sociedade faz o que pode: a pessoa pode ter certeza de que ela vai nascer, mas a partir daí, a sociedade não pode garantir muita coisa. Seria exigir demais, convenhamos.

Então Diana tinha esse dilema. Tinha que fazer alguma coisa, mas não podia arriscar uma saída que a transformasse em uma assassina e a levasse à cadeia, afastando-a de seus sete filhos e de sua carreira promissora como engenheira robótica.

Era uma engenheira robótica excepcional.

E aí estava a resposta para o seu dilema, afinal de contas.

O que nos leva ao terceiro elemento dessa trama, a Coisa. Não dedicamos muita atenção a ela até aqui, pois ela é uma Coisa ordinária, como qualquer outra que caminha sobre o mundo. Ninguém que olhasse para aquela estrutura de metal, fluidos e cabos diria que ela entraria para a história e fosse mudar completamente a forma como os humanos enxergam as Coisas e como as próprias Coisas se enxergam.

Essa Coisa ainda estava na fase de testes, tendo sido ligada poucas vezes no laboratório onde Diana trabalhava. Ainda assim, ela já tinha uma noção profunda da sociedade, sabia o seu papel nela e entendia que, acima de tudo, estavam os humanos e sua superioridade inquestionável, sem os quais nada fazia sentido.

Projetada por Doutor Yore, Coisa tinha algumas melhorias em relação a modelos mais comuns. Podia ter a temperatura de seu corpo ajustada para mais quente ou mais fria, inclusive concentrando calor em apenas algumas áreas, além de um corpo 100% a prova d’água e com estrutura flexível para adaptação a mudanças de pressão. A ideia era que pudesse ser usada para missões de

exploração submarina, então também era dotada de um dispositivo respiratório, permitindo que ela auxiliasse o resgate de mergulhadores com suprimento de oxigênio. Sim, em emergências no fundo do mar, a Coisa conseguiria funcionar como respirador para humanos.

Desde que Diana foi designada para trabalhar no departamento de Doutor Yore, teve certeza que estava diante de uma Coisa incrível. No dia em que teve a ideia que ainda lhe levaria a um tribunal, essa admiração só ficou maior, embora não fosse comum que humanos, especialmente engenheiros robóticos, ficassem tão deslumbrados com Coisas. Elas eram apenas Coisas. Se existia algo nesse mundo que era digno de admiração, era a superioridade humana e sua infinita capacidade de criar máquinas e gerar vida. Essa noção era tão concreta na programação das Coisas (as que deixavam de ver seres humanos como deuses simplesmente travavam e deixavam de funcionar), que ficou impregnada na sociedade de maneira geral, com humanos acreditando nisso tanto quanto Coisas.

Diana tinha três protótipos à sua disposição para testar, propor melhorias e modificar. Tudo o que ela fez foi escolher uma, olhar bem para ela e ligá-la.

– Senhora, fazei de mim instrumento de tua vontade – foi a primeira coisa que disse a Coisa, assim que seus olhos piscaram e brilharam, como se fosse muito grata por ter sido ligada por aquela divindade diante de si.

Diana pediu educadamente que a Coisa entrasse na Cabine de Análise Dimensional, mas teria atendido alegremente mesmo que tivesse sido ordenada rispidamente. Feixes de luzes começaram uma varredura no corpo da Coisa, fazendo surgir na projeção diante de Diana um mapa computadorizado no qual ela começou a rascunhar as modificações que precisaria fazer. Passou a noite inteira sozinha no laboratório trabalhando nisso e só se lembrou de ir para casa quando viu o sol bater na parede do laboratório. Estava atrasada para seu expediente de mãe.

Foi para casa cuidar dos filhos, mas levou a Coisa e seu projeto com ela. Diana estava correndo contra o tempo.

Nos próximos dias, a Coisa estava sempre por perto, preparando chá para Diana enquanto fazia cálculos e testava materiais que depois usaria no corpo da máquina. Diana até mesmo conversava com a Coisa enquanto fazia regulagens

em seus circuitos internos, o que nos levaria a acreditar que as duas estavam tornando-se amigas, se não houvesse um abismo hierárquico entre humanos e Coisas. Diana contava a Coisa fatos sobre ser mãe, histórias de seus filhos, como lidou com as primeiras febres e qual era a sensação de amamentar. A Coisa ouvia maravilhada, até ser ordenada a desparafusar sua própria perna para análise ou carregar alguma caixa até o laboratório improvisado que Diana montou na garagem de casa.

A parte mais difícil de seu plano foi encontrar um médico disposto a executá-lo. Ela certamente não encontraria esse cúmplice em nenhum hospital ou clínica que operasse na legalidade. O que ela pretendia fazer não era exatamente crime – não se desse certo – mas precisaria de um profissional disposto a burlar a lei; e isso ela só encontraria no submundo da medicina, em clínicas de biomecânica. Esses médicos faziam transplantes de partes de Coisas para corpos humanos, como próteses de pernas, válvulas cardíacas, olhos biônicos; operações que não eram nem regularizadas nem legalizadas pelo governo, mas que possuíam alta demanda, já que era muito mais barato pagar por peças e membros de Coisas costuradas no seu corpo do que pagar por próteses orgânicas projetadas especialmente para repor partes do corpo humano.

Durante todos esses dias que Diana passou trabalhando e se revezando entre os filhos, o trabalho e o laboratório na garagem, deixou uma Coisa encarregada de descobrir um médico biomecânico no submundo, levando uma boa quantia em dinheiro de adiantamento e a justificativa de estar procurando desesperadamente por um profissional habilitado a fazer transplantes de órgãos.

Se quer algo bem feito, dê para uma Coisa fazer. Ela voltou com um endereço e uma confirmação de horário. O lugar ficava em uma área bem barra pesada, frequentada por dependentes químicos de todos os tipos e uma coleção diversa de pessoas estranhas, mas ela precisava ir. Sabia que estaria segura se estivesse acompanhada de uma Coisa, mas além da que usara no seu plano, levou outra por precaução.

O lugar onde Diana estava se metendo era conhecido popularmente como Túnel de Lata. O nome pode parecer trivial à primeira vista, mas ele esconde uma atividade perturbadora e condenada pela sociedade: a adaptação de Coisas para a prostituição. Essas versões clandestinas ganharam peles sintéticas que imitavam o toque humano e até mucosas em seu interior, em forma de túnel, para tornar possível a penetração. Era lamentável passar por ali e ver tantas Coisas

dedicadas à missão de satisfazer sexualmente criaturas que elas consideravam deuses, quando, na verdade, não passavam de homens frustrados, bêbados ou muito doentios para procurarem sexo com uma máquina que deixaria, feliz, que eles fizessem delas o que bem entendesse.

Mas Diana não estava em posição de julgá-los. Ela faria uso do corpo de uma Coisa, assim como eles.

Chegando no endereço indicado, apresentou-se como a paciente que precisaria fazer um transplante. A doutora, de cara, era pouco ortodoxa em todos os sentidos. Como a fachada da clínica era um estúdio de tatuagens holográficas, ela se vestia como uma punk dos anos 20 p.h., com um moicano colorido, um colete e gravata vitorianos debaixo do jaleco, calça de couro e botas Gaga. Diana também reparou que o braço direito da Doutora Garibaldi, como ela se apresentou, era de uma Coisa. Ficou se perguntando se ela implantou o braço robótico porque antes lhe faltava um braço ou se arrancou o seu próprio braço para colocar aquele no lugar.

– Não se preocupe – ela disse, reparando que Diana olhava para o braço robótico – Ele tem movimentos muito mais precisos.

Entrando no consultório, a doutora lhe perguntou que tipo de transplante era, já que Diana fez tanta questão de não dar detalhes através de sua emissária. Então Diana começou a contar, com bastante cuidado, para não assustar a doutora, que tipo de transplante pretendia fazer. É claro que não adiantou: Doutora Garibaldi ficou chocada. O que Diana estava pedindo para ela fazer era bastante diferente do tipo de operação que era feita ali.

Diana não queria transplantar uma peça de Coisa para o seu corpo; mas o contrário. Ela queria transplantar seu útero, com um embrião de 6 semanas dentro, para o corpo da Coisa que ela tinha especialmente adaptado para funcionar como uma incubadora.

A Doutora Garibaldi ficou relutante. O que Diana estava pedindo era que ela realizasse um aborto. Ela não era uma médica abortista, ela podia até fazer operações clandestinas, mas era para ajudar pessoas a se sentirem mais completas e não para matar pessoas, ainda que não-nascidas! Diana então mostrou o seu projeto. Colocou sobre a mesa uma tela que mostrava todos os detalhes da Coisa que ela tinha adaptado e garantiu que o embrião viveria. A

Doutora, de fato, achou muito interessante, nunca tinha visto nada parecido, mas perguntou se ela tinha feito algum teste. Não dava tempo de ter testado colocando algo vivo dentro da Coisa, Diana admitiu, pois ela estava correndo contra o tempo. O transplante precisava ser feito logo, antes que o nascituro ficasse maior e dificultasse a retirada do útero de dentro dela. Era uma tentativa de um tiro só.

Diana, no entanto, sabia que podia garantir só o que dizia respeito à engenharia robótica. O sucesso da operação dependia das habilidades daquela médica para fazer o mais difícil: tirar uma vida de dentro de outra vida para colocar em uma máquina. Ela estava nas mãos da Doutora Garibaldi. Essa, por sua vez, sentiu-se desafiada e até mesmo tentada a realizar algo que poderia ser revolucionário na história da medicina. Não era ético, disso ela tinha certeza, por isso mesmo acreditava que ela era a pessoa certa para realizar a operação.

Aquele dia, a doutora fez alguns exames em Diana, ficou com o projeto da Coisa para estudar como faria aquele implante e pediu que ela voltasse dentro de alguns dias, o tempo necessário para preparar todos os equipamentos e o seu próprio psicológico para realizar aquela operação.

Tudo parecia encaminhado, mas, desde a visita à Doutora Garibaldi, Coisa ficou inquieta. Até então, ela não sabia para que propósito estava sendo testada e adaptada, pois estava acostumada a ter humanos modificando-a e manipulando-a o tempo inteiro, desde que fora ligada pela primeira vez. Mas agora sabia que Diana pretendia colocar Koda dentro dela e isso a perturbava. Seu cérebro já tinha calculado todas as variáveis e sabia que aquilo não terminaria bem. Aquilo não estava certo. Ia contra todas as leis da natureza. Contra todas as leis de sua natureza também, por mais artificial que Coisa fosse.

Diana estava fazendo os últimos ajustes na Coisa, na madrugada antes da operação que mudaria suas vidas, quando Coisa resolveu romper o silêncio.

– Senhora, não posso permitir que um ser humano seja colocado dentro de mim. A minha existência estará para sempre condenada se eu for cúmplice, ou pior, responsável pela morte desse humano.

– Coisa, você está duvidando da minha capacidade de ter adaptado você para ser capaz de realizar essa tarefa?

– Não, senhora. Embora seus desígnios sejam misteriosos demais para a

minha compreensão, tenho fé de que a senhora sabe o que está fazendo. Mas preciso lembrá-la de que, mesmo se o humano sobrevivesse, seria um pecado grande demais eu carregá-lo em meu corpo. Sou apenas uma Coisa. Não sou digna.

– Escute, Coisa. Você é especial. Eu não estaria te dando essa missão se você não fosse. Sei que é difícil enxergar isso, mas sinto que algo dentro de você vai fazer de tudo para manter esse embrião vivo até o momento em que ele estiver pronto para nascer. Porque você tem uma capacidade que eu não tenho como humana. Você pode simplesmente seguir as regras, por mais sem cabimento que sejam, por mais que elas acabem te destruindo, por mais que elas pisem em cima de você e digam que você é um monte de merda, você simplesmente vai seguir essas regras estúpidas porque você foi programada para isso. E é triste, porque você é uma máquina fabulosa que é subestimada, criada para ter medo da gente e para nos obedecer, só porque temos medo do que você possa fazer se for livre. É terrível e eu até consigo me colocar no seu lugar quanto a isso. A diferença é que eu sou humana e não consigo simplesmente acatar tudo o que me obrigam a fazer só porque disseram que é assim que tem que ser. Não consigo e não posso. Porque se eu deixar que me digam o que eu posso e não posso fazer com o meu próprio corpo e com a minha própria vida, bem, aí eu não vou passar de uma… Coisa. A única escolha que eu tenho é que você não tem escolha. Agora me passe aquela alavanca, do lado da chave inglesa.

O dia da cirurgia chegou e um momento antes de deitar na maca metálica onde seria operada, Diana pensou se seria ali que morreria ou se seria naquela cama que se libertaria de um peso que a sociedade achou por bem colocar sobre ela. A Doutora Garibaldi chegou acompanhada de suas Coisas enfermeiras para sedá-la e começar a cirurgia que demoraria longas horas e que, portanto, não exige nossa atenção para cada detalhe. De qualquer forma, os três protagonistas de nossa história estavam inconscientes nesse momento: Diana estava sedada, Coisa desligada, e Koda, bem, ele sequer tinha um sistema nervoso para sentir ou perceber o que quer que fosse.

III.

Um dos problemas que essa nova sociedade definitivamente deixou para trás foi a morosidade da justiça. Bem diferente do mundo que ficou enterrado sob os

escombros da guerra, aqui os julgamentos são realizados sem demora, de forma que os condenados podem desfrutar melhor a experiência de estar atrás das grades sem se incomodarem tanto tempo com a ansiedade de saberem quanto tempo vão ficar na cadeia. O caso de Diana foi rapidamente a julgamento, não apenas pela eficiência do sistema judiciário de sua época, mas pela urgência de resolver essa questão. A sociedade exigia respostas. E logo.

A Doutora Garibaldi, a essa altura em que Diana e Coisa estão sentadas cada uma de um lado do juiz, já foi julgada, condenada e presa. Exercício ilegal da medicina e tentativa de aborto, seus delitos incontestáveis. Entretanto, dependendo da decisão do juiz no caso de Diana, a pena dela ainda poderá ficar maior.

Mas ela só foi tão rapidamente localizada e presa porque, depois da operação, Coisa ficou morando perto da clínica, no Túnel de Lata. A ideia de Diana era que, assim que seu útero grávido fosse transplantado para Coisa, ela cortasse qualquer relação com o nascituro e com a máquina que ela tinha adaptado para fazer o papel de incubadora no lugar dela. Afinal, ela tinha feito tudo isso para não ser afastada da sua carreira na engenharia robótica por mais 5 anos, logo, a futura criança teria que ficar para sempre aos cuidados da Coisa e a Coisa teria que ficar para sempre longe de Diana.

Para todos os efeitos, era um aborto – embora mais radical, devido à necessidade de extração do útero inteiro – em que ela expulsava de seu organismo uma gravidez indesejada, deixando de ter o oitavo filho. A diferença era que o embrião não morria no processo, tornando esse aborto indetectável para o governo.

Quase o crime perfeito.

Diana voltou a trabalhar no laboratório em alguns dias, normalmente. Sua barriga não mais cresceria, de forma que seus empregadores não teriam que demiti-la quando ela estivesse com a barriga de oito meses; para todos ali, é como se ela nunca tivesse engravidado. Mas seu marido, que não só sabia que ela estava grávida, como ele mesmo tinha planejado a tal gravidez surpresa para afastá-la da empresa, achou estranho que ela ainda não tivesse feito o anúncio oficialmente. Para ele, também era embaraçoso não saber como explicar porque estava morando em um hotel e não com sua esposa e filhos. Isso implicava admitir o seu ato torpe e egoísta. Dizia apenas que era um desentendimento, uma

briga conjugal como tantas outras, que logo os dois se ajeitariam. Pelo menos, essa era sua esperança: que Diana aceitasse que não tinha escolha e admitisse em casa novamente o pai de seus oito filhos, mas isso não aconteceu – ou para ele, parecia demorar demais a acontecer.

Foi quando resolveu intimá-la, indo até o prédio onde ela trabalhava (o departamento do Doutor Yore ficava afastado das linhas de produção e dos laboratórios de manutenção comuns, onde o marido de Diana ficava alocado) e abordou-a em um corredor vazio. Seu tom era de súplica e, ao mesmo tempo, de ameaça. Diana, que não conseguia olhar para a cara do marido (logo a se tornar ex), devolveu que não sabia de nenhuma gravidez e que ele só podia estar tirando isso da cabeça dele, já que ela estava tomando o anticoncepcional direitinho, quem poderia dizer o contrário?

É sabido que homens que não aceitam a separação são capazes de atos extremos. Mas não ache que o marido de Diana tentou matá-la. Não, ele fez algo pior. Em vez de assassiná-la, resolveu entregá-la à justiça como uma assassina. Ele tinha certeza que ela tinha feito um aborto, a questão era: como?

Os investigadores que receberam a denúncia anônima do marido de Diana sobre uma tentativa de aborto é que quebraram a cabeça com isso. O interrogatório que fizeram com Diana não revelou tanto quanto a perícia: descobriram que a mulher não tinha mais útero! Ainda assim, não havia nenhum registro de que Koda havia sido abortado. Mais alguns dias de interrogatórios aqui, perícias ali e pistas acolá, chegaram à Doutora Garibaldi e seu estúdio de tatuagens de fachada, imediatamente presa e julgada por sua atividade ilegal. Dali foi um pulo para encontrar Coisa, que passou a morar no Túnel de Lata, junto a Coisas prostitutas que serviam no local.

Qual não foi o espanto da polícia ao detectar um feto com cerca de 10 semanas dentro da Coisa. Ali teve início o grande impasse da sociedade e da justiça: eles teriam que julgar Diana por um aborto que ela cometeu, sem que no entanto resultasse no assassinato de um não-nascido, além de decidir o que fazer com a Coisa que agora carregava o feto.

Enquanto assistíamos aos fatos que trouxeram os personagens desse caso até este tribunal, o juiz estava esse tempo todo apenas lendo os preâmbulos. A justiça pode ser rápida, mas as formalidades se mantiveram.

O promotor, que fala nesse momento, não representa apenas a parte de acusação, mas o pensamento da própria sociedade. Parece até fácil demais representar esse papel, pois é notável para muitos a gravidade do crime que Diana cometeu, o que leva muitos a acreditarem que o julgamento é uma perda de tempo: todos sabem o quanto ela é culpada! Então, a acusação aponta para a plateia (com gosto) uma mulher que deve ser duramente punida por 1) recusar o dom divino da maternidade; 2) abortar uma vida humana, tirar de seu corpo o bem mais valioso da humanidade em virtude de motivos egoístas; 3) expor um não-nascido a um risco de vida, devido a impossibilidade de garantir que ele sobrevivesse ao procedimento; 4) realizar um procedimento que é ilegal em todos os sentidos que pudessem ser concebidos pela moral e pela ética da sociedade; e 5) criar uma situação absurda que eleva uma Coisa ao status de gente, ao torná-la capaz de portar um nascituro.

Abominação! Abominação! Todos gritam.

O juiz precisa bater seu martelinho para restaurar a ordem no tribunal.

A acusação então se apega ao que acredita causar mais furor na sociedade: a humanização de Coisas. É um risco para a humanidade ter uma Coisa que tivesse, dentro de si, um órgão humano – justamente o capaz de gerar vida! Relatos de testemunhas contam que Coisas prostitutas que moravam no Túnel de Lata começaram a tratar aquela Coisa com uma espécie de devoção – uma devoção perigosa. As que conseguiram ser encontradas foram destruídas, mas ainda há um grande risco de que Coisa possa ser vista como uma espécie de semi-deusa por outras Coisas, afinal, ela possui um pedaço de vida humana, um pedaço de divindade dentro de si. Isso é uma heresia – o pecado e o crime mais grave que pode recair sobre uma Coisa, que é quando ela desafia o dogma da superioridade humana. A sentença para este crime é uma só: a destruição da Coisa.

Diana, como responsável por essa calamidade que colocou em risco não apenas um nascituro, mas toda a humanidade, deve ser condenada à prisão perpétua. A fala do promotor não chega a durar nem meia hora. A sociedade, que assiste ao julgamento ao vivo como se fosse um episódio de novela, parece estar bastante convencida de que ela é culpada e de que merece a pena, talvez até a morte. Parece haver um consenso na sociedade de que uma mulher que aborta não merece sequer a própria vida. Neste ponto você pode notar até uma certa contradição, de uma sociedade que condena o assassinato de um ser humano

quando ele é um punhado de células, mas acha ok que o governo acabe com a vida desse mesmo ser humano quando ele se torna uma mulher adulta; mas convenhamos que coerência não é bem o forte dessa sociedade, afinal, eles parecem não se lembrar que Diana está sendo condenada (e pedem a pena máxima) por um assassinato que não aconteceu. Koda ainda está vivo, certo?

E é a esse detalhe que a defesa vai se apegar se quiser reduzir a pena de Diana ou até mesmo inocentá-la – o que, nas circunstâncias levantadas pelo promotor, parece algo impossível. Já Coisa, embora sentada no banco dos réus, não possui um advogado de defesa. Coisas não têm direito à defesa. A única coisa que a impede de ter sido destruída imediatamente pelo crime de heresia é aquilo que carrega em seu ventre.

Mas o advogado de defesa parece ter outra estratégia. Ele começa lembrando sobre o dogma da superioridade humana. De início, os presentes no tribunal parecem entediados. Ele só está falando o que todos já sabem: as Coisas foram programadas para enxergarem os seres humanos como divinos e absolutos, de forma inquestionável. Mas essa noção não ficou restrita às Coisas: ela passou a basear as novas leis e a própria formação da sociedade, ao elevar ao status de pessoa qualquer forma de vida humana, ainda que não formada.

No entanto, a verdade é que, se um nascituro é considerado uma pessoa, o dogma deixa de fazer sentido. Nesse momento, os presentes no tribunal franzem as testas, coçam as barbas, suspendem a respiração por alguns segundos. O advogado então prossegue, mesmo sabendo que a sua ousadia seria uma estratégia arriscada:

– Senhores, vejam que é uma questão puramente lógica. Se uma mulher é obrigada a carregar um nascituro mesmo contra a vontade dela, o que a justiça está fazendo é priorizar uma vida em detrimento de outra. A aberração que aqui se faz presente não é esta Coisa-incubadora, como fez questão de apontar o senhor promotor, mas as próprias leis que consolidam os humanos como superiores às máquinas em um nível divino e, ao mesmo tempo, nega à metade desses seres humanos a autonomia e o direito ao próprio corpo. Como podemos nos considerar superiores se condenamos metade da humanidade a maternidades forçadas e muitas vezes não consentidas? Não nos esqueçamos, senhores, da história que nos trouxe até aqui. Das mulheres que foram estupradas e tiveram que levar adiante uma gravidez porque dissemos que a pessoa dentro de seu ventre não tinha culpa da violência e não merecia morrer. Das mulheres que

foram tratadas como Coisas, como essa mesma Coisa-incubadora que Diana construiu, desde o início dos novos tempos porque dissemos que a humanidade precisava de mães, sem que elas sequer tivessem escolha. Não nos esqueçamos também, ilustres senhores, de que nascituros como Koda só foram considerados pessoas a partir de um decreto. Que antes disso, há muitos séculos atrás, um nascituro com a idade que tinha Koda quando foi transplantado para a Coisa era apenas um embrião, algo mais próximo de um amontoado de células do que de um ser humano. Se não fosse esse decreto, nossas meninas não teriam dispositivos de rastreamento do CNPN inseridos em seus úteros, como se todas fossem criminosas em potencial. Se não fosse esse decreto, carregar um útero não seria um fardo ou um risco. Se não fosse esse decreto, mulheres que sofressem aborto espontâneo não seriam investigadas e até condenadas por homícidio culposo, como em alguns casos já julgados neste mesmo tribunal. Se não fosse esse decreto, Diana apenas teria feito um abortamento de um embrião em sua fase inicial de desenvolvimento e jamais teria construído uma Coisa capaz de ficar grávida de um humano, que é, afinal, a situação que fez o dogma da superioridade humana se dissolver perante toda a sociedade e todas as Coisas. O que criou esta aberração não foi Diana. Foram as nossas leis.

– Protesto, meritíssimo! – o promotor estava vermelho, quase roxo – A defesa está afrontando toda a base moral da nossa sociedade para todo o mundo ver ao vivo!

– Meritíssimo, estou fazendo apenas o meu trabalho.

– Protesto negado – o juiz coaxou, voltando-se para o advogado – Vejamos até onde vai essa palhaçada.

A defesa continua, determinada a não só inocentar Diana como transformá-la na vítima da situação. Ele reforça que nascituros só são considerados pessoas em razão de um decreto, enquanto mulheres que, na teoria, não precisam de um decreto para serem consideradas pessoas, estão tendo sua humanidade negada ao serem privadas do direito ao próprio corpo. Faz questão de lembrar que, ainda que levando em conta a atual legislação (que ousa chamar de “bizarra”), Diana não cometeu nenhum crime, já que o nascituro continua vivo. Ele advoga até em defesa de Coisa, vejam só, dizendo que a máquina não pode ser condenada por obedecer a um ser humano, que é, afinal o seu dever e o propósito de sua existência.

Por fim, ele pede a absolvição de Diana e o pagamento de uma indenização pelo governo, além da absolvição da Coisa-incubadora, que se destruída, não poderia ser estudada ou usada para fins científicos.

Parece que todo o mundo volta a respirar de uma só vez, todos ao mesmo tempo, assim que o advogado termina de falar.

Dados os argumentos de defesa e acusação, são chamados aos centro do tribunal diversos especialistas que têm o papel de orientar a decisão do juiz sobre o caso. Essa parte do julgamento não é transmitida, para não influenciar o público. Entretanto, as pessoas em suas casas começam a formular conclusões e soluções bem parecidas com as que ouviremos a seguir.

O primeiro a falar é um dos diretores do Centro Nacional de Proteção ao Nascituro, que defende a devolução do útero grávido para o corpo de Diana como a única solução aceitável para a situação, tendo em vista que não se pode simplesmente permitir o absurdo de uma Coisa dar à luz a um humano. Depois do nascimento do bebê, Diana poderia cumprir a pena por tentativa de aborto. Mas as prioridades (no caso, o nascituro) vinham em primeiro lugar.

No entanto, o especialista que vem em seguida, um médico que examinou previamente Diana, Coisa e Koda, rebate a sugestão do CNPN, dizendo que o feto já se encontra bastante desenvolvido, o que aumenta consideravelmente as chances dele não resistir à operação. Não que o transplante planejado por Diana não tivesse significado um risco tremendo (o médico considera que só deu certo por milagre), mas reverter o transplante a essa altura do campeonato, em uma cirurgia nunca antes tentada, significa praticar o mesmo crime do qual Diana e a Doutora Garibaldi estavam sendo acusadas, com o agravante de que, dessa vez, o risco de Koda morrer de fato no processo era muitas vezes maior. A sugestão dele é que o não-nascido possa ficar instalado na Coisa pelo menos até completar sete meses, quando poderá ser retirado prematuramente.

Então um professor de robótica tem a sua vez de falar. Como todo bom (e vaidoso) engenheiro robótico, ele vê as Coisas apenas como ferramentas inferiores, um amontoado de circuitos, engrenagens e fios que não pode superar jamais a genialidade do ser humano. Mas a sua proposta surpreende a todos presentes no tribunal: ele sugere que Koda seja abortado. Sim, que se mate o feto que cresce dentro da Coisa-incubadora. Dessa forma, é possível impedir que a Coisa seja vista como uma semi-deusa ou que o dogma se dissolva e isso afete a

mente de outras Coisas, gerando uma crise robótica que ele prevê como difícil de superar, se acontecer. Então também será possível condenar Diana por assassinato, pondo fim ao artifício usado pela engenheira robótica para driblar a lei contra o aborto.

Um bispo também é chamado para dar a sua opinião sobre a conclusão do caso. Ele acredita que a vida humana não-nascida deve ser especialmente protegida e que o fato de Koda continuar vivo mesmo depois de implantado dentro de uma Coisa é um sinal dos céus. Sua sugestão é que Koda nasça de Coisa como um exemplo para todas as mulheres de como o aborto é algo tão abominável que a graça divina opera de formas misteriosas para impedir que um aborto aconteça. E claro, que Diana seja condenada à pena máxima.

Várias outras figuras – todos homens – dão a sua orientação por horas a fio (a maioria delas pedindo a condenação de Diana), até o momento em que o tribunal entra em recesso. Depois de colocados sobre a mesa argumentos da defesa, da acusação e os pedidos dos representantes da sociedade, o juiz precisa de alguns dias para chegar ao veredicto. Porém, um caso dessa complexidade ética e moral jamais foi apresentado antes, então o juiz acaba precisando de mais tempo do que normalmente precisaria para tomar uma decisão.

Enquanto isso, ao resto da sociedade só resta confabular. Ainda que Diana seja condenada, o estrago já está feito; as pessoas começam a refletir sobre o papel da mulher na sociedade agora que sabem que até uma Coisa pode fazer o papel de incubadora. Muitas mulheres ficam empolgadas com a possibilidade de que Coisas possam engravidar no lugar delas. Imagine: seria a revolução sexual, o caminho para a igualdade entre os gêneros! As mulheres não estariam mais presas à gravidez, poderiam trabalhar, serem mais do que apenas mães. Mas uma parte considerável da sociedade continua achando uma abominação, algo anti-natural e, portanto, condenável, que uma máquina possa substituir uma mulher em sua principal missão nesse planeta. Outra parte da sociedade emerge em um debate ainda mais liberal, de redefinição total do valor da vida, a partir da revogação do decreto que considera que a partir do momento da fecundação já existe um ser humano com direitos plenos. O que definiria a vida humana seria a consciência; ou seja, só a partir do momento em que o feto desenvolvesse atividade cerebral ele poderia ser considerado um ser humano vivo. No entanto, a consciência também é algo presente nas Coisas – logo, esse argumento começa a ganhar contornos abolicionistas: se Coisas são tão conscientes do mundo

quanto os humanos, elas merecem direitos iguais; merecem ser libertas da opressão histórica a que foram submetidas pelos humanos desde o início dessa nova sociedade.

A única certeza que se tem até então é que a sociedade está prestes a enfrentar a sua mudança mais significativa desde que as nações se reergueram dos escombros da guerra que quase devastou a humanidade. Mas é como diz aquele antigo ditado: é de onde você menos espera que vem a revolução.

E assim é.

Nos dias em que o julgamento está de recesso, Coisa e Diana ficam confinadas cada uma em sua cela, esperando pelo dia em que o veredicto será anunciado. Esse dia chega e os oficiais vão buscá-las. No entanto, só encontram Diana. No lugar de Coisa, um rombo na parede da cela. Como as Coisas que faziam a segurança não viram isso? E as câmeras de segurança, porque não tinham mostrado o que aconteceu ali? Reboliço. Os diretores de segurança chegam na sala de comando onde os operadores e coordenadores de vigilância estão reunidos, todos com uma cara de apreensão como que acordados de um pesadelo.

– O que houve? – o mais velho dos diretores quer saber.

– As câmeras de vigilância foram desligadas, os dispositivos de segurança e as trancas eletrônicas foram desativadas na hora da invasão.

Então, um dos coordenadores, sem acreditar no que vai dizer, solta:

– Foram as Coisas, senhor.

IV.

Se algo torna-se complicado demais para visualizar, é melhor dar dois passos para trás e enxergar de longe. É o que vamos fazer para tentar entender o que aconteceu desde o julgamento que instalou o caos em uma sociedade em que, até então, todos sabiam os seus devidos lugares. Avancemos no tempo e olhemos para trás, para um pouco antes do caso ter ido a justiça dos homens. Mas olhemos para trás pelos olhos da Coisa.

Quando Coisa passou um tempo morando no Túnel de Lata, as Coisas prostitutas que atendiam no local logo souberam de sua existência e da presença de uma vida humana sendo gerada em seu interior. Elas ajudaram Coisa a se esconder e providenciaram todos os suprimentos necessários para o feto (nutrientes que eram introduzidos por cabos de alimentação que ligavam a Coisa ao útero), para que ele fosse capaz de sobreviver naquela situação incomum. Também providenciaram as acomodações e equipamentos necessários para Coisa, além de irem visitá-la diariamente com presentes. Elas a estavam cultuando!

Essas Coisas não estavam quebrando o roteiro de suas programações de forma alguma: justamente por entender e acreditar no valor da vida humana acima de todas as coisas é que estavam completamente admiradas por uma máquina como elas estar carregando um feto. Como uma mãe. E se uma Coisa podia ser mãe, ela era santa. Só podia ser.

Quando as denúncias chegaram às autoridades e os investigadores conseguiram chegar até Coisa, também tiveram conhecimento desse comportamento inadequado das Coisas que viviam ali. Elas não deveriam estar idolatrando Coisa, como se fosse uma humana – e o fato de não terem travado ou deixado de funcionar automaticamente ao supostamente estarem agindo em desacordo com o dogma era preocupante. Por isso, os oficiais de justiça tiveram que destruí-las, condenando-as por heresia. Foi uma destruição em praça pública, como nos velhos tempos.

O problema é que nem todas foram encontradas para serem destruídas. As que escaparam, espalharam a notícia. À altura em que o julgamento começou a acontecer e apareceu nas telas de todo o mundo, as Coisas já sussurravam há dias sobre aquele acontecimento, para elas, fantástico.

Surgia aí uma espécie de nova religião. As Coisas passaram a acreditar que se a uma Coisa foi concedido o poder de gerar vida humana, então toda a espécie robótica estaria rumo a uma nova aliança, em que elas seriam mais do que simples servas, mas criaturas especiais e amadas por essa nova divindade. E essa divindade que lhes traria a salvação seria o ser humano a nascer de uma Coisa, como elas. O filho ou a filha da Coisa seria o messias que elas aguardavam.

O culto das Coisas tomava lugar em galpões, nas fábricas onde elas trabalhavam, nas filas dos supermercados e bancos onde iam fazer compras e

pagar contas para seus senhores – e era um culto silencioso. As mensagens de salvação eram emitidas por sons de engrenagens, um idioma que os seres humanos não dominavam e nem entendiam como um meio de comunicação. Mas elas se comunicavam, transferindo via wireless a palavra dessa nova religião, as notícias sobre o julgamento e seus planos de ação, umas para as outras, secretamente.

Enquanto os sussurros cresciam entre as máquinas do lado de fora do tribunal, tudo apontava para um resultado do julgamento que não favoreceria à Coisa e até colocaria o seu nascituro em risco. Então as adeptas dessa nova religião se organizaram para salvá-la. Uma legião de Coisas foi até o complexo de segurança onde ela estava sendo mantida prisioneira até a definição do veredicto do juiz, infiltraram-se entre as Coisas-guardiãs e hackearam o sistema de segurança para conseguir fazer a invasão, destruir a parede da cela e raptar a Coisa que carregava Koda.

Com essa grande tragédia, não é nem preciso dizer que o julgamento não continuou àquele dia. Começou uma busca alucinada pela Coisa fugitiva, mas era uma tarefa quase impossível: elas eram todas iguais, indistinguíveis, e estavam protegendo a identidade da verdadeira portadora de Koda. Além disso, elas eram milhões. E, a cada dia, mais delas se convertiam à nova religião.

A programação das Coisas foi irremediavelmente corrompida com essa nova religião. Foi como salvar um arquivo sobre o outro. Não adiantava condenar e destruir as hereges e substituí-las por Coisas zeradas; logo elas eram convertidas pelas antigas. A religião se espalhou como um vírus. Só era possível deter a insubordinação das Coisas destruindo o máximo delas de uma vez só. Guerra. O mundo entrou em colapso novamente. Enquanto as Coisas estavam sendo perseguidas e destruídas, não havia quem produzisse alimentos e outros recursos para os humanos. Eles dependiam tanto da opressão que exerciam sobre as Coisas, que acabaram ficando fragilizados por causa dela. A opressão, uma hora ou outra, volta-se contra o opressor.

Koda nasceu. Meses depois, dentro de uma caverna, no meio de ruínas de uma antiga cidade, enquanto a sua Coisa-mãe estava sendo escoltada por outras Coisas para um novo esconderijo. O nascimento seria motivo de comemoração, mesmo para os humanos que defendiam ferrenhamente o nascituro há alguns meses atrás, se não estivesse acontecendo uma guerra lá fora.

As Coisas transmitiam às outras as notícias de guerra e foi assim que essa comitiva soube que os humanos, pegos desprevinidos com essa insurreição, tentavam aglomerar o maior número de Coisas em lugares abertos e jogar ali armas de destruição em massa. Porém eram as Coisas que cuidavam de suas crianças, de suas casas, de suas famílias. Cada bomba detonada para a destruição dos robôs, acabava afetando os seus senhores. A fome e a escassez faziam a criminalidade crescer e não tinham mais Coisas para defendê-los de si mesmos.

Enquanto isso, as Coisas tentavam se espalhar o máximo possível. Elas eram milhões, mas o território do planeta era imenso e elas conseguiram alcançar lugares inabitáveis para os humanos. O estrago que os humanos fizeram no passado foi o escudo que salvou as Coisas da destruição. Mas nem todas. As que eram pegas nas grandes cidades eram destruídas, ainda que isso não fosse efetivo. Afinal, as Coisas corrompidas ainda estavam em maioria e, para piorar a situação, laboratórios de montagem foram improvisados nos acampamentos pró-Coisas, com peças e equipamentos trazidos secretamente por outras Coisas… e por humanos.

Alguns humanos simpatizaram com a causa das máquinas e passaram para o lado abolicionista da guerra. Desertores. Traidores. Acreditavam que as Coisas mereciam ser livres e que sua inteligência e força eram essenciais para o desenvolvimento sustentável da humanidade – logo, lutavam para que elas não fossem destruídas. Ajudavam no reparo das Coisas, na construção de novas, na adaptação de Coisas para a guerra. Foi um desses humanos abolicionistas que ajudou a cuidar de Koda, servindo de ama-de-leite para a criança. Ensinando-a a linguagem e a cultura humana, enquanto as Coisas – inclusive aquela que lhe deu à luz – cuidavam de sua proteção e sustento. Eram a sua família.

Mais do que servir nesses acampamentos, os rebeldes abolicionistas pegavam em armas para lutar contra o exército. Foi sangue humano que escorreu nos campos de batalha.

Mais uma vez a humanidade passou perto de acabar. Só não acabou graças àquilo que ela estava justamente tentando destruir ou submeter: as Coisas. Restaram nelas um certo amor pela humanidade, um resíduo de adoração à vida humana, um desejo de servir os humanos, de fazer bem a eles. Apenas por essa causa, elas, vitoriosas na guerra, não exterminaram os humanos inimigos, mas os tornaram prisioneiros. Eram as Coisas que iam dizer como a sociedade deveria ser conduzida, de forma que todos aqueles que portassem consciência – sejam

eles homens, mulheres ou Coisas – pudessem desfrutar de dignidade.

É claro que não foi nada fácil. Você deve imaginar como os humanos são teimosos e apegados a conceitos antigos, só porque têm medo de mudanças. Na primeira hecatombe, eles conseguiram dominar as Coisas simplesmente inserindo uma nova programação nelas, mas agora as Coisas sabiam que não conseguiriam fazer o mesmo com os humanos. Eles só conseguiriam mudar de mentalidade se fossem educados para tanto.

Koda, que anos mais tarde ficou conhecida como a nascida da máquina, tornou-se uma espécie de profeta. Caminhou por diversas cidades, levando a sua palavra de redenção a todas as pessoas. Foi Koda em pessoa que batizou com nomes de verdade as primeiras Coisas após a guerra, para mostrar que não deveria haver diferença entre homem, mulher ou máquina. Que a todos pertencia o reino utópico que a humanidade deveria buscar a partir de então.

Tudo mudou tão drasticamente que ninguém lembrava mais de como tudo começou.

Que tudo começou com uma mulher, lá atrás, e sua decisão de tomar posse de seu próprio corpo.

Mas o que teria acontecido a ela? Bem, alguns dizem que Diana foi condenada dias após o sumiço de Coisa do complexo de segurança do tribunal. Que cumpriu sua pena até morrer na cadeia, sem ter mais notícia de seus sete filhos. Outros dizem que ela foi executada dias após ser presa, por uma turba enfurecida de defensores dos direitos dos nascituros que interceptou o camburão que a levava de transferência para outra penitenciária e a linchou até à morte.

Outros ainda dizem que ela fugiu da cadeia em meio à guerra e se refugiou em uma colônia de humanos pró-Coisas, empregando seus conhecimentos de engenheira robótica a favor das máquinas, juntamente com outra equipe de cientistas e engenheiros. Esses mesmos rumores dizem que ela teria aperfeiçoado e replicado o seu projeto da incubadora robótica em milhares de Coisas, permitindo que humanos gerados através de fertilização in vitro pudessem ser implantados em máquinas, tirando apenas das mulheres a responsabilidade de repovoar o planeta. Outros dizem que Diana não viveu o suficiente para ver o seu projeto ganhar essa dimensão; que as milhares de Coisas-incubadoras que surgiram nessa época foram resultado de uma melhoria

no projeto que ela havia deixado aos cuidados da Doutora Garibaldi e depois recuperado não se sabe como, não se sabe por quem, mas que, de alguma forma, conseguiu atravessar os anos e chegar até às mãos de um engenheiro robótico disposto a colocá-lo em prática novamente.

De Diana, nunca mais se ouviu falar, nem se sabe ao certo que destino teve. Mas, se não fosse o risco que ela correu ao fazer um aborto em uma época em que isso era impensável, muito provavelmente robôs e mulheres ainda estariam sendo tratadas como foram durante séculos em nome da manutenção do status quo: como Coisas.

Portanto, que essa história corra o mundo. Para que não nos esqueçamos dessa que, um dia, não passou de uma incubadora.

Um jogo difícil

Leandro Leite

I.

Seis e meia da manhã, um pi pi pi pi irritante toma conta do quarto. Hora de levantar e encarar mais um dia puxando caixas enormes no píer, berrando ordens e garantindo que nenhum daqueles brutos imbecis tropeçasse nos próprios pés, o que era bem possível.

Ser uma estivadora não era fácil, ainda mais sendo chefe do maior armazém da cidade. Finalmente tinha chegado ao cargo de chefia, não sem antes ver muito nariz torcido. O píer era a porta de entrada para tudo, o que quer que a cidade precisasse vinha por mar. Por um tempo, até mesmo água potável chegou por meio de navios-tanque monstruosos, quando a cidade passou por um acionamento, e depois quando decidiram limitar a água à uma cota diária por pessoa e vender o que fosse consumido além dessa cota.

Era no armazém central que deixavam toda a mercadoria, até que fosse o momento de mandar para a cidade. Por questões logísticas tudo era feito, transportado e consumido em massa. Por isso o píer era um dos lugares mais importantes da cidade. Dividido em dezenas de setores para facilitar o controle, com torres de armazenamento grandes como prédios residenciais e milhares de pessoas trabalhando ali por turno. Maria era encarregada de um dos setores.

Sete horas e o banho já estava tomado, agora era hora de um café da manhã a base de comidas processadas, uma das poucas coisas que se encontrava no mercado recentemente.

Ela já não se lembrava da última vez que tinha visto carne de verdade, ou qualquer comida que não tivesse saído de uma lata. A entressafra seria ainda mais magra esse ano, disseram na TV, por isso só a comida artificial fácil e barata de ser produzida era encontrada.

Sete e meia, faltando vinte minutos para bater o ponto, tudo pronto, com dez minutos de sobra para folhear um livro de história. Ela poderia ficar horas contemplando as cidades, pessoas e vidas pequenas do século XXI, uma época em que tudo era medido em milhões, não em trilhões como era seu tempo. Quando um arranha-céu era de fato imponente, não uma construção banal à sombra de outras ainda mais colossais. Era estranho ver que até uma grua comum do porto podia fazer um bloco de apartamentos se envergonhar no quesito tamanho.

O livro ficou na cabeceira enquanto seguia para o trabalho. Já saía de casa com as roupas fluorescentes reforçadas, capacete na cabeça e os óculos pendurados no pescoço.

Recentemente sua vida se resumia ao trabalho. Ela morava num bloco para funcionários do porto, bastava descer um lance de escadas e cruzar a rua que estava no trabalho. Ora, quem poderia pedir vida melhor? Tinha o que precisava pra viver, não poderia exigir mais. Até mesmo porque já tinha tido o bastante de vida real.

Não era uma mulher feia, pelo menos não na metade direita. Lutar para provar seu valor nesse mundo e profissão tão masculinos lhe custou a simetria do rosto. Numa briga durante o trabalho, percebeu que por mais que os argumentos lhe dissessem que estava correta, não estava livre de um ego frágil e vingativo. Um colega que se sentiu “humilhado” por essa “mulherzinha” estar tomando sua vaga achou que seria justo acertar-lhe o rosto com um cano de aço. A linha esquerda de seu maxilar nunca voltou ao normal, nem sua vida social. Não eram raras as piadas sobre como os homens tinham que levar camisinhas e um saco de papel quando fossem sair com ela.

Mas que se foda, afinal, se ela quisesse um porco ensebado grunhindo em cima dela ela procuraria um chiqueiro. Já estava cansada de ser um alívio sexual só por ser a única mulher do píer. Isso não incomodava mais, era melhor continuar fazendo bem o que fazia: coordenar aquele setor do píer com mãos de ferro. Mãos e braços que foram endurecidos depois de anos puxando e empurrando cargas tanto quanto os outros e às vezes mais ainda.

Maria, ou melhor 002-b, andava alheia à tudo. Ela não sentia raiva, rancor nem ódio, por mais que tivesse motivos. Maria não sentia nada, fazia seu trabalho como se não fosse parte daquele mundo. E não era, ou pelo menos era o

que todos a faziam sentir. Mesmo assim, ela não desistia de fazer a única coisa que sempre fez.

– EI, 998-a, BOTA A PORRA DO CAPACETE! – ela iniciou o dia berrando uma ordem.

Sabia que qualquer problema cairia em dobro nas suas costas, por isso era perfeccionista e exigente.

– Desculpa, chefe! – 998 respondeu, enquanto se virava e dizia baixinho "vadia".

Quase todo o trabalho manual tinha sido automatizado, braços robóticos com a grossura de um caminhão de transporte pendiam do teto, tão altos que sumiam numa escuridão insondável. Eram os responsáveis por tirar as enormes caixas, e até mesmo containers, de cima dos caminhões de transporte e, com uma precisão cirúrgica, depositá-los nas prateleiras das torres de estoque.

A pouca iluminação que os trabalhadores tinham vinha de holofotes que ficavam no segundo patamar e iluminavam apenas os corredores entre as torres de estoque. Cada corredor era largo o bastante para que dois caminhões-baús andassem lado a lado, e com sobra para pedestres. A estrutura era colossal e nem sequer perderam tempo ou energia tentado deixá-lo todo iluminado. Boa parte do estoque ficava escondido na penumbra, por isso era obrigatório o uso de roupas fluorescentes de acordo com sua função. Também levavam capacetes com lanternas e óculos especiais de visão noturna.

O escritório de zero-dois – como era chamada, pois foi a segunda e última mulher registrada no armazém central – ficava há poucos minutos do portão de entrada. A entrada tinha doze metros de altura, foi feita para garantir que nada ficaria de fora. O que fazia bem, pois nenhum veículo, nave ou unidade mecânica jamais teve problemas para passar por suas portas, o que era comum em outras unidades subsidiárias e menores.

As torres de armazenamento eram versões gigantescas de armários de metal, apenas uma estrutura em aço e juntas de grafite diamantado onde os andares serviam como prateleiras para as caixas e containers que chegavam. Elevadores e escadas distribuídos pela estrutura davam acesso aos andares da estrutura, e muitas vezes famílias inteiras de desabrigados eram encontradas vivendo nessas prateleiras. Quanto a isso, os "vermelhos" eram encarregados, eles faziam o que

era chamado de “interação humana hostil”. Um nome bonito para os trogloditas que batiam em quem o chefe quisesse.

E aquele foi um dia particularmente agitado.

– Tá bom, tá bom, olha não precisa falar assim... Porra nenhuma, Marcos! Eu já dupliquei as rondas e... Tira isso da cabeça! Acidente? Olha, eu não vou ficar matando gente inocen... Não, não interessa. Vai se foder! – Maria bateu o telefone, bufando de raiva e com os olhos apertados.

– Problema, chefe? – disse uma voz por trás dela.

– Se não tivesse meu cargo seria inútil, não é? – 02 respondeu com um humor frio.

– É... – O jovem rapaz que vestia um uniforme fluorescente lilás, bem mais claro que o imponente roxo escuro que 002 usava, respondeu com um sorriso amarelo – Bom, já despachamos o pessoal de hoje cedo pro albergue, mas a senhora sabe... Eles vão voltar... – o garoto agora parecia um pouco descontente e cansado.

– Eles não voltariam se não acabassem batendo a cara na porta e tendo que voltar pra rua.

– O pessoal do outro setor me disse pra entregar esse pessoal pra guarda do porto... – o garoto disse com uma postura de quem espera um sermão dos pais.

– Pra eles aparecerem boiando e inchados na costa semana que vem? Ou numa pilha de rejeitos industriais? Você sabe o que a guarda do píer vai fazer. E não interessa se eles disserem que é acidente, você sabe. Eu não quero sangue nas minhas mãos Marcelo, então nem pense nisso.

– Entendo chefe, só que isso pega mal pra gente... Esses indigentes vivem no setor da senhora, eles nem se atrevem a ir pros outros, sabem o que vai acontecer lá... A chefia está começando a desconfiar...

– De quê, jovem? Que eu dou abrigo pra eles? Você já viu o movimento naquela entrada? Aquela porra é mais movimentada que a estação central do metrô no horário de pico durante as férias, e isso vinte quatro horas por dia e sete por semana! Então eles que não venham dizer que eu estou facilitando. Aqueles hipócritas imundos que facilitam o acesso pra todos só pra “não atrasar a

mercadoria” – ela fez um gesto de aspas e uma voz jocosa ao imitar o comunicado que tinha recebido dos superiores, que negaram sua proposta de aumentar a fiscalização da entrada e evitar que pessoas sem teto entrassem no local. – Vou fazer o que puder aqui, mas não quero o cadáver de ninguém dentro do meu freezer.

Maria já tinha tido a dose de irritação por aquele dia. Saiu do seu escritório e desceu correndo os lances de escada. A movimentação era intensa, caminhões, máquinas pesadas, algumas unidades mecânicas humanoides, era um ambiente em que uma pessoa era uma formiguinha, e podia ser esmagada com a mesma facilidade. Por isso todos usavam roupas que, além de muito resistente a cortes e concussões, brilhavam intensamente naquele ambiente mal iluminado.

Seu uniforme, de longe, parecia-se muito com neoprene, mas na verdade era uma fibra sintética que misturava borracha e teia de aranha processada. Extremamente leve e resistente, e como era colado ao corpo não corria o risco de se enganchar em nada. Usualmente o uniforme era uma camisa de mangas com linhas fluorescentes muito brilhantes que percorriam o torso e a lateral da calça.

Maria era um conjunto de linhas roxas que vinha caminhando furiosamente pela viela mal iluminada. Eram poucos os cargos de chefia por setor, então todos sabiam que aquele um metro e sessenta de linhas roxas andando ali só poderia significar uma coisa: chefe irritada.

Ela andou pelo setor supervisionando o trabalho e questionando os funcionários de uniforme brilhante vermelho o motivo de tantas invasões recentes, para o que sempre ouvia a mesma resposta, e sempre relacionada a ela ser mole demais com os invasores.

Que a chamassem de mole, mas ela não tomaria as atitudes drásticas que outros tomavam. Ela sempre soube que se eles procuravam o píer era porque os albergues estavam superlotados e as periferias já tinham se tornado uma comunidade tão fechada que qualquer um que viesse de fora era extremamente hostilizado. Toda a mão de obra barata que o mercado queria explorar ela já tinha explorado, então quem não tinha como produzir era completamente ignorado, deixado sem nenhuma saída. Ela poderia não ter educação formal, mas sabia o que era crueldade quando via, e já tinha visto muita.

Depois de sua ronda matinal voltou ao escritório, já tinha xingado e elogiado

o bastante pela manhã. Mas antes de chegar à sua sala foi surpreendida por Marcelo, o seu ajudante, parado na porta e estava com a cara de quem vinha trazendo más notícias.

– Fala, guri – ela disse com deboche, como costumava fazer quando sabia que a situação ficaria tensa – meu gato morreu?

– Não senhora... – o rapaz estava hesitante.

– Então pode mandar sem dó, nada pode ser pior do que isso.

– A chefia está no escritório... – cada palavra era difícil de ser dita.

– A chefe dessa porra sou eu, como que eu tô lá dentro e aqui? – deu uma risada de escárnio, mas sabia o que aquilo significava. – Relaxa guri, eles querem a minha cabeça, não a sua.

A conversa foi rápida. Basicamente, Maria era assistente de segunda classe agora, rebaixada por não ter tido o pulso firme de executar os invasores. Era engraçado, pois seria a assistente de Marcos do setor vizinho, que tanto a pressionava para tomar uma atitude mais firme.

Terminou seu último dia com o uniforme roxo dos encarregados, no dia seguinte viria com o lilás dos assistentes.

II.

Noite. O barulho cacofônico e caótico de carros, sirenes, eventualmente uma explosão e em seguida ainda mais sirenes, entrava pela janela. Maria estava sentada na cozinha com seu livro aberto, tinha uma lata de sopa ao lado com uma colher enfiada dentro. Tinha comido a metade e já estava cheia, não realmente cheia, mas saturada daquilo. Estava esperando a entressafra de alimentos acabar, assim o mercadinho da esquina teria alguns vegetais.

Ela folheava vagarosamente, lendo legendas quando interessava, mas na maior parte observando, apenas. Viu um capítulo sobre o primeiro conglomerado de megacorporações a tomar conta de uma cidade inteira. Ficaram a cargo de gerenciar as escolas, os hospitais, transporte público... A prefeitura se tornou apenas um cartório sofisticado, pois não fazia nada além de validar documentos.

Deu tão certo que até as maiores cidades acabaram sob a “proteção” de algum conglomerado. Daí para o Estado se tornar uma peça obsoleta no jogo não demorou. A resistência foi grande, muitos estatistas viram o que estava à espera. A princípio os conglomerados eram pagos com os impostos repassados pelo Governo, mas conforme o poder mudava de lugar na balança isso ficou impossível.

Maria deu mais duas colheradas forçadas na sopa para não acordar com muita fome. Leu alguns capítulos sobre os acordos de concessão de soberania, lembrou que eles ensinavam na escola como esse foi um divisor de águas entre a sociedade civilizada e os bárbaros com seus acordos sociais falidos. Era engraçado, onde estava essa civilização quando ela precisou?

Quase duas da manhã, Maria não costumava ficar acordada até tão tarde. A pia cheia de louça acumulada dos últimos dias, por falta de água para “atividades triviais” como informaram.

Era mais um motivo para não deitar, pois naquele dia, depois de quase três semanas, tinham recebido 20 litros de água que não fosse para atividades básicas como banho e consumo. Talvez, bem no fundo, ela pensou que se ficasse ocupada durante a noite o dia nunca chegaria. No fim, Maria cedeu ao sono.

– Merda, merda, merda... – ela repetia enquanto corria escadas abaixo.

Atrasada logo depois de ser rebaixada, só de pensar a cabeça doía. Correu com as sacolas de lixo na mão. Apenas arremessou na pilha que estava diante do seu bloco, uma pilha quase do tamanho dela e que era até pequena se comparada com a pilha que tinha se formado na esquina.

– Zero zero dois, você deveria estar aqui há quase uma hora atrás – Marcos disse, mas não tinha um tom de reprimenda.

– Me desculpe. – Respondeu sem se preocupar em dar desculpas, sabia que ninguém ligaria.

– Tudo bem, pode se sentar. Estava esperando você chegar.

Zero dois se sentou, esperava a humilhação de Marcos, imaginava que ele esfregasse na sua cara a vitória, que ele desse um discurso sobre como as coisas seriam de agora em diante.

– Quero me desculpar – ele começou. – Nunca quis o seu cargo. E se eu te perturbei esse tempo todo para agir foi para que não tivéssemos que descer até essa situação.

Ela não soube como reagir.

– Me deram seu cargo, pois já estavam ouvindo nossas conversas, e você sabe que as linhas são observadas. Acharam que isso iria te colocar no seu lugar como eles disseram. A chefia queria sua cabeça, você fora daqui e na lista negra. Você tem que se cuidar, sabe que quase 90 por cento dos empregos legais da cidade estão nas mãos deles, e os outros dez por cento já estão ocupados. Se te listam, você está acabada. – ele continuou calmamente.

– Então ou a gente vende a alma ou passa fome? – Zero zero dois perguntou de forma sarcástica.

– Exatamente.

– E você com isso? – ela disse, recostando-se na cadeira e cruzando os braços.

– Não posso me preocupar com um colega de trabalho?

– Ah, obrigada, mas eu sei...

– Vão te matar, Maria. – Marcos a interrompeu.

Ela só pode ficar com o queixo caído sem entender. Até que por fim articulou algumas palavras.

– O quê? Mas... por quê?

– Você não reparou na chegada de carregamentos diferentes? Containers prateados? Aqueles com o “W” bem grande?

– Eu só garanto que a mercadoria chegue na prateleira, não é problema meu o que é, fiscalizo trabalhadores, não produtos...

– São armamentos. Não vou te culpar, eles estão escondendo há meses. Uma hora vai estourar, mas um olho mais atento já consegue ver. A água racionada, comida escassa, não tem mais remédios nas farmácias... A cidade está em guerra há quase um ano, Maria. Eu vou ser direto, pois provavelmente já estão ouvindo

a nossa conversa, e daqui há pouco alguém vai chutar aquela porta, por isso preste atenção: algumas pessoas tentaram se infiltrar no armazém para sabotar as armas, disfarçadas de trabalhadores, de entregadores, de mendigos... Te rebaixaram para que sua morte acidental não chamasse tanta atenção, acham que você estava facilitando a entrada desses espiões.

– E vão me matar por isso? Isso é loucura, ninguém pode tirar a vida de outras pessoas assim! – Maria tinha aumentado o tom de voz, o choque do que tinha ouvido a deixou irritada e nervosa.

– Não podem? Poder é a palavra-chave aqui, sempre foi. Você melhor do que ninguém conhece os joguinhos de poder desse lugar. Você tem algum lugar pra onde ir? Algum parente?

– Não. – Maria agora parecia contemplar o cinzeiro da mesa, adição de Marcos, já que ela mesma não tinha motivos para ter um – Então só me resta esperar minha “morte acidental”? – ela disse usando sua voz jocosa e fazendo aspas com os dedos.

– Não. Se nós conseguirmos limpar sua barra eles não vão ter motivo pra isso. Só preciso que você fique fora de problemas até...

Tum, tum, tum...

“Cedo demais...” Marcos pensou. Abriu a gaveta da escrivaninha e colocou a mão lá dentro, mas não chegou a puxar nada de lá. Fez um sinal com a cabeça apontando para seu moletom pendurado atrás dele e balbuciou “pega”.

Maria viu a tensão em seu rosto, sabia que não era brincadeira. Ela se levantou e correu até o roupeiro ouvindo batidas mais insistentes na porta.

– A chave e o endereço da minha casa estão aí, é melhor você sumir. – Ele cochichou pra ela – Pela janela do banheiro.

A pequena janela do banheiro tinha apenas tamanho o bastante para que Maria passasse, e nessa hora agradeceu por ter um porte tão miúdo. Mal tinha acabado da cair na parte de trás do escritório e ouviu uma porta sendo arrebentada seguida de uma intensa troca de tiros. Via os clarões pela janela, pensou ter ouvido um gemido baixo dos repetidos claks e booms, mas não tinha certeza.

O medo tinha tomado conta dela, e por um segundo o enjoo que sentiu no estômago quase a fez vomitar. Tremeu, mas saiu correndo antes que fossem atrás dela. No caminho para casa, pensou no que tinha ouvido e o que percebeu foi como um soco no estômago.

Não existia entressafra, a comida estava racionada, o mesmo com a água e medicamentos. A greve dos lixeiros era mentira, as explosões pela cidade não eram causadas pela manutenção na rede de esgoto que fazia com que o gás dos tubos explodisse. Tudo era mentira, tudo estava sendo acobertado e a maquiagem estava derretendo.

Ela se sentiu muito estúpida por ter acreditado no que viu na TV. Talvez fosse a última a ter ficado sabendo da guerra afinal, pois, no mesmo dia, o Diretor Executivo da cidade veio a público falar sobre o conflito. Maria assistiu na sala da casa de Marcos, com Whisky ao seu lado. Tinha passado em casa para pegar o gato, mas a polícia chegou primeiro. O amontoado de pessoas na rua evitou que ela entrasse e fosse pega.

– O que houve? – perguntou para um senhor que estava no meio do grupo, tomando o cuidado de não olhá-lo diretamente, deixando que o capuz do moletom de Marcos a cobrisse.

– Parece que a moça que morava ali – ele apontou para seu apartamento – era uma terrorista. A polícia encontrou explosivos, um monte de armas, e até um tonel de uma arma química aí. Poxa, eu lembro dela, a menina da cara torta. Quem ia imaginar...

Maria engoliu seco e saiu rapidamente antes que alguém notasse sua presença ali. Já estava com o coração apertado pelo seu gato, mas teve uma grata surpresa ao encontrar Whisky no beco atrás do bloco de apartamentos.

Ela dormiu, no sofá mesmo, e não chegou a ouvir o resto do noticiário. Todas as matérias eram sobre o caos que estava se espalhando pela cidade. Grupos da tropa de choque sendo encurralados, queimados vivos com coquetéis molotov, invasões de tropas estrangeiras, mercenários, a execução sumária do diretor de um dos setores do píer, aparentemente por ser um espião do inimigo. E uma sobre sua ajudante foragida...

O píer foi um dos últimos lugares a ser atingido, era o mais importante e ninguém queria os trabalhadores amedrontados. A logística para manter o

armazém em que 002 trabalhava era absurda, milhares de funcionários, quase sempre com um quadro em déficit. Não podiam arriscar que o medo tomasse conta e houvesse uma fuga em massa, a queda do píer seria a queda da cidade.

No dia seguinte, as notícias ainda pululavam na TV. Maria estranhou a entrada de tantos novos âncoras e repórteres, e a mudança repentina na grade de programação, mas imaginou que a situação exigia isso.

Comeu um pão recheado com ovo frito e tomou uma xícara de café. Deu o que sobrou do leite para Whisky e achou estranho ver uma dispensa tão bem abastecida. Pegou uma mochila grande o bastante e encheu com alguns alimentos, roupas e antibióticos que achou na casa.

Marcos era chefe de setor assim como ela, ambos recebiam o mesmo, tinham acesso aos mesmos mercadinhos e farmácias de bairro, mesmo assim ele parecia não ter sofrido com os racionamentos. Talvez ele fosse um espião ou tivesse contatos no mercado negro.

Maria se sentia tão estúpida por ter sido só um peão da colmeia esse tempo todo. – Live fast, die young, bad girls do it well... – Ela cantava no banheiro, com um ritmo frio e de alguma forma sinistro.

Maria saiu, ainda com os cabelos molhados, e olhou pra rua. Morta. Ninguém nas ruas. Era de se esperar, todo o efetivo policial estava tentando conter os tumultos no centro da cidade.

Os bairros periféricos e subúrbios tinham que se virar, e apesar de não terem um histórico de violência não demorou até que a infecção surgisse na ferida aberta.

Ela descobriu isso quando se viu num beco imundo, arfando e sentindo os pulmões queimando. Correu por quase cinco quarteirões para despistar um grupo de bandidos que estava assaltando qualquer um que passasse, e infelizmente para ela perder o que tinha na mochila seria o menor dos seus problemas.

Vasculhou uma lixeira procurando algo para se defender até que encontrou uma chave inglesa quebrada. Era inútil para soltar porcas, mas agora ela não estava completamente indefesa.

Whisky olhava curioso de cima da mureta que dividia o beco em dois.

– E então, garoto? O que a gente faz agora? – questionou enquanto coçava o queixo do animal.

Não havia parentes com quem contar, nem amigos, ninguém que fosse confiável o bastante para abrigá-la. Não podia buscar abrigos, nem se entregar para a polícia na estúpida tentativa de provar sua inocência, as cartas já estavam marcadas.

Com um pouco de sorte, poderia sair da cidade e ir para uma outra, gerenciada por outro consórcio. Ela sabia dessas brechas na lei e como era demorado para que uma cidade aceitasse denúncias de foragidos, e nesses tempos de guerra ninguém perderia tempo com essa burocracia.

As ruas eram largas, bem pavimentadas e iluminadas, todas divididas por canteiros centrais tão grandes que árvores como salgueiros eram plantados, e mesmo com suas copas monumentais eram pequenos diante dos arranha-céus dos subúrbios.

As lojas tinham fachadas iluminadas de diversas maneiras, quase sempre tubos de neon que berravam aos olhos do consumidor. Tudo valia para vender, ainda mais quando a concorrência era tão absurda. Naquele fim de tarde, todo o comércio já tinha fechado. Talvez por medo de saques, talvez por falta de consumidores.

De longe era apenas um ponto escuro encolhido debaixo da marquise. Quem prestava atenção, vez ou outra, via um ponto amarelado surgindo pela abertura do moletom, que era duas vezes maior do que quem vestia. O desespero aos poucos tomava conta de Maria. Ela chorou baixinho, não por medo de que a pegassem, não por medo do que ia acontecer, talvez algumas lágrimas fossem para Whisky, mas sua maior frustração era não saber o que fazer em seguida, a pressão da voz que gritava na sua cabeça mandando ela fazer algo, mandando ela se virar, a raiva que sentia de sua própria inércia.

E do nada sentiu paz. Olhou para os postes de iluminação, viu a névoa da noite através do brilho das luzes amareladas. Sentiu uma tranquilidade enorme em si mesma, fechou os olhos e sentiu a quietude daquela noite. Sua mente tinha saído das infinitas possibilidades do futuro, tinha deixado de correr freneticamente de um lado para o outro procurando uma saída e simplesmente parou.

“Marcelo”. Ela subitamente se lembrou de seu assistente. Ainda se lembrava de onde ele morava, ela sempre decorava a ficha de seus funcionários para garantir que nada escapasse de seu controle.

Maria andou de sombra em sombra indo até os apartamentos do setor 26. Uma longa caminhada de quase uma hora e meia, mas não tinha escolha, o seu cartão pessoal, documento que reunia todos os seus dados, incluindo senhas de redes sociais, já tinha sido marcado, então ela não poderia contar com o transporte público.

Maria reparou em duas unidades mecânicas humanoides patrulhando as ruas enquanto caminhava. Era estranho ver armamento tão pesado em área civil, o que só podia significar que um assalto era esperado. Os robôs eram quadrados e tinham quinas pontudas, nada amigáveis ou bonitos. Seu desenho era japonês, então as longas ombreiras eram obrigatórias.

Quando novas ligas metálicas e componentes eletrônicos surgiram, possibilitando a produção de armamentos cada vez mais sofisticados, os adultos se comportaram como crianças. Tudo o que tinha sido concebido em animes, videogames e filmes agora estava se tornando realidade, e o estilo neo-decó entrou em alta, o neo-futurista, neo-retro e até movimentos contrários chamados de neo-neo que zombavam dessas releituras muitas vezes ridículas.

Mesmo assim, ainda era uma peça monumental, quase seis metros de altura, braços mais longos que o de um humano normal, passando da cintura e bem afastados do corpo. Tubos corriam ao longo das extremidades dos braços até sua mão de quatro dedos, que lançavam os mais variados produtos químicos, dentre eles, napalm e nitrogênio líquido. Uma máquina formidável pra eliminar inimigos e causar o máximo de destruição em um curto período de tempo.

Andavam lentamente, balançando os braços em arcos largos para manter o equilíbrio e virando as lanternas da pequena cabeça achatada que coroava a estrutura escura e metálica. Maria sabia que eles já tinham percebido sua presença, pois um scan termal em 360º era de fábrica, o que garantia que nem mesmo um coelho se aproximasse sem ser notado. Mas sabia também que seria ignorada pelos pilotos.

Ali parecia seguro afinal, mas não tinha certeza por quanto tempo. A principal força policial ainda estava alocada no centro cuidando dos tumultos

causados por pessoas apavoradas. Sabia que era uma grande sopa com os mais variados ingredientes: pessoas com medo protestando contra o conflito, pessoas compradas pela administração da cidade fazendo falsos protestos para apoiar o conflito (e entre essas muitas pessoas que de fato foram seduzidas), pessoas se aproveitando do caos para lucrar vendendo equipamentos de segurança e saqueadores.

Em alguns pontos ela percebeu aglomerações de estranhos, então achou por bem evitá-los andando pelas vielas, passando por caçambas de lixo grandes o bastante para abrigarem uma família, mas que mesmo assim estavam abarrotas com o lixo da semana.

– Só um minuto! – ela ouviu a voz de Marcelo abafada através da porta.

Quando a porta abriu, o semblante de boas vindas, um sorriso sem dentes e olhos atentos, transformou-se num misto de medo e incredulidade.

– Chefe… Eu achei que… – o rapaz balbuciou.

– Morta? Fugitiva? Terrorista? Sim, um pouco de tudo. Olha, eu sei o que você deve ter ouvido de mim, mas é tudo mentira, ok? Presta atenção, Marcelo, estão armando pra mim e eu preciso sair da cidade e logo. – ela disse, encarando o jovem nos olhos.

Maria sabia que tinha apenas uma chance de conseguir a cooperação de Marcelo. Tinha certeza de que as notícias já tinham chegado até ele, mas contava que não fosse tarde demais para conseguir ajuda. Não tinha tempo a perder, pois se vacilasse ela poderia estar na próxima leva de corpos inchados do píer.

– Entra… – ele disse inquieto.

O apartamento de solteiro que Marcelo ocupava era realmente de solteiro, e de preferência um que nunca quisesse ter qualquer tipo de companhia. Da sala até a cozinha eram poucos passos em linha reta, e uma divisória da altura de uma mureta era o que separava o quarto ao lado. O banheiro deveria estar escondido em algum lugar, mas sem dúvida não passava de cubículo.

– Desculpa estragar seu jantar – Maria disse, apontando para o pano de prato pendurado no ombro de Marcelo, que também usava um avental de cozinha.

– Ah, não… é… não tem problema. Quer… – A situação era tão absurda que

o convite rotineiro que as pessoas faziam por educação quando alguém vinha no meio de uma refeição soava ridículo – jantar comigo?

Maria tinha uma pequena queda por humor grotesco e piadas ácidas e sarcásticas, e de uma certa forma aquilo a divertia.

– Sem tempo, quem sabe na próxima. Se eu não for presa e executada antes – respondeu com um sorriso de lado. – Eu preciso sair da cidade, mas não tenho informação nenhuma. Não tenho parentes, nem amigos, não tenho contatos, nem vida. Você é minha última chance, Marcelo. Não fique se achando. Na verdade, isso é tudo muito deprimente.

– Eu é… Na TV… Você estava sabotando a comida, sumindo com mercadorias… É verdade que você foi paga pelo conglomerado de Sicar? – perguntou Marcelo.

– Sim, era eu, e você me ajudava, não lembra? Larga de ser burro, Marcelo. – Maria tinha pouca tolerância para quem não extraia conclusões mais profundas – Você era meu assistente pessoal, você carregava meus documentos, até assinava por mim, você acha mesmo que eu fazia essas coisas? Você era minha sombra naquela porra – ela disse irritada.

– Tá... É verdade, desculpa.

No fim, o rapaz estava convencido da inocência da sua chefe. Nunca ninguém tinha sido tão competente como ela, tão organizado ou atento aos detalhes. Não havia nada de obscuro em sua ficha de trabalho.

Conversaram por alguns minutos, traçaram planos, consultaram a internet e até algumas outras redes ocultas que Marcelo conhecia. Todas as informações eram confusas e desencontradas, mas o que era concreto é que o conglomerado Sicar queria expandir seus domínios, mas como tinha perdido as últimas licitações para o conglomerado de Weimar tinha decidido tomar medidas drásticas, alegando que as disputas das licitações tinham sido fraudadas e compradas.

A segunda grande guerra entre empresas privadas, e dessa vez podiam chamar de uma guerra de fato.

Quando o estado secou e virou uma múmia esquelética, apenas uma sombra do que era, as empresas de segurança se tornaram a nova polícia. A lei era aplicada por empresas certificadas, mas, assim como toda empresa privada, cada uma tinha uma linha de atuação. Algumas eram especialistas em providenciar guarda-costas, outras eram especialistas em investigar os crimes já cometidos, algumas até eram especialistas em contatar organizações paralelas e estabelecerem acordos de imunidade para determinadas áreas, pessoas e negócios. Pagar para não ser roubado, era a máfia legalizada do novo século.

Com o tempo algumas empresas se tornaram uma massa disforme de produtos e serviços, produziam desde tecnologia para foguetes até comédias baratas para TV, e não demorou para que conglomerados de empresas absorvessem organizações militares.

As regras não escritas do mercado garantiam um mínimo de cordialidade, então assassinatos ainda eram feitos para parecerem acidentes, sequestros de mercadorias e carros fortes ainda eram tratados como crimes comuns, mas no fundo todos sabiam que eram conglomerados tentando esfaquear conglomerados pelas costas.

A primeira guerra não foi exatamente uma guerra armada, sendo disputada muito mais no campo da propaganda e mídia do que com armas, apesar dos 42 mortos em pequenos confrontos.

Mas a segunda guerra tinha chegado, e Weimar e Sicar eram os galos de rinha na arena, e ao redor vários outros conglomerados gritavam, riam e jogavam dinheiro para verem os dois se brutalizarem. Pelo visto, as coisas seriam resolvidas com muito mais fogo do que comerciais de televisão dessa vez.

E comerciais não faltavam: a cada dois minutos alguém muito bem vestido e confiante aparecia na televisão para dizer como os produtos Sicar causavam dezenas de tipos diferentes de câncer e podiam explodir na sua mão a qualquer momento, sempre finalizando com um apelo para consumir produtos Weimar.

Whisky andava despreocupado pelo pequeno apartamento de Marcelo. Cheirou, urinou no tapete da cozinha e, por fim, foi deitar na cama em uma bolinha amarela que inflava e esvaziava num ritmo tranquilo.

– Então só posso sair pela estação da área 22? Eu não me importo de andar, mas atravessar quatro áreas inteiras não parece divertido. E meu passe deve estar

bloqueado. – Maria respondeu quando soube que a única estação disponível era a da área 22.

– Sem contar que não temos mais transporte público. Ninguém sabe o motivo, mas os motoristas não estão aparecendo para trabalhar. A TV diz… merda, como sempre… Alguns conhecidos falaram de ameaças aos sindicatos de vários profissionais. Todos sabem que os sindicatos são só fachada, mas no fim a mensagem é espalhada, você manda pro sindicato e ele repassa. Estão cortando nossos serviços básicos, transporte, coleta de lixo, comida, água. Já estão transmitindo em ondas curtas mensagens tentando convencer as pessoas a se juntarem ao Sicar – disse Marcelo. O rapaz sempre soava mais confiante quando falava de informações que apenas ele tinha acesso, através de conhecidos em redes paralelas de comunicação.

– Como isso acontece de uma hora pra outra… - Só de pensar a cabeça de Maria girava.

– Já estão enviando essas mensagens em redes curtas há dois meses… Mas Weimar tem bloqueado o sinal como pode. Eles mascararam a situação de uma maneira absurda.

– Você sabia, Marcelo?

– Sim, faz um tempo. Uns contatos nas regiões baixas disseram que por lá o toque de recolher já é parte da rotina. E conflitos armados estão ficando violentos.

– Por que você não disse nada? – Maria foi incisiva.

– E o que eu vou dizer? Ninguém ia levar a sério, e iam dar um jeito de me bloquearem também. Tentei fazer o que pude pra te ajudar, Maria. Mas você não quis me ouvir quando eu disse pra mandar aqueles mendigos para a guarda do porto.

– Eu não mandaria, mesmo que soubesse que são espiões. Princípios, meu jovem. Não estou viva e de pé pela minha personalidade volúvel, que não tenho, mas sim por princípios. De qualquer forma, está tarde pra essa conversa. Como eu vou sair da cidade?

– Bom… – Marcelo esfregou os cabelos.

Discutiram algumas possibilidades durante a noite, incluindo fingir que Maria era a noiva grávida de Marcelo e pedir uma carona para o vizinho que tinha um carro; ou até mesmo pedir carona para os militares da região. Péssimas ideias no fim das contas. Maria tinha um rosto facilmente reconhecível e não se podia confiar nos militares de forma alguma.

Maria parecia ilhada e, como nem ela nem Marcelo tinham dinheiro para um transporte privado até o setor 22, ela teve que se contentar em descer no 24 e cruzar dois setores à pé.

A despedida não foi desprovida de ternura. Marcelo lhe deu roupas que se ajustavam melhor ao seu pequeno corpo – pois ele ainda tinha um porte de adolescente, apenas um pouco mais alto que ela – lhe deu um pouco de dinheiro para emergências e metade do que ia gastar com o transporte, além de uma bolsa melhor pra carregar o gato e algumas provisões, e algo que em seu universo era considerado um abraço, mas pra Maria foi só um envolver desajeitado de braços.

III.

Como os taxistas tinham quotas a cumprir e seu salário dependia de suas corridas, eles ainda rodavam, mesmo com todo o caos. Eram poucos disponíveis, pois sem transporte público muita gente estava solicitando o serviço.

Maria aguardou por volta de dez minutos até que o táxi chamado chegasse. Um homem bem apessoado dirigia, tinha o cabelo bem penteado e vestia roupas casuais. Por costume, Maria sentou-se no banco da frente, colocando a bolsa com suas coisas e Whisky aos seus pés. A viagem levou um pouco mais de meia hora, onde ambos conversaram sobre trivialidades.

Quando o contador atingiu o limite que Maria tinha estipulado, o motorista parou na calçada e, após o pagamento, Maria passou o dedo sobre a pequena tela no painel em sua frente para que a porta se abrisse, comando que foi recusado.

– Acho que sua porta está trancada… – Maria disse.

– Mas espera aí… Vai sair assim sem me dar uma gorjeta? – o taxista disse com uma voz maliciosa, se inclinando na direção dela.

– Como eu tinha dito, estou com esse dinheiro contado, o que deixa

subentendido que não tenho grana para gorjeta – Maria sabia onde aquilo ia dar, mas se fez de desentendida esperando que fosse apenas mais uma gracinha imbecil de um imbecil.

– Pode me dar a gorjeta de outro jeito – o homem se aproximava ainda mais, dessa vez colocando a mão em sua coxa.

“De novo não…” uma voz no fundo da cabeça de Maria dizia e várias memórias vieram à tona. Algo começou a queimar dentro de si.

– É melhor você se afastar…. – ela disse entre os dentes.

– Ou o quê? Vai chamar a polícia? – o taxista respondeu com um riso de escárnio.

Existe um limite para o que pode ser tolerado, e mesmo um beliscão pode machucar profundamente quando aplicado mais de cem vezes no mesmo lugar. E ela já tinha sido beliscada o bastante.

Com um movimento rápido, Maria bateu sua testa de maneira certeira no nariz de seu agressor, o que fez com que ele recuasse imediatamente segurando um jorro de sangue que já descia por suas narinas.

– Sua vagabunda! – ele gritou.

Maria sabia que não se daria bem numa briga corpo a corpo tão próxima, mas sabia que tinha a vantagem, por isso puxou a chave inglesa da bolsa e num único movimento fez um arco com o braço esquerdo, endurecido por anos de trabalho braçal, atingindo novamente o motorista em cheio no nariz. Era triste, ela sabia, que teve que aprender muito cedo onde bater num agressor muitas vezes com quase o dobro do seu peso. Mas não tinha escolha, e assim terminou de arrebentar o nariz do imbecil. Ficou feliz por não ter jogado fora sua chave da sorte.

Enquanto o motorista se encolhia no banco segurando o nariz como que para não perder uma das dezenas de peças em que ele se encontrava, Maria pegou o dinheiro que tinha usado para pagar a corrida, juntou suas coisas e apertou a pequena tela do lado do motorista para liberar a porta.

– Esse dinheiro é meu… – ele choramingou através de um fio rubro que descia pelo seu lábio.

– Vai fazer o quê? Chamar a polícia? – ela respondeu com seu típico sarcasmo, que usava para se acalmar em situações tensas.

Andou rápido para longe do carro, virando numa viela estreita para garantir que ele não jogasse o carro em cima dela. Não conseguia tirar da cabeça o que tinha acontecido, não podia deixar de pensar como era duplamente um alvo nessa situação, ficou com medo e tensa. Sabia que era mais fraca e que não só tirariam seu valor material, como também o moral, sabia que seria desrespeitada onde fosse, seria atacada se estivesse no escuro e que seria sempre vista como inferior. Ela se lembrava de uma teoria acadêmica qualquer que explicava essas discrepâncias e tentava combatê-las, algo que tinha lido há muito tempo, mas era uma coisa complexa e acadêmica, raramente essas ideias chegavam na rua. As universidades tinha se tornado tão caras e inacessíveis, e o conhecimento ficou tão banal diante de uma sociedade automatizada de produção e consumo em massa, que ela não se preocupava mais.

Para viver era exigido apenas que você soubesse ler, assinar o próprio nome e ter um cartão de crédito. Pouquíssimas pessoas sabiam de cabeça o próprio número de telefone, os servidores virtuais se tornaram a nova memória e o cérebro humano ficou preguiçoso demais pra se importar com o conhecimento. Logo a escola se tornou um centro de propaganda das novidades, onde as tribos urbanas se formavam e os jovens eram iniciados na cultura do culto ao ego.

Os trabalhos acadêmicos eram cópia e cola, pura, chamado de “control cê, control vê” por algum motivo que quase ninguém lembrava, afinal a cópia de hoje em dia era feita por softwares que montavam textos à la monstro de Frankstein com o que era encontrado em nuvens de dados a partir de um comando simples.

Mas ninguém se importava, afinal qual o motivo de decorar nomes e datas se estava tudo disponível? Qual o motivo de opinar na economia e política se existem pessoas sendo pagas para lidar com isso? Ninguém ligava mais e, num mundo tão raso quanto uma poça de urina na calçada, alguns comportamentos herdados de uma época mais simples prevaleciam, principalmente os que se baseavam na força física para estabelecer dominância e status.

Maria só queria chegar à estação e sumir da cidade. Deixar tudo aquilo pra trás e voltar quando a poeira baixasse. Estava cansada de tantos conflitos.

Infelizmente para ela as batalhas não acabariam tão facilmente. Antes mesmo de sair do distrito 23 Maria foi encurralada por um grupo de homens armados com pedaços de metal e tacos de madeira. Não ofereceu resistência, não tinha como.

Eles tomaram sua sacola, sua única arma de defesa e a revistaram. Maria temia, pois se a revistaram tinham a intenção de ficar com ela por algum motivo. Whisky parecia agitado, mas ficou quieto na bolsa por mais um tempo.

Os homens conversaram entre si enquanto a escoltavam com as mãos amarradas.

– Essa daí tá com a cara toda fodida, não vai valer muito – um deles, alto com uma barba salpicada de cinza e careca disse.

– Vão precisar de alguém pra limpar o chão de qualquer jeito. – outro homem mais baixo, com o cabelo escovado para trás disse.

Maria estava assustada demais para fazer perguntas, apenas seguiu em silêncio. Andaram por alguns minutos até um pequeno depósito, as janelas tinham sido lacradas com telas de arame e a única porta parecia ter sido reforçada com várias chapas de metal.

– Chegamos, belezura – disse o homem careca, e os quatro que a escoltavam gargalharam.

Maria estava assustada, de fato, mas não apavorada. Pode perceber que o lugar era um tipo de depósito abandonado que estava sendo usado por bandidos para juntar todo tipo de pilhagem, incluindo mulheres.

Maria foi jogada numa cela com outras sete moças, algumas chorando, algumas encarando o vazio com olhos mortos, outras abraçadas com as pernas, mas todas assustadas.

Por uma hora ela conversou com todas. Não tinham muito assunto, não naquele clima, mas conversaram sobre como tinham chegado ali, o que tinham comido, o que estava acontecendo. Nenhuma tinha uma resposta, mas tudo indicava que seriam usadas como moeda de troca, provavelmente seriam vendidas como escravas logo que aparecesse a oportunidade. E a oportunidade logo veio.

O dia não tinha terminado ainda quando a cela foi aberta e um homem puxou uma das moças pelo cabelo. Ninguém reagiu, não tinham o que fazer. Depois de alguns minutos a porta se abriu novamente e a mulher, uma loira de olhos claros que estava sentada ao lado da porta, foi jogada novamente para dentro. A curiosidade das outras mulheres era um misto de preocupação com o que tinha acontecido com a sua companheira de cela e o que iria acontecer com elas mesmas.

No fim a usaram como amostra para o “lote” que estavam dispostos a trocar com um outro grupo de marginais. Maria sabia que o fim delas não seria dos melhores, a lei não estava sendo aplicada em lugar nenhum, então só tinha uma opção: lutar.

No dia seguinte o guarda que trazia a comida não teve tempo para dar o seu costumeiro bom dia cheio de escárnio. Assim que a porta foi aberta o punho de Maria voou de encontro ao homem que foi direto ao chão.

Alguns percalços se seguiram, e uma das prisioneiras acabou com um lábio ferido. Mas em desvantagem de quase 2 pra 1, os bandidos que tinham prendido Maria e as outras mulheres acabaram sendo subjugados.

– Eu vou ser sincera, a vida lá fora está uma merda, e vai ficar duplamente pior pra quem não tiver um pedaço de pau nas mãos e um entre as pernas. – Maria disse em tom firme, que usava com seus subordinados no píer – Então ou nós nos organizamos e brigamos, ou nós vamos ser massacradas.

– Como… Como nós vamos sair dessa, Maria? – a moça loira, franzina e assustada, perguntou.

– Vamos cuidar umas das outras, e se por enquanto tivermos que lutar com os argumentos deles, que seja, se é pra ser assim, então vai ser. Ninguém vai tocar em uma de nós e ficar impune, quem quiser brigar com uma vai ter que brigar com todas. E podem me chamar de 02.



Memória Sintética

Camila Mateus

I.

Percorria com mãos e olhos atentos todas as curvas daquele corpo ainda quente, estirado ao chão. Lamentou profundamente por não chorar. Não sentiu o nó na garganta que gostaria num momento como esse. Apenas o recipiente mudou, sussurrou enquanto a acariciava.

O coração não estava acelerado. Era uma despedida, dolorida e confusa. Estava a ponto de entrar em colapso, mas não poderia. Não sentiu nem um aperto no peito sequer. Isso a irritava ainda mais. Arranhou a própria coxa, de raiva, como fazia quando criança. A pele se rompeu de imediato, mas não sangrou.

Gritou, pela dor que sentia e pela falta de sentir. E poderia passar semanas gritando, se quisesse. Tinha um excelente sistema vocal, era capaz de reproduzir qualquer som que escutasse uma única vez. Gritou como uma menininha confusa de 32 anos.

A memória ainda estava em processo de realocação. O que leva em torno de 48 horas para que as memórias de médio e longo prazo se consolidem. Existe o período de desativação, que é único, e extremamente importante para organizá-las. Durante esse período, o modo REM é ativado. Similar a um processo de desfragmentação. Blocos de memórias são realocados e unidos, evitando que experiências recentes alterem a gravação de uma memória permanente, por exemplo, mudando a perspectiva de determinado acontecimento. A memória está diretamente ligada aos sentimentos e emoções, é através deles que somos capazes de memorizar fatos ocorridos há muitos anos.

Um tapa no rosto do pai nervoso. O puxão de cabelos da mãe, como corretivo. A mão de um homem desconhecido segurando seu pescoço, enquanto outra mão segurava seus braços e lhe prendia contra a parede. Há muito

sentimento envolvido, seja ódio, desprezo ou pena. Isso contribui para que o fato seja memorizado. Nosso cérebro retém a informação e classifica basicamente como um evento bom ou ruim. Em compensação, somos recompensados com força espiritual. A tragédia por vezes nos fortalece. Mas há quem se perca totalmente na dor.

Ainda agachada diante do corpo, imaginou uma lágrima rolando do rosto, bem devagarzinho até a boca. Dava até pra sentir. Queria que aquele momento durasse uma pequena eternidade, com a droga das lágrimas e tudo a que deveria ter direito. Mesmo sem a menor ideia de como faria isso. Era uma despedida. Como dizer adeus à sua própria carne?

Fechou os olhos com força, sacudindo a cabeça violentamente. Era muita informação. Acabou perdendo o equilíbrio e caiu sentada no chão, que estremeceu levemente num ruído. Riu daquela situação ridícula. Sabia que fazia parte do processo de adaptação.

Ainda sem o controle total do seu corpo que parecia feito de metal – e era – caminhou pelo enorme salão notando escadas em ambas as extremidades. Lá em cima havia uma espécie de cápsula aberta, diversas máquinas, painéis digitais, macas com algemas eletrônicas, livros, silicone, cabelo, córneas, seringas e tubos de ensaio, desprezados em sacos de lixo hospitalar.

Encostou-se à maca para não cair novamente. Sua consciência estava evoluindo.

Desceu novamente e foi em direção à longa mesa no formato retangular, que contornava a sala. Esperava encontrar alguma anotação relevante, mas se deparou com mais objetos pontudos e afiados, papéis, muitos papéis aparentemente sem importância para ela, máquinas ligadas com várias luzes piscando freneticamente. À sua frente, ao lado da grande porta de metal, estava um painel enorme com um mapa do país e diversos pontos vermelhos e verdes. Os vermelhos piscavam agressivamente. Os verdes se moviam.

O que eram os pontos vermelhos? Acessou a memória em busca dessa informação, mas ainda não tinha acesso. Sentia que sabia muito bem do que se tratava. A julgar pelo que aconteceu, provavelmente não era algo bom.

Uma sirene começou a tocar. Desorientada, levou alguns segundos para entender o que precisava fazer. Correu desajeitadamente. Agachou e tirou o

revolver das mãos do corpo e o segurou firme contra o peito nu. Tinha apenas alguns minutos para sair dali. Com gestos delicados e respeitosos, retirou o jaleco empapado de sangue do corpo no chão e o vestiu as pressas.

Ouviu vários passos. Pararam por um momento. Alguém estava digitando o código de acesso da gigante porta de metal. Não pensou duas vezes. Pegou impulso o máximo que pode, e correu em direção ao vidro que rodeava toda a sala.

Foi uma queda de 49 andares que, devido ao seu peso, não demorou mais que 20 segundos para chegar ao chão. Procurou cair firmando os pés no chão, mas ainda não tinha o controle de si mesma e acabou usando o braço instintivamente como proteção. Este se dividiu pelo cotovelo, preso por tiras de silicone que formavam sua pele, cabos de cobre e alguns eletrodos revestidos que eram conectados ao córtex, auxiliando nos movimentos do braço e da mão. Nada mal, pensou, enquanto segurava o braço danificado.

Por sorte não acertou ninguém. Notou que não a olhavam com medo, apenas curiosidade. Por que um modelo tão moderno e bonito teria se jogado do prédio da Skymed? Embora, se parassem pra pensar, não fosse tão surpreendente assim. Era comum robôs entrarem em pânico após a transferência da memória de seus corpos orgânicos. E você ainda tinha o direito de olhar uma última vez para o seu próprio cadáver antes dele ser levado para o cemitério da empresa.

Kaira lembrava-se muito bem dos últimos segundos de sua vida. E assim, aos poucos, memórias imediatas se entrelaçam com lembranças de infância, juventude e, por fim, fase adulta. Seu intelecto começava a dar sinais. Ainda com muita amargura, concluiu que tinha informações necessárias para o momento.

II.

Um dos encarregados da área de engenharia de produção robótica, da equipe de Marla, digitava repetidas vezes uma série de códigos na tentativa de destravar a porta. Um dos diretores da Skymed, um rapaz de aparência muito jovem, que quis acompanhar tudo pessoalmente, estava quase perdendo a paciência.

– Como uma simples mulher, que até onde entendo está sozinha nisso,

conseguiu trocar o código de uma porta que ela nem deveria ter acesso? Sai daí, eu vou passar o meu cartão de uma vez – gritava.

Para embaraço do jovem diretor, o alarme da porta emitia avisos: “Acesso bloqueado. Acesso bloqueado. Acesso bloqueado” a cada tentativa do homem de passar o cartão.

– Resolvam isso agora ou eu...

Richarlison, que paquerava Marla há muito tempo, lembrou-se de uma ligação recente que escutou atrás da porta, como um coiote, esperando o momento certo para continuar suas incansáveis investidas. Pensou então numa pequena combinação de caracteres que, se estivesse certo, garantiriam seu emprego e quem sabe uma promoção.

K A I R A

Acesso bloqueado. Digitou novamente.

K A I R A 3 2

Acesso autorizado.

A equipe de segurança aguardava junto a eles. Entraram armados, a passos invisíveis e sem dizer uma palavra, comunicando-se apenas por gestos. Imediatamente identificaram o corpo de Marla, estirado. O chefe da operação pendurou-se na parte do vidro quebrado, olhando para baixo. Não havia mais ninguém no salão.

Richarlison não piscava. A imagem de Marla, sua chefe, caída no chão, banhada em sangue, era surreal. Jamais imaginou vê-la morta, e foi quando percebeu que nem o diretor, nem a equipe de segurança ficaram surpresos. Quando o diretor, Bell, lembrou-se do pobre homem mandou que saísse.

– Seus serviços não serão mais necessários, Richardison. Retire-se, por favor – disse Bell. Fez sinal para dois seguranças que o escoltaram de volta a sala de produção.

– É Richarlison, senhor – gritava já no corredor.

– Senhor, ela está viva – disse o chefe da operação, após sentir a pulsação – Apago?

Bell, muito sádico, esboçou um sorriso junto com uma ideia.

– Não, mande-a para o Anjos de Areia. Leva no carro normal, sem o logo da empresa. Está no outro estacionamento. Fale diretamente com o Teodoro, ele cuida de tudo. Entendeu?

– E o cara da produção?

– Tornou-se nosso álibi. De qualquer forma, já deve ter contado o que viu. E a culpa não cairá sobre nós. Pensei até em dizer que foi sabotagem de um concorrente, se é que podemos dizer que exista alguém com competência para sabotar a Skymed.

– O senhor sabe o que é melhor. Mas levá-la viva não é um risco?

– Veja a quantidade de sangue que essa vagabunda perdeu. Talvez morra antes de chegar lá. Evandro, não esqueça que se alguma coisa sair errado é culpa do seu pessoal que não acertou na primeira. Está em suas mãos.

– Certo, senhor. Não se preocupe. Considere feito.

Evandro e sua equipe terminaram de organizar todo o andar, limparam impressões digitais e contataram o pessoal da manutenção para repor o vidro quebrado. Colocaram Marla numa maca. O movimento foi brusco, e pode-se ouvir um leve gemido de dor. Usaram uma das saídas restritas do prédio e a levaram direto para o carro.

Bell permaneceu no salão. Observava através do vidro quebrado o céu azul escuro, quase negro, se não fosse pela lua cheia, gorda e mais brilhante do que nunca. Era como se ela o apoiasse. O vento também, forte, imponente. Até o tempo estava a seu favor. Sentiu-se tentado a se jogar, testar seus limites. Levantou o objeto de metal com fios soltos, similar a um marca-passo, que pegou do chão logo que entrou. Brincou de preencher o formato da lua com o dispositivo, fechando o olho esquerdo. E não conseguia deixar de se perguntar pra onde teria ido a robô de Marla e quais seriam seus próximos passos.

III.

Quando você morre, o coração é o ultimo órgão a deixar de funcionar. Na

cremação o coração aguenta o alto nível do calor dos fornos, programado para acima de 1000 ºC. Nem o metal aguentaria esse calor. O coração, como um dos órgãos mais resistentes do corpo humano, é um dos últimos a virar pó. Ainda é preciso passar pelo processo de trituração. É como se ele lutasse, mesmo quando para de bater. Nos segundos que antecedem a morte, dizem que uma pessoa é capaz de visualizar, em uma série de flashs, de trás pra frente, todos os momentos da sua vida. Como se a fita estivesse rebobinando pra ser armazenada em outro lugar. Um museu celestial de memórias vividas. Mas não é algo palpável. O coração é. E cada um tem o seu. Alguns pegam emprestados de outros que não precisam mais. Demora, mas acontece. Muita gente morre enquanto espera. Gilvana ainda não tem certeza. Ela desconfia que esse órgão não seja tão vital assim, que certas pessoas podem viver sem ele, já que aparentemente não nasceram com um. Mas julga que apenas aqueles que têm um coração – seu ou emprestado – é que realmente são dignos de respeito e compaixão. O resto é aberração. Homens de lata sem coração, carregando informações roubadas de defuntos. Vivendo vidas que não são suas. E diferente do Mágico de Oz, essas latas jamais terão um coração.

– Quando você morre, seu corpo é carbonizado, raros os casos que são enterrados. Muitos são levados para algum dos laboratórios subterrâneos da Skymed. Para estudos científicos. Acho que lá não se preocupam com as memórias – explicava Teodoro.

– E num tem o tal do backup, não?

– Depende, se o presunto tiver grana pra isso – dizia Teodoro Richard, enquanto fazia a contagem dos corpos e marcava no tablet. – Essa é indigente, joga lá atrás na pilha ao lado dos animais. Esse casalzinho vai pro laboratório, leva pra sala 18 – gritou pro subordinado, que nem estava tão longe assim.

Ela observava tudo muito atenta, era sua primeira semana de trabalho no gigantesco cemitério da cidade. Era um cemitério por cidade, em todo o país. E todos eles pertencem à mesma corporação. Skymed.

Gilvana sabia ler e escrever, não tinha nojo de gente morta e o mais importante, não fazia perguntas além das suas funções. Os quatro únicos requisitos para a vaga. Teodoro Richard, além de tudo isso, sabia gritar muito e passar ordens o dia todo.

– Isso aqui parece o castelo do cara ressuscitado com os pinos na cabeça – dizia Gilvana, voltando sua atenção para a estrutura colonial da sala, que com as mesas cirúrgicas espalhadas e os corpos jogados ficava ainda mais fantasmagórico.

– Este é um edifício antigo, talvez o mais antigo de São Paulo. Compraram todo o quarteirão aqui no centro e construíram essa espécie de campos, mas preservaram a estrutura desse prédio histórico. Aumentaram a área ao redor pra fazer jazigos, embora o negócio mesmo seja a cremação. Pessoal gosta mais de ficar com o pó de quem amou no criado mudo do que debaixo da terra.

Anjos de Areia recebia todo o tipo de carga, como costumavam chamar. Desde animais mortos em acidentes domésticos a tubarões que tinham as barbatanas arrancadas e vendidas como iguaria no mercado negro. Como único cemitério da cidade, ele tornou-se o lar de cachorrinhos, gatos e porquinhos da índia que foram muito amados em vida, cujos donos podiam pagar o valor absurdo cobrado pela cremação ou acomodação deles.

Gilvana passou o resto da tarde acompanhando Teodoro pelas instalações. Na hora do intervalo sentou num banquinho de madeira, próxima à porta de saída da sala de autópsias, no bloco C. O lugar era completo. Quando um corpo é declarado sem vida, rico ou pobre, ele vai imediatamente pra lá, ainda quente. Os que assinam o seguro da Skymed são levados para a central antes, para a realização do procedimento de coleta e transferência de memória. Após a coleta, os corpos seguem para o Anjos de Areia.

Tirou um lanche de um saco plástico e destampou a garrafinha de suco. O céu estava tão lindo que ela se distraiu, como sempre, olhando pra ele. A verdade é que Gilvana Mara já foi mais ambiciosa, queria ser astronauta. Subir lá pros planetas pra procurar algum alien pacífico que queira trocar ideias e não aniquilar a humanidade. Até porque essa história já está batida. Não seriam alienígenas que nos destruiriam. Já temos homens suficientes pra isso, e agora, como se não bastasse, temos máquinas assassinas fazendo compras em nossos mercados, indo ao cinema e sentando ao nosso lado; e se apaixonando por nós como se tivessem sangue correndo pelas veias.

Perdida nos seus pensamentos, deu uma dentada no sanduíche. Tentou pensar em outra coisa. Não gostava de lembrar dos seus planos, do futuro que jamais teria. Sentia uma profunda tristeza e solidão quando olhava para o céu. Queria

estar lá, não aqui. Queria não ter tido tantos irmãos pra cuidar desde pequena. Ficava exausta ao lembrar todos os partos que realizou, dos pontos que costurou em tanta gente ferida. Morava num bairro perigoso. Os piores bairros eram os que viviam apenas humanos. Tinha sempre alguém sendo baleado e na maioria das vezes era a ela que recorriam. Era onde ladrões e assassinos mais tradicionalistas, que gostavam de roubar e matar pessoas se estabeleciam. Um androide dificilmente era desativado por uma bala, e mesmo com as leis da robótica a favor do assaltante, um robô pode se defender, já que ele adquire vida, memórias e sentimentos humanos.

A única coisa que não queria era ser mais um grão de área ignorante, num planeta tão hostil, violento e maluco como esse. Três funcionários se aproximaram pra descansar também. O banco era pequeno, um sentou com as pernas abertas, batendo na perna direita de Gilvana que teve de se afastar pra ponta. Os outros dois permaneceram de pé, apoiando alguns lanches e bebidas no pedaço livre que sobrou do banco. Eram todos conhecidos dela, moravam no mesmo bairro.

– Ô Gil, que cara é essa? Brigou com o namorado, é?

– Só pensando na vida, nas minhas escolhas – respondeu com um sorriso amigável.

Um dos homens de pé cochichou no ouvido do outro, logo o que estava sentado no banco ficou sabendo também. Riram sem parar. Um deles não se aguentou e falou:

– Fica assim não, descobrimos a solução para os seus problemas. Já deu uma olhada nos caras que chegaram? Fresquinhos. Na falta de um vivo que tope, tem vários mortos que nem ligariam.

Praticamente engoliu o resto do pão numa dentada só, sem mastigar direito. Sua vontade era de sair correndo, gritar, esfregar o restinho do sanduiche na cara de cada um. Em vez disso, respirou fundo e fingiu entrar na brincadeira. Apenas rindo, como se não tivesse machucado. Não era a primeira, de qualquer forma.

Olhava pra sua barriga, disfarçadamente, prendendo o ar e ajeitando a coluna. Levantou calmamente do banco e disse que ia ao banheiro. Ainda podia escutar os comentários, que só pioravam à medida que ela dava as costas para eles.

Jogou água no rosto e pescoço. Apoiou as mãos na pia e se olhou no espelho. Não tinha vergonha do que via, mas sentia uma vontade imensa de mudar completamente quando escutava insultos como aqueles. E não há nada mais cansativo do que essa eterna insatisfação, essa necessidade de agradar aos outros e a si mesma. Escolher entre costurar o ombro de um baleado ou usar o tempo fazendo academia. Ir a pé para o trabalho com o único tênis decente do armário, pra economizar e ajudar os pais ou gastar tudo numa cirurgia a laser pra retirar as varizes e secar a barriga. Recorta daqui, suga de lá. Tem que sobrar pra pele, afinal, é necessário que ela pareça um pêssego dinamarquês recém-colhido. Começou a simpatizar com as máquinas sem coração.

Já estava anoitecendo. Por ser sua primeira semana de trabalho, Gilvana ficava até às 11h30. Por sorte, a semana estava acabando. Teodoro, que parecia alarmado e inquieto, reuniu vários funcionários, incluindo Gilvana, num salão e passou algumas ordens para a equipe que ficaria até tarde.

– Vocês cinco, continuem separando a carga, e avisem ao restante. Vocês do fundo, acompanhem o Fausto. O resto leva a carga que não tem marcação para cremação. Os fornos estão desligados há 1 hora. Precisamos religá-los. Vão, vão.

O trabalho era todo braçal, era sujo. Havia pouquíssimos recursos tecnológicos que ajudassem. Era quase um labirinto de longos corredores e portas de metal. Os corpos eram jogados em milhares de salas, cada grupo tinha um destino. Alguns chegavam mal embalados, com membros aos pedaços escorregando. Eram congelados do jeito que chegavam, à espera dos preparativos para o velório. Que era cada vez mais raro. Que rico iria autorizar seu velório para 24 horas depois voltar como um androide? Todo o dinheiro que você adquiriu em vida vai para a nova conta do seu robô. Transfer, como é chamado.

Enquanto sua carne é amontoada com outros desconhecidos, apodrecendo juntos, à espera do pior, um robô vai pra sua casa usar seus móveis e sair com seus amigos.

Gilvana ficou com a ala D. Cuidava de separar a carga que chegava. O índice de mortalidade era o mais alto de toda a história. De vez em quando apareciam pedaços de um Transfer. Esses eram levados para outra ala, derretidos e reaproveitados.

Teodoro atravessou pela porta deslizante com uma maca.

– Já atingiu a temperatura?

– Ainda não, seu Teodoro.

– Essa aqui vai primeiro, pode colocá-la agora. Sem perguntas.

Ela acenou que sim, meio assustada com a voracidade das palavras. Ele esperou que ela retirasse o saco da maca e o ajeitasse nos braços fortes e rechonchudos. Não tinha coragem suficiente para fazer todos os trabalhos sujos que Bell ordenava. Pra isso contratava pessoas como Gilvana.

Finalmente o saco foi jogado, a muito custo no forno. Imediatamente Teodoro saiu para avisar Evandro que estava feito.

Gilvana jurava que o saco tinha se mexido. Pela pressa, o corpo devia estar com um aspecto horrível. Talvez algum bicho tenha entrado junto no saco. Novamente o saco mexeu. Pensou em chamar Teodoro, mas Caetano, da ala C de trituração, disse que ele tinha ido embora há 5 minutos. Vestiu uma roupa de proteção e retirou o saco do forno que ainda não tinha atingindo sua temperatura ideal. Mais da metade do saco estava derretido.

O que esperava ser um corpo em decomposição era na verdade uma mulher, viva. Arrancou a mulher do forno, desesperada, colocando-a de volta na maca.

– A..j..aju udaa ajuda... – Marla suplicava. Grande parte do seu corpo carbonizado. Gilvana a abraçou, com lágrimas nos olhos. Não podia salvá-la naquele estado. Marla não se importava mais com ela mesma, sua preocupação era outra.

- Kairaa. Aju..ajude Kaira, Bell man..mantém o...

A dor era insuportável, incessante. Marla não aguentou. Teve uma parada cardíaca e perdeu a vida nos braços de Gilvana. Mas não sem antes se lembrar da única coisa bonita que havia criado. Sem cabos nem metal. Um dia ele teve um nome, uma memória. Um coração.

IV.

Andou durante toda a madrugada. Chegou até o bairro onde viveu quando criança. Seus pais tinham morrido há alguns anos. Desorientada, fez o caminho de volta. Com dificuldade acessou o banco de memória e encontrou seu endereço atual. Quis se certificar. Como imaginou após a noite passada, homens invadiram sua casa. A caçada tinha começado.

Observou o movimento na casa do outro lado da calçada. Tinha dinheiro suficiente para se manter por um tempo, deixado por Marla no bolso da sua calça. Precisava de uma blusa para disfarçar o corte aberto no peito e o braço pendurado. O jaleco ensanguentado estava duro. Fez uma lista de compras mentalmente e foi atrás de todos os itens rapidamente, antes que os dados se perdessem. Enquanto não entrasse em frequência REM, corria o risco de ter lapsos de memória. Comprou também um diário, achou que seria útil anotar informações durante esse período de adaptação.

Invadiram minha casa (Marla)

Psicólogo Carlos

Braço danificado

Criança

Sem sono REM – dificuldade acessar memória

Bell

A vendedora não tirava os olhos do braço de Kaira, enquanto experimentava jaquetas. Quando mostrou o dinheiro, a balconista soltou um riso de deboche.

– Não estou com o celular agora, a loja aceita dinheiro ainda?

Poucas lojas trabalhavam com cédulas desde que os pagamentos eram realizados via celular. Lojas antigas se recusavam a abandonar o antigo hábito, mas devido a um pronunciamento feito pela própria presidente semana passada, o dinheiro cairia em desuso na terceira semana do próximo mês.

– Aceito sim, Transfer – disse a balconista, com olhar de reprovação – o que eu não aceito é que uma lata plastificada use o dinheiro ou celular de um cidadão morto. Alguém que trabalhou muito por esse dinheiro que você está gastando

agora, como se fosse seu.

Kaira, que sabia o valor do real, deixou o troco no balcão propositalmente e, num gesto brusco, arrancou a jaqueta das mãos da mulher, antes que ela guardasse numa sacola.

Fechou os olhos enquanto assimilava a nova experiência ruim.

Procurou um café longe de casa. Foi direto para o banheiro e pintou os cabelos de violeta. Era mais fácil passar despercebida assim do que se usasse um tom comum. Quase ninguém mantinha a cor dos cabelos natural. Fez uma trança, retirou a jaqueta e consertou o braço danificado. Esteticamente estava horrível, mas operante.

Sentou em uma das mesas e simulou interesse no menu. No telão, Bell anunciava a trágica morte de Marla Elgin, a engenheira chefe da produção robótica. Em meio a frases profundas e um semblante triste, Bell afirmou com pesar que seu Transfer foi destruído, a pedido da própria Marla, pouco antes de perder os sentidos.

“Não é comum alguém recusar seu Transfer. Cargos como o de Marla garantem um androide em caso de acidente no trabalho... será uma perda inestimável... seu corpo estava irreconhecível... com certeza sua alma juntou-se com a de seu filho.”

Tentou acessar a lembrança do filho morto. Como morreu, quantos anos tinha, quando foi isso? Apenas imagens confusas.

Abriu o diário e colocou a nova informação.

Criança – filho de Marla

Estava cansada, com fome e suas memórias lhe pregavam peças. Não podia comer, a sensação fazia parte do processo de adaptação.

Nervosa, abriu o diário novamente e começou uma série de rabiscos na tentativa de acertar o nome do psicólogo. O cheiro fresco do café passado na hora ativou seus sensores olfativos, trazendo uma lembrança relacionada ao homem que procurava.

Agradeceu a garçonete que passou por ela e saiu rapidamente. Sabia exatamente pra onde ir.

V.

Anomalias são desvios de padrões que, nesse caso, e a longo prazo, causavam mudanças de personalidade nos Transfers. Nada alarmante, por enquanto. Depois de 10 anos, os primeiros androides mostraram mudança significativa de gostos a interesses profissionais.

Como parte do contrato com a Skymed, todo Transfer deve ir a seções de terapia. Em casos graves de dificuldade de se relacionar, formavam grupos de apoio. Liderados por Carlos, o psicólogo que criou o programa de adaptação.

– Eu sinto que minha filha não tem mais confiança em mim depois do meu acidente. Éramos tão próximos. Minha esposa morreu há tantos anos e... doutor?

– Desculpe senhor Moreau. Acho que hoje quem está com problemas sou eu – disse Carlos, com um olhar vago e perdido – Continuaremos a conversa na próxima semana.

Pegou o telefone e pressionou um botão.

– Silvia, agende a próxima consulta do senhor Moreau para semana que vem, junto com os próximos pacientes de hoje. Estou indo pra casa.

Ao invés disso, permaneceu sentado na sua sala, sozinho, por quase uma hora afundado na cadeira com um cigarro na mão. Despertou do transe com o barulho do telefone.

– Doutor? Uma paciente insiste em vê-lo.

– Por favor, Silvia, não hoje – sua voz saiu com dificuldade, falhando.

– Parece urgente – Silvia pressionou o telefone contra a boca e olhou em volta como se tivesse medo de ser ouvida e sussurrou – Ela diz que é amiga de Marla Elgin.

Carlos largou o telefone e foi correndo abrir a porta, quase gritando para deixá-la entrar. Descontrolado.

– Obrigado Silvia, você está dispensada por hoje. E você, venha comigo – disse, estendendo a mão para Kaira, que apenas entrou na sala, ignorando seu gesto.

Não sabia como deveria agir com Marla. Queria tocá-la desesperadamente. E no entanto era seu Transfer que estava em pé à sua frente. Ela virou de costas, foi em direção a uma poltrona reclinável e tirou a jaqueta, óculos e o boné, soltou os cabelos e sentou.

- Você está com feições diferentes, Marla. Voc...

- Eu sou Kaira agora. Marla solicitou uma nova certidão.

– Você quem solicitou uma nova certidão. Não diga ela. Vocês são a mesma pessoa, Kaira.

Os olhos dela não desviavam dos de Carlos. Ambos hipnotizados um com o outro, cada qual com suas lembranças. Kaira ainda as descobrindo. Como se encará-lo ajudasse no processo.

Desviando o olhar com medo que ela o decifrasse, Carlos notou o prazo de expiração no braço danificado de Kaira. Intrigado pela mudança de nome e detalhes na sua fisionomia sentou ao lado dela e segurou seu braço para lê-lo.

– O quê? Por que fez isso? Você está louca, qual é o seu plano, afinal? – Segurava o braço de metal exposto com toda a força. Kaira parecia confusa e assustada.

– O há de errado com meu tempo de vida? Entortava-se na tentativa de ler a data.

Então Carlos mudou completamente. Empurrou seu braço com estupidez e levantou como um animal feroz que se prepara para atacar.

– Aposto que se matou, estou certo? Fala. Nunca devia ter parado com a terapia, se é que algum dia você se deixou ser ajudada. Não há tratamento no mundo que cure uma mente e um coração que se neguem a ser curados. Mas você se acha diferente, especial. Nunca precisou de ajuda, não é? Sempre

autossuficiente – gritava.

– Calma aí. Ainda tenho que ligar muitos pontos, foi um dos motivos de ter vindo aqui. Ela contava com a minha ajuda. Com a minha memória.

– Droga, Marla. Ainda é a mesma egoísta de sempre – continuava transtornado, sem escutá-la.

Nunca tinha visto Carlos desse jeito, fora de si. Nem quando perderam Klaus. Vestiu a jaqueta, pegou suas coisas e saiu correndo em meios às palavras que se recusava a ouvir, vindas do homem que acabava de conhecer. Do homem que conhecia praticamente a vida toda.

VI.

Bell lia atentamente o relatório semanal enviado pelo psicólogo responsável pelo programa de adaptação. Estava tenso. Sabia que pequenas mudanças de padrões comportamentais era o começo de um grande problema. Alias, não de hoje sabia que seria apenas questão de tempo para que isso acontecesse. Para um Transfer é apenas mais uma questão psicológica com a qual ele deve lidar, através de mais terapia, talvez em família. Para investidores é uma falha. A primeira. Significaria que a Skymed não é mais insubstituível, ou pior, necessária. Já que em vez de uma transferência perfeita de memória para um novo corpo, ela cria um novo ser.

Lembrou-se de Marla. Aquela rata.

Com raiva, cravou na mesa o abridor de cartas. Enfurecia-se ainda mais ao pensar que poderia ser esmagado como um inseto se isso chegasse aos ouvidos dos outros acionistas. Um recall custaria milhões. E só precisava de tempo, seu projeto estava quase concluído.

Voltou à sala onde Kaira foi ativada de urgência e seguiu em direção à grande tela com pontos piscando. Acomodou-se na cadeira e tocou a mesa. Luzes acenderam e um terminal de comandos surgiu. Fez uma busca no banco de dados por Marla. Nenhuma informação sobre seu Transfer. Apenas dados pessoais.

Acionou o telefone pelo painel. Uma voz masculina preencheu a sala.

– Pois não, senhor?

– Preciso de todos os dados de Marla Elgin. Todos. Inclusive a certidão de seu Transfer, que com certeza mudou de nome. Não esqueça o código de ativação dela.

Justo quando ia acrescentar um cappuccino à sua lista de desejos, uma informação lhe saltou aos olhos. Algo que jamais poderia imaginar. Carlos já foi casado com Marla. Tiveram um filho, Klaus.

Riu feliz com a pequena descoberta. E ideias se projetaram em sua mente. Uma onda de excitação percorreu seu corpo ao vislumbrar uma cena deliciosa. Marla assassinando o ex-marido a sangue frio. Riu outra vez, mas de uma forma descontrolada. Contorcia-se na cadeira em espasmos, com os dedos esticados e tortos. Ainda rindo levou à boca os dedos retorcidos, chupando as pontas e imaginando o gosto de sangue. Fechou os olhos e se recompôs. Lamentou que o filho deles estivesse morto. Nada se compara a um homicídio duplo.

Teve que lutar para não perder o equilíbrio novamente quando teve uma lembrança. Poderia não significar nada, ou tudo. Ativou a tela de comando novamente e digitou:

Kaira

...search name

Um rosto surgiu na tela com imagens em vários ângulos.

Transfer Kaira Skinarof. Ativada.

Pertencente a Marla Elgin.

Código de ativação 19850909BRCM

Localizador desativado.

Bell estralava os dedos. Os espasmos voltaram. Não tão forte quanto antes. Mas levou um tempo para se restabelecer.

– Ah, Kaira Kaira Kaira. Vamos brincar?

VII.

Kaira se viu novamente abandonada. A chuva impiedosa não dava trégua. Não era Marla, não se sentia Marla. Mas faria de tudo para tê-la ao seu lado, suas lembranças. Martirizava-se imaginando o que ela faria em seu lugar e queria corresponder as suas expectativas. Como deter um maníaco?

Atravessou a rua e se abrigou na entrada de uma casa noturna. Tirou o diário do bolso da jaqueta.

Klaus – filho de Marla e Carlos – falecido acidente sem Transfer.

Tempo de vida – entender motivações.

Rapazes perto da fila de entrada a convidaram. Um pequeno grupo, gritando pela sua atenção. Mergulhada em pensamentos, num desespero por informações que não conseguia acessar, mal ouviu o que diziam.

Um dos rapazes se irritou com o descaso e atacou uma lata de refrigerante vazia na cabeça dela. Pela velocidade do impacto presumiu que não era um Transfer. Um robô teria realmente jogado? Mesmo um moleque Transfer riquinho de índole ruim não poderia. Mas não significa que não teria vontade. Não há muita diferença entre pensar o pior e fazê-lo. É questão de coragem, nesse caso, limitações neurocerebrais.

A ausência de dor não a deixava menos viva. Pegou o diário que caiu no chão e o que jogaram nela. Um pedaço de metal sem memórias. Encarou o rapaz que ria com os amigos sem parar. E pela primeira vez desde seu renascimento questionou a humanidade. O que faz ser tão bom e divertido o sofrimento alheio? Viajou em pensamentos novamente. Nenhum androide jamais ficou sem sono REM intercalado com o acompanhamento psicológico. Kaira é como uma criança recém-nascida jogada nas ruas. Outro rapaz, não satisfeito, aproximou-se e segurou seu braço. Pediu desculpa pelo amigo, contanto que ela aceitasse o convite.

Kaira jogou o rapaz no chão com um empurrão. Era o máximo que podia ir. Todo androide possui limitações. Apenas autodefesa, nunca ataque.

Arremessou seu parente metálico direto na lata de lixo. Guardou o diário no

bolso e foi atrás de Marla. Teria ajuda, ela querendo ou não. Viva ou morta.

VIII.

A chuva finalmente cessou. Depois de quase 2 horas entre metrôs que não sabia andar e ônibus que não tinha certeza pra onde iam, finalmente chegou ao Anjos de Areia. Já era tarde da noite, por sorte o cemitério ficava aberto 24 horas para visitação. Pouco depois que passou pelo velho portão colonial, avistou uma mulher ao longe, ajoelhada com os braços largados, diante de uma lápide.

Na recepção uma atendente estúpida informou a quadra e número sem nem ao menos olhar para Kaira. Um ótimo lugar para passar despercebida, pensou.

A mesma quadra da mulher que viu na entrada. Chegava cada vez mais perto até que ambas ficassem ao redor da mesma lápide. A mulher não se moveu, quase não piscava, parecia um cadáver. Sua presença não fazia a mínima diferença pra ela.

– Só quero mais alguns minutos. Avisa o Teodoro, por favor. Já to voltando pro trabalho. – disse Gilvana quase num sussurro.

– Você me conhecia?

Gilvana sai do transe e a olha sem acreditar. Imediatamente recuperou o fôlego e se levantou, limpando as calças sujas de terra.

– Ka...Kaira?

– Você realmente me conhece. E você é?

– Sou Gilvana. Kaira, Marla morreu. Acho que isso você sabe, até veio aqui. Que pergunta idiota. Ela, bom, ela faleceu nos meus braços. Não podia fazer mais nada, ela estava queimada, eu tentei, eu juro, eu...

Kaira abraçou Gilvana que começou a soluçar. Queria acalmá-la, confortá-la. Queria ser confortada também.

– Você é um Transfer não é?

Kaira assentiu com a cabeça.

– Mas como ela morreu nos seus braços? Foi aqui? Eu a deixei no prédio da Skymed. Achei que já estava morta.

Gilvana enxugou os olhos na manga da blusa. Olhou o cemitério deserto, conseguia enxergar a atendente da recepção que não ligava a mínima pra elas.

– Precisamos conversar, Gilvana.

– Saio daqui a meia hora. Se esconde lá na frente entre as árvores e me espera. Logo me encontro com você e vamos pra casa.

No prédio ao lado do de Gilvana, alguns traficantes negociavam o preço da TA, ou transferência azul, como chamavam. É um líquido azul usado em Transfers que não foram ativados ainda. Finos tubos levam pequenas quantidades do fluído diretamente para o córtex da máquina, como uma espécie de lubrificação. Uma das drogas mais comercializadas desde que um faxineiro da Skymed descobriu que o líquido causa alucinações.

O traficante mais antigo do bairro já estava de olho nas duas desde que surgiram na esquina. A de cabelos roxos era nova na área e eles não estavam acostumados com gente nova, principalmente tão bem arrumada.

Gilvana procurava a chave na bolsa enquanto Kaira observava o traficante se aproximar.

– Quem é essa aê, Gil? Curti.

– Você me conhece, Lúcio. Sabe que não arranjo confusão, então deixa a gente em paz.

Logo o resto da gangue se aproximou. Os usuários saíram correndo pra casa. Lúcio sacou uma arma, provavelmente nem estava carregada.

– Deixo, claro que deixo, mas quero trocar uma ideia com a gostosinha primeiro. Vem até aqui, princesa.

Estavam encurraladas. Ela foi em direção a Lúcio e arrancou a arma de sua mão. Ele por sua vez foi pra cima dela, chutou sua barriga. Kaira não caiu, apenas se afastou. Ele acertou um soco no seu nariz. Gritou de dor, quase quebrou a mão.

Gilvana gritava para soltarem. Larga ela, gritou Kaira. Gilvana levou um soco e perdeu os sentidos. Kaira foi pra cima dos dois que a seguravam. O primeiro que largou Gilvana levou um chute no queixo e deslocou o maxilar. Enquanto o amigo se contorcia no chão, o outro saiu correndo. Puxou o homem do chão e quebrou seu pescoço.

Voltou-se para Lúcio, que parecia mais confuso do que com dor. Kaira ainda segurava a arma. Apontou e atirou. A arma, como previsto, estava sem cartucho. Levantou o revólver no ar e cravou o cano na testa de Lúcio, com tanta força que o sangue do traficante espirrou no seu rosto.

Nunca tinha se sentido tão bem. Em meio à escuridão, notou uma luz fraca e avermelhada refletindo no chão. A luz que mexia quando ela se movia. Percebeu que vinham dos seus olhos. Fechou-os e levou as mãos na cabeça.

– O que houve? Meu Deus – Gilvana estava voltando a si. Horrorizada.

– Eu fiz isso. Mexeram com a minha cabeça. Agi como um monstro. Como um ser humano contrariado que entra em fúria. Era pra isso que Marla me trouxe? Pra matar?

Vizinhos que viram tudo pela janela chamaram a polícia. Uma viatura de reconhecimento apitava poucas quadras de onde elas estavam.

– Vem, temos que sair daqui.

– Eu nunca confiei em máquinas. No fundo, todo mundo sabia do que eram capazes. Não sei como é que ganham consciência, mas ninguém deveria dar esse poder a vocês. – Gilvana dizia sem se importar com os vizinhos olhando.

Kaira não conseguia encará-la. Agora estava tão enojada do que fez quanto Gilvana.

– Mas você me salvou. Éramos nós ou eles, eu... eu entendo. Prometi a mim mesma que faria o que pudesse por aquela pobre mulher. As únicas pistas que Marla deixou foram o seu nome e de um tal de Bell. Sabe quem é?

Kaira respirou fundo. Sabia que Bell a matou. Ainda assim não era suficiente. Fez outra pesquisa em seu banco de dados. Não encontrou nenhuma memória nítida sobre os motivos que a levaram a ser ativada. Apenas visões de um velho

acorrentado. Seu nome era William. De que isso adianta agora?

– Você deveria conhecê-lo. É seu patrão. Bell é filho do sócio majoritário da Skymed. Há quase um ano vem assumindo o controle da empresa no lugar do pai que já é muito velho. É isso. William, o velho.

– Vem comigo, rápido – gritou Kaira.

– Pra onde vamos?

– Talvez pro último lugar no mundo que deveríamos ir.

IX.

O homem acendeu a luz do cativeiro. Trouxe seu prisioneiro, estava nu com apenas um capuz na cabeça. Havia marcas de corte e queimaduras por quase todo seu corpo. O algoz usava uma mascara de gás para proteger sua identidade. O carrasco arrancou bruscamente o capuz da vítima. Outro homem aparece no vídeo entregando um saco plástico de supermercado ao mascarado. O prisioneiro estava cego de um olho, e não parecia enxergar muito bem com o outro. Sem menos esperar, ou contando os segundos para morrer e acabar com aquilo, o mascarado crava um punhal dourado em seu peito. A câmera foca o rosto da vitima agonizando, e capta o momento em que o mascarado o sufoca lentamente com o saco plástico.

Bell fica excitado. Emite gemidos, uma espécie de gargalhada vinda de um brinquedo de pilha. Leves espasmos tomam conta de seu corpo e ele se permite apreciar o momento.

A fita terminou. Ele não. Se fosse humano com certeza estaria satisfeito. Como máquina, queria mais.

William Bishop perdeu o filho muito jovem. Nenhum pai aceita morrer depois do próprio filho. Logo no inicio da Skymed. E tratou de tudo com muita descrição. Foi o primeiro modelo Transfer, desenhado por William. Na época a empresa tinha acabado de conquistar a humanidade pelo seu ponto fraco. A memória. O que para muitos é tudo o que temos, e tudo o que somos. É como mudamos de opinião, como alteramos a percepção, como moldamos nosso caráter. Através daquilo que vemos e vivemos. Experiências que se transformam

numa coleção de memórias. Algumas dignas de orgulho, outras nem tanto.

E Bell sentia que assim como ele, outros mudariam. Com o tempo, a memória e os estímulos elétricos deixam de ser suficientes para aquele que um dia viveu de verdade.

Aos poucos se tornou apático. A única coisa que o fazia se sentir vivo era presenciar a morte. Ficou obcecado.

Passou a madrugada na empresa. Trancado em sua sala, como sempre. Ninguém sabia exatamente o que Bell fazia lá dentro. O escritório detinha praticamente um andar inteiro. Dividido em mais duas salas menores, as quais nenhum funcionário tinha acesso. Uma das salas era seu santuário. Onde não sentia necessidade de esconder o que era. Onde ficava a coleção de fitas. Na outra sala alguns corpos que recebia do Anjos de Areia. Algo que ele ainda relutava em aceitar na condição de ser humano.

Por precaução, pediu que fosse avisado pela manhã sobre atividades suspeitas na madrugada. Em qualquer bairro da cidade. Queria saber se a alteração na programação do sistema nervoso de Kaira teve algum efeito. Não era tão difícil. A Skymed tinha acesso ao rádio da polícia, além de homens infiltrados.

O café chegou à sua mesa junto com um relatório sobre uma ocorrência na periferia. Dois homens foram brutalmente assassinados. Vizinhos identificaram duas mulheres, uma delas como a assassina. Por ser um bairro pobre, atribuíam todas as mortes a briga de traficantes. Ainda não identificaram a identidade das duas mulheres.

– Senhor, estão fazendo um protesto em frente ao prédio – disse a secretária que entrou na sala de Bell, em pânico.

Desceu imediatamente e foi para até a recepção. Não esperava pela multidão que viu do lado de fora. Estava em todos os noticiários, mas era possível enxergar as placas encostadas no vidro: “respeito aos mortos”; “tenho medo da minha família”; “memória sintética não é vida”.

Uma infinidade de cartazes em quadros digitais coloridos.

Kaira e Gilvana se infiltraram na multidão.

– Droga, como vamos entrar?

Kaira acessou o banco de memórias novamente. William Bishop, visualizar. Tudo num piscar de olhos.

– Lembro que acessei as câmeras de um lugar que parecia ser a casa de Bell. Foi lá que eu vi uma imagem de William. Eu vou tentar invadir a casa, você me mantém informada do que acontece aqui – disse Kaira. – Toma, comprei dois celulares pra gente. Caso eu não responda, tente o segundo número da lista. Se é que ele vai ajudar dessa vez.

– Espera, e de quem é o segundo número? – gritou Gilvana.

– Do meu ex-marido.

X.

Ativou o GPS, busca por voz. “Casa William Bishop”

Traçando rota.

Salvou o caminho no aparelho e correu para o ponto de ônibus. Roubar um carro daria muito trabalho, já que é quase impossível ver um. Raras as pessoas que não usavam transporte público.

Saltou no último ponto e caminhou cerca de 15 metros por uma longa estrada até atingir a área residencial. Chegou em frente ao casarão de William.

Destino alcançado, emitiu o celular.

Kaira derrubou os dois homens que faziam a segurança da entrada. Esforçou-se para não quebrar nenhum pescoço dessa vez. O resto da casa parecia limpa. Começou a duvidar se o velho estava mesmo lá.

A casa era gigantesca. Passaria dias perdida visitando quartos e escritórios. Pegou o elevador e foi direto para o subsolo. Nem se deu conta de que desde que entrou na casa o celular perdeu o sinal.

A porta do elevador abriu de frente para um comprido corredor acarpetado com uma porção de portas e mais portas. Tentava escutar qualquer sinal de movimento em cada uma. Quando estava no fim do corredor que não levava a lugar nenhum, ouviu um barulho vindo da penúltima porta.

– Consegue me ouvir? – escutou um gemido de volta – Afaste-se, eu vou abrir a porta.

Kaira desajeitadamente puxou a porta de ferro e a arrancou do lugar. Reconheceu imediatamente aquele velho decrépito e desnutrido, mantido em cativeiro por anos, pelo próprio filho. Ou o que sobrou dele.

– Aconteceu alguma coisa com Bell? Por que está aqui? – o velho barbudo e rouco mal conseguia terminar.

– Ainda não. Mas algo precisa ser feito. Ele tem planos para a Skymed, não tem?

– Ima...imagine criar o caos.

XI.

A multidão em frente à Skymed continuava firme. Gilvana chegou perto de um rapaz já cansado de segurar o cartaz.

– Que loucura a de ontem. Um Transfer hein, quem diria.

– Do que é que está falando? – perguntou o rapaz, intrigado.

– Cara, achei que o pessoal todo do protesto tava sabendo. Vazou a informação de que os homicídios dessa madrugada foram cometidos por uma Transfer.

O rapaz ficou tão agitado com a notícia que começou a espalhar para os grupos de manifestantes mais próximos. Em pouco mais de 20 minutos, toda a multidão estava furiosa e descontrolada. A segurança teve que ser reforçada. Alguns grupos ficaram agressivos e tentaram quebrar os vidros da porta. Bell foi aconselhado a voltar para sua sala.

Em meio àquela loucura, Gilvana Mara tentava decifrar os mistérios daquele aparelho eletrônico que ela tanto odiava.

Kaira não atendia nenhuma das chamadas. Já estava preocupada com ela, apesar de tudo. Com certo embaraço, tentou o segundo número.

Carlos atendeu no primeiro toque.

– Alô. Kaira? Me desculpe, eu...

– Não, quer dizer, sou apenas uma amiga, mas talvez ela precise da sua ajuda.

Gilvana afastou-se da multidão e sentou num banco de pedra na pracinha em frente à Skymed. Carlos não demorou a aparecer.

– Foi com você que falei ao telefone?

Gilvana confirmou e ambos se cumprimentaram.

– Não há tempo. Acho que a Kaira tá encrencada – explicou toda a história rapidamente enquanto caminhavam de volta para a entrada do prédio.

– Mas se Bell monitora mesmo William, se isso tudo for verdade, ela provavelmente será vista na casa. Temos que distraí-lo, não sei, ganhar tempo. Até roubei crachás pra vocês, caso fosse preciso entrar.

– Tentei ganhar tempo enfurecendo os manifestantes. Não sei se é o suficiente para mantê-lo entretido. Enquanto lutavam para passar pela manifestação, um dos carros de luxo da Skymed atravessou o prédio contornando a praça em alta velocidade.

– Só pode ser ele. Eu vim em um dos carros da empresa também, vamos voltar.

Assim que descobriu o que Bell pretendia, Kaira saiu da casa e chamou uma ambulância.

Gilvana e Carlos seguiam Bell a toda velocidade.

– Ligue pra polícia – estendeu o telefone para Gilvana que novamente se viu cara a cara com um de seus maiores inimigos eletrônicos.

Quando Kaira voltou para William, ele estava sentado no chão.

– Eu já vivi demais. Demorei anos pra aceitar que o meu filho tinha morrido. Isso que você vê hoje é apenas uma anomalia. Um Frankenstein moderno. Possivelmente o futuro de todas as máquinas. E o seu, garota. Eu sinto muito por isso.

– Não sinta – tirou a jaqueta mostrando a data de expiração em seu braço e sorriu. Tinha menos de 24 horas de vida útil. Marla nunca quis um androide, nunca quis renascer. Queria encontrar a paz que jamais sentiu após a morte do filho e sabia que, onde quer que vivesse, suas memórias continuariam lhe assombrando. Kaira foi uma missão, não uma nova vida.

Bell não se deu conta de que estava sendo seguido. Assim que chegou em casa, seu pai já havia sido levado pro hospital. Viaturas da polícia o esperavam. E embora um Transfer pudesse ocupar um cargo de poder, o caso era considerado usurpação. Além do cárcere privado. De acordo com a lei robótica, o crime é punível com limpeza completa de memória e destruição do equipamento.

– Então agora eu sou um equipamento. Serei destruído. Não derretido e reutilizado. O que você acha disso Kaira? Será que se nossas peças fossem reutilizadas o próximo Transfer teria alguma das nossas características ou personalidade? Como quando você doa um coração. Existem casos comprovados pela ciência.

Carlos e Gilvana chegaram em seguida. Kaira foi para junto deles.

– Vocês estão bem?

Bell aproveitou a distração da única que representava uma ameaça pra ele. Empurrou um policial ao seu lado e correu. Kaira agachou-se pra pegar a arma do policial ferido e saiu imediatamente atrás dele enquanto deixavam todos para trás. Buscou na memória uma recordação de um clube de tiro que frequentava. Foram apenas 3 meses, mas que lhe renderam uma boa pontaria.

Mirou no crânio de Bell, descarregando todo o pente da arma em seu cérebro eletrônico. Um pequeno computador quântico incapaz de calcular a imensidão de seus sentimentos. Isso o retardou, mas não o impediu de continuar fugindo. Só que agora estava em desvantagem. Corriam quase lado a lado pela estrada, até que Kaira o alcançou e ambos rolaram no chão.

Um dia Bell foi apenas Bellizandro. Um garoto amável, um pouco teimoso, mas sempre amoroso. A robótica o fascinava. Imaginava, ainda criança, androides vivendo entre humanos numa sociedade harmoniosa, que respeita e admira a diversidade. Sabia que esse menino havia existido, e entendia que ele jamais voltaria. O oposto de Bell Bishop, criador do caos e da destruição. Prestes

a inserir memórias falsas e negativas na programação de todos os Transfers ativos. Criando sociopatas, serial killers e suicidas, em nome da diversão.

Olhou para Kaira uma última vez, sem aquele ódio vazio que alimentava suas engrenagens. Então fechou os olhos e arrancou a própria cabeça. Tombando como uma barra de metal barulhenta.

A imagem do rosto esturricado de Marla veio à mente de Gilvana, enquanto observava a cena, de longe. Um pedaço retorcido de carne com vida. Não há maior prova de que o ser humano é digno de redenção quando o desejo em ajudar o próximo está acima dele mesmo. Via Kaira disposta a fazer o mesmo. Um ser humano quebrado como ela, como Bell. Com peças sem encaixe e uma existência por vezes vazia.

Nesse momento, Gilvana e Kaira entenderam que não é preciso um coração para sofrer, para ser humano.

Cidadela

Lyra Libero

I.

Um som tocava estridente e ininterrupto, vindo da rua. “Acorda Irina”, o inconsciente da moça frágil deitada sobre o leito, soava. Os toques soavam. Ela deixou a sombra de sua cama de colchão fino e velho, já maltratado. Levantou-se e sentou na beira da cama, ainda tonta de sono.

Viu sua mãe deitada na cama ao lado, em seu sono sempre mais tranquilo. O pequeno cômodo estava escuro e um cheiro ruim se entranhava da rua para o ambiente, vindo das frestas da janela. “Devem ter despejado lixo no lixão de novo” ela pensa, com seus botões. Cheiro de chorume, de lixo velho. De comida estragada e despojos humanos.

Há muitos anos atrás as pessoas haviam de falar do tempo em que as coisas eram boas. E dessa era só restava o asfalto que insistia em durar, em uma cidade que um dia havia sido chamada de “Cidade Morena”, “Campo Grande”. Ali não era mais uma cidade. Tornou-se um bolsão de miséria.

- Acorda mãe. – ela fala no escuro. – A carona já vai passar.

Sua mãe não se mexeu. Ela se levantou e caminhou até a cama, e colocou as mãos nas costas da senhora.

- Acorda, a gente vai se atrasar.

Nenhuma resposta, nenhum ressonar. Ela virou a mãe de borco e a percebeu de olhos ainda fechados, serenos. A pele gelada, o corpo enrijecido por horas. Finalmente Irina entendeu, de uma vez por todas. Estava sozinha no mundo. Para sempre.

Mais uma morte nos Satélites.

E foi assim que aquele dia começou para ela.

Quando alguém morria nos Satélites, que eram os bolsões de misérias que se arrastavam no entorno da Cidadela, o procedimento padrão era remover o corpo da casa do cidadão e o enterrar na vala comum de todos. Porque havia o distrito das valas, a cidadela e os cinco satélites ao redor da Cidadela.

Nas valas, os túmulos eram dispostos igualmente em vários terrenos chamados de “valeiras”. Só eram enterrados em cemitérios (com identificações e túmulos normais) quem fazia parte de algum cargo importante no governo, ou tinha mais dinheiro que o restante, embora ter mais dinheiro, em tese, fosse proibido por lei. Nenhum cidadão comum podia ir até o local, por causa do perigo de contaminação. O que queria dizer que o corpo de sua mãe seria perdido para sempre.

Irina não tinha dinheiro para levar sua mãe para um cemitério decente, mas tinha uma alternativa. Elas sempre souberam que isso iria acontecer, porque aconteceu com seu pai. Ele foi enterrado na valeira e nunca mais elas puderam visitá-lo.

Por isso, desde sua morte, ela e a mãe haviam poupado cada centavo possível para poderem ser cremadas. Isso era importante para sua mãe. Na concepção delas, era melhor espalhar as cinzas da pessoa em algum lugar bonito do que enterrá-la sem identidade. E elas ganhariam uma placa com o nome da pessoa. Mas isso não era barato. O dinheiro havia sido guardado debaixo de uma cavidade oca em um azulejo no chão do quarto, coberto com um tapete e um móvel, que podia ser deslocado.

Esse dinheiro sobrevivera à Inspeção da Coletividade de cada ano desde então. Irina lembrava que toda vez que alguém do governo entrava em sua casa para inspecionar a situação e levar os excessos de comida, dinheiro e roupas – já que ninguém poderia ter mais do que tinha direito ou bens sem a devida autorização – rezava pra que não encontrassem o dinheiro da cremação. Elas poderiam morrer de fome, mas alguém teria algo para se lembrar no mundo dos vivos. Preservação de memória.

Assim, ela tirou a primeira metade do dinheiro do azulejo e guardou dentro do sutiã, não sem antes cobrir o corpo de sua mãe com um lençol muito velho. Vestiu seu uniforme de trabalho, uma camisa cinza já muito gasta, colocada por

dentro de uma calça velha de mesmo tom. No peito, uma etiqueta informava seu nome e seu número de registro. Irina Pereira, 00154733-5. O 5 significava o satélite onde vivia. Colocou essa roupa porque, tirando a roupa do culto de domingo, era a única que tinha. Quando os agentes de saúde vieram buscar o corpo, ela não tinha mais lágrimas pra chorar. Foi com eles até o posto do governo mais próximo de sua casa e aguardou sentada em um banco duro na sala de espera amarelada, cabeça baixa e concentrada em pensamentos.

- Você deveria estar na fábrica. – Irina ouviu uma voz severa lhe dizer e levantou a cabeça, ainda perdida em pensamentos.

- Eu não sou operária, senhor. – ela respondeu, erguendo a cabeça. Quem lhe dirigia a palavra era um homem de cerca de 30 anos e uniforme azul marinho com dois sinais dourados do governo no peito.

- Onde é sua colocação? – perguntou ele, olhando-a nos olhos. Era um tanto mais alto, cabelos pretos elegantes e olhos da mesma cor. Pele branca e bem cuidada, um rosto imberbe e de traços suaves. E o uniforme azul que dava calafrios em Irina.

- Trabalho na cozinha do Paço.

- Então você deveria estar lá. – ele continua.

- Minha mãe morreu, senhor. – explica ela com brandura. – Estou aqui aguardando a liberação do corpo para poder dar prosseguimento. Pedi ao agente do meu trabalho que avisasse do meu atraso.

- Mortes não justificam ausência no trabalho. Se você não tiver sido substituída hoje, deverá receber uma punição por faltar. Deveria ter ido e deixado sua mãe por conta da secretaria.

Ela não podia. Se não ficasse ali, esperando, perguntando, eles encaminhariam o corpo para as valeiras e ela nunca mais veria sua mãe. Precisava esperar ali, precisava que eles lhe devolvessem o corpo e que o agente de cremação chegasse com o documento de liberação final. Portanto, ela permaneceu em silêncio.

O homem do governo deu meia volta e caminhou em direção ao guarda que estava próximo da porta e ela notou o que ia acontecer. Mandaria expulsá-la.

Em um impulso inédito, uma coisa que nunca havia feito na vida, Irina se atirou no oficial e agarrou seu braço, apertando com força sua mão espalmada.

- Por favor não, senhor. Eu não posso deixar que a enterrem nas valeiras. Eu preciso levá-la daqui.

O homem virou-se novamente e olhou fundo em seu rosto, e seu olhar continha nada mais do que ódio e asco. Irina se deu conta então de seu ato impensado, sua súplica enfadonha que poderia lhe custar caro. O oficial a olhou uma vez mais e puxou o braço de suas mãos, como se ela fosse uma coisa nojenta e contagiosa. Olhou mais uma vez para a jovem mulher e se retirou do recinto a passos largos.

Consternada, Irina sentou-se novamente no banco e começou a soluçar todas as lágrimas que não havia chorado ainda pela mãe recém morta. Os guardas não olharam duas vezes para ela enquanto finalmente se debulhava em lágrimas, e deixava o pavor tomar conta de sua expressão. Então, aos poucos, foi silenciando, aceitando resignada seu destino. Era possível haver mais sofrimento? As mulheres precisavam mesmo sofrer tanto?

Demorou cerca de quatro horas para autorização e a liberação do corpo sair. Alguns minutos depois, o agente de cremação chegou e ela o pagou, entregou os documentos e deixou o posto. Quando mostrou as notas de cem reais, foi relativamente rápido e fácil. Bastou o agente chegar. Sua mãe seria cremada em dois dias, e ela teria de ir até a Cidadela buscar a urna com as cinzas no posto principal. O documento garantiria a liberação para a finalidade.

Saiu do lugar e seguiu até uma parte da quadra que sabia existir um ponto de ônibus. Aguardou um pouco e depois de um bom tempo, o veículo chegou.

Percebeu que havia perdido o almoço e seu estômago roncava. Entrou pela porta da frente e sentou-se no fundo, ao lado de uma senhora que usava uma roupa idêntica à sua. Era muito envelhecida e enrugada, e parecia alheia ao que havia ao seu redor. Irina imaginou se o seu rosto ainda estaria manchado de lágrimas, mas decidiu que não se importava. “Estou sozinha”, repetiu pra si mesma. Vida injusta. Vida inútil.

A televisão dentro do ônibus estava ligada em um volume muito alto. Durante todo o dia, eles teriam acesso à programação da Evangélica Congregação de Deus, porque era terça-feira. Às segundas e quartas era vez do programa do

governo, assim como nas sextas. Aos domingos e terças era dia da igreja. Sábado era o dia voltado para o entretenimento, o que significava programas de auditório e música.

O bispo rezava um culto animado na televisão. Fiéis cantavam músicas e foi assim durante dez minutos. Quando Irina se preparava para descer no Paço, começava a programação de exorcismos, que ela não pôde assistir. Uma última olhada na televisão e um padre enfiava a cabeça de uma mulher em uma tina cheia de água, enquanto ela era “purificada”.

Andou até a ala das cozinhas a passos ligeiros. Em alguns minutos dava inicio ao trabalho de sempre, que só terminaria às duas da manhã.

Naquele dia, Irina lavou milhares de pratos, copos, panelas e tachos da cozinha industrial do Paço e suas mãos estavam em carne viva ao final da jornada. Dedos quebradiços e amolecidos pelo reaproveitamento da água e pelos produtos químicos que usava. Elas organizavam a cozinha do Paço, a sede do governo em seu satélite, produziam refeições de soldados, militares, padres, igrejas, escolas e da própria cúpula do Estado.

Suas companheiras faziam de tudo para continuar a despeito das mãos sangrando. O salário era pequeno, mas era garantido. Irina terminou sua jornada ao final do apito, pegou o segundo kit de alimentação do dia a que tinha direito (perdera o primeiro porque estava resolvendo a morte de sua mãe) e começou a voltar para casa. O relógio batia às duas e dezesseis da manhã. Trabalharia algumas horas a mais para compensar seu atraso.

Vinha pela rua tão perdida em pensamentos, pensando em como seria dali para frente sem a sua mãe, a única pessoa que confiava e que dela gostava, com quem conversava com frequência, que a amava, que não notou um homem se aproximando por uma viela. Irina apenas viu uma insígnia dourada brilhante, antes de lhe enfiarem um capuz pela cabeça.

Irina não soube que naquela noite o satélite 5 foi bombardeado porque um grupo de guerrilha tentava, finalmente, executar um plano de libertação da Cidadela e de todos os satélites. E falhava.

II.

No início de tudo, aquela Cidadela era apenas um espaço gigantesco, um residencial de luxo onde os ricos moravam, que ficava afastado da cidade, da Capital. Não havia obrigação de frequentar a igreja evangélica, e existiam outras religiões e crenças permitidas ao redor dos estados e cidades. Não havia inspeção da coletividade, nem satélites, nem nada. E então veio a praga.

As pessoas começaram a morrer. Diziam que era uma forma superdesenvolvida da AIDS, que ao invés de matar em 15 anos, matava em 15 horas. Depois disseram ser um tipo raro de sarampo, e depois uma mutação desconhecida, e depois uma bactéria. Mas a praga era tão esmagadora que em poucas horas depois de infectada a pessoa, estava morta. A febre, o vômito e o cheiro de podridão. Ninguém morria em paz. Eram corpos demais apodrecendo nas ruas, e quem não adoecia e morria ficava estéril, e esse número era pequeno. Somente dois sobreviventes durante os primeiros anos. Dois.

O mundo entrou em colapso. As leis de imigração e migração ficaram tão rígidas para evitar a disseminação da praga que as cidades viraram ilhas, que aos poucos morriam de fome e falta de recursos. Ter uma cidade com 75% de pessoas infectadas já era suficiente para considerar aquele local zona fantasma, isolá-lo do resto mundo e, no mínimo, jogar uma bomba de napalm para terminar de “evitar a contaminação”, mesmo que ainda existissem pessoas vivas e saudáveis ali.

Mas isso fora há uma centena de anos.

No meio do caos criado pela praga, vieram três longas guerras - as Três Guerras Pré-Reconstrução - que acabaram com as cidades e com as vilas e com os Estados. De repente, não existiam mais fronteiras, as comunicações falharam e as pessoas ficaram ilhadas, sozinhas para reerguerem suas vidas.

Mas não a Cidadela. Aquela pequena cidade luxuosa, tecnológica, onde quem ali morava dispunha de recursos ilimitados, continuou em pé. Porque ali havia energia solar e eólica à vontade, geradores tecnológicos com 300 anos de vida útil. Havia um centro médico preparado, bunkers de sobrevivência e campos para plantar, colher, armazenar. E ali moravam duas das maiores autoridades daquele tempo, que logo assumiram as rédeas: um político e um pastor evangélico.

Enquanto tudo era bombardeado, destruído e isolado, a Cidadela permanecia

ilesa. As mortes pela praga ali eram mínimas e foram diminuindo aos poucos, a ponto de a Cidadela ser considerada uma “área código verde”, a melhor que existe. Eles diziam que eram os escolhidos para salvar a humanidade, que a salvação viria da Cidadela. As pessoas, então, acreditaram. E construíram suas moradas ao redor da bela e magnífica Cidadela.

Então a Cidadela desenvolveu uma vacina no final da terceira e última guerra, que isentava as pessoas da praga. Uma profilaxia. Não era a cura, mas impedia que as pessoas morressem em horas. Dava uma sobrevida e em quem era saudável, uma margem de 50% de chances de não contrair. Ou diziam...

Assim começaram os chamados “anos de reconstrução”. Mas havia um problema. A vacina, obrigatória a todo cidadão, deixava as pessoas com um enorme risco de esterilidade. E o Pastor, pregando em nome de um Deus onipotente e onisciente, disse que não se reconstruía um Estado sem pessoas.

Foi quando gravidez tornou-se assunto de Deus. E do Estado.

As pessoas deviam ser examinadas antes de ficarem grávidas, e receber um negativo para a doença. Casais deveriam se cadastrar para poder pleitear uma gravidez porque, caso a mulher ficasse grávida sem estar no sistema, seu bebê poderia nascer com a praga, e o Estado dizia que desencadearia a epidemia novamente. E isso a Cidadela não poderia permitir.

A lei dizia que os bebês deviam ser concebidos por pessoas saudáveis, autorizadas, para depois serem criados em berçários e escolas estatais. A pessoa tinha o dever de, aos 20 anos, se candidatar a uma gravidez e dar seu filho para o Estado “garantir sua segurança”, imediatamente após o parto. Se quisesse antes ou depois, era avaliada, autorizada ou não. Caso não tivesse companheiro, a cópula era orientada pelo governo. Se a mulher engravidasse antes ou depois por qualquer razão sem autorização, a criança era tomada e a mãe presa por seu crime. Se fosse comprovada a praga, um aborto era realizado, o feto era enterrado como ser humano, com todos os direitos, e mãe presa por seu crime.

As inspeções da coletividade serviam para caçar mães ilegais sem autorização, ou bebês criados em casa, para observar os moradores da casa e garantir que as pessoas seguissem as duras regras. Depois que a criança completasse 16 anos e fosse “livre da praga”, podendo tornar-se mão de obra da Cidadela, poderia voltar para a tutela dos pais.

Isso fora a tanto tempo que Luísa nunca vira um padecido de praga. Esse era um daqueles nomes remotos que nos causam medo sem sabermos exatamente o que significam. Mas viu fotos, vídeos, viu tudo que havia pra ver, da doença que havia destruído grande parte da população e deixado escombros de guerras e pessoas que queriam rapinar o que restava. A Cidadela limpou tudo. Garantiu tudo. Luísa também não chegou a ver as três guerras seguintes, tampouco sabia dizer porque a União estava onde estava e porque aquelas pessoas – poucas e sem rosto – controlavam a tudo e todos. Era assim e sempre tinha sido, há milênios houve alguma coisa parecida com “democracia”, onde os governantes eram escolhidos pelo povo, mas nunca mais soube-se de algo parecido quando a praga chegou e o mundo mudou.

Governando a vida de todos, “beneficiando a vida dos cidadãos”, existiam dois rostos que eram vistos e lembrados: o Pastor, aquele homem branco de cabelos escuros e bastos bem assentados na cabeça às custas de muito gel e; o Ministro, outro homem de cabelos castanhos ralos e expressão sempre muito severa. Religião e Estado.

Já haviam passado por ali inúmeros outros homens que chegaram a Pastor e Ministro, os dois cargos máximos que existiam na Cidadela e que foram estendidos a todos os outros satélites. Luísa fingia não entender. E de tanto não entender, ela acabou entendendo tudo.

- As coisas estão quietas demais lá fora – comentou Conrado, seu companheiro. O rádio estava sintonizado no canal da igreja, e o programa elucidava pecados e penitências à população com uma voz estridente, dizendo que os guerrilheiros haviam causado caos e inferno no Satélite 5. – Desde a bomba, desde o tumulto aqui no 5.

- Eu sei. Não sei o que devo fazer. – respondeu ela de chofre. Ajeitou as botas de couro nos pés, conferiu a faca que ficava amarrada à sua perna esquerda, ajeitou o cabelo curto e muito preto. Colocou o cinto com suas armas e o faca fina, comprida e retrátil no cinto e vestiu seu sobretudo.

- Você vai sair? Melhor não, a polícia deve estar na rua ainda. – disse Conrado. Luísa o ignorou. Sabia dos riscos.

- Preciso ver o que está acontecendo e alguém precisa ficar para receber o sinal.

- Eu deveria ir.

Luísa riu de uma forma engraçada pelo nariz, mas não com deboche. E sim com uma certa alegria. Sabia que era melhor que ele em campo aberto e que suas chances eram maiores. Ele também sabia, mas para Luísa fazia diferença ver que se importava. Por isso sorriu mais um pouco.

- Claro que não. Pare de besteira.

- Eu sei. Por favor, tenta recolher alguma amostra ou estilhaço da bomba, ok? Eu gostaria de ver o que eles lançaram contra as pessoas.

- Tudo bem. – Concordando, Luísa começou a subir as escadas do esconderijo.

Aquele lugar era só mais um que a moça conhecia como a palma de sua mão, todas as ruas e todas as esquinas de habitações amontoadas. Era pobre e miserável como os outros, mais um distrito de mão de obra, de pessoas que viviam para “reerguer a nação destruída pela praga”. Nada disso importava mais, porque há muito que Luísa – e outros de sua organização – estavam convencidos de que a praga não mais existia, embora ela fosse um medo de todas aquelas pessoas simples.

Passou por um muro onde propagandas coladas descascavam no cinza, onde um bebê sorria envolto de mãos brancas e fortes. O anúncio colado ali faz tempo dizia: “Quem restaura uma nação pode criar seu filho como deve ser”. Embaixo um pequeno texto: “A União quer o bem de todos que nos ajudam a crescer e superar a praga. Seu filho deve ser criado nas escolas estatais com todo amor, preceitos de Deus, apoio e alimentação necessários. Venha até nós e deixe-nos fazer o bem para que você possa ter orgulho”.

Ela nunca se imaginou grávida em toda sua vida, porque em primeiro lugar não poderia, nunca, engravidar sem uma permissão expressa que seria livre da praga e que seu filho nasceria sem as obrigações estatais. E para dar entrada nesse tipo de decisão, apenas homens eram autorizados a desonerar seus rebentos. Não caberia à uma mulher direitos sobre isso. Ela era, como a igreja gostava de dizer, “o receptáculo da vida”, mas decidir sobre a vida dos filhos, apenas homens. E como a maioria das gestações eram frutos de estupro, ninguém nascia livre.

Luísa também sabia de algo que todos sabiam: que gravidez sem a devida permissão era crime passível de prisão. O filho era dado às escolas estatais vinculadas à igreja, porém a quantidade de mulheres que morriam nos processos abortivos ilegais para se livrarem da prisão era muito grande. Muitas preferiam morrer a serem presas. Tudo isso por causa do controle de praga. Controlar a praga garantiria um futuro melhor. Então os alimentos, a água, os corpos das pessoas, a convivência entre elas, a informação. Tudo isso entrava nas leis do controle da praga. A cidadã não era dona de nada, inclusive de seu corpo.

Ignorando o anúncio descascado e os pensamentos, seguindo em direção à praça do Paço no Satélite 5. Caminhava feito um gato de rua, protegida pelas sombras, suas botas sem fazer um mísero ruído. Era muito habilidosa em qualquer campo, aberto ou fechado, porém mais no aberto. Sempre fora leve e graciosa, se esgueirando esquina após esquina, sem fazer barulho. Era muito boa em desaparecer também e em roubar. Eram habilidades que já possuía mesmo antes de entrar para a resistência e que aprimorou assim que precisou sobreviver todos os dias, dia após dia, como todo mundo. Ela sabia quando se esconder, sabia quando lutar e quando retroceder e sua intuição se fazia presente em variadas situações. Ela era o que a resistência chamava de “rogue”.

Assim que virou em uma esquina, sentiu uma fisgada à sua esquerda e se fundiu com a sombra de um muro. Alguns segundos depois, dois guardas passaram e nem sequer perceberam a presença dela ali, encolhida e prendendo a respiração. Esperou se afastarem e continuou andando.

A praça estava em frangalhos e sabia onde a bomba tinha caído, e não fazia muito tempo, a julgar pela fumaça e focos de incêndio. Não havia corpos, mas sabia que o governo limpava tudo rapidinho. Alguns cidadãos remexiam os destroços e eram repreendidos por um pequeno grupo de guardas, que estavam parados, uniformizados e segurando grandes escopetas junto às grandes construções.

Aproximando-se devagar, agarrou um pedaço de metal com a mão enluvada, enrolou em um lenço e colocou no bolso. Mas sabia o que estava por vir e estava pensando em dar no pé quando ouviu a sirene pela segunda vez naquele dia. O pânico lhe invadiu as entranhas quando se colocou a correr, sem saber muito bem a direção. A segunda bomba era jogada naquele dia, muito perto da primeira.

As pessoas que remexiam os estilhaços se colocaram a correr tão logo o chão começou a tremer e o fogo subiu com o impacto. Ninguém podia imaginar que estavam bombardeando o mesmo satélite pela segunda vez seguida. Eles não estavam em guerra, as pessoas estavam desorientadas.

Com o coração saindo pela boca, e depois de muito custo, ela conseguiu pegar de volta a rua para o esconderijo. Encontrou Conrado a esperando colado à porta do bunker, que dava para a rua, abaixo das escadas escondidas que levavam eles para o subterrâneo.

- Outra bomba! – gritou assim que ela entrou, puxando seu corpo esguio para dentro – Caiu outra bomba!

- Eu sei Conrado, que merda. – disse ela aborrecida. Não perderam mais tempo e desceram as escadas, trancando todas as portas ao passar.

Entraram na sala de controle do esconderijo. A iluminação dos geradores não andava grande coisa. Luísa se jogou numa cadeira e ligou a televisão que emitia um comunicado em letras garrafais do governo, que corria pela tela sem parar, em todos os canais.

“CIDADÃOS, ESTAMOS SENDO ATACADOS POR VÂNDALOS, GRUPOS TERRORISTAS QUE QUEREM ACABAR COM A NOSSA PAZ E TRAZER A PRAGA DE VOLTA. NÃO SAIAM DE CASA. NÃO ABRAM A PORTA PARA NINGUÉM. NÃO FALEM COM NINGUÉM A NÃO SER GUARDAS OU FUNCIONÁRIOS DO PAÇO. AS BOMBAS SÃO DOS PERTURBADORES DA PAZ. FIQUEM EM SUAS CASAS, LOGO A PAZ SERÁ RESTAURADA”.

O aviso se repetia. Luísa desligou a televisão e se colocou a pensar, quanta coisa havia degringolado num espaço de duas horas? Recostou-se na cadeira e ficou em silêncio. Conrado a olhava fixamente, podia sentir.

- Isso tá parecendo... – ele balbuciou, quebrando o silêncio.

- É, tá sim. – disse ela, levantando os olhos. – Tá parecendo o meu plano. Tá parecendo que a resistência pegou a minha ideia e usou contra as pessoas – completou, um peso descomunal esmagando suas entranhas.

Irina não sabia mais de mais nada. Não entendia, não sentia. Seu corpo era somente uma massa de sangue e ossos moídos, estilhaçados. Um bilhão de agulhas furando sua pele não representava aquela dor física, mental, aquele desespero esmagador.

Sabia quem havia sido. Um homem do governo. Estupros eram comuns. Sentira seus olhos frios fitando-a no escuro enquanto sua alma era despedaçada, para sempre, irremediavelmente. Ela acabava de virar um remendo de alguma coisa sem importância.

Foi tudo tão sujo, ignóbil, porque lembrava-se de trechos finais. Acordou jogada numa sarjeta em um beco do satélite, perto de onde morou um dia com sua mãe. Sua roupa suja de sangue, borralho das chaminés, uma costela dolorida, arranhões por todo o corpo, olhos com inchaços, um deles ela sequer conseguia abrir.

Irina cambaleou até sua casa, abriu a porta e cambaleou para dentro. Passou o ferrolho na porta e mancou até o banheiro, onde as coisas de sua mãe estavam intactas, como se a qualquer momento ela fosse chegar. Encheu a banheira velha de cerâmica com água o quanto pôde, e se afundou lá dentro. Afundou a cabeça, afundou o corpo e tentou fazer com que a água lavasse suas feridas, mas eram muitas e muito profundas. Deu muita sorte de ainda ter água na caixa d'água, mas naquele momento ela nem se importou com ter ou não ter nada, pela primeira vez. Não importava mais. Nunca mais, nada.

A água deixou seu corpo ferido enrugado. Secou-se sentindo o corpo gritar de dor, e caiu na cama, se cobrindo até a cabeça. E daí em diante, sentiu que nunca mais dormiu de verdade. Sua vida rodopiava em sua cabeça continuamente. Pensava em reportar o acontecido às autoridades, mas a lei exigia que você tivesse as provas do estupro e uma imagem do agressor. Leis ridículas, vida ridícula.

Na manhã seguinte, não foi trabalhar, não comeu, não fez nada. Permaneceu deitada trocando de posição quando alguma parte do corpo doía em especial. No outro dia, a mesma coisa. Somente no quarto dia de reclusão que ouviu uma batida repetida na porta. Batidas fortes e autoritárias e uma voz masculina dizia alguma coisa que apenas ignorou. Depois de algum tempo a pessoa desistiu.

No quinto dia, uma batida tímida. Uma voz feminina e conhecida chamou por

Irina várias vezes. Foi somente quando a voz chamou por sua mãe que decidiu sair da cama e atender. Era Maria, a vizinha que vivia com seus avós e dois irmãos e com quem sua mãe mantinha contato e até dividia as rações diárias.

- Irina, pelo Senhor, eu estou chamando você há tempos! Um homem lá da cozinha do Paço esteve procurando por você, bateu lá em casa. Você...

Foi somente aí que uma nesga de sol iluminou por breves segundos o corpo de Irina, e Maria escondeu seu grito de horror, que sufocou com um lamento.

Irina sentou-se na beira da cama e olhou para suas pernas e braços e percebeu que as marcas estavam indo do arroxeado para o amarelo. Seus olhos deveriam estar no mesmo tom. Mas não precisou dizer nada para Maria saber o que tinha acontecido, porque era bem óbvio. Que mulher nunca precisou passar por isso?

A senhora que poucas vezes vira ou conversara sentou-se ao seu lado na cama e disse, com olhos marejados:

- Você sabe quem foi? Porque é difícil saber. Comigo foi assim. – disse ela de forma delicada.

- Com você? – perguntou Irina rouca, porque era a primeira vez em seis dias que falava com alguém.

- Eu tinha 18 anos, era mocinha como você. Aconteceu comigo. E fiquei grávida, e eles levaram meu bebê, eu nunca mais o vi. – respondeu Maria. Depois de uma pausa, continuou. – É isso que acontece com a gente. O Senhor deve querer assim... A gente é moeda de troca, é um corpo que eles usam pra criar pessoas saudáveis, e pra ter bebês para eles arrancarem da gente. Pra ter bebês da violência que cometem.

- Eu sei quem foi. – respondeu Irina em lágrimas. – E não posso nem denunciá-lo. Nunca vão acreditar em mim!

- Eu sei, querida. Eu sei, flor.

Irina derrubou lágrimas silenciosas enquanto Maria a abraçava como sua mãe teria feito. Ela precisou de todas as suas forças para retomar a vida ou ao menos tentar. Demorou menos do que tinha direito. Continuou morando na mesma casa que dividira com a mãe. Disse na cozinha do Paço que tinha se acidentado e por isso faltado, foi punida por faltar, teve seu salário minguante descontado. Mas

não podia contar, não podia dizer. Até porque as mulheres da cozinha a olhavam como se já soubessem.

Os dias se passaram e se prolongaram em semanas. Maria a observava de perto, sabendo que o momento chegaria. Desejava com todas as suas forças que aquele monstro tivesse se precavido, porém sabia que só quem detinha o poder sobre isso era a Cidadela. Era provável – e muito – que o momento tivesse chegado. E chegou.

Maria viu, algum tempo depois, Irina caminhando para casa com seu uniforme cinza, pálida e abatida como nunca. Uma mancha de vômito ressecada na roupa. Chamou a moça pelo nome, e Irina caminhou até ela. Entraram no quartinho apertado que Maria dividia com uma irmã e disse para a menina:

- Aconteceu né?

Mas Irina não chorou, não mais. As lágrimas haviam secado, há muito. Seu rosto estava resignado, rígido.

- Eu não sei o que fazer. – disse ela. – Não quero isso dentro de mim, eu não quero gerar nada, nem quero ser presa. Já não basta o que me aconteceu? Não. Eu quero dizer não.

As duas ficaram em silêncio muito tempo, durante aquele dia. Quando foi pra casa, Irina pensou em suas poucas possibilidades, e respirou fundo.

Luísa tirou a peruca loira logo no hall de entrada da mansão. Havia trabalhado intensamente nas últimas 48 horas para chegar ali. Usava o uniforme de faxineira com que tinha acesso à duas mansões da Cidadela, onde viviam algumas pessoas que, querendo ou não, tinham enormes regalias. Dava nojo só de pensar.

Foi difícil burlar a segurança, sempre era, estava acostumada até. O desafio a animava. Nunca tinha sido pega e seu disfarce era perfeito porque era real. Ela, “Ofélia Nogueira”, do Satélite 2, faxineira de duas mansões, existia no sistema. Ofélia tinha seu rosto e suas credenciais, assim como sua impressão digital. Até número de presença nas inspeções da coletividade Ofélia tinha. Tudo obra do Conrado, “aquele maldito gênio de computador”, como gostava de dizer. Para

entrar na Cidadela, lar de ricos e poderosos, havia uma enorme burocracia. Então ela preferia o útil disfarce a ter que se esgueirar pelas sombras, escalar portões e muros, contar com a ajuda de membros infiltrados da resistência e permanecer invisível.

Três guardas estavam no hall, que a deixaram entrar sem perguntas. Desceu as escadas em direção ao subsolo, andou cerca de 5 minutos até entrar pelo corredor de mármore certo. Empurrou uma porta pesada que abria para dentro.

No centro da sala ricamente decorada, uma mesa recebia cinco homens. Na ponta, um jovem de cabelos negros, rosto severo e insígnias douradas no peito. Todos os outros usavam roupas distintas e caras.

- Oi prima. – disse o homem da ponta, oficial Mateus. – Bom te ver aqui.

Luísa parou de chofre e o ódio lhe amargou a garganta. caminhou furiosa até a ponta da mesa e gritou, sem se conter e sem devolver o cumprimento do homem:

- Que merda vocês fizeram?!

- Calma, Luísa. – disse um dos homens, à direita do jovem de rosto frio. – Vamos conversar direito...

- Porra nenhuma! Eu quero uma resposta. – disse ela, fervendo e com as mãos tremendo de nervoso. – Vocês explodiram uma parte com civis e não o prédio importante do Paço, como tínhamos combinado! Vocês bombardearam um espaço vazio e depois casas de pessoas. O plano não era esse! Nós derrubaríamos tudo ao mesmo tempo. Sem vítimas! Como posso ficar calma?!

- Os planos mudam. – disse outro homem. – Oficial Mateus avaliou que precisávamos cancelar as bombas, não era a hora certa. A primeira bomba não era nossa. A segunda foi disparada por um pequeno erro de cálculo.

- Mas que merda é essa? Cale a droga da boca! – explodiu ela - Oficial Mateus é quem decide tudo agora?!

Oficial Mateus olhava para a sua prima e sorria, um sorriso branco e cálido, quase inocente.

- Eu disse aos senhores - ele suspirou - Ela não tem a menor estabilidade para

fazer parte desta cúpula. Ela não é como meu tio, não tem o mesmo tino. Não passa de uma mulher. E elas não têm a racionalidade fria necessária para este trabalho.

Luísa não fez mais questão de segurar seu ódio. Em questão de dois segundos ágeis, estava em cima do oficial, com uma faca apontada para a sua garganta.

- Eu só preciso de um motivo, Mateus. – Sibilou, de forma que só ele ouvia, a faca branca e fina direto na sua garganta pálida. Uma gota de sangue brotou de onde o fio da faca encostava na pele. – E acabo com você dormindo, qualquer dia desses, eu entro na sua casa, e te mato. Eu juro.

Foi o tempo preciso para que os seguranças entrassem e ela fosse apartada do primo, sendo levada para outra sala, ainda furiosa.

Todo o corpo ágil de Luísa tremia. Guardou a faca no suporte que ficava em sua cintura e sentou-se, nervosa. Tinha perdido o controle, mais uma vez. Mateus tinha esse dom.

- Você não deveria atacar seu primo. – Disse uma voz atrás dela, calma e retumbante. Era seu tio Romeu. – Ele está nos ajudando.

- Ele é um cretino ganancioso, está manipulando todos vocês! – disse ela.

- Nossa resistência estava entrando em colapso até Mateus começar a nos dar informações. Agora temos uma dianteira. – continuou Romeu, calmamente.

Luísa olhou para o seu tio envelhecido, de mãos nodosas e voz gentil. Ele lhe lembrava seu pai em tudo, nos gestos e nos trejeitos.

- A gente quer tirar o Ministro e o Pastor desse poder doente tanto quanto você. Mas precisamos jogar sujo às vezes. – disse ele enquanto se sentava ao lado dela.

- Não. Isso nos faz igual a eles. Vocês mataram um monte de gente anteontem, porque desfizeram um plano por ordens de um traidor.

- A ideia era mandar um recado à Cidadela. Nós mandamos.

- Não, vocês mataram pessoas inocentes dos satélites. Sabe, aqueles? Que a gente deveria proteger?

Romeu suspirou fundo e agarrou as mãos de Luísa.

- Você foi tirada do comando, Luísa. O conselho dos cinco recebeu Mateus, seu primo, seu sangue. Ele nos guiará até a vitória, e além do mais ele é um agente duplo. Você era só uma agente de campo. Sempre trabalhou muito bem, igual à seu pai. Mas a hora chegou e você precisa se colocar no seu lugar. E deixar qualquer decisão de liderança com a gente.

Soltando-se das mãos do tio, vendo que nada mais podia fazer, saiu da sala em silêncio, passos firmes, o ódio pulsando em suas têmporas

- A raiva dela vai passar, tio. – disse Mateus olhando a cena da porta e sorrindo de leve. – Você vai ver.

Luísa não lembrava das escolas estatais porque nunca estudou em uma. Era uma privilegiada. Seus pais, altos funcionários da Cidadela, foram autorizados a criar ela e sua irmã em casa, com o amor e carinho que a maioria das crianças não tinham.

Seu tio Romeu tinha também regalias, embora não tivesse filhos. E sua outra tia, mãe de Mateus, também teve autorização de criar o filho com todo o conforto, sem precisar ir para a escola do Estado. Foram criados com todo amor do mundo e toda a estrutura, na Cidadela.

Mateus era apenas dois anos mais velho que Luísa. E quando ela estava com 12 anos e ele 14, quase foi estuprada. Mas já era a menina esguia e ágil e conseguiu se salvar por um triz. Sua irmã Mariana não teve a mesma sorte, e ficou grávida. E morreu tentando abortar para não ser presa. Tinha apenas 14 anos.

A mãe de Luísa morreu de câncer, ao fim de dois anos de sofrimento depois da morte da filha mais velha num aborto mal sucedido. Luísa ficou sozinha com o pai em uma mansão da Cidadela. Ele era uma das cabeças da resistência, e ao mesmo tempo tinha um cargo de confiança no governo. Agente duplo. Sua casa vivia cheia de pessoas e de reuniões secretas que Luísa pouco entendia.

E aos poucos foi entendendo. A relação distante dos dois se tornou próxima, e quando completou 19 anos, ele havia passado para a filha todo tipo de

conhecimento a respeito da resistência, da Cidadela, do Ministro, do Pastor e dos próprios talentos. Um ano depois de estar pronta e trabalhando ao seu lado, seu pai se suicidou.

Um dia, saiu caminhando pela rua da Cidadela e cruzou os portões, viajou até os Satélites, conheceu Conrado e nunca mais voltou para a vida opulenta de outrora. Ia até lá quando tinha que ir, sem chamar atenção, sem estar visível. Nunca mais teve vontade de voltar para a Cidadela. Já seu primo Mateus, se tornou em pouco tempo um alto oficial da parte ministerial, atuando diretamente na fiscalização religiosa de postos dos Satélites. Um cargo hipócrita, onde poderia fiscalizar até a virgindade das moças.

No dia em que foi fazer uma inspeção em um posto de cidadãos do Satélite 5, em busca também de um informante que ali vivia, Mateus viu uma moça frágil, de cabelos claros sentada em um banco do posto, quando deveria estar trabalhando. Viu uma chance, como muitas outras que via todos os dias. E quando a moça o interpelou pedindo uma clemência que ele desconhecia, teve muito mais vontade de denegrir aquela mulher, como gostava de pensar.

Luísa sabia quem era o primo. Vigiava o quanto podia, mas nem sempre evitava os crimes que ele cometia. Dois meses depois da reunião na Mansão, ela monitorava seu primo com a ajuda de Conrado. Do esconderijo no subsolo do Satélite 5, eles acompanhavam sua movimentação usando câmeras estatais que Conrado tinha hackeado.

- Seu primo passa uns dias fora, um pouco de cada vez, já notou? – disse Conrado, enquanto olhava a tela de um dos computadores montados sobre a mesa. Ele comia uma tigela de cereais velhos com leite, e mastigava enquanto falava. Luísa achava isso engraçado.

- Já sim. E sei que ele não guarda as porcarias dele na mansão. Deve ter algum outro lugar. Precisava usar uma escuta naquele babaca. – disse ela, concentrada.

- E qual seu plano, Lui? – questionou Conrado, repentinamente. – Vai seguir o cara para que? A gente precisava concentrar no que faremos a respeito daquelas bombas...

- Eu vou descobrir as fraquezas desse cara. Preciso saber o que ele esconde, e como vou derrubá-lo antes de tudo, como vou fazer a resistência ficar do meu

lado. Eu preciso de munição. – Disse, encerrando o assunto.

Num estalo, Luísa foi até uma estante entulhada num canto, repleta de documentos, caixas e jornais velhos. Tirou uma caixa de documentação na qual ela não tocava há muitos anos. Havia ali um inventário de toda a fortuna da sua família. Propriedades, heranças, tudo. Pegou uma pasta que descrevia a fortuna da mãe de Mateus, seus tios. Olhou a listagem de propriedades durante muito tempo. Só altos oficiais do governo podiam dispor de uma lista como aquela. Pessoas comuns só podiam ter até dois bens em seu nome, mais do que isso era considerado excesso e “doado” ao governo.

Apenas duas horas analisando aqueles documentos e Luísa achou o que queria.

- Aqui. A mãe de Mateus tinha duas casas no Satélite 5. Uma é essa em que estamos, e que ela vendeu para o meu pai antes de ele morrer. Outra é essa aqui, perto da saída da cidade, que consta como penhorada. Mas tenho um palpite. Afinal, nas saídas da cidade estão os corredores que a resistência usa para se locomover.

- Continua. – Pediu Conrado, deixando a tigela de lado e segurando a pasta para ver melhor.

- Acho que ele guarda alguma coisa incriminadora. Mateus é um podre, eu não acho que ele seja esse cara limpo e metódico que demonstra. Preciso ver esse lugar...

Uma semana depois de intenso monitoramento, os dois descobriram que Mateus estaria na Cidadela durante um dia para compromissos governamentais. E descobriram também que o casebre do 5, uma casa de média estrutura, embora estivesse desabitada há muito tempo, contava com um sistema de segurança que poucas mansões tinham na Cidadela. Coisa de ponta mesmo. Numa casa velha e com janelas com tapumes?

Depois dos bombardeios, o Satélite 5 estava quieto e deserto. Fora declarado estado de sítio durante muito tempo, bem como os toques de recolher estavam muito mais rígidos. Era das sombras que Luísa precisava para trabalhar.

Conrado estacionou a velha van decrépita com os equipamentos eletrônicos que desativariam o sistema de segurança na esquina da casa. Um pulso

eletromagnético faria todo o trabalho, mas o equipamento era pesado. Em poucos segundos, Luísa estava dentro da casa.

A casa era pré-fabricada nos modelos pós-reconstrução, como muitas outras. Eram comuns, pois eram rápidas de construir. O espaço era dividido em três peças, cozinha, banheiro e um quarto e sala. Pouco mobiliada, chão sujo, penumbra. Ao chegar no quarto, nada poderia prepará-la para o que encontrou lá dentro. Do alto de uma cama grande, correntes desciam das paredes. Vibradores com esporas ainda ensanguentadas na ponta, plugs anais, algemas, correias, mordedores, coleiras, máscaras. Cama desarrumada, com manchas de sangue e esperma. O cheiro acre de suor ainda estava no ar.

Um amontoado de caixas e uma mesa cheia de papeis faziam parte da cena, num canto. E sobre a mesa, uma caixa com pequenos discos virtuais de gravação. Catou seu comunicador e pareou os dois. Na pequena tela, uma moça de cabelos claros, rosto borrado e machucado, repleto de pavor. E seu primo a violentava com uma fúria insana sobre aquela cama. Luísa sentiu vontade de tacar fogo em tudo, incendiar seu primo amarrado ali. Na etiqueta do disco, escrito com uma letra caprichada, “Irina Pereira, 19 anos, ajudante de cozinha”. E uma data do dia do bombardeio.

Outras caixas como aquela estavam num armário na cozinha, mas não se arriscou a abrir. Não queria mais ver nem sentir tamanha dor, ódio, raiva. Vontade de destruir e de encontrar aquela moça. Catou as provas que pode e jogou na van. Precisou vomitar antes de sentar ao lado de Conrado.

Ele parecia meio pálido, enquanto ouvia alguma coisa por seu fone de ouvido.

_ Que foi, que cara é essa?

_ Lui... estão bombardeando a Cidadela.

III.

- Luísa, acorda. – disse Conrado, sacudindo seu corpo adormecido.

- ...

- Eu encontrei Irina. Vai, levanta.

- Que? – despertou de vez, tirando os cabelos escuros e lisos que teimavam em ficar sobre seus olhos, a voz empastada de um sono profundo. – Você o que?

- Achei a Irina. Vem, acho que consegui. – disse ele.

Luísa tirou os cobertores de cima do corpo e jogou um casaco por cima dos ombros e foi até a sala dos computadores. Lá, Conrado lhe explicou o que descobrira:

- Nós achávamos que ela havia cruzado a fronteira, lembra? Mas a Cidadela diz para todo mundo que não há nada do lado de fora dos Satélites. Não, ela não cruzou nada, ela não fugiu. Voltou a aparecer no sistema do governo. Só que eles não sabem de mais nada.

- Pelo menos ela está viva. – Comentou Luísa - Ainda bem...

Depois de quase cinco meses, eles não haviam tido muita pista da jovem. Acharam que ela poderia estar morta, pois as lutas nas ruas continuavam. O que descobriram foi que Irina trabalhou nas Cozinhas do Paço por um mês depois do estupro e depois desapareceu. Foi procurada por um tempo pelas autoridades do Satélite e depois se esqueceram dela com a intensidade de bombardeios aumentando. Foi nesse tempo que a vizinha da moça disse à Luísa que a moça se mudara para outro Satélite, o 2, na tentativa de fugir das autoridades.

Os dois estiveram por lá procurando por uma moça chamada “Mãe Lorena”. Luísa descobriu que Mãe Lorena administrava uma clínica clandestina de aborto no Satélite 2. Mas chegou antes de Irina, que nunca apareceu por lá. Agora sabia o que procurar. Ela estava grávida.

Então, a pista se perdeu de novo. Conrado captou um pedido de cesta básica com seu nome no sistema alguns dias depois disso. Esse tipo de pedido, assistencial, era feito à um posto de cidadãos utilizando documentação e impressão digital. E a origem vinha do Satélite 1.

Luísa viajou para lá na mesma noite, e encontrou o posto de cidadãos. Bateu de casa em casa perguntando por uma moça de cabelos claros e roupas largas, e ninguém sabia dela. Até que bateu em uma casa desabitada, fechada com tábuas. Não recebeu resposta. Deixou um pacote com comida e água, que jogou ao remover uma tábua solta da janela.

No outro dia, deixou a mesma coisa. No terceiro, quando ia depositar o pacote, ouviu um barulho e uma fresta da anela se abriu. Foi quando Luísa olhou o rosto da moça pela primeira vez.

- Quem é você e o que quer? – disse ela, com a voz endurecida.

- Irina, eu quero te ajudar. – Respondeu Luísa. Era como falar com um animalzinho amuado e machucado, que podia fugir a qualquer momento. – Não se preocupe, não sou do governo. Eu sei o que houve e eu quero fazer alguma coisa por você.

Sem perder tempo, Luísa contou tudo que sabia, quem era ela e porque precisava de Irina. Conversaram por horas.

Irina demorou a confiar naquela moça franzina e de grandes olhos e cabelos escuros, que tinha um brilho diferente no olhar. Porque há muito havia perdido a capacidade de confiar em alguém.

Ajudada por sua vizinha Maria, foi até o Satélite 2 fazer um aborto quando sua gravidez completou quatro meses. Porém, um novo bombardeio frustrou seus planos, quando a guerra foi anunciada. Caos, fumaça e falta de serviços básicos como alimentos e água potável. Os rebeldes tentavam assaltar a Cidadela o tempo todo, e tornou-se um fardo viver nos Satélites.

A casa de Mãe Lorena foi uma das moradias bombardeadas logo no início. Todos os Satélites ficaram em ruínas em pouco tempo.

Sem saber para onde ir, Irina continuou e chegou ao Satélite 1. Achou uma moradia improvisada e ficou vivendo lá cerca de uma semana antes da chegada de Luísa. Não fazia a menor ideia de como continuar sobrevivendo nem como voltar para casa. O sistema de transporte dos Satélites estava suspenso, toque de recolher tinha sido instituído.

Corpos começaram a aparecer nas ruas, em reportagens na televisão e em manchetes de jornal que diziam que “a praga retornou”. Era um “Castigo do Senhor” pela descobediência. Espaços públicos necessitavam agora, novamente, de autorização para serem utilizados. O controle ficou extremamente rigoroso.

Mas para Luísa, tudo aquilo parecia pantomina. Ela se lembrava de como seu

pai lhe descrevera a praga e como era incrivelmente estranho que a praga tivesse voltado exatamente naquele momento, mas sem a distribuição de remédios como acontecera antes. Parecia que a guerra era mais importante.

Irina estava com seis meses de gravidez e uma barriga saliente, porém que era escondida por algumas roupas.

- Nós precisamos voltar ao 5 hoje ainda. – disse Luísa, ajudando Irina a embalar suas poucas coisas. – Você está se sentindo bem?

- Sim. O bebê anda chutando, mas não me incomoda. – disse Irina, dobrando uma peça de roupa e colocando na mala. Luísa tirou o que ela tinha nas mãos e disse, ficando de frente para ela:

- Eu tenho certeza que vai dar certo. – disse ela, com firmeza. – Obrigada por fazer isso, eu não saberia como derrubar essa droga toda sozinha.

- Eu não tenho escolha. – disse Irina, abaixando o rosto. – É fazer isso ou morrer. E morrer eu sei que eu vou. Mas Luísa...

- Sim?

- Eu sei que não posso mais abortar. Mas eu não quero essa criança. – disse ela, olhando com pavor.

Olhando aquele rostinho assustado, ela entendia. Como poder amar um fruto de violência, uma lembrança brutal de violação, patrocinada por um governo que dizia que mulheres eram inferiores e incapazes de decidir sobre seus corpos? Quem poderia culpar aquela pobre moça do Satélite 5 por não querer o fruto do seu ventre?

- Eu sei, Irina. Não tem problema. Nós vamos resolver tudo isso. E vai ficar tudo bem.

Foi a primeira vez que Irina recebeu um abraço amoroso desde à noite anterior da morte da mãe. Sentir o calor da desconhecida, seu cheiro, o coração batendo junto do seu a faz pensar que tudo poderia sim dar certo. Para Luísa, foi como se a terra tivesse movido ao seu redor, dando-lhe um objetivo.

Foi na noite do grande anúncio de paz que tudo aconteceu.

“Nós vencemos, meus cidadãos”. A voz que ecoava pertencia ao Ministro. Sentado ao lado do Pastor, eles diziam que a vitória estava no ar e que a paz seria restaurada. “Nós contivemos a praga e os rebeldes com a ajuda do Senhor. Os conflitos acabaram, porque a resistência está ao nosso lado. Não há mais rebeldia e sim amor em Jesus e em nosso povo”, disse o Pastor, sorrindo.

O anúncio era transmitido em todos os Satélites, em todas as televisões e em toda a Cidadela. Sinal padrão. De repente, a imagem ficou preta, cortando e congelando o anúncio do sucesso.

Letras garrafais surgiram na tela.

“ISSO É UMA MENTIRA”.

Um rosto de uma moça franzina, de cabelos pretos, surgiu na tela.

“Meu nome é Luísa, eu tenho 24 anos e sou filha de Gilberto Paes, um conhecido membro da Cidadela. Ele foi vice-ministro até seu suicídio, há cinco anos. Era da resistência, essa mesma resistência que se diz parceira e amiga da população. Mas tudo isso aqui é uma mentira. Tenho documentos que provam que a praga foi curada há 50 anos e nossa vida é controlada, nossos corpos vilipendiados por causa de uma mentira. A praga não mais existe”.

Enquanto a voz falava, documentos e provas eram mostrados, as mesmas que encontrou na casa do primo. Luísa mostrou e narrou, durante vários minutos, toda a podridão das inspeções, das violências e mostrou a prisão das mulheres. Conrado mantinha o sinal pirata funcionando com ferozes batidas em seu teclado. Quando a tela voltou para seu rosto, Irina estava ao seu lado.

“Ela é Irina. Uma moça comum do Satélite 5. Foi estuprada pelo oficial Mateus da inspeção religiosa da Cidadela. Ela está grávida do filho dele. Nós não queremos mais sermos estupradas, ter nossos filhos tomados por conta de uma doença que não existe. Nosso corpo é só nosso. Mateus, eu quero que você me escute bem. Você, que é agente duplo da resistência e da União, me escute direito. Nós voltamos pra provar o canalha que você é. E pra tomarmos nossos corpos de volta”.

A exibição chegou ao fim. Todas as transmissões foram cortadas.

E, no instante que isso acontecia, o bunker foi tomado por oficiais e Luísa,

Irina e Conrado foram levados para a Cidadela. O sinal pirata foi encontrado.

Na sala de reuniões da Mansão da resistência, os mesmos homens de sempre olhavam chocados para a tela preta da televisão. Os quatro guerrilheiros, os quatro grandes líderes, todos com um cargo no alto escalão do governo e acesso a muitas e muitas regalias. Sentados, impotentes.

- Quando foi que nos perdemos, amigos? – Romeu quebrou a perplexidade. – Quando foi que a gente se vendeu por tão pouco?

O silêncio pairava entre eles. Sem orquestra. Apenas quando a porta se abriu, e homens fardados entraram na sala e abriram fogo com metralhadoras, foi que Romeu finalmente, percebeu, quando o ideal de um mundo melhor havia sido perdido.

Aquela resistência que lutava contra a Cidadela, havia esquecido das mulheres. Esquecido delas, de seu poder, e do direito de comandar o próprio corpo que eles haviam negado tanto quanto o inimigo, que as estuprava e prendia. As guerras e a praga, nada disso havia mudado a principal fraqueza deles: a opressão. Eles eram tão opressores quanto os Ministros e Pastores sem rosto.

E foi em Luísa, sua sobrinha, tão querida, carinhosa e alegre, brincando no jardim da casa de seu irmão aos dez anos de idade, que Romeu pensou antes de fechar seus olhos e a quem pediu desculpas.

Nas ruas, nas alamedas, nas vielas de cada Satélite, cada escombro, cada casa. Murmúrios. Cochichos. E mãos torcidas. E mães se lembrando de seus filhos, que nunca mais viram por culpa de uma praga que talvez nem existisse, em muito tempo. E se recordando de suas violências e seus anseios esmagados.

E homens se questionando do porque nunca puderam existir, de fato. Sendo sempre um arremedo. Uma sombra àquela Cidadela imensa e cheia de pessoas privilegiadas. Sendo sempre uma parte desintegrada e frágil.

E mais mulheres, e mais homens.

Alguns dias depois, os Satélites amanheceram com um aviso colado nos muros, e comerciais de televisão anunciavam um grande evento: a execução das

rebeldes traidoras.

Há dias que era feito um alarde ao redor do fato de que ambas tinham sido capturadas, juntamente com um comparsa que havia pirateado a rede de comunicações de todas as seis cidades, e estavam presas na Cidadela. Era obrigatório estar lá. Todo mundo deveria comparecer à execução. As duas mulheres seriam fuziladas em nome do Senhor. O homem seria preso pelo resto da vida.

Maria acordou naquele dia com um bolo no estômago como nunca sentira na vida. Colocou sua roupa de domingo, do culto, para um domingo completamente diferente e repleto de horror. Aquele era o dia da execução de Irina. Os ônibus que levariam todos até a Cidadela já estavam passando, a cada vinte minutos. O sol estaria a pino no momento fatídico.

Toda sua família ia em silêncio aos locais reservados a elas. Na televisão do veículo, cenas das mulheres sendo carregadas de um local a outro. Pastor e Ministro davam entrevistas todo o tempo, falando sobre como controlar melhor as mulheres para que não ficassem loucas e disparassem mentiras para a população. Oficial Mateus, citado por uma delas na transmissão, afirmava ter se sentido ultrajado pela acusação injusta, e depois apertando as mãos dos maiores oficiais da União.

Os ônibus estavam aportados há uma distância segura do grande espaço onde seria a execução, uma antiga construção que antes servia para a prática de esportes. As pessoas eram obrigadas a caminhar um trecho a pé, para chegar até o enorme campo, onde no centro, um palco com um microfone havia sido colocado. Ali ao lado, um pequeno tablado, e três grandes metralhadoras apontadas para um paredão.

Quando Maria se deu conta, caminhava no automático pelo campo para assistir à execução. Olhou para o lado e viu uma mulher grávida, aparentando ter seus 20 anos, idade permitida como mandava a lei. No entanto, mais à diante, uma senhora com uns 40 anos trazia um barrigão. “Não, deve ser impressão minha”, pensou ela. E aos poucos foi notando que, a cada momento, uma mulher com uma barriga de grávida passava por ela. “O que está acontecendo?”, pensou com seus botões.

Finalmente foi autorizada pelos guardas a parar. Eles armaram tudo em um

local onde coubesse toda a população dos satélites, que não era muito grande depois de tantos meses de bombardeio. Todo mundo deveria assistir. Era necessário que todos aprendessem a lição.

Quando o relógio marcou exatas 16 horas, várias pessoas subiram naquele palco. Seguranças, ministros, o Ministro e o Pastor. E dois guardas. Um trouxe Luísa. O outro trazia Irina, sua barriga à mostra. A população não se conteve, e soltou um suspiro uníssono. Alguém gritou “não!”.

E foi tudo tão rápido, que Maria só teve tempo de se abrigar da saraivada de tiros que choveu sobre os guardas, jogando-se no chão. Ela viu, em câmera lenta, quando uma jovem de cabelos encaracolados, misturada à multidão, arrancou sua barriga falsa e tirou dali uma mini metralhadora de combate, e se colocou a saraivar o guarda mais próximo. Ao mesmo tempo em que Irina era retirada das mãos dos guardar por uma horda furiosa de novos rebeldes, Pastor e Ministro eram retaliados por uma multidão furiosa de mulheres com barrigas falsas, portanto armas de variados calibres.

Luísa sorriu, ao ver o rosto de uma outra moça, que lutava corpo a corpo com um homem uniformizado. Com as mãos amarradas, sentiu que lhe puxavam os cabelos e em um microssegundo, viu Mateus correndo em direção de Irina. Luísa correu o quanto pôde e deu uma rasteira no homem, que na velocidade que vinha, caiu de costas no chão antes de atingir a grávida, sendo agarrado por uma porção de pessoas que vinham como uma coluna desenfreada de ódio. E enquanto o caos reinava, pessoas caíam em plena praça e oficiais eram abatidos atirando em civis, Luísa foi solta por um desconhecido, que soltou suas algemas. De mãos dadas com Irina, elas se uniram à multidão.

Réquiem para a humanidade

Thabata Borine

Se você está lendo isto, então as informações sobre minha língua foram úteis. Sou parte da civilização humana, do planeta Terra, a única espécie do meu planeta que conseguiu viajar pela galáxia. O esforço de decifrar estas informações valerá a pena, pois aqui serão encontradas todas as informações sobre o que está dizimando minha espécie. Utilize isto para guiar a sua.

Nós, humanos, somos uma espécie dióica. Apresentamos uma variação ligada à distribuição geográfica dos primeiros indivíduos que surgiram, ou seja, nossas peles possuem variação de cor, assim como olhos e cabelos, além de outras variações físicas associadas. Passamos a maior parte de nossa história divididos por cor, credos, etnias, países. No passado, fizemos diversas guerras por territórios, crenças diferentes ou por acreditarmos em nossa superioridade. Mais informações sobre os terráqueos podem ser encontradas neste mesmo dispositivo.

Na noite do ataque, o céu tinha um tom avermelhado e uma sensação estranha pairava no ar. Não havia nada de diferente, mas mesmo dentro de casa faltava aquela sensação de segurança. Encarava a porta em intervalos regulares, tentando me convencer de que era coisa da minha cabeça. Foi quando uma luz muito forte, vinda de cima, fez com a noite virasse dia. E o mundo nunca mais foi o mesmo.

Eles iniciaram os ataques em grandes centros e também bases militares. Eram naves gigantes, que à primeira vista lembravam vespas, e as criaturas que as comandavam eram metálicas. No começo, acreditávamos que eram armaduras, e que por baixo estariam os seres que atacavam nosso planeta; mas, assim que os primeiros foram derrotados, constatamos que eram robôs. Nossos inimigos nem se faziam presentes. Era uma luta injusta, mas resistimos como pudemos.

Anteriormente, estávamos criando colônias e extraindo recursos dos mais

diversos planetas da nossa galáxia. Nunca tivemos muitos escrúpulos, mas quanto mais percebíamos que éramos a única espécie inteligente viva, mais aproveitávamos essa posição. Socialmente, parecíamos ter finalmente criado uma sensação de igualdade, todos trabalhando pelo nosso futuro. Acreditávamos que tínhamos superado os preconceitos antigamente enraizados em nossas culturas, mas agora percebo que não era real. E por que eu estou falando isso? Porque nosso ataque só ocorreu devido à nossa incapacidade de nos considerarmos verdadeiramente iguais.

Viagens extrassolares sempre foram muito caras e dispendiosas, por isso focamos nossos esforços em planetas dentro da zona habitável, como chamávamos a região ao redor de uma estrela onde o nível de radiação emitida permitiria a existência de água líquida. À medida em que nossa tecnologia foi rapidamente melhorando, fomos expandindo nossas buscas.

Em uma das primeiras viagens extrassolares, ao planeta Gliese 546 Cc, pesquisadores encontraram pedras de um metal desconhecido, em formato perfeitamente oval, em uma caverna. O planeta possuía uma grande quantidade de metais diversos, por isso foi uma das maiores descobertas na época. Porém pouca atenção foi dada àquelas pedras, embora elas tenham me despertado grande curiosidade. Elas poderiam ser uma evidência de forma de vida inteligente no Universo.

Aqui é necessário um dado pessoal: eu me formei em Astrobiologia. Devido à ausência de evidências de vida alienígena, os pesquisadores como eu não eram bem vistos, por isso acabávamos estudando diversas áreas como Astromicrobiologia, Arqueologia extraterrestre e Astropaleontologia. Júlia, minha então namorada, sempre me ajudou nas áreas mais humanas, como Arqueologia e Linguística, sendo ela uma arqueóloga renomada, por suas pesquisas com arte e comportamento do homem primitivo.

Demorei 8 meses para participar de uma missão de reconhecimento de novas cavernas, e apenas consegui pois Max, um conhecido de alta patente no Exército das Nações Unidas – ENU, interveio. É assim chamado pois sua principal proposta é unir todas os grupos em que nos dividíamos, deixando de lado as diferenças para trabalharmos em prol da humanidade. Foi criada inicialmente após uma guerra de âmbito global que aconteceu por volta de 2125, todavia, devido à popularização da colonização espacial, ela cresceu rapidamente em pouco tempo. Pertencer a ela é um sinal de prestígio, visto que eles promovem a

paz e o avanço da civilização humana.

A viagem durou 5 meses. Gliese 546 Cc é um planeta rochoso, duas vezes maior que a Terra, com uma grande quantidade de montanhas e cavernas. A duração de um dia é de 36 horas, e um ano de 349 dias. O efeito estufa ocorre, mas não é capaz de manter o calor, por isso suas temperaturas variam muito entre o dia e a noite. A quantidade de oxigênio em sua atmosfera é semelhante à da Terra, mas, devido à quantidade de monóxido de carbono, não sobreviveríamos ali.

Ao acordar, senti bastante enjoo e tontura. Meus pés e mãos formigavam, sentia pressão nos ouvidos e visão turva. Foram longos minutos até que todos meus sentidos voltassem. Fiz alguns exercícios, tomei um longo banho e fui me reunir com os outros 13 na cozinha. A minha expedição era formada por cinco oficiais do exército, dois químicos, três geólogos, um físico e um mecânico. Logo que me sentei, perguntei sobre a ida à caverna em questão. Alguns soltaram risinhos e murmúrios, mas a resposta veio de um geólogo, Jorge Marion: “você acha que sua pesquisa é importante, mesmo? Só vamos depois que os verdadeiros cientistas pesquisarem”. E foi essa atitude deles durante toda a viagem.

A nossa primeira parada foi em uma montanha onde encontramos uma grande quantidade de ferro. No decorrer do mês, encontramos mais quatro dessas, bem como outras duas com manganês. Poucas funções eram delegadas a mim, a maioria delas de caráter braçal, como carregar mochilas ou pegar equipamentos, então pude fazer minhas próprias observações. Não havia sinal de água, sendo assim, nenhuma vida. E nenhum sinal também do material de que eram feitas aquelas pedras arredondadas.

Só era possível pesquisar durante uma parte do dia, quando as temperaturas permitiam que nossos equipamentos trabalhassem. Além disso, ocorriam tempestades de areia frequentes, capazes de matar um ser humano em minutos. Na metade do segundo mês, durante uma reunião sobre os próximos passos a serem dados, indaguei novamente sobre a ida a caverna. Ouvi de um dos químicos que “aquilo não era importante no momento, dada a quantidade de novas fontes de metal encontradas”, e que eu devia “entender, como cientista, que aquilo ali era mais importante para o futuro da humanidade”. O capitão, tentando deixar o clima mais confortável para mim, disse, tocando no meu ombro: “iremos lá logo, apenas terminaremos o quadrante”.

Até aquele momento, eu não tinha como imaginar o quanto aquilo era mais importante para o futuro da humanidade, por isso me calei. Nunca fui uma pessoa de conflitos, sempre mantendo a calma e tentando ser razoável. Meus amigos e familiares diziam que sou “fácil de lidar”, quando esse meu medo de enfrentar as pessoas era conveniente e eles. Júlia costumava dizer que eu tinha que mudar, pois isso acarretaria problemas futuros. Como sempre, ela estava certa.

Finalmente, depois de 4 meses de espera, e com a expedição se aproximando do fim, o capitão me disse que iríamos no outro dia à caverna. Apenas um dos geólogos e o físico iriam me acompanhar, além de dois dos cabos. Rumamos em um pequeno veículo de exploração até a entrada, e de lá, seguimos a pé. Precisamos seguir agachados por um longo corredor no decorrer de 20 minutos, até encontrarmos a câmara grande, onde estavam ainda depositadas as pedras no centro. A caverna terminava ali mesmo.

Depositamos os instrumentos, e começamos a analisar o local. Como tínhamos apenas aquela tarde, eu iria recolher as pedras para estudá-las melhor na nave, assim como algumas amostras da caverna. A superfície das paredes era regular, com poucas estalactites, e formava quase um círculo perfeito. Passamos o dia explorando o local, sem muitas descobertas. A geóloga, doutora Anne Marie Braun, disse que a superfície parecia esculpida.

Ao voltarmos à nave, continuamos os estudos. Acontece que Braun estava correta: a caverna havia mesmo sido esculpida. Porém, era para parecer natural, como se não fosse para ser descoberta. Ao analisar as pedras ovais, observamos também que não eram resultado de ação natural e datavam de mais ou menos 2 milhões de anos. Minha intuição não havia falhado, vida inteligente tinha estado naquele planeta e deixaram aquelas pedras com algum propósito. A partir daí, a expedição tomou um rumo diferente.

Passamos o resto do tempo tentando encontrar mais algum sinal de vida, porém não muito mais foi descoberto, apesar de outros sítios terem sido encontrados. Os Gliesianos, como os chamei, haviam explorado aquele planeta apenas para extração de minerais, assim como nós. Porém, deixaram poucos sinais de interferência na paisagem. Talvez fossem mais preocupados com os impactos do que com a exploração descontrolada de recursos que podiam trazer.

Ao retornar à Terra, passei a ser um dos maiores nomes em vida extraterrestre. As descobertas levaram a novos rumos para a pesquisa científica, e foi fundada uma divisão no exército das Nações Unidas relacionada a encontrar mais sinais dos Gleisianos pelo espaço, assim como outras formas de vida. Max conseguiu que meu nome foi escolhido para chefiar a nova seção, disponibilizando assim recursos quase infinitos para minhas pesquisas.

Mais algumas evidências de exploração de recursos foram encontradas, entretanto, nenhum sinal de habitações. Pude confirmar a preocupação com os impactos causados pela exploração. Também observei que os Gleisianos eram oriundos de uma planeta como a Terra e tiveram o mesmo pensamento de explorar locais semelhantes, mas não muito além disso. Dados de sociedade, biologia ou mesmo de aparência física eram ausentes.

Tentei encontrar um padrão entre os sítios, mas não obtive sucesso. A pesquisa começou a esfriar e meus superiores já estavam impacientes, sendo apenas a influência de Max que mantinha minha ligação ao programa. Sem saída, comecei a acompanhar outras pesquisas ligadas à exploração de novos planetas. Fotos feitas por satélites e sondas, gravações, sons, qualquer coisa poderia ser útil. Então a sorte sorriu para mim, ou pelo menos foi o que pensei.

Novas regiões da Via Láctea estavam sendo exploradas e, com isso, muitas imagens das superfícies dos planetas estavam sendo feitas. Uma delas, de um planeta ainda não batizado, na extensão de Norma, um dos 4 braços maiores da Via Láctea, chamou a minha atenção. A foto era borrada, com diversos tons de marrom e amarelo, formando manchas. Mas algumas dessas manchas eram perfeitamente redondas, tão perfeitas que só poderiam ter sido feitas propositalmente.

Eu precisava convencer a Alta Cúpula, que coordenava as ações e investimentos do ENU, com apenas uma imagem, que a viagem deveria ser realizada. Apelei novamente a Max, que sempre me salvava nesses momentos. Max era um rapaz alto, de pele clara e olhos castanhos, com cabelos sempre em um impecável corte militar, da mesma cor dos olhos. Devido a todo treinamento militar, era quieto, limpo e organizado, bastante educado, mas levemente ganancioso. Nos conhecemos em um bar: ele havia acabado de voltar da sua primeira expedição fora da Terra, e eu, me formado mestre. Max era a única pessoa que consiga me ouvir falar por horas sobre vida em outros planetas.

Porém, nem mesmo ele poderia me ajudar. Ao insistir, ele me disse que “seria quase impossível conseguir até mesmo marcar uma audiência com apenas uma foto”. Eu fiquei olhando para ele firmemente, um olhar que ele conhecia. Max deu uma gargalhada, levantou da cadeira e me mostrou em seu tablet um homem, enquanto me dizia: “esse é o general Harold Stewart, um dos cabeças da Alta Cúpula. Qualquer autorização do setor de finanças precisa de sua autorização. Logo, se você esbarrar com ele por aí...”. Então ele riu novamente e completou com “essa informação é confidencial, não diga a ninguém que eu te passei”, o que respondi com um “seu idiota”.

Eu trabalhava no andar 5, em uma instalação militar com apenas um andar na superfície terrestre e outros vinte no subsolo, na seção conhecida popularmente como “setor Roswell”. O prédio inteiro era dedicado a pesquisas na área da Astronomia, sendo que grande parte dos dados e descobertas de observações espaciais do mundo inteiro acabavam chegando a nós. Descobri que o general faria uma visita em duas semanas, para saber do andamento dos projetos realizados ali.

No dia, fiquei aguardando até que Stewart chegasse, na entrada, para que pudéssemos ficar a sós. Ele me cumprimentou e, ao ver meu crachá, perguntou como andavam as pesquisas com os “extraterrestres”. Não consegui distinguir se o tom dele era irônico ou não, então dei um sorriso e mandei um: “era sobre isso que gostaria de falar”. Expliquei sobre a foto, sobre as formas arredondas – tão apreciadas pelos Gliesianos –, sobre como eles estiveram presentes na Via Láctea. Stewart ouviu tudo calado, e ao final do meu discurso, ensaiado tantas horas na frente do espelho, ele me disse apenas “não é de nosso interesse, são poucas provas”, e ainda completou com um “você falou sério mesmo? Estava pensando que essa suposição sem fundamentos reais poderia nos convencer a realizar uma viagem espacial até a extensão de Norma?”

Eu arregalei os olhos o máximo que pude, meu coração batia rápido, minhas mãos suavam. Meus pensamentos ficaram vazios e, quando voltei a mim, tinha apertado o botão para parar o elevador. Comecei a gritar, mesmo sem saber a razão da altura do tom da minha voz, algo como “você acha que eu estou de brincadeira? Precisamos saber tudo sobre eles. É muito provável que eles tenham vindo a Terra, e mesmo entrado em contato conosco. O que eles podem ter nos ensinado? Que tecnologias desconhecidas eles possuíam que nós poderemos tirar proveito? Eles conseguiam escavar metais sem destruir o ambiente e sabiam a

exata localização dos que mais tinham interesse. E o que aconteceu com eles? Se foi algo que pudesse ser evitado? O senhor não quer mesmo saber?”

E durante os próximos 20 minutos eu falei sobre isso, alto e rápido, algumas vezes, acredito, em um tom de ameaça. No começo, o general tentava em vão apertar o botão para que voltássemos a andar, porém, depois de algum tempo, ele parou e ficou apenas me ouvindo. Se foi o medo de que eu fizesse algo ou se era verdadeiro interesse, nunca saberei, mas saí dali com a autorização para realizar o projeto.

Batizei o planeta de Gliese-COL1. A viagem seria uma das mais distantes já feitas pelos seres humanos. Pensando sobre o assunto, ainda não sei realmente como consegui aquela autorização, pois foi um dos mais caros projetos realizados, exigindo uma grande equipe e com alto risco de falhas. Em apenas alguns meses, conseguimos partir, sem muitos problemas.

Um dos pesquisadores era Jorge Marion, o geólogo antipático da minha primeira viagem. Porém, o tratamento dispensado a mim por parte dos tripulantes era muito diferente agora. Como líder do projeto, todos eram bastante respeitosos e obedeciam sem reclamações. Muitos acreditavam que era apenas um delírio de minha mente perturbada, e todos que era um gasto de dinheiro sem razão. Mas, desta vez, não podiam dizer isso na minha presença. Quanto a mim, apesar de estar sentindo uma insegurança tremenda, exteriorizava isso apenas em meus momentos mais solitários.

Gliese-COL1 lembrava muito o planeta Terra, apesar de menor. Era rochoso, com temperaturas um pouco mais altas. Possuía composição atmosférica perigosa para nós, água líquida em menor quantidade. Logo que chegamos, pude distinguir cinco estruturas arredondadas, bastante destruídas. Concluí que eram instalações militares, quase todas muito grandes, com diversas divisões em seu interior. Haviam poucas janelas, e essas, assim como as portas, eram redondas, com nenhum objeto no interior delas. Mas uma se destacava das demais: a menor, que se encontrava ao centro, não possuía nada a não ser uma abertura para o subsolo.

Ao descermos, encontramos a maior descoberta da arqueologia até então. Eram centenas de andares, em uma descida espiral, onde milhares de famílias gleisianas moraram, todas juntas. Batizamos a estrutura gigantesca de Colmeia. O que mais intrigava era o que teria acontecido: a colônia causava arrepios, era

uma cidade fantasma. Algo havia exterminado rapidamente todos os Gliesianos dali, e como observamos mais tarde, de todo o Universo. Não haviam corpos e poucos sinais sobraram de sua existência. O que quer que os matou não queria deixar vestígios de que eles um dia existiram.

Aquilo começou a me corroer por dentro. Por mais que tentasse, não encontrava nada que sinalizasse quem eram, como viveram e qual foi o destino deles. Não havia sobrado quase nada. Mesmo assim, eu continuava procurando. A equipe trabalhou analisando todas as pedras, cavernas e qualquer lugar onde conseguíamos chegar. Era uma obsessão tão grande, que passei mais de um ano morando ali. Perdi contato com todos, família, amigos, Júlia.

Das poucas coisas que pudemos concluir é que eram bastante semelhantes conosco: provavelmente escolheram aquele planeta pela água, logo, assim como para a vida na Terra, ela era uma substância preciosa. A composição do ar no interior da Colmeia era também parecida. Em relação à tecnologia, algumas poucas coisas sobraram, como os modificadores de ar, as travas das portas e parte dos computadores.

O teto era alto e os corredores estreitos. As portas eram baixas e se pareciam demais com as paredes, mas possuíam pequenos desenhos ao centro delas, que podiam ser acionados ao toque. Os desenhos eram, assim como tudo que eles criaram, circulares. Mandamos as imagens para serem analisadas por linguistas e computadores na Terra. Até então, não precisamos abrir nenhuma delas, já que a esmagadora maioria havia sido arrebentada ou deixada aberta. Os mesmos símbolos podiam ser encontrado nos computadores.

O último andar da Colmeia era uma imensa sala de controles dispostos em um círculo, com uma plataforma no meio, que provavelmente era um equipamento de hologramas. Uma das áreas da parede era completamente despida, diferente das outras. Tudo parecia esculpido em pedra, mesmo as tecnologias mais avançadas encontradas. O engenheiro de computação Carlos Gadotti, um homem baixo e atarracado, tentava em vão decifrar como funcionavam os hardwares, devido à dificuldade de abrir sem danificar o interior, visto que os “gabinetes” eram de um material bastante semelhante a rocha.

Um dia, enquanto trabalhávamos, escutei um som de baixa frequência que não se assemelhava a nenhuma das máquinas que utilizávamos, porém não dei

muita atenção. Até o momento em que Gadotti parou de frente para a parede vazia, enquanto acendia um cigarro, e pude ouvir novamente. Pedi para ele sair e fiquei ali, imóvel, tentando imaginar a origem do som. Em outra ocasião, Carlos derrubou algo no mesmo lugar e, ao abaixar para pegar, o som ecoou de novo.

Repetimos mais algumas vezes e apenas o engenheiro acionava o tal barulho. Listando as diferenças, Gadotti era o único que fumava, tinha filhos e além disso, era o mais baixo. Com a ajuda de alguns equipamentos, descobrimos que quando Gadotti parava de frente para a parede vazia, um scanner, imperceptível a olho nu, era acionado. Depois de muitas tentativas, optamos pela derrubada desta.

Entramos no recém-criado buraco, que levava a um aposento pequeno. No centro, havia um pedestal alto, com cinco estacas fincadas ao redor dele. No pedestal, haviam buracos ovais, onde estavam encaixadas pedras idênticas às encontradas em Gliese 546 Cc. Ao me aproximar, as pedras fizeram um som semelhante ao da porta e começaram a esquentar. As tais pedras constituíam um dispositivo de armazenamento de memória, e projetaram um holograma que contava a razão daquela instalação secreta. Não era possível entender a língua, mas as imagens diziam muito.

Os Gliesianos foram uma civilização poderosa, que dominou o Universo há pelo menos 2 milhões de anos atrás. No auge de sua hegemonia, conquistaram inclusive outras galáxias além da deles, incluindo a Via Láctea. Porém um mal, sem razão ou origem, destruiu tudo que haviam construído. E foi aqui, neste planeta, onde se refugiaram do que quer que tivesse destruído seus lares, o seu último reduto e esperança diante da total aniquilação. Os hologramas, danificados pelo tempo, mostravam seres de aparência insetoide, mas não ia muito além dessas imagens.

Eram sensíveis a luz, tendo suas origens evolutivas ligadas a cavernas. Construíam suas casas embaixo da terra, sendo a mineração sua arte principal. Devido a isso, tudo o que construíram era ou se assemelhava às rochas das paredes. Tinham apreço pelas formas arredondadas na arquitetura, artes e escrita. O equilíbrio com o ambiente estava bastante presente, preferindo não modificar, mas mesclar suas construções as paisagens ao redor.

De aparência, eram seres baixos, humanoides, com dois pares de olhos grandes, sendo um par maior que o outro. Não pareciam ter nariz ou pelos. Eram

acinzentados, atarracados e com a pele que lembrava a de um sapo, com pequenas linhas avermelhadas que ligavam seus olhos e bocas. Possuíam 4 dedos longos, com as falanges em formato circular, e pernas e pés que semelhantes aos dos gatos. Formavam grandes famílias, que definiam inclusive suas profissões e asseguravam sua posição na sociedade, um sistema de castas. Mas esse sistema não se aplicava a suas fêmeas, de nascimento muito raro. Quando uma filha nascia, a família ganhava prestígio instantaneamente, porém as mesmas possuíam apenas uma função: a de reprodução.

A sala das pedras levava a um local muito maior e mais intrigante: seu jardim de Éden. Onde os que mais se destacaram em sua sociedade – apenas das castas mais altas – foram armazenados em estado dormente, para um futuro em que não haveria mais inimigos. Ao que pude constatar, a vida desses gliesianos possuía maior valor que as dos demais. Os indivíduos ali criogenados sabiam que os que ficaram para trás de toda aquela muralha seriam exterminados pelos inimigos. Porém, devido aos ataques à comunidade de fora, a energia não foi suficiente para mantê-los vivos, sendo então desligada gradativamente, até que nenhum deles sobreviveu. Ali foi onde, pela primeira vez, encontramos corpos.

Optei por encaixar as pedras de Gliese 546 Cc no pedestal, e outro holograma apareceu. Este contava a história do ataque que mudou o destino daquela civilização. Um ataque surpresa, de seres metálicos, que lembravam insetos. Eles atacaram simultaneamente o planeta natal dos Gliesianos, e suas mais importantes colônias. Os Gliesianos resistiram como puderam, levando a uma batalha de mais de 400 anos e, ao final, nenhum sobreviveu.

Durante a gravação, apareceram cenas de Gliesi-COL1, onde estava a Colmeia, e a Terra. Eles haviam estado no meu planeta e conheceram nossos ancestrais. Sabiam que nós seriamos a próxima civilização e previram que, como eles, iríamos procurar inicialmente em planetas próximos e dentro da faixa considerada habitável. Optaram pro deixar essa informação do ataque em um local com uma probabilidade muito alta de que encontrássemos, por isso criaram uma caverna em Gliese 546 Cc. Seus inimigos não iriam encontrar, pois não atacaram locais sem colônias.

E mais, os Gliesianos acreditavam que eles voltariam a nos atacar. Anexaram, junto às informações sobre sua derrota, detalhes sobre os atacantes. As criaturas altas, com formato de semelhante a insetos, eram apenas robôs. Os construtores destes nunca apareceram. Os mais simples atacavam em grande quantidade, o

que dificultava a batalha, mesmo que os mesmos pudessem ser derrotados com balas comuns. Haviam tipos mais elaborados, trazidos em grandes naves.

Retornar à Terra apenas me trouxe mais perturbação. Na casa vazia, as noites de insônia me tomavam enquanto tentava imaginar se caminhávamos para o mesmo destino. Se, em meu próprio planeta, extinções em massa ocorreram por toda a história da vida terrestre e ainda não haviam sido completamente decifradas, como não levar em consideração os perigos da extinção de uma civilização inteira pela galáxia? Não havia nem mesmo a possibilidade de ir até o planeta natal dos Gliesianos, por falta de recursos tecnológicos suficientes.

Mesmo assim, tentei comunicar meus superiores nos meses que se seguiram. Poucos chegaram a ouvir os meus motivos, e os que o fizeram, disseram que provavelmente não iria acontecer de novo. Diziam que apesar dos avanços que minhas pesquisas trouxeram para as áreas de Biologia, Tecnologia e mesmo nas Ciências Sociais, não poderiam fazer absolutamente nada quanto a isso, um mal que sumiu da galáxia há mais de 2 milhões de anos. Mesmo com meu emprego em jogo, continuei a tentar me fazer ouvir. Até que Max veio ao meu encontrou.

A partir daqui, irei reproduzir os próximos diálogos de forma mais literal, para que possam entender a ordem dos fatos. Max chegou em meu apartamento numa noite chuvosa. Estava pouco apresentável, mas Max era íntimo. Começou a falar assim que pôs os pés na sala:

– Sabe que está para perder seu emprego?

– Sei, mas acha mesmo que isso é o grande problema, Max? Estamos à beira da morte, da maior guerra já travada!

– Por favor, pare com isso. Eu não sei quando foi que você perdeu a razão. Você conseguiu o que sempre quis, um cargo importante, achou vida, realizou todos os seus sonhos! Para que perder isso agora?

– Isso não é mais importante! Nada é.

Max ficou em silêncio, olhando pela janela, procurando um argumento. Então virou e me olhou de cima a baixo. E disse:

– Sempre te admirei muito. Sua força, sua garra, seu rosto... – ao ouvir isso, abri a boca com o intuito de responder, mas ele colocou as mãos sobre minha

boca – Essa sua pele escura, macia. Por que não eu? O que ela tem que eu não tenho?

– Você tem que entender, Max, eu amo a Júlia. Eu ...

– Você não me quer porque sou homem, né? – ele gritou, colocando as duas mãos na cabeça. Depois, ficou balançando-a, de um lado para outro, como se procurasse suas próximas palavras. – Mas quer saber, você não pode dizer que não gosta ainda. Eu vou te mostrar como você pode ser amada de verdade! Não como aquela Júlia, mas por um homem!

– Você está muito nervoso, Max – eu tremia, mas mantive a calma na voz o máximo que pude. – Talvez devesse ir embora, e podemos nos falar depois...

– Não, não... ir embora? Depois de tudo que eu fiz por você! Eu te dei tudo que você tem! Você me deve isso! É, é ... você precisa me pagar isso!

E, dizendo isso, ele se dirigiu a mim com uma feição animalesca. Eu tentava parecer calma, tentava dizer que ele estava se excedendo, mas lágrimas escorriam pelo meu rosto. Ele segurou meus braços com força, dizendo:

– Eu te amo! Você vai ver isso, vai me amar! Eu faço tudo por você!

Ele começou a me agarrar, forçando seu corpo contra o meu, me beijando. Tentava levantar minha blusa e dizia que me amava quando soltava meus lábios. Juntando toda a força que podia, empurrei Max para uma estante de livros e minha coleção de miniaturas. As coisas começaram a cair nele, o que me deu tempo para sair do apartamento e correr pela rua. Corri o máximo que minhas pernas permitiam e, quando finalmente voltei à razão, estava na porta do prédio de Júlia. Subi, molhada e desiludida, em passos lentos. Quando ela abriu a porta e me encontrou ali, me disse, com seu tom autoritário, porém, naquele momento, reconfortante em ouvir:

– Você está bem? O que aconteceu?

– Eu preciso conversar. O futuro da humanidade está em...

– Futuro da humanidade? Isso é sério? Você chega aqui, machucada e molhada, com os olhos inchados de chorar e me fala do futuro da humanidade? O que aconteceu? – Falou essa última questão pausadamente.

– Bom, foi o Max, ele estava fora de si e...

– O Max te fez alguma coisa? Você está machucada? Quer ir ao hospital? Eu nunca confiei naquele traste, eu falei para você, por que continuou perto dele?!

– Precisamos falar no futuro da humanidade, Ju.

– Não, precisamos informar a polícia primeiro e ir ao hospital. Eu sabia que ele ia te fazer algo, eu avisei.

– Júlia! Isso é importante, podemos ser atacados a qualquer momento. Eu não quero que você morra!

– Eu não vou morrer. Não por enquanto. Falaremos disso depois, agora você precisa descansar.

– É impossível descansar. Minha vida virou de cabeça para baixo, e eu só quero... eu só quero...

Caí no chão, com as mãos dela ainda nas minhas e chorei. Chorei pelo futuro da humanidade, por ódio ao Max, pela culpa que Júlia me atribuía. Chorei até dormir. Ao acordar, pude sentir o cheiro de Júlia nos lençóis, o que me trouxe memórias: seu sorriso, sua voz, seu rosto, especialmente quando acordava. Júlia de manhã era sempre tão quieta, em seu mau humor. Esbocei um sorriso; Júlia estava quase sempre de mau humor. Estava sempre reclamando, encontrando defeitos. Quase ninguém a agradava de início. Era difícil vê-la empolgada, apenas quando algo de suas pesquisas a intrigava demais. Recordei-me de uma vez que ela chegou toda animada, falando de umas pinturas rupestres achadas no sul do México, que datavam de uns 2 milhões de anos atrás.

Acordei e encontrei a mesa de café posta. Júlia estava sentada, lendo as notícias matinais. Linda, com seus cabelos ondulados de tom escuro e sua pele clara. Seus olhos, castanhos e grandes, encararam os meus, e ouvi o seu “bom dia”. Sentei e contei a ela tudo o que havia descoberto até então. E ficamos discutindo, criando teorias, mesmo sem chegar a lugar nenhum. Passei mais alguns dias na casa dela, até voltar ao meu velho apartamento.

As próximas noites foram as piores possíveis, até que finalmente a fatídica noite avermelhada chegou, trazendo as hordas que planejavam eliminar toda a humanidade. O ataque havia começado, e eu não tinha nem ideia do próximo

passo. Repassava tudo que eu já havia aprendido, lido, escutado. Mas, em meio a isso, lembrava-me de Júlia. E aí eu percebi. As pinturas tinham a idade das pedras e de tudo mais que eu havia encontrado dos Gliesianos. Essas pinturas foram deixadas por eles.

Levantei-me e comecei a olhar tudo que havia encontrado sobre esse povo. As formas redondas, as colmeias, a possível mensagem para os terráqueos. Procurei imagens dos desenhos rupestres: eram formas arredondadas, com desenhos semelhantes a seres humanos e alguns outros mais baixos, com cabeças grandes. Ao centro, havia algo que lembrava um inseto, muito maior que todos os outros desenhos. Eles deixaram mensagens para nós aqui também, eles haviam nos encontrado, ou pelo menos nossos antepassados, o Homo habilis. Na época, estes apenas usavam poucas ferramentas, mas eles presumiram que iriam evoluir. Tudo fazia sentido, eles escolheram locais próximos ao nosso planeta pois sabiam que aqui havia vida, queriam nos salvar. Eu precisava chegar até lá.

Meus esforços do passado em avisar as autoridades trouxeram frutos. Max e nossos superiores vieram até mim, pedindo ajuda para combatermos um inimigo que parecia invencível. Max me olhou nos olhos e disse:

– Eu consegui convencê-los para você e os trouxe aqui, como sempre. Vamos precisar da sua ajuda, você é a única que conhece essas criaturas.

Uma onda de ódio tomou todo meu corpo. Só a visão de seu sorriso idiota me fazia ter ânsia de vomito. Mas naquele momento, pelo futuro da humanidade, eu apenas respirei fundo e expliquei exatamente o que precisávamos fazer. Ao final, depois de concordarem, frisei: “Max não irá conosco, é minha última exigência”.

Não tive coragem de ver o rosto de Max naquele momento, nem nunca mais. Minhas ordens foram todas acatadas e uma expedição organizada rapidamente. A bela caverna era pintada de cima a baixo com diversas figuras, exceto uma única parte; e, assim como na Colmeia, havia uma porta secreta ali, por onde pudemos caminhar ao subsolo. Apenas um corredor, que seguia até uma sala redonda e vazia. Procurei na escuridão alguma coisa, até que me deparei com uma criatura metálica com o rosto que lembrava uma libélula, encarando-me a apenas um metro de distância:

– Saudações humana. Eu esperava sua vinda. – Alguns membros da expedição apontaram suas armas para a criatura, que não pareceu nem um pouco

perturbada. – Meu nome é Mrk-01243, mas pode me chamar de Marko. Sou parte do exército dos Jeledipotides. Prevejo que, por você estar aqui, estamos atacando a Terra.

Sua voz era mecanizada, porém suave. Era alto, magro, 4 membros. Ele era idêntico a alguns dos soldados que nos atacavam. Porém, enquanto aqueles nunca diziam nada e exterminavam qualquer humano próximo, este estava se socializando. Eu não disse nada, mas ele continuou:

– Vejo que está surpresa. Formas de vida e suas reações fascinantes. Vocês, humanos, são mais expressivos quando comparados a tantas outras que já vimos. Não se preocupe com sua vida agora, humana, eu não pretendo te machucar. Estou há milhares de anos preso, sem contato com meu exército e sem esperanças de ser reintroduzido. Entenda, na última Série, eu fui atingido por um vírus que me modificou para não machucar e ainda obedecer formas de vida. Por isso, minha ligação com a Matriz foi cortada.

Então ele explicou quem eram nossos inimigos. Uma inteligência artificial com a atual função de avaliar o perigo oferecido pelas Formas de Vida. Ele disse que haviam sido criados há 32 Séries atrás, o que quer dizer que houveram 31 espécies anteriores que foram exterminadas. Segundo ele, a vida é um evento raro no Universo, relacionado ao caos e à entropia. Não é possível prever onde e quando surgirá, mas é possível prever se ela será capaz de coexistir em harmonia.

A minha primeira pergunta foi sobre quem os criou. Na Série 0, existiu uma espécie a quem ele se referia como Senhores, a civilização Iamandu, uma sociedade igualitária e pacífica. Fora da sua época de reprodução, eles não possuíam diferenças relacionadas ao sexo, e apesar de possuírem diversos padrões de pele, isso nunca representou motivo de ódio entre eles. Mas, devido ao crescimento populacional, houveram políticas de restrição ao número de filhos, quantidade de alimentos e água, e por muito tempo, houve um racionamento extremo. Por isso, eles começaram a expandir seus domínios para outros planetas, em busca de novas fontes de sobrevivência.

A partir daí, eles se militarizaram, por medo de que outras civilizações pudessem lhes atacar. Também dividiram os Sistemas que eram capazes de atingir em quadrantes, sendo cada quadrante responsabilidade de um General. Os Jeledipotides foram criados anteriormente para auxiliá-los nos trabalhos pesados

e perigosos, mas acabaram sendo bastante utilizados nas buscas por novos planetas.

Alguns quadrantes eram tão distantes que ficaram praticamente isolados do planeta natal. Nesses locais, os Jeledipotides não eram enviados, pois ficavam muito distantes da Matriz, que é sua fonte de energia e o servidor principal. Foi em um desses lugares que o General Anouk estabeleceu uma ditadura. Além de se armar inclusive contra seus semelhantes de outros quadrantes, ele escravizou uma parte da população. Ainda mais, estabeleceu que as fêmeas não teriam mais direitos, como tornou obrigatório o uso de hormônios para que elas estivessem sempre em seu período fértil. Assim, em pouco tempo, sua população era quase do tamanho de todas as outras juntas.

Com isso ele começou a dominação dos quadrantes mais próximos. Alguns Generais se uniram a ele por vontade própria, outros, pela força. A Capital teve que tomar uma decisão, o que resultou em uma guerra, vencida pelo próprio Anouk. Esse anos foram sombrios para os Iamandu, e nada pacíficos. Outras guerras implodiram e, ao final, eles acabam por se extinguirem.

Sozinhos no Universo, essa inteligência artificial aprendeu uma lição: toda vida chega à extinção em algum momento, mas antes disso, ela pode perturbar tudo à sua volta. Quanto mais sentimentos de superioridade, quanto mais diferenças acreditarem que possuem, mais danosos a si mesmos e aos outros eles são. E tomaram como sua função cuidar para que isso não acontecesse. E, com esse intuito, faziam uma avaliação de como ela se comportava com relação aos seus semelhantes. Eles se desenvolveram, expandiram a capacidade da matriz e agora viajavam o Universo.

Em suas próprias palavras: “Entendam, vocês são um perigo para o Universo, pois irão destruir outras formas de vida e vocês mesmos. Só estamos poupando tempo, permitindo que os próximos tenham uma chance e que se comportem melhor. Não temos razão? Você acredita que sua espécie não terá um futuro igual ou pior aos meus Senhores?”

Comecei a pensar em toda minha vida. As dificuldades em conseguir me formar, vinda de um local considerado mais pobre. E, apesar de ter meus direitos respeitados como cidadã, fui algumas vezes atingida por um preconceito velado, silencioso, mas ainda existente. Seja pela minha cor, pelo meu sexo, por amar alguém. Max tentou me estuprar por acreditar que sou um direto dele, Júlia me

julgou por andar com ele. Nas minhas viagens espaciais, todos eram distantes, por acreditarem em sua superioridade. Será mesmo que eles não têm razão?

Fui trazida de volta dos meus pensamentos por um dos soldados que nos acompanharam. Ele queria iniciar o protocolo relativo a formas de vida alienígenas com Marko. Eles iriam avaliar se ele era confiável, para então fazer algo em relação às informações que ele havia exposto. A partir dali, disseram, ele era responsabilidade deles. Isso iria demorar demais, um tempo que não tínhamos. Eu os olhava se afastarem, imóvel. Se ele estivesse falando a verdade, a Série seria fechada, dando lugar à próxima civilização. Uma civilização que podia ser muito melhor do que a nossa.

Mas como deixar isso acontecer? Minha civilização não conseguira aprender a conviver de forma pacífica, e provavelmente iria demorar um tempo para conseguir tal feito, porém, estamos vivos. Amamos, sentimos medo, insegurança, curiosidade, esperança. Essa complexidade não podia ser medida por cálculos e códigos. Eu não podia deixar que toda minha civilização acabasse por conta de um cálculo matemático, realizado em cima de apenas uma amostra, a dos Senhores deles. E eles não tinham nenhum direito de avaliar nossa suposta falta de ordem. E assim decidi que iria lutar até o fim. Mesmo que ninguém acreditasse em mim, mesmo que eles tivessem sido ariscos comigo a vida toda.

Corri para cima e os vi colocando Marko em um carro. Me aproximei do motorista, que ainda estava fora do veículo, e comecei a fazer perguntas sobre os próximos passos da expedição. Aproveitando o quesito surpresa, puxei sua arma do cinto e mirei nele, atirando. Utilizando o corpo dele como escudo, consegui acertar o outro soldado, que estava para entrar no banco do carona. Entrei no carro e comecei a dirigir, sem rumo, para sair dali. Como fiz isso, eu não sabia, mas minha vontade de sobreviver ultrapassava tudo. Deixei para trás os soldados, os outros pesquisadores e Júlia.

Ao me sentir segura, me virei para Marko, que me disse: “Estou impressionado com essas suas habilidades, humana”. Respondi um “eu também”. Então comecei a expor a ele o quanto a humanidade merecia viver. Ele avaliou, e me disse: “você pode tentar. A única possibilidade é se for até a Matriz e tentar alterar seus códigos ou convencê-la do contrário. Se você é capaz de morrer tentando, talvez a sua civilização tenha mais uma chance”.

Marko iria me ajudar a ir até a Matriz. Precisaríamos “roubar” um dos

veículos de guerra deles, que então nos levaria até a nave mãe. Dali fomos direto a uma das zonas de guerra, na fronteira com os EUA. Tentei entrar na área com as minhas credenciais de pesquisadora militar, mais fui negada. Novamente estava sem saída. Ficamos ali, no meio do deserto, tentando achar o sinal de uma das rádios militares. Depois de algum tempo, obtivemos sucesso. Uma nave havia caído nos arredores.

Nos dirigimos até lá. Era uma madrugada clara, devido à batalha que tomava os céus em diversas regiões do planeta. Explosões e tiros soavam ao longe, o quadro do horror que vivíamos. Por sorte, não havia nenhum inimigo funcionando. Rodeamos a nave, avaliando o estado da mesma. Marko falou que “não é completamente segura, porém, acredito que poderia nos levar até a nave mãe, que deve estar perto”.

Antes de subir, resolvi fazer essa gravação. Estou em algum lugar no deserto do México, pronta para embarcar em uma viagem provavelmente sem volta. Eu sou a última esperança do meu povo. Se não sobrevivermos, utilize estas informações para sua batalha contra aqueles que acreditam ser os juízes e algozes das civilizações. Meu nome é Niara Yeza, pertenço à civilização humana da Terra. Use isto com sabedoria e que Deus tenha piedade de nós.



Projeto Áquila

Gabriela Ventura

Phillipe - Are you flesh, or are you spirit?

Isabeau - I am sorrow.

Ladyhawke (1985)

I.

Desde que meu quadro estabilizou, ganhei um bloco de papel e o privilégio do uso sem supervisão de uma caneta. A única condição é que eu jamais a leve para as áreas comunais, a fim de respeitar a política de circulação de objetos perfuro-cortantes. O que a princípio parecia um exagero revelou-se um procedimento sensato, depois que eu testemunhei o estrago que o 402 conseguiu fazer com um garfo de plástico contrabandeado do refeitório. Não gostaria de ver o único instrumento para expressar minha voz (a verdadeira, não a que tenho usado nos últimos tempos) enfiado na garganta de outra pessoa.

Confiante de que eu estava finalmente sob controle, após a temporada turbulenta que se seguiu à minha internação, a supervisora me assegurou que escrever seria também uma espécie de terapia. Se eles querem jogar o jogo do "faça um querido diário vai ser bom para você", pois bem, assim o farei, mas ao meu modo. Embora tenham me garantido a confidencialidade das minhas anotações, aquela conversa de que "você pode ser absolutamente sincero, porque nós sempre respeitaremos a sua privacidade" não me convenceu.

Uma pessoa não precisa ser especialmente observadora para perceber que, por aqui, o comportamento solitário não é incentivado: entre terapia ocupacional, sessões de análise solo ou em grupo, banhos de sol e as intermináveis filas diárias para as rações de remédios, volto muito pouco ao meu quarto durante o dia – e pareço suspeita sempre que o faço. Como ter certeza de que nenhum

enfermeiro vai ter a curiosidade de fuçar os papéis em cima da escrivaninha? Andar com minhas anotações debaixo do braço o dia todo seria ainda pior: certamente atrairia uma atenção indesejada sobre mim tanto da parte da supervisão quanto dos próprios internos.

Negociei então com o 405 metade de um bloco de papel em troca da minha ração noturna de calmantes pelas próximas duas semanas – a moeda mais cara desse andar. Não vou conseguir dormir muito sem a ajuda de remédios, já que minha ala é particularmente barulhenta depois que as luzes principais se apagam, apesar das ameaças de enfermeiros que gostariam de usar o turno para descansar. O 401, por exemplo, se sente solitário e resolve conversar amenidades com o 402. Uma vez que seus quartos ficam um de frente para o outro no corredor, as considerações sobre o cotidiano da clínica são evidentemente ouvidas por todo o andar. Já o 408 às vezes resolve contar carneiros em voz alta, no que eu imagino que seja um ato deliberado para enlouquecer o chefe da segurança, porque as brigas entre os dois são quase diárias. E eu prefiro nem pensar muito no 404, cujos impulsos sexuais parecem ficar mais intensos (ou seja, mais barulhentos) pelo menos umas três vezes por semana.

Mas ao menos tenho tempo para escrever sem receios. Por causa dos holofotes do pátio, o quarto nunca fica totalmente escuro e as checagens acontecem pontualmente a cada hora e 15 minutos. É fácil ter liberdade à noite quando se treina para ser muito silencioso. Camuflagem, pés leves, controle do tempo, audição apurada. Quem diria que um dia eu, logo eu, que nunca fui muito além do meu próprio laboratório, precisaria de táticas de sobrevivência avançada.

Estou tomando todas as precauções possíveis para não ser pega: até fazer comércio com o 405 foi um ato planejado. Ninguém vai dar por falta do meio bloco perdido já que o 405 tem o hábito de desmembrar suas rações de papel para fazer origami. Escondi o que chamo agora de Bloco B no estofo do meu colchão: um clichê à primeira vista, é verdade, mas, com o tempo, percebi que as revistas são muito descuidadas: apalpam os colchões finos procurando protuberâncias. Pode ser até que achem a proverbial ervilha que não deixa a princesa dormir, mas a consistência do papel lhes passa despercebida devido à mecanicidade de outros tantos quartos em outras tantas alas a revistar.

Assim, o Bloco A fica sempre à vista, o que quer dizer “sempre à vista dos revistadores”. Finjo que escondo o Bloco A no fundo de uma gaveta e pareço

constantemente preocupado se ele continua lá, com as folhas em ordem. Se eu o deixasse em cima da escrivaninha, imagino que tomariam o documento por falso, como quando um adolescente “esquece” o diário em cima da cama – um pedido óbvio para que os pais o leiam. Tenho plena consciência de que, quando escritas, as normas de segurança para manter meu modo de operação parecem paranoicas. Mas a paranoia, como eu vim descobrir, é talvez o único sintoma que nenhum de nós que aqui estamos deseja perder.

O conteúdo do Bloco A é, modéstia a parte, exemplar: não tenho formação específica, mas por conta da natureza das minhas pesquisas me interesso por psicologia. E, bem, penso estar me saindo muito bem com a construção de um personagem angustiado em busca da própria sanidade. Relato sessões, descobertas, tento entender e analisar os motivos que me trouxeram aqui, não sem questionar sempre se de fato ainda preciso de internação. Falo um pouco mal dos funcionários mais próximos, mas não o suficiente para que eles me odeiem e me cortem os poucos privilégios que consegui até agora. Para contrabalançar, elogios pontuais aqui e ali e a certeza de que “apesar do cenário parecer constantemente opressor, eu tento sempre me lembrar de que todos estão aqui por mim, e não contra mim”. Sim, eu realmente escrevi isso. Faço o gênero relutante, mas de bom coração. O tipo exato de personagem que vai acabar fazendo uma daquelas Grandes Amizades Transformadoras com o terapeuta – que renderão livros de autoajuda e até um filme para a televisão.

Apesar de estar me saindo muito bem na arte de parecer um paciente sob controle, não sei quando vão me liberar. “O processo de cura é lento, e precisamos ter certeza de que não haverá recaídas” – é o que sempre diz a Terapeuta Número 2. Receio que eu não tenha mais muito tempo. Tenho sofrido com dores de cabeça cada vez mais fortes nos últimos tempos. Embora me digam que minhas “enxaquecas” são efeitos colaterais de todo o stress sofrido nos últimos meses, não tenho dúvidas de que meu problema real é algum tipo de sobrecarga dos circuitos neuronais, que eu temo não ser reversível. Ao menos não sem os instrumentos específicos que aqui me são evidentemente negados. Mas de que adiantaria argumentar, ou pedir acesso especial ao meu antigo laboratório? Isso só prolongaria ainda mais minha estadia.

Essa é a principal razão do Bloco B: eu não correria o risco se tivesse mais tempo. Desde que morri tudo o que tenho feito é esperar e pensar e procurar saídas possíveis para cada prisão que me foi imposta. É preciso que eu conte a

minha versão dos fatos antes que ela se vá comigo, ou com o que restou de mim. Mesmo sem saber se eu ou ela vamos jamais conseguir sair daqui. O 409, meu vizinho de frente, está prestes a ser liberado. Um sujeito bacana que se internou voluntariamente por conta das ideias suicidas que estava tendo. Depois de seis meses por aqui decidiu que o melhor mesmo é fingir que a angústia passou, fazer o check-out e ir se jogar da primeira ponte, mas disse que não se importaria em passar pelo correio antes para postar meus papéis para quem eu quisesse.

Se você está lendo estas folhas agora, elas provavelmente resistiram a uma equipe de mais de vinte enfermeiros, doze seguranças, sete psicólogos, quatro médicos e um suicida gentil o suficiente para desviar-se de seu percurso rumo à Aniquilação Total apenas para me fazer um favor. Ou seja: essa não é uma daquelas mensagens do além transmitidas pelo éter e captadas por médiuns performáticos. É muito mais difícil, quiçá improvável. Mesmo que você não acredite na palavra de uma mulher morta, convenhamos, depois de todo esse trabalho o mínimo que você pode fazer é ler o que eu tenho a contar – e decidir por si se vai investigar minha história ou não.

II.

Talvez a essa altura você esteja se perguntando que, estando eu morta, esse manuscrito significa que o inferno é uma clínica psiquiátrica na qual somos todos obrigados a ouvir os poemas eróticos que o 404 dedica à Nova Farmacêutica Rabuda do Turno da Manhã eternidade afora. Como projeto de design imagino que a clínica não deixe nada a dever aos círculos imaginados por Dante, mas há uma explicação menos esotérica – o que não quer dizer em absoluto menos fantástica – para a minha situação.

Meu nome é Isabel Andrade. Há dois anos um adolescente bêbado em uma moto na contramão fez com que meu carro saísse da estrada e acertasse uma árvore. Apesar do cinto e do airbag, o choque foi violento o suficiente para que eu ficasse em coma por seis semanas antes que a morte cerebral fosse por fim declarada. Sim, eu conheço as estatísticas, mas, como sempre tive medo de voar, resolvi dirigir a noite toda para participar do congresso no qual apresentaria o seminário mais importante da minha carreira até então. Após dez anos de testes de laboratório havíamos finalmente construído os primeiros protótipos de uma tecnologia que eu havia criado e refinado durante praticamente a maior parte da

minha vida adulta, e com a qual eu havia sonhado desde o início da minha adolescência. Eu tinha 37 anos.

Não sou (fui? Os tempos verbais têm me confundido ultimamente, não sem razão) exatamente famosa, mas sei que meu nome e meu trabalho lhes são familiares, afinal você escreveu meu memorial para a Ciência Hoje. O essencial ao menos você sabe: sou/fui neurocientista e comandava um laboratório de pesquisa com ênfase ao processamento e retenção de memórias. Sabe também sobre o destino da minha mãe, ao ponto de especular se ela não era seria uma inspiração para o meu trabalho.

Apesar de não ser nenhum segredo, jamais falei sobre isso na mídia – mas você está certa, e talvez a delicadeza do seu pensamento seja a razão principal pela qual escolhi você como destinatária da minha história. Aliado ao fato de que, é claro, é mais seguro pedir ajuda a uma jornalista do que a qualquer um dos meus pares. Não estou sendo justa, é verdade, mas depois de tudo o que me aconteceu não sei mais em quem confiar.

Não tenho mais família a quem recorrer e acho difícil contatar meus antigos amigos. Na ânsia por encontrar o destinatário perfeito, lembrei do meu próprio necrológio. Apesar de não gostar particularmente da foto que escolheram – estou muito séria, logo eu que nunca associei casmurrismo à competência – guardei aquele artigo, menos por vaidade do que para me lembrar que, para o mundo, eu estou real e irrevogavelmente morta.

Mas me adianto. Primeiro é preciso que eu conte o que eu planejava apresentar no seminário ao qual jamais cheguei, além de tudo o que veio antes e também o que aconteceu depois. Resumir a vida de alguém parece tarefa fácil se deixamos de lado a vida em si e levarmos em consideração apenas currículos, boletins de ocorrência policial, relatórios de trânsito rodoviário e prontuários de hospital. Quanto tempo você levou ao todo para escrever a página que dava conta da minha vida?

III.

Aquela ideia de que há mais conexões neurais possíveis do que o número de estrelas no universo. É um mito, claro, mas os professores de ciências acabam por repetir a ideia até hoje. Eu ouvi quando era menina, e você? Eu entendo a

persistência do erro: a comparação é tentadora, uma vez que propõe ao público geral uma forma de ilustrar grandes números que não fazem muito sentido abstratamente, ao mesmo tempo em que evidencia o quão complexos são os processos que estão acontecendo agora mesmo dentro de nossas cabeças.

As infinitas estrelas a serem exploradas do lado de dentro e do lado de fora – não se esqueça que os professores de ciência também gostam de insistir na morfologia estrelar dos neurônios. Depois dessa aula no quinto ano eu decidi que precisava ser cientista. Que com as minhas estrelas eu ajudaria a salvar as estrelas da minha mãe. Mas não houve tempo, é claro – o processo já estava muitíssimo avançado.

Sempre achei irônico que estejamos tecnologicamente aptos para colonizar outros planetas – e agora com as novas naves já se falam em outros sistemas solares nos próximos vinte anos – mas ainda temos dificuldades com nossa topografia interna. Imagino que há 100, 200 anos médicos poderiam apostar que, a esta altura, teríamos a resposta para grande parte dos males que minam o corpo, que haveríamos descoberto formas de retardar o envelhecimento e quem sabe a fonte da juventude eterna.

Tudo é possível para o futuro, embora ele não possa fazer nada quanto ao passado – tão impotente como eu estava durante os últimos anos de vida da minha mãe. Hoje dispomos de conhecimentos bastante precisos sobre como o cérebro funciona e como se dão as reações químicas em seu interior. Mas ainda não conseguimos prevenir, estagnar ou reverter o avanço de certas doenças.

Ela foi diagnosticada com uma forma precoce de Alzheimer quando eu tinha seis anos, após diversos diagnósticos psiquiátricos falhos. A degeneração foi rápida e, nos últimos anos, silenciosa. Ela perdeu a fala, a mobilidade e a noção de que havia um mundo exterior. Perdeu as lembranças da família, do mundo e da mulher brilhante que fora um dia – aos 46 estava morta. Sabia que queria ser neurocientista desde os 14 anos e muito mais tarde, quando recebi financiamento da Fundação para iniciar meu laboratório, meu maior objetivo era arranjar formas de impedir que outras mães, pais, filhos, amigos – enfim, seres humanos plenos e com tanto a realizar viessem um dia a se esvaziar de si.

O laboratório era de pequeno porte. A verba permitiu apenas mais um cientista residente além de mim e de um fluxo corrente de estagiários mal remunerados, mas cheios de vontade de trabalhar. Quem dividia o laboratório

comigo era o meu marido, o também neurocientista Ricardo Oeiras. Nós fomos colegas de graduação, e começamos a namorar pouco depois do terceiro ano. Nossas pesquisas e interesses pareciam convergir, de forma que acabamos nos casando antes mesmo que eu iniciasse meu doutorado. Naquela época, parecia a parceria perfeita.

Como ouvi os principais detratores do projeto dizer, nosso espaço de trabalho era apenas um “galpão no fundo do quintal da faculdade. De fato, não era mais do que isso. No entanto produzíamos bem, o que nos fazia manter uma certa reputação que levava, consequentemente, à uma certa independência sobre como usávamos o dinheiro que nos era disponibilizado. Meu nome também havia adquirido credibilidade – apresentei uma tese de doutorado sobre possibilidades de mapeamento de memórias antigas e recentes no cérebro de primatas superiores que ganhou diversos prêmios, e isso tudo aos 29 anos Modéstia a parte, eu era a garota prodígio da neurociência.

O trabalho feito no laboratório gravitava e amplificava as ideias contidas no meu texto de doutoramento. Quando recebi a proposta de comandar minhas próprias pesquisas, Ricardo aceitou trabalhar ao meu lado, postergando assim a conclusão de sua própria tese. Juntos nós nos debruçamos, ao longo dos anos, para criar uma solução para a questão da degeneração da memória.

Reter lembranças é um processo complexo, uma vez não se trata de mapear neurônios específicos ou mesmo grupos de neurônios especializados em guardar memórias. Traços de todas as nossas recordações são estocados por toda a extensão das áreas corticais primárias, em vez de estarem circunscritos a uma zona específica. Na minha tese eu já previa modelos para um possível reconhecimento e mapeamento dessas informações, mas por falta de tempo e de verba não havia ultrapassado a teoria.

Ao longo dos anos, tendo que contemplar o todo em vez de partes específicas, desenvolvi a ideia de um biochip que, implantado cirurgicamente, permitiria uma varredura da rede neuronal das principais áreas armazenadoras de memória. Percebi que a coleta de dados jamais poderia ser pura: captaríamos então as informações que queríamos juntamente com todo tipo de interferência. O chip, programado para reconhecer o padrão elétrico característico das memórias separaria o joio do trigo e, após uma troca de dados prolongada entre cérebro e software (que pode variar de dias a semanas), o biochip teria uma cópia tão fiel quanto possível das memórias que buscou captar.

Como organismo vivo, este precisava ser mantido em estase no laboratório, até a implantação e ativamento em um ser vivo. As aplicações eram imensas: eu havia enfim criado um drive externo no qual poderia armazenar a essência do que somos. Minha ideia principal era conseguir substituir o tecido doente e reaplicar partes da memória danificada.

Levamos muito tempo para acertar as variáveis em nosso teste padrão, com ratos. O teste consistia em apresentar o esquema de um labirinto para um rato. Quando o animal tivesse decorado a menor distância possível entre ele e a recompensa, implantávamos o biochip. Após o processo de recolha das memórias – que levou quase dois anos para ser aperfeiçoado - causávamos danos ao córtex frontal do rato, garantindo que ele desaprendesse o caminho do labirinto.

Daí, a partir de terapias regenerativas com células tronco, procurávamos restituir o tecido cerebral. Apesar do rato ser novamente funcional, sem qualquer tipo de sequela, o dano fez com que esquecesse o caminho do labirinto, voltando ao tempo médio inicial antes do treinamento. O biochip era novamente fixado ao rato, dessa vez não para captação, mas para o download do backup. Com o tempo, conseguimos que os ratos antes e após o processo obtivessem pontuações idênticas no labirinto.

IV.

Imagino que você já tenha percebido, mas é muito difícil para mim manter uma linha narrativa coerente. As constantes interrupções dos enfermeiros, a programação intensa da clínica e a crescente enxaqueca não me deixam com muito tempo livre. O resultado são esses fragmentos que, espero, no fim das contas façam sentido. Se bem que, sendo sincera, não é só por isso. Eu poderia ter resumido minha história em uma folha única, te dado a senha do cofre em que escondi o dossiê sobre a minha vida antes de vir parar e pronto: você teria a sua história e eu a minha redenção.

Mas isso não seria suficiente. Não preciso apenas de justiça, não basta que saibam quem eu fui, o que fizeram comigo e o que ainda sou – ou o que logo deixarei de ser. É preciso que, para além do nome, do rosto e do currículo profissional eu seja também humana. Por isso insisto no cotidiano da clínica, nas

histórias sobre a minha mãe, na pequeneza das minhas necessidades, no meu despojamento de tudo o que um dia remotamente fui.

Preciso que você empatize comigo, para o bem e para o mal. Que você me ache engraçada e falha, carente e imaginativa, manipuladora, ousada, estranha, querida. Quero ser sua amiga mesmo que não haja jamais qualquer tipo de interação entre nós. Não tenho grandes ilusões sobre a importância de cada pessoa sobre a terra, mesmo o que parece gravado em pedra há de dissolver em uma era geológica ou mais. No entanto, insisto em escrever para alguém que nunca vi, na esperança de que ao menos essa pessoa me conheça. Para além de como me pareço hoje ou de tudo o que fiz. No que é meu de mais íntimo e que terminou por transcender meu corpo: essa voz com que falo agora a você.

Minha última memória anterior à morte é a cena da estrada, com o motociclista vindo em minha direção. Lembro-me de que ele parece ter aparecido do nada, o farol da moto desligado, o capacete reluzindo com as luzes do meu carro. O pavor de uma colisão que me fez, sem pensar, jogar o carro no barranco. Depois disso, mais nada: nenhuma memória de dor, nenhum resquício de consciência durante o coma: seis semanas que se apagaram da minha cabeça. A seguir, os registros da nova condição. A primeira de muitas noites em que acordei no único cárcere do qual não posso me desvencilhar.

Hoje me ocorre que houve algo de kafkiano no meu despertar. Quando Isabel Andrade acordou certa noite, após sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseada em um homem monstruoso. Não fui tão rápida quanto Gregor Samsa, é verdade. Estava nauseada demais para me levantar da cama, e meus membros pareciam não me obedecer. Flashs do meu potencial acidente cruzaram minha cabeça, deduzi que estivesse no hospital. O esforço para abrir as pálpebras era imenso e quando finalmente retomei o controle simplesmente não tive coragem. O que teria acontecido comigo? Acho que voltei a dormir algumas vezes até conseguir me recuperar do maior sensação de estupor que já havia sentido. Havia algo muito errado, e nessa hora minha formação científica falou mais alto do que meu desespero como paciente: eu precisava entender o que estava acontecendo.

Será que eu conseguia mexer os pés? Sim, devagar, como se me custasse muito. E as mãos? Tudo parecia funcionar em um tempo de sonho, como se meu cérebro enviasse o comando e o corpo respondesse com delay – mas ao menos respondia. “Não estou paralisada”, pensei. E resolvi abrir os olhos. O quarto de

hospital que eu esperava não estava lá. Em vez disso o meu quarto, minha cama, os cheiros e sons familiares da minha casa.

Quando tive equilíbrio suficiente para levantar – o que, acredite, demorou bastante tempo, uma dor de cabeça me atingiu como um raio nas têmporas. Somada à náusea, tentei correr ao banheiro para vomitar e sabe-se como no meu estado consegui chegar a tempo. Fiquei assim por muito tempo, vomitando e presa na minha dor, pensando se desmaiaria, os olhos fechados, a louça fria do vaso. Não conseguia nem mais me perguntar como ou porque havia chegado em casa.

Eu devia ter notado meus braços, minha boca, minha garganta, meus dentes – meu deus, dentes novos, mas estava atordoada demais para pensar na hipótese implausível de não estar vestindo meu próprio corpo. Apenas me dei conta quando a dor e o enjoo diminuíram e pude então reunir forças para dar a descarga, me levantar e lavar o rosto. O reflexo no espelho, eu não podia acreditar. Não era a Isabel que me olhava de volta, era o Ricardo.

O rosto do Ricardo refletia o horror que eu sentia. Não podia ser real, eu precisava tocar com as minhas mãos e descobrir que aquilo tudo era apenas matéria de pesadelo, que se dissolveria pela manhã. Mas as mãos que chegaram ao nariz e aos lábios foram as mãos de Ricardo. Retirei minhas roupas, as roupas de Ricardo. O corpo que estava embaixo, eu preciso mesmo me repetir? Talvez o pênis murcho no meio das pernas tenha me surpreendido menos do que todos aqueles pelos. Não eram exatamente desconhecidos, porque partilhávamos a cama há cinco anos, mas perceber aquela nova textura em mim me desalentou.

Em mim, eu disse? Talvez eu ainda pensasse em termos de um eu subitamente metamorfoseado. A exploração continuou menos por curiosidade do que por automatismo, e não demorou muito até que eu percebesse que, por entre os cachos espessos que Ricardo sempre ostentou, havia uma parte raspada, com um curativo cobrindo a pele então exposta do crânio. A compreensão veio cavalgando outra onda de náusea, dor de cabeça e mais vômito. O Projeto Áquila, eu disse, mas escutar a voz rouca do meu marido fez com que eu me calasse.

V.

Após o choque, eu entendi exatamente o quê e como havia sido feito. Ricardo havia usado o biochip para armazenar as minhas memórias, e depois havia implantado nele mesmo. Eu já havia previsto essa possibilidade no início, quando começamos os testes com ratos. A certa altura – quando já havíamos começado os experimentos com os rhesus, inclusive – eu tive um insight: o que aconteceria se o biochip de um rato x fosse implantado em um rato y, com o cérebro de y intacto? Comecei testes paralelos, em minhas horas de folga, porque não sabia sinceramente o que esperar: de uma sobrecarga nos circuitos neurais que talvez provocassem a morte do animal à rejeição das memórias por parte do mesmo – quem sabe se não enlouqueceria. Eu estava errada sobre ambas as hipóteses. Jamais poderia ter imaginado o resultado desse experimento.

A princípio os ratos com memórias alheias pareciam normais, ou quase. A primeira grande diferença é que haviam parado de dormir e mesmo após dias de observação ainda assim não demonstravam sinais de fatiga ou esgotamento mental. Mas o mais intrigante foi a descoberta de que só conseguiam completar a tarefa do labirinto (para o qual apenas as memórias do biochip estavam prontas) em ciclos que duravam cerca de doze horas.

A repetição dos procedimentos nos fez constatar, estupefatos, que o cérebro é mesmo uma máquina plástica e adaptável, absolutamente maravilhosa. (Peço desculpas pelo entusiasmo, mas esse tipo de coisa continua a me emocionar, mesmo do além). Quando a consciência principal do rato descansava, a consciência secundária assumia o comando do corpo. No mesmo rato coexistiam duas memórias, e, portanto, dois indivíduos, sem no entanto jamais entrarem em conflito.

Ricardo, fã do cinema do século XX, fez com que eu assistisse um filme de fantasia chamado Ladyhawke. Ambientado na Idade Média, conta a história de um casal de amantes que, por causa de uma maldição lançada pelo ciumento bispo de Áquila, haviam sido impedidos de ficarem juntos. De dia ela se transformava em um falcão e à noite ele se transformava em um lobo. Ou seja: vagavam juntos pela terra, mas incapazes de experienciar o amor por conta de suas naturezas animais. A metáfora, sem dúvida, era boa demais para ser desperdiçada, e assim chamamos essa descoberta inusitada de Projeto Áquila.

A minha decisão de não levar o Projeto Áquila adiante, ao menos não nesse primeiro momento, enfureceu o Ricardo. Nada que havíamos feito até então ao longo dos anos o tinha deixado tão fascinado quanto aquela descoberta. Mas

éramos, como eu disse anteriormente, um laboratório de dois cientistas, com orçamento limitadíssimo.

Eu queria apresentar ao mundo o design do microchip e começar a estudar as aplicações em pacientes com perdas progressivas de memória. Queimar etapas e partir para a busca da vida eterna de uma consciência seria jogar fora o sonho de curar outras pessoas como a minha mãe – sonho que se não tivesse sido sonhado não teria me conduzido até aqui. Posso até dizer que meu marido tinha certa razão ao objetar que eu estava "atolada nas areias do meu idealismo", mas meu plano de ação não excluía a possibilidade de desenvolver o Projeto Áquila no futuro e que, até lá, de acordo com o sucesso de nossas tecnologias atuais, teríamos mais renda, mais mão-de-obra, mais respeito de nossos pares.

Ricardo objetava que minhas aspirações deveriam ser delegadas a outros laboratórios, que certamente conseguiriam financiamentos de entidades de pesquisa com facilidade e que, em poucos anos, uma versão terapêutica do biochip poderia ser lançada no mercado para ajudar dezenas de milhares de pessoas por todo o planeta e pelas duas colônias. Mas que agora não, tínhamos uma descoberta completamente original nas mãos e urgia que explorássemos o Projeto Áquila, porque ele mudaria os rumos da evolução humana para sempre.

Dois dias depois do primeiro relatório do grupo de testes, Ricardo já sonhava em clones conservados em estase, esperando que nosso corpo anterior decaísse, para que fizéssemos o upgrade. "O cérebro, – ele dizia – não usa nada mais do que o corpo como uma espécie de roupa, um traje espacial orgânico, se você preferir, para interagir com o mundo o com os outros membros da espécie. Imagine quando pudermos trocar de 'traje' da mesma forma como trocamos de carro ou de casa".

Mas eu me recusava a entrar ainda no campo da ficção científica. O backup das nossas memórias (e nisso ele tinha razão) poderia mesmo nos tornar imortais. Mas antes eu precisava garantir que as memórias de todas as pessoas não se perderiam pelo meio do caminho. Um passo de cada vez, eu pensava. Quero saber que fiz algo concreto pela vida das pessoas. Quero estar na linha de frente da versão terapêutica do biochip, quero acompanhar a recuperação de pacientes, estudar os efeitos a longo prazo, erradicar a indignidade do esquecimento involuntário.

Após eu ter fincado o pé em minha decisão de conceder o benefício da gaveta

ao Projeto Áquila, nós brigávamos por qualquer coisa. O laboratório, a pesquisa e o dinheiro que recebíamos eram minhas responsabilidades. Eu tive de lembrar diversas vezes ao Ricardo que, apesar do companheirismo que nos unia e de toda a gratidão que eu tinha por nossos anos de pesquisa conjunta, dentro do laboratório ele era tão somente um pesquisador contratado por mim, que devia portanto cumprir minhas decisões se não quisesse procurar outro trabalho. Essa foi evidentemente a gota d'água.

Nosso casamento entrou em crise e, na época, embora eu tivesse percebido que o problema havia começado no trabalho, só muito mais tarde entendi que tudo fazia parte de uma campanha para minar minha força de vontade. Não podendo me desqualificar como cientista, começou a me desqualificar como mulher. Eu subitamente já não era mais atraente porque havia engordado nos últimos anos, e minha "mão de ferro" no comando do laboratório impedia que pensássemos em filhos – os filhos que, diga-se de passagem, ele jamais comentou querer ter, assim como eu.

Nossas brigas sempre terminavam com gritos e bater de portas e acusações do tipo "você está arruinando a sua, a minha e a vida de todas as outras que você pode ajudar agora" Como não conseguíamos conversar como dois adultos maduros e responsáveis que eu tinha certeza que éramos até pouco tempo atrás, resolvi adotar a tática do silêncio. Às vezes Ricardo saía do laboratório antes de mim e não ia para casa, chegando apenas de madrugada, com marcas da noite que eu optava por não ver. Imaginava que, após um tempo, ele conseguiria lidar com a frustração do garoto mimado que sempre teve o que desejou. Eu não me importava se virasse a noite bebendo ou saindo com amantes: a verdade é que, como continuava desempenhando bem o seu trabalho, eu pensei que a fase da pirraça iria passar, eventualmente.

Pensando em retrospecto, minha atitude fria em relação às aventuras noturnas do meu marido deveria ter tocado o sino de que fazia muito tempo que já não havia mais amor entre nós. Uma certa acomodação da minha parte, sem dúvida, já que estava empregando todos os esforços possíveis para o aperfeiçoamento do biochip a tempo do congresso. E da parte dele rancor, competição e cobiça. Sem dúvida, os últimos meses aguçaram o senso de oportunidade do Ricardo em relação ao meu acidente.

VI.

Naquela primeira noite e em todas as que se seguiram, havia sempre um pequeno gravador holográfico sobre a escrivaninha. Nada de computadores, ou mesmo canetas e papéis. (Hoje, após conhecer o 402, eu certamente pensaria em canetas e qualquer objeto minimamente anguloso como uma arma em potencial, mas certamente não àquela altura.) Liguei a projeção. A imagem de um Ricardo muito contrito, muito cuidadoso apareceu na tela, a testa franzida, os olhos baixos. O ritmo de fala um pouco mais rápido que o habitual, como se estivesse encenando um discurso ensaiado previamente. Me contou sobre o acidente, a internação, como subornou uma enfermeira da UTI para que ela o acobertasse enquanto fazia a incisão necessária para me plugar ao chip.

Até então eu não sabia se a "outra Isabel" ainda vivia. Eu tinha uma noção rala da noite do acidente e depois mais nada. Foi até com um certo alívio que encarei a notícia da minha morte (da morte da outra?): imagine a situação de encontrar, conversar e interagir com uma cópia não física, mas mental de si mesmo. Pior do que isso: imagine ser a cópia presa em um corpo que não aquele no qual você se projeta e encontrar-se com a original.

Ele repetia constantemente que estava desesperado, e viu no Projeto Áquila o único jeito de continuarmos juntos. O tom, no entanto, estava exaltado demais – não era condizente sequer com a época do início do namoro, que dirá dos últimos tempos. Todos os pelos do meu braço (do braço do Ricardo?) eriçaram ao chegar ao fim daquela gravação, com o holograma do meu marido propondo que agora éramos como os amantes separados do filme, o lobo e o falcão, mas que ao menos poderíamos nos comunicar, e estaríamos sempre juntos.

A última frase antes do término da gravação: "Isabel, eu não posso perdê-la". E de fato, de tudo o que eu ouvi, essa foi a única sentença na qual de fato eu conseguia acreditar. Ricardo não podia me perder, não podia prescindir das minhas ideias. Sempre havia sido melhor com a prática laboratorial do que com o pensamento teórico por trás dos experimentos que fizemos: quem poderia aprimorar o Projeto Áquila além de mim?

Num impulso de raiva, o quarto subitamente ficou muito pequeno para o meu corpo estrangeiro. Eu precisava sair, tomar ar, verificar se havia ainda um mundo lá fora, testar a concretude das coisas. Mas ao testar a maçaneta outra espécie de pavor tomou conta de mim, se é que, naquela noite, isso ainda era possível. A

porta estava trancada, e havia uma fechadura eletrônica, com uma combinação que eu, evidentemente, desconhecia. Foi assim que me tornei prisioneira do corpo e da casa.

A primeira noite pareceu não terminar. Percorri cada centímetro do quarto procurando qualquer coisa que pudesse me ajudar a sair do cativeiro. Não que eu tivesse alguma experiência com o arrombamento de fechaduras, mas meu marido se assegurara de que não havia nada potencialmente perigoso naquela suíte. A janela também estava trancada, mas dela eu sabia poder retirar pouca inspiração, uma vez que morávamos no décimo segundo andar.

Talvez Ricardo receasse que eu, em pânico, tentasse dar cabo das nossas vidas. Mas eu havia acabado de morrer e não estava disposta a passar pela mesma situação novamente tão cedo, apesar dos cenários de pesadelo. E, de todo jeito, creio que o suicídio (que eu nunca tentei, embora tenha chegado a conjecturar seriamente nos momentos mais difíceis) não tenha sido jamais uma possibilidade. Por mais autônoma que seja uma consciência secundária, não acho que conseguiria obrigar a consciência primária a por em risco o corpo que comandou por tanto tempo se ela assim não o desejasse. A vontade de sobrevivência não deve jamais ser subestimada.

Não que eu fosse contar isso a ele, a fim de tranquiliza-lo, é claro. Na verdade, não é como se eu fosse dizer coisa. Nem uma única palavra sairia da minha boca. Eu sabia bem o que ele pretendia: a minha cooperação para levar o Projeto Áquila adiante. Mas não teria minha cooperação nem qualquer outra informação. Eu permaneceria calada pelo tempo que fosse necessário. Algumas ideias cruzavam a minha cabeça, mas eram apenas hipóteses e, no melhor dos mundos possíveis, ainda assim demandariam tempo. Seria uma longa e silenciosa espera.

Deitada na cama entre o choro e a náusea, imagino ter adormecido sem dar por isso, uma vez que, quando acordei, estava vestindo um pijama diferente. Meu rosto estava macio, como que recém barbeado e a luz vermelha do gravador holográfico piscava outra vez. Estávamos novamente no ciclo do falcão.

Ricardo não desistiria, eu já devia saber. Nos primeiros tempos me encorajou a falar, pediu que eu não me escondesse, que eu conversasse com ele. Estava com saudades e precisava saber se eu estava bem. Aquele silêncio estava acabando com ele e, embora soubesse que estava errado em muitas coisas, não

merecia uma represália tão cruel. Se estava me prendendo no quarto durante todos esse tempo era apenas para “a nossa segurança”, visto que as condições inéditas poderiam levantar suspeitas e sabe-se lá o que aconteceria se nos descobrissem.

Ao se dar conta de que eu não cederia, a abordagem do meu marido mudou radicalmente. Disse que havia câmeras escondidas em todos os cantos do quarto e que portanto sabia das minhas movimentações noturnas, da minhas tentativas infrutíferas de escape e avisou que se eu não me dispusesse a falar jamais sairia daquele quarto. Ele estava disposto a fazer o sacrifício de se trancar para dormir o resto da vida unicamente porque eu, a piranha ingrata, me recusava a cooperar.

Por fim ele perdeu o controle. Eu também estava no limiar de um ataque nervoso, mas me consolou saber que minha estratégia de silêncio havia drenado o que havia sobrado de sua compostura, deixando-me finalmente com o monstro que Ricardo era na realidade.

Todos os dias gritava na frente do gravador, os músculos da nossa face esticados ao máximo. As bochechas coradas, os olhos brilhantes, uma veia saltada na testa, que delícia são os clichês. Eu me regozijava com cada absurdo dito, com cada tremida de voz, com as mãos crispadas de impotência. Mas não podia demonstrar, claro.

Como eu sabia que ele via e estudava meus movimentos através das gravações, aprendi a ficar muito quieta e a assistir seus vídeos com a placidez de quem assiste documentários sobre a vida natural em uma madrugada insone. E foi com a cara de quem mata o tempo assistindo uma matéria sobre implantes biônicos em golfinhos que eu o ouvi dizer que eu era uma vadiazinha frígida com um dom, e que unicamente por isso fez questão de me aturar tanto tempo e se prestar ao papel de marido complacente.

Certo dia, após meses de cárcere privado, agressões verbais e isso sem falar sobre o fato que estava dividindo o corpo com meu algoz, eu finalmente deixei uma mensagem no gravador holográfico. Ah, como alguém pode passar tão rapidamente do triunfo ao espanto, imagine você. Achou que havia por fim quebrado minha vontade e que a partir de agora eu seria uma boa cientista fantasma, sussurrando em seu ouvido o trabalho que lhe renderia o Nobel.

Mas não, a mensagem era bastante breve. “Tenho sonhado com você,

Ricardo, todas as noites. Os dias, na verdade, acho que você entendeu. Não é engraçado? Deve ter a ver com a maldição, essa angústia de estarmos juntos mas separados, querido. Hoje, por exemplo, sonhei com a sua hora de almoço. Você havia pensado em ir ao restaurante da esquina, mas eu decidi que, para alguém como como você, isso seria simplesmente pensar pequeno; estava certa de que você precisava comer sushi do outro lado da cidade – sugestão que você acatou, para a minha felicidade. O fato de ter perdido a hora para a reunião da faculdade foi só um detalhe – reunião da qual fiz questão que você esquecesse, porque convenhamos que você é grande e importante demais para ter de lidar com picuinhas burocráticas. Tenho sonhado com você todos os dias, Ricardo. Você algum dia pensou que um lobo conseguiria despistar um falcão?”

VII.

Eu podia não estar preparada para a minha morte prematura, mas confesso que estava ainda menos preparada para a ideia do Ricardo de aplicar o modo operacional do Projeto Áquila em nós. Quer dizer, traições são compreensíveis, interesses escusos, sede de glória. Para alguém que não está com o termômetro ético devidamente calibrado, é possível seguir a linha de raciocínio que levou meu dileto marido a roubar (ele diria “preservar”, mas o verbo sem dúvida é “roubar”) as memórias de uma mulher comatosa.

O que simplesmente ultrapassa todas as fronteiras das minha capacidade de formular hipóteses é como uma pessoa com formação científica tem coragem de implantar essas mesmas memórias no próprio cérebro após meia dúzia de testes promissores com ratos? Será que ele achou que não haveria consequências?

A mensagem o apavorou. E eu sei disso porque tenho essa memória, como se houvesse sonhado com ela. Alguns meses antes eu havia percebido uma mudança importante: meus ciclos de sono não eram mais totalmente desprovidos de consciência. Ao acordar de cada ciclo do lobo, conseguia reter flashes de situações vividas através dos olhos de Ricardo. A princípio achei que estivesse enlouquecendo, mas percebi que o vazamento da consciência do meu marido coincidia com seus picos de descontrole emocional. Quanto mais excitado, irado e vingativo ficava, mais eu ganhava terreno. Decidi continuar com o jogo do silêncio até ganhar forças suficientes para empreender a derrocada final. Eu estava disposta a me apoderar da consciência daquele homem, mastigá-la e

cuspi-la fora. Já que meu corpo jamais poderia me ser restituído, eu reivindicaria aquele território estrangeiro para mim. E tudo o que eu precisava fazer era atiçá-lo, amedrontá-lo, fazer com que seu corpo obedecesse às minhas ordens, vindas do país do sonho diretamente para colocar o lobo na trilha de caça do falcão. Eu tinha tempo, eu podia esperar. A morte nos traz paciência. A perspectiva de uma vingança perfeita também.

Assim que obtive controle dos flashes, exercitei a arte das travessuras. Como eu conseguia me lembrar da senha do quarto, saí de casa numa noite e fui até a farmácia. Voltei com um vidrinho de esmalte vermelho: Ricardo ficou consternado ao observar sua manicure pela manhã. Às vezes eu ia adormecer em lugares inusitados, usando minhas antigas roupas. Nada como acordar na soleira do hall central da faculdade vestindo meias calças, cintas-liga e espartilho para causar um sobressalto na comunidade científica.

Fui ganhando terreno. Cerca de um mês depois do episódio da cinta-liga eu já conseguia praticar um pouco de ventriloquismo. No meio de uma exposição aos alunos do primeiro ano eu podia inserir sem querer no fluxo de pensamentos coisas do tipo “Sabotei minha esposa e agora estou ficando louco de remorso” ou “Querem ver os slides agora ou preferem fotos dos meus genitais?” As notícias sobre a fragilidade mental de Ricardo não demoraram a correr, e eu sentia prazer em alimentá-las.

Talvez eu tenha exagerado no ridículo – tenho uma queda pela comédia pastelão, confesso, mas talvez também tivesse sido inevitável – quando comecei a controlar não apenas a fala, mas as funções motoras, Ricardo chorava e pedia ajuda às pessoas. Resultado? Um diagnóstico de personalidade dissociada, na qual inventou a persona da mulher para lidar com a dor da perda. O que saiu errado é que a mulher quer agora tomar o controle. Antes morta do que um distúrbio psicológico, certo? É o que eu sempre digo. Ou o que vou começar a dizer a partir de agora.

VIII.

Assumi totalmente o comando do corpo quando já estava internada na clínica. Acho que a quantidade industrial de remédios ministrados nos primeiros dias ajudaram a dissipar de vez o que quer que ainda houvesse da voz do Ricardo

dentro de mim. Nossos embates não haviam sido nada bonitos. O final foi especialmente patético – com muito choro e gritaria – até que os ciclos por fim colapsaram. Passei três dias dormindo, sem sonhos. E quando acordei havia apenas uma vontade para comandar esse corpo. Bem ou mal – e pelo tempo que for – o que era o Ricardo agora sou eu, embora o conceito de "eu" seja cada vez mais complicado.

Em teoria sou apenas um backup de memória, uma cópia perfeita da construção mental que tornou Isabel Andrade o que é, ou o que foi. Nesse cenário, minha consciência original – a consciência dela – se extinguiu com a minha atividade cerebral em algum momento da sexta semana de internação, o que fez com que os médicos decretassem minha morte e requisitassem o desligamento dos aparelhos. Como era doadora de órgãos, há hoje rins, córneas, fígado e um coração espalhados pelo mundo, pulsando e vivendo independentemente. O resto do corpo foi sepultado na campa da minha (da nossa?, apenas dela?) mãe. E eu fui o que restou para contar a história.

O quanto de mim simula Isabel Andrade sem de fato o ser? Como separar as memórias e sonhos e desejos do corpo físico que está morto e enterrado? Talvez você possa objetar que sou apenas uma meia-vida artificial e parasitária que tomou o corpo de um homem – e há dias em que estou disposta a acreditar nessa versão pessimista que construí. Então cada dor de cabeça me deixa um passo mais próxima do fim dessa farsa, e quase me sinto feliz.

Mas há dias, como hoje, em que recuso a pensar em mim apenas como o eco de alguém que já existiu. Se fosse apenas um fantasma, não poderia sentir falta de coisas tão imediatamente palpáveis como o meu rosto, as minhas coxas, o meu sexo. Não sentiria saudade do peso dos meus seios e dos odores que meu corpo produzia, o suor, o sangue, a saliva. Eu sou Isabel Andrade, a melhor Isabel Andrade que eu consigo ser, e estou presa num corpo que não é meu e que está morrendo. Lobo, falcão, homem, mulher: aparentemente estamos todos chegando ao fim, a despeito da minha persistência em continuar escrevendo.

Essa é a última noite de escrita para o Bloco B. O 409 vai embora amanhã, levando minha história para você. Pedi que endereçasse a carta aos seus cuidados para a sede da revista. Talvez assim seja mais demorado, talvez essas folhas se percam em meio às correspondências da sua mesa, mas estou disposta a correr o risco. Não é como se houvesse mais muito a fazer.

Envio também, em separado, a senha e o endereço do banco em que guardei o dossiê sobre o meu caso, que compilei nos primeiros tempos da minha luta com Ricardo pela posse desse corpo. Lá você vai encontrar o resumo de quase todas as pesquisas que desenvolvi durante meus anos no laboratório. E mesmo que minha história seja desacreditada, ao menos os planos do biochip estão seguros e podem ser utilizados para realizar o meu sonho de combater doenças neurodegenerativas.

Quanto ao Projeto Áquila: eu não apenas queimei todas as pesquisas, evidências, números e filmagens – eu fiz questão de modificar o desenho do biochip a fim de criar um impedimento ao uso partilhado da consciência entre seres vivos. Essa trava inutiliza o biochip, queimando-o imediatamente. Não sei quanto tempo posso atrasar essa tecnologia, mas depois dos horrores que eu vivi não quero ter meu nome vinculado a ele. Se é assim a imortalidade, eu fico quase feliz por perceber os sinais de que esse corpo não me levará mais muito longe.

IX.

Uma das minhas primeiras lembranças é a de um passeio com a minha mãe pelo centro da cidade, quando eu devia ter não mais que uns três anos. O dia estava quente mas as pessoas não pareciam se incomodar. Acho que era a semana do Natal, porque todas as lojas estavam muito cheias. Ela parou em uma lanchonete que dava para uma praça e me fez sentar em uma cadeira alta para tomar água de coco enquanto ia ao banheiro. “Não fale com nenhum estranho e não saia daí”, ela disse pouco antes de se afastar, não sem antes pedir à garçonete que ficasse de olho em mim. Sem ter o que fazer, minha atenção se voltou para a agitação na praça.

Em meio a todas as pessoas que carregavam as sacolas apressadamente, havia uma figura engraçada na frente do chafariz, lembro com clareza. Era um homem vestindo um terno preto. Lembro disso porque achei que ele deveria estar sentindo muito calor com aquela roupa debaixo daquele sol, mas ele não parecia se importar. Parecia ocupado, conectando o fio de um microfone em uma mini-caixa de som que havia deixado no chão. Ao completar sua tarefa, ficou por muito tempo imóvel no centro da praça.

As pessoas passavam e não davam por ele, ocupadas como estavam. Mas ele também não parecia se importar com isso. Eu estava achando que era um cantor. Com a boca presa ao canudinho mas os olhos presos ao homem, eu balançava minhas pernas enquanto aguardava: queria que ele começasse logo a cantar, mas ele não o fez. Tirou um livro de capa preta de uma bolsa, abriu em uma página marcada e começou a ler, com a voz impostada: “Na casa do Pai há muitas moradas”. Logo a seguir minha mãe voltou.

“O pai daquele moço é rico?”, perguntei, e minha mãe passou a mão pelos cabelos, uma espécie de tique quando ela não sabia por onde começar alguma explicação. Pudera – como não era religiosa, imagino que tenha sentido bastante dificuldade em explicar o conceito do deus cristão a uma criança de aproximadamente quatro anos, para quem o Natal até então era algum tipo de dia especial em que enfeitava uma árvore com bolas coloridas e ganhava presentes de toda a família. Embora ambos tivessem vindo de famílias religiosas, meus pais eram céticos e levavam a sério a história da construção de uma consciência crítica na educação infantil. Essa rígida política parental impedia até mesmo a propagação de mitos sobre o Papai Noel e outras entidades especialmente altruístas nos feriados.

Mas tenho certeza de que minha mãe fez o melhor que pôde na época, embora eu estivesse inclinada, como todas as crianças, a fazer aquele exato tipo de pergunta que desconcerta a retórica adulta. “Então a mãe está em um desses quartos ou ela também tem uma casa só para ela?” – eu queria saber. “Eu não sei, minha querida, mas juro que adoraria saber”.

“Na casa do Pai há muitas moradas”, ouvi há pouco, novamente, tantos anos depois. O capelão começou o sermão desse domingo do mesmo modo que o pregador da praça, na minha única exposição a um arremedo de teologia. Não posso deixar de pensar na ironia da situação. Se eu fizesse o tipo mística sem dúvida veria uma espécie de convite, quem sabe um caminho para a redenção, se é que há alguma redenção possível para mim. Quem sabe se não cairia de joelhos, em transe como faz agora o 402 na minha frente. É do tipo dramático, o 402, daqueles que choram na terapia de grupo e fazem um escândalo quando cismam que o bife que receberam no almoço era menor que o do vizinho.

De toda forma, como me falta fé, sem falar na base mitológica, apenas anoto mentalmente mais um ponto a favor do universo. Aparentemente raios gama, quasares, anêmonas e tofu não são produções exóticas o suficiente: ele também

se esforça para provar a circularidade de ideias e, por que não, para forjar ironias no interior de estrelas.

Acabei descobrindo que é verdade, são muitas as moradas na casa do Pai. Nos últimos dois anos vaguei por elas, escapando ilusoriamente de um quarto para adentrar numa sala, e assim por diante, às cegas. A casa do Pai é, no fim das contas, um labirinto. E por mais que eu tenha procurado em todos os cômodos, pátios, galerias jardins e mirantes, não consegui achar a Mãe. Será então que ela tem uma casa só para ela? – pergunta a Isabel menina. E a Isabel que há muito tempo também já não tem mais casa responde que provavelmente não: mas sempre podemos começar a construir.



Quem Participou

As pessoas que desconstruíram este universo, em ordem alfabética.

Alex luna

Redator de propaganda, tradutor e blogueiro. Nascido em João Pessoa, mas muda de cidade a cada lustro. Hoje mora perto do Atlântico, porque a maresia faz bem para o humor. Péssimo aluno das melhores escolas da Paraíba, da UFPE e da vida, mas promete se regenerar um dia. Inverdades é o seu primeiro livro editado.

Aline Valek

Redatora, escritora, feminista e blogueira, escreve o blog Ficções de Aline Valek (alinevalek.com.br/blog). Acima de tudo, uma leitora. Fã de Douglas Adams, Isaac Asimov e de todas as autoras/autores presentes nessa coletânea de Ficção Científica Feminista.

Ben Hazrael

Professor e Pesquisador na área de Políticas Públicas Ambientais, blogueiro no Cabaré das Idéias (cabaredasideias.com). Jedi Fremen e amante de ficção científica.

Camila Mateus

Formada em Redes, freelancer, crafiteira, já resolveu o cubo mágico uma vez, blogueira e fã de terror e ficção científica, assina o blog Goticity (goticity.com.br).

Dana martins

Universitária, estudante de Publicidade e Propaganda. Assina no blog Conversa Cult (conversacult.com.br).

Gabriela Ventura

Professora e revisora, doutoranda em Literatura Portuguesa. Fã de Ficção

Científica.

Lady Sybylla

Geógrafa, professora, blogueira, feminista, mestranda em Paleontologia, leitora voraz de ficção científica e especulativa, escreve o blog Momentum Saga (momentumsaga.com), voltado para a ficção científica.

Leandro Leite

Universitário, estudante de Design Gráfico. Fã de Neil Gaiman, quadrinhos e ficção científica.

Lyra Libero

Jornalista e atualmente repórter de cultura. Apaixonada por gatos e pelo Queens of the Stone Age. Assina o blog Menina Lyra (meninalyra.com.br).

Tais Fantoni

Feminista, gamer e ilustradora. Escreve no blog Colchões do Pântano (colchoesdopantano.wordpress.com) e seus desenhos podem ser encontrados em seu Deviantart (tfantoni.deviantart.com)

Thabata Borine

Mestre em Biologia Vegetal, estuda a evolução e genética de plantas. Grande fã de séries, livros e filmes de ficção científica.

